



UNISINOS

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM COMUNICAÇÃO UNISINOS/UFPI**

ACHYLLES DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR

**Os Discursos Socioculturais na Internet sobre a Legalização da *Cannabis*
*Sativa***

São Leopoldo

2013

ACHYLLES DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR

**Os Discursos Socioculturais na Internet sobre a Legalização da *Cannabis*
*Sativa***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Ciência da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo César Henn.

São Leopoldo

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C837d Costa Junior, Achylles de Oliveira.
Os discursos socioculturais na internet sobre a legalização da *Cannabis Sativa* / Achylles de Oliveira Costa Junior. – 2013. 298 f.

Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2013.
“Orientador: Prof. Dr. Ronaldo César Henn”.

1. Jornalismo. 2. Acontecimento. 3. Cultura. 4. Internet.
I. Título.

CDD 070

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite - CRB 3/1004

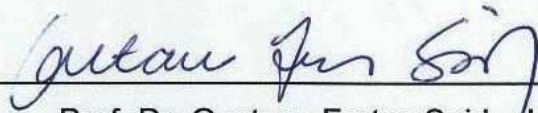
ACHYLLES DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR

“OS DISCURSOS SOCIOCULTURAIS NA INTERNET SOBRE A LEGALIZAÇÃO
DA CANNABIS SATIVA”

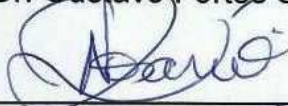
Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovado em 28 de novembro de 2013

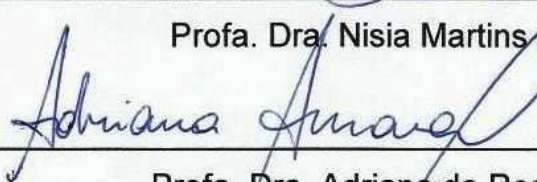
BANCA EXAMINADORA



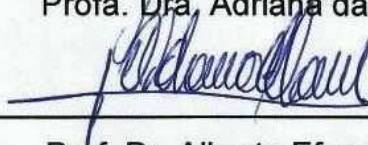
Prof. Dr. Gustavo Fortes Said – UFPI



Profa. Dra. Nisia Martins do Rosário – UFRGS



Profa. Dra. Adriana da Rosa Amaral - UNISINOS



Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado – UNISINOS



Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – UNISINOS

Dedico aos meus netos Manuela e Eric Jr.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, **Maria Emília**, por tudo que ela tem me proporcionado ao longo de todos esses anos.

Ao meu orientador, professor Ronaldo César Henn, pela orientação amiga, inteligente e eficaz.

Aos professores Christa Berger (UNISINOS) e Gustavo F. Said (UFPI), e demais professores do doutorado, pelo empenho na realização do DINTER.

Às secretárias Fátima (UFPI) e Lílian (UNISINOS) pelas gentilezas no atendimento de nossas demandas.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e à CAPES que ofertaram este curso, em convênio com a UNISINOS.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que proporcionou o estudo, em convênio com a UFPI.

Ao Growroon e seus mantenedores, que disponibilizaram uma importante ferramenta de discussão, ação sociopolítica colaborativa e um importante observatório de fenômenos comunicacionais *online*.

Ao amigo, colega e professor Cantídio Filho, por ter me convencido que eu também poderia ser um pesquisador.

Ao amigo Manoel Ciríaco, pelas leituras, comentários e revisões.

Agradeço também aos amigos que acreditaram, apoiaram e me auxiliaram nesta tarefa. Sem tudo isso, seria impossível realizar este trabalho.

Agradeço aos que nortearam meu navegar neste **Rio** para um belo e seguro **Porto**,
Agradeço a todos que me apoiaram nesta **Grande** jornada e a tornaram **Alegre**.

SUMÁRIO

Introdução	12
Estrutura da tese	23
Questionamentos orientadores da pesquisa.....	24
Objetivos.....	25
Objetivo geral.....	25
Objetivos específicos.....	25
Metodologia.....	25
Referências teóricas.....	32
CAPÍTULO I	
1 - Aproximação teórica	34
1.01 - A abordagem científica.....	34
1.02 - A constituição de uma problemática.....	39
1.03 - A perspectiva transmetodológica.....	42
1.04 - Produção de sentido. Processos de significação do real.....	44
1.05 - Semiótica.....	46
1.06 - Análise dos discursos.....	49
1.07 - Discursos e práticas jornalísticos.....	53
1.08 - O acontecimento jornalístico.....	62
1.08.01 - O ciberacontecimento.....	71
1.09 - Cultura das mídias.....	72
1.10 - As Redes Sociais na internet.....	75
1.11 - Semiosfera.....	80
1.12 - Cultura das drogas – cultura da <i>Cannabis</i> – Canabiosfera.....	81
CAPÍTULO II	
2 - Os discursos socioculturais sobre a <i>Cannabis sativa</i>	90
2.01 - A <i>Cannabis sativa</i> , a planta.....	90
2.02 - A <i>Cannabis sativa</i> e a ciência.....	93
2.03 - O proibicionismo.....	99
2.04 - Origens da palavra “maconha”.....	104
2.05 - A proibição da <i>Cannabis sativa</i>	104

2.06 - <i>Marijuana</i> : proibição e exclusão social	108
2.07 - Proibicionismo no Brasil.....	111
2.08 - O Antiproibicionismo - Os discursos socioculturais favoráveis à legalização da <i>Cannabis sativa</i>	112

CAPÍTULO III

3 - Mapeamento e análise dos discursos antiproibicionistas	121
3.01 - Woodstock: acontecimento fundador do antiproibicionismo	121
3.01.1 - Uma forma de dizer	122
3.01.2 - Um referente	125
3.01.3 - Locutores.....	126
3.01.4 - Alocutários.....	127
3.01.5 - Contexto	128
3.01.6 - O contexto no Brasil	130
3.02 - A <i>Cannabis</i> e a música	131
3.02.1 - <i>Marahuana</i>	137
3.02.2 - <i>Yellow Submarine</i>	138
3.02.3 - <i>Legalize It</i>	139
3.02.4 – Análise de “Maria Joana”	147
3.02.5 – Análise de “Abra o Olho”	149
3.02.6 – Análise de “Chico Brito”	154
3.02.6 – Análise de “Hino de Duran”	156
3.03 - Notícias sobre as propriedades terapêuticas da <i>Cannabis sativa</i>	162
3.04 - Textos mercadológicos - a viabilidade econômica da <i>Cannabis sativa</i> ..	175
3.05 - O discurso antiproibicionista na moda.....	178
3.06 - Tatuagens canábicas	188
3.07 - Grafites canábicos	192
3.08 - A <i>Cannabis sativa</i> nas capas de revistas.....	198
3.09 - Discursos sobre a <i>Cannabis sativa</i> no cinema.....	199
3.10 - Análise do ciberacontecimento – “ator de ‘Se beber não case’ fuma maconha ao vivo na TV”	210
3.10.1 - O aparato midiático	212
3.10.2 - A recepção interativa.....	214

3.10.3 - O vídeo.....	215
3.11 - A marcha da maconha como acontecimento midiático	221
3.11.1 - Portal Growroom - fórum de debates canábicos	222
3.11.2 - Material analisado	224
3.11.3 - Análise do acontecimento “marcha da maconha”	226
3.11.4 - Análise das postagens do Growroom.....	231
Considerações finais	244
Referências bibliográficas	257
Anexos	266

Os Discursos Socioculturais Sobre a Legalização da *Cannabis Sativa*

Achylles de Oliveira Costa Junior

RESUMO

Este estudo, realizado a partir da percepção da existência de um discurso favorável à legalização do uso medicinal e recreativo da *Cannabis sativa*, nas atividades jornalísticas e culturais, produzido em uma nova ambiência semiótica que se articula com diversos campos do saber, como os da medicina, da antropologia, do direito, da indústria, da moda e das artes; procura compreender como os discursos antiproibicionistas foram historicamente restritos às bordas dos sistemas de comunicação, e de que modo as mobilizações discursivas que se opõem à proibição ou criminalização da *Cannabis sativa*, materializadas em diferentes plataformas midiáticas, constituem acontecimentos jornalísticos, que semioses acionam e que tensões de sentidos desencadeiam. Foram estudados textos jornalísticos, letras de músicas, vídeos e fotos contendo posicionamentos antiproibicionistas, e postagens de usuários no fórum de debates Growroom, sobre a organização das “marchas da maconha” de São Paulo, em 2011.

Palavras chave: *Cannabis Sativa*. Jornalismo. Acontecimento. Cultura.

ABSTRACT

This study, developed from the perception of the existence of a speech favorable at the legalization of recreational and medicinal use of *Cannabis sativa* in journalistic and cultural activities, produced in a new ambience semiotics that articulates with several disciplines, such as medicine, anthropology, law, industry, fashion and arts, seeks to understand how discourses prohibitionist historically are restricted to the edges of the communication systems, and how the discursive mobilizations who oppose to prohibition or criminalization of *Cannabis sativa*, materialized in different media platforms constitute journalistic events, what semiosis and tension of senses are triggered. We studied newspaper articles, lyrics, videos and photos with anti-prohibitionist placements and postings of users on the Growroom discussion forum about the organization of the "marijuana marches" of São Paulo, in 2011.

Keywords: *Cannabis Sativa*. Journalism. Event. Culture.

INTRODUÇÃO

*Só há mundo onde há linguagem.
(Heidegger).*

Nas últimas décadas (1980 a 2010), observou-se na mídia uma multiplicação de artigos que discutem a legalização do uso da *Cannabis sativa*¹, proibida no Brasil pelo decreto-lei 780, de 28 de abril de 1936 (substituído pela Lei n. 6.368, de 21 de outubro de 1976, por sua vez substituída pela lei nº. 11.343/2006). A proibição incluía falar das propriedades da mesma. Falar sobre o uso de *Cannabis* poderia ser interpretado pelas autoridades como apologia às drogas, principalmente durante a ditadura militar (1964 a 1985) que mantinha a imprensa sob forte controle. Essa proibição parece ter contribuído para o surgimento, nos meios jornalísticos e culturais, de outras estratégias de comunicação, como o uso de uma linguagem cifrada, codificada, que camuflasse o antiproibicionismo, dificultando a repressão e a censura, típicas do regime.

Apesar da proibição, o assunto era abordado, ainda que discretamente, em várias publicações, produções e manifestações culturais. Revistas como “Isto é” e “Veja”, depois “Superinteressante”, “Época” e “Galileu” publicaram vários artigos mais aprofundados sobre o tema; músicos e compositores fizeram canções sobre a *Cannabis sativa* e escritores a incluíram em seus livros.

Tratava-se, portanto, de um jogo, de uma estratégia de inteligência, onde esses atores, militarmente dominados, conseguiam, de forma ágil e esperta, furar bloqueios da censura, que nitidamente demonstrava ser incapaz de operar com níveis linguísticos que transcendiam o trivial (o lógico, o imediato, o ostensivo) (MARCONDES FILHO, 2009, p. 44).

Seguindo uma tendência verificada em vários países, como Canadá, México, Holanda, Espanha e Portugal, a nova lei brasileira antidrogas procura tratar o tema de modo a penalizar mais o traficante, que pode ser condenado à reclusão, e abrandar as penas para o usuário. Pela nova lei, não mais se prende ninguém por

¹ *Cannabis Sativa* Lineu, planta herbácea, da família das Canabáceas (*Cannabaceae*), amplamente cultivada em muitas partes do mundo, cujo caule possui fibras industrialmente importantes, conhecidas como cânhamo; a resina tem propriedades psicoativas utilizadas como analgésico, anti-espasmódico, calmante, embriagador, estomático, narcótico, sedativo e tônico. Seu produto mais polêmico é a maconha, que é classificada como ilegal em muitos países do mundo. Fonte: Geografia O Mundo em Foco, disponível em: <http://geografiaemfocoujf.blogspot.com.br/> (acessado em: 03/05/2012).

fumar um cigarro de *Cannabis sativa* no Brasil, conforme explica o juiz federal Roberto Veloso², no artigo “A Descriminalização da Maconha”.

Na verdade, o usuário, não só de maconha, mas de qualquer droga, já não é mais punido com a pena de prisão em nosso país. A partir da Lei 11.343, de agosto de 2006, quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo para uso pessoal droga, somente poderá ser punido com penas restritivas de direitos, nunca à pena de prisão (VELOSO, 2011)³.

Plantar a *Cannabis sativa* para uso pessoal, conforme a nova lei, também é uma atividade punida somente com penas restritivas de direitos. Mas, na prática, a coisa não é bem assim. Dezenas de anos de proibição não caem no esquecimento de uma hora para outra. Além disso, a lei não é clara em determinar quem é usuário ou traficante. Isso tem provocado diferentes interpretações da mesma, por parte das autoridades. No Brasil, pessoas ainda são detidas por portar ou por plantar *Cannabis*. E até que consiga provar que é para seu uso pessoal, o portador pode ser indiciado por tráfico. E aí, a lei está bem mais rígida, prevendo de cinco a 15 anos de reclusão.

A população carcerária por tráfico cresceu 118% entre 2006 e 2010. Tal fenômeno se deveu à condenação de usuários como traficantes. Para a polícia é mais fácil autuar alguém como traficante do que como usuário. Se enquadrar como usuário deve soltar imediatamente, porque não está prevista pena de prisão para o caso, então autua como traficante e o acusado vai ter uma dificuldade enorme para se livrar solto (VELOSO, 2011)⁴.

O texto da lei não especifica a quantidade de *Cannabis* que caracteriza o uso pessoal, deixando esse discernimento para a polícia. Essa indefinição da lei, em um contexto tradicionalmente proibicionista, na opinião do juiz Roberto Veloso, resultou no acirramento da repressão, com a prisão de milhares de usuários, enquadrados como traficantes:

O resultado é que pessoas presas com 25 gramas, 100 gramas de maconha, estão cumprindo pena de cinco anos de prisão. Esses condenados são encaminhados às prisões que guardam indivíduos de alta periculosidade. Quando esses “bagrinhos” são soltos estão formados na universidade do crime e o caminho do tráfico pesado não tem volta. Importante é referir que a lei permitiu a aplicação de

² Roberto Veloso é juiz federal, e presidente da Associação dos Juizes Federais da 1ª Região (AJUFER).

³ Fonte: http://www.portalaz.com.br/coluna/roberto_veloso/224425_a_descriminalizacao_da_maconha.html (acessado em: 01/08/2011).

⁴ Idem.

uma causa de diminuição de até 2/3 da pena desde que o agente seja primário, de bons antecedentes, não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa; mas os tribunais têm se mostrado reticentes em aplicar tal medida no grau maior, sob o argumento da gravidade do crime, levando a encher as prisões apenas com os chamados “aviões” ou “mulas” (VELOSO, 2011).

Pelas reportagens nos jornais e noticiários, pode-se acompanhar um aumento do consumo⁵ da *Cannabis sativa* de 2,6%, em 1987, para 6,5% em 2004. A cada ano, a quantidade de drogas apreendidas se multiplica, o que, por um lado, mostra que a repressão tem aumentado seu trabalho. O Governo tem investido muitos recursos no combate ao tráfico, na contratação e treinamento de pessoal, na compra de equipamentos, de armas e de viaturas. Por outro lado, os números mostram também que o problema está longe de ser resolvido por essa via, se mantida essa progressiva regularidade, mostrada nos dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID).

O aumento do consumo de drogas na sociedade ocorre concomitantemente ao aumento de textos e produções culturais midiáticas a respeito das mesmas (textos, músicas etc.). Observando esta proporcionalidade de crescimentos, surgiu o questionamento: existiria alguma relação entre esses fenômenos?

Não se trata aqui de ancorar a pesquisa em teorias sobre influência da mídia, em um público passivo ou de superestimar a capacidade de convencimento de certos discursos. Nem é preciso lembrar que o público é bem mais inteligente do que admitiam as teorias behavioristas e funcionalistas, e que interage com a mídia, influenciando e modificando a programação. Observa-se que o público ocupa, cada vez mais, a posição de produtor de bens simbólicos. Constata-se a importância da sua vivência e dos relacionamentos pessoais, de sua cultura e criatividade. Mas, não se pode descartar a capacidade da mídia de produzir agendamentos e tematizações.

A comunicação pode ser utilizada como um fator de conhecimento crítico da realidade, possibilitando sua transformação. No entanto, grande parte dos meios tradicionais de comunicação é constituída de empresas, cujos proprietários são corporações e associados, investidores e empresários de ramos diversos, nem

⁵ Dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID). <http://www.cebrid.epm.br/index.php> (acessado em: 16/08/2012).

sempre diretamente envolvidos com o jornalismo, a não ser pelo seu aspecto econômico. Na política, a comunicação, via mídia, também tem sido usada como fator de dominação e modelagem de comportamentos.

A mídia alternativa, por sua vez, ainda se revela tão distante dos modelos de referência jornalística, quanto tem se mostrado a imprensa oficial. O jornalismo, seja ele produzido sob uma visão capitalista ou socialista, seja na grande imprensa ou em pequenos meios, seja tradicional ou alternativo, conserva a potencialidade de seduzir, de disseminar nos seus textos, na sua angulação e na sua estrutura, alguma forma de recriação do real. A forma como um acontecimento é mostrado tem sua importância na compreensão dos fatos, como afirma a pesquisadora Cristina Ponte, no artigo⁶ “Media e Acontecimentos (Com) Sentidos”:

A cobertura noticiosa pode provocar empatia ou distância, face a diferentes fontes, encorajar maior identificação com um lado do que com outro, apresentar ou não informação que suporte diferentes modos de compreender os eventos, desafiar ou reforçar estereótipos (PONTE, 2005, p. 103).

Se a pauta antiproibicionista reflete uma realidade social, captada pelos jornalistas, a grande quantidade de informações circulantes, que atende a uma demanda mercadológica, certamente refletirá a progressão desse acontecimento. Esta proporcionalidade de crescimentos entre uso e aparição na mídia pode ser indício de uma relação. No entanto, ela é bem mais complexa do que poderia exprimir uma fórmula: “**A** diretamente proporcional a **B**”. Os discursos sobre a *Cannabis*, por exemplo, não são todos favoráveis. Pelo contrário. Grande parte das notícias, veiculadas na mídia informativa, trata de situações de marginalidade e criminalidade, com forte posicionamento proibicionista.

Embora esta pesquisa tenha se focado no antiproibicionismo, no desenvolver deste trabalho notou-se na mídia um predomínio de publicações contendo posições desfavoráveis à legalização das drogas, incluída a *Cannabis sativa*. Isso leva a suposições surpreendentes, como a de que até mesmo as publicações proibicionistas, por saturarem o leitor com essas informações, poderiam levar a um aumento no consumo, semelhante ao que se especula dos artigos sobre suicídio. Em uma realidade onde se observa um arraigado posicionamento proibicionista,

⁶ Publicado em: Trajectos, Revista de comunicação, cultura, educação. N°. 06. Primavera, 2005.

onde o Estado investe fortunas no combate e repressão ao tráfico, onde a escola, a família, a igreja e várias outras instituições da sociedade se manifestam contra o uso e legalização dessas substâncias, surpreende que, mesmo assim, o uso cresça a cada dia.

A presença crescente desse tema na mídia indica sua crescente circulação na sociedade. Se o aumento do consumo de drogas implica no aumento da produção discursiva midiática, também o aumento dessa produção discursiva leva a um aumento do contato das pessoas com informações sobre as mesmas. As pessoas saberão mais sobre o assunto, o que pode levar à experiência. Se isso efetivamente leva ou não ao consumo não se sabe, mas sabe-se que ninguém passa a ser usuário de algo sem conhecer o objeto do uso e estabelecer com este uma relação de desejo. Por outro lado, o conhecimento científico sobre drogas pode ajudar as pessoas a se manterem distantes ou, pelo menos, a praticarem um consumo mais consciente e menos inconsequente; pode fazer emergirem campanhas educativas, como as feitas contra o tabagismo, que são eficientes e produzem resultados, em alguns anos; pode estimular práticas para redução dos danos causados por abusos de drogas, e gera subsídios teóricos para que sejam desenvolvidas as políticas públicas que levem em conta a prevenção como tarefa multidisciplinar.

Além da crescente presença em artigos jornalísticos sobre acontecimentos ligados à legalização da *Cannabis*, a questão das drogas também aparece em várias outras atividades culturais, tais como: música, literatura, vídeos, pinturas, grafites, fotografias e tatuagens. Também foram observadas publicações de depoimentos e entrevistas com médicos, cientistas, juristas, antropólogos e artistas, e divulgados os resultados de pesquisas sobre o uso terapêutico e recreativo da *Cannabis sativa*.

O discurso antiproibicionista circula em múltiplas plataformas, alastrando-se por vários formatos e suportes. Com sua expansão, a partir de 1995, a internet se consolidou como principal forma de veiculação das ideias antiproibicionistas: milhares de páginas na rede mundial de computadores abordam essa questão.

As redes eram fundamentalmente o domínio da vida privada; as hierarquias centralizadas eram o feudo de poder e de produção. Agora, no entanto, a introdução da informação e das tecnologias de comunicação baseadas no computador e, particularmente, a Internet, permite às redes exercer sua flexibilidade e adaptabilidade, e afirmar assim sua natureza revolucionária. Ao mesmo tempo, estas tecnologias permitem a coordenação de tarefas e a administração da

complexidade. Isso resulta numa combinação sem precedentes de flexibilidade e desempenho de tarefas de decisão coordenada e execução descentralizada, de expressão individualizada e comunicação global, horizontal, que fornece uma forma organizacional superior para a ação humana (CASTELLS, 2003, p. 08).

Grupos de simpatizantes passaram a fazer uso dessas novas tecnologias de comunicação, revelando suas ideias, trocando informações, divulgando tecnologias e saberes em diversas áreas, e defendendo seus pontos de vista. Grande parte das obras publicadas em outras mídias foi digitalizada, tornando-se acessíveis por computador e, conseqüentemente, passíveis de serem compartilhadas por milhares de pessoas, via internet, iniciando aquilo que se tornou o principal tema abordado pelo escritor Henry Jenkins (2009), no seu livro: “Cultura da Convergência”:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase toda parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009, p. 29).

A internet e suas múltiplas possibilidades comunicativas e interativas tornaram-se um observatório privilegiado, e palco de disputas discursivas, do interesse de vários campos científicos. Os discursos de todos os setores, inclusive os marginalizados, subalternizados e inacessíveis da sociedade, são ofertados, em grande quantidade, pela grande rede. As dinâmicas produzidas pela internet ou comunicação em rede digital foram tematizadas em diferentes perspectivas, desde as suas potencialidades colaborativas (LEVY, 1999), os novos arranjos de poder que articulam (CASTELLS, 2003), até o ambiente cultural marcado pela convergência (JENKINS, 2009).

Os discursos dos guetos, dos morros, das favelas, das máfias, das quadrilhas, dos guerrilheiros, dos negros, dos brancos, dos homossexuais, dos heterossexuais, dos cientistas, dos juristas e dos políticos nos são dados pela internet. É tão fácil acessá-los que certos conteúdos, como a pornografia, são bloqueados na configuração de controle de conteúdos dos programas de acesso à internet, por pais e professores, preocupados com a “formação” dos filhos e alunos.

O cientista social hoje se encontra diante de uma oportunidade magnífica. A internet coloca o mundo social, em todo o seu

desarranjo e complexidade, na soleira de sua porta (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 11).

Este são discursos que querem ser absorvidos. Isso torna menos árduo o trabalho de pesquisa de alguns setores. Pesquisadores não precisam mais ir a lugares perigosos e inacessíveis para conseguir determinadas informações. Elas saltam pela tela do computador, como balas perdidas no universo digitalizado. Ao se digitar a palavra “*Cannabis*”, em páginas de pesquisas da internet (nesse caso, o Google, acessado em 16/08/2012), retornam mais de 12 milhões de referências. Isso indica a existência de uma enorme oferta de sentidos, à qual deve corresponder uma proporcional demanda. Dados divulgados pelo Relatório Mundial sobre Drogas 2008, emitido pela Organização das Nações Unidas (ONU), revelam que no Brasil três milhões de pessoas usam a *Cannabis sativa*.

Milhares de textos que tratam sobre o tema da legalização da *Cannabis sativa* e dos benefícios que podem trazer seus usos terapêuticos e industriais, podem ser observados em páginas de notícia e blogs na internet. Além dos textos, também são disponibilizados, nessas páginas, outros sistemas semióticos, como vídeos, fotos, desenhos, músicas, filmes e documentários tratando do tema.

Multiplicaram-se, na internet, fóruns de discussão, onde temas como “não patrocinar o narcotráfico” são utilizados para justificar a opção de se plantar a *Cannabis* em casa, evitando, assim, os perigos da repressão e da violência urbana. O antiproibicionismo procura mostrar que, no caso da *Cannabis sativa*, é melhor plantá-la em casa, do que se submeter ao contato com o traficante, enfrentar o caminho a locais perigosos, para adquiri-la, e à possibilidade de encontrar barreira da polícia, na volta para casa.

Pelas páginas de debates na internet, sabe-se onde comprar sementes das centenas de variedades da planta, adubos, jarros e equipamentos para cultivo. São desenvolvidas atividades colaborativas, que vão desde o esclarecimento de pequenas dúvidas sobre plantio, até assistência jurídica, em alguns casos. São também elaboradas e divulgadas ações sociopolíticas que procuram dar visibilidade à questão antiproibicionista, como a “marcha da maconha”.

Em vários países, como Brasil, Estados Unidos, Argentina, México e Portugal, simpatizantes do tema fazem manifestações, como a marcha pela legalização da

Cannabis sativa, ou “marcha da maconha”. Entidades internacionais, como a Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, organização não-governamental criada por personalidades, como os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (Brasil), César Gaviria (Colômbia) e Ernesto Zedillo (México), defendem que a descriminalização da posse de maconha, para o consumo pessoal, pode ser uma das saídas para a erradicação do tráfico. Segundo eles, com a legalização da *Cannabis sativa*, os usuários poderiam cultivar plantas para consumo próprio, evitando contato com traficantes. Isso também diminuiria o contato com drogas mais perigosas, como a cocaína e o *crack*, e evitaria o envolvimento de jovens com a marginalidade, para adquirir o produto.

A juíza Maria Lúcia Karam afirmou, durante o Congresso Internacional Sobre Drogas⁷ (Brasília, 2013), que leis proibicionistas, como a brasileira (11.243/2006), são inconstitucionais, além de ferirem os direitos básicos do ser humano. Lúcia Karam é juíza de direito aposentada e membro da instituição: Agentes da Lei Contra a Proibição (ALCP), associação internacional, formada para dar voz a policiais, juízes e promotores e outros membros do sistema penal, aposentados ou na ativa, que lutam contra a proibição e pela legalização e regulamentação do uso de todas as drogas, porque compreendem "os danos e sofrimentos provocados pela guerra às drogas" (Karam, 2013). Segundo a juíza Lúcia Karam:

A proibição e sua política de guerra às drogas causam ainda maiores danos e sofrimentos não só aos consumidores de drogas tornadas ilícitas, mas a toda a sociedade. Se drogas são ruins, a guerra às drogas é muito pior. É infinitamente superior o número de pessoas que morrem, por causa dessa nociva e sanguinária guerra, do que pelo consumo das próprias drogas (KARAM, 2013).

A grande quantidade de falas, na internet, sobre esse tema, permite que se selecionem, para análise, recortes efetivamente representativos do fenômeno estudado, o que pode resultar em uma percepção mais ampla de sua problemática. Pressupõe-se que essas falas contenham potencialidades de gerar acontecimentos midiáticos e o estabelecimento de agendas públicas.

Aquilo que se sabe sobre um determinado acontecimento está no registro das versões obtidas nas narrativas, documentos e testemunhos. Tradicionalmente, esses registros estão em textos, gravuras, mapas, desenhos, fotografias e filmagens

⁷ Congresso organizado por várias universidades. Realizado na UNB, em Brasília, de 3 a 5 de maio de 2013.

ou apenas na memória de suas testemunhas. No caso de um evento realmente ocorrido, um fato histórico ou distante, por exemplo, ou mesmo um acontecimento sobre o qual se tenha uma farta documentação, ainda não se tem a sua materialidade de coisa em si, que seria o seu próprio acontecer, o seu próprio percurso, antes de ser inserido em uma cadeia significativa.

O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

Quase tudo a que geralmente se tem acesso sobre os fatos são apenas versões. O que foi dito, escrito, fotografado ou filmado são olhares orientados, pois mesmo o filme e a foto são as versões do olhar de quem as fez, selecionou ou editou. Desse modo, só se tem acesso mesmo às notícias produzidas, sobre a maioria dos acontecimentos reais.

O acesso direto a certas informações nem sempre é possível ao pesquisador, por necessitarem de deslocamentos a lugares inacessíveis ou exigirem equipamentos sofisticados e caros para a captação, coleta e processamento dos dados. Muita informação, das quais pouco ou nada se conseguiu recuperar, se perdeu pela ação predatória ou pelo desgaste natural do tempo. Entretanto, até mesmo sobre alguns acontecimentos recentes, fartamente documentados, como o assassinato do presidente Kennedy, nos EUA, por exemplo, ainda restam muitas dúvidas. Outros acontecimentos são relatados por um número reduzido de fontes e, geralmente, contêm uma só face de um determinado evento.

Esta pesquisa aborda um fenômeno atual, sobre o qual existe muito material disponível, com muitas fontes, veiculado sob os mais diversos posicionamentos, não apenas oriundos de uma polarização binária sobre o tema, mas com os diversos matizes entre os dois posicionamentos (favoráveis ou não) e até fora deles. A legalização do uso da *Cannabis sativa* surge como um “tema proibido”, de produção discursiva significativa, cuja oferta de sentido reorganiza e mobiliza competências, de diversos campos do saber, na construção de um discurso antiproibicionista que o

reabilita para a arena simbólica, da qual foi banido pela censura, como atividade contraventora.

Toda essa oferta de sentidos compete com vários discursos institucionais que vão, desde a atual legislação, aos tratados internacionais, dos quais o Brasil é signatário; oscilando, historicamente, entre posicionamentos mais ou menos repressores.

Figura 01

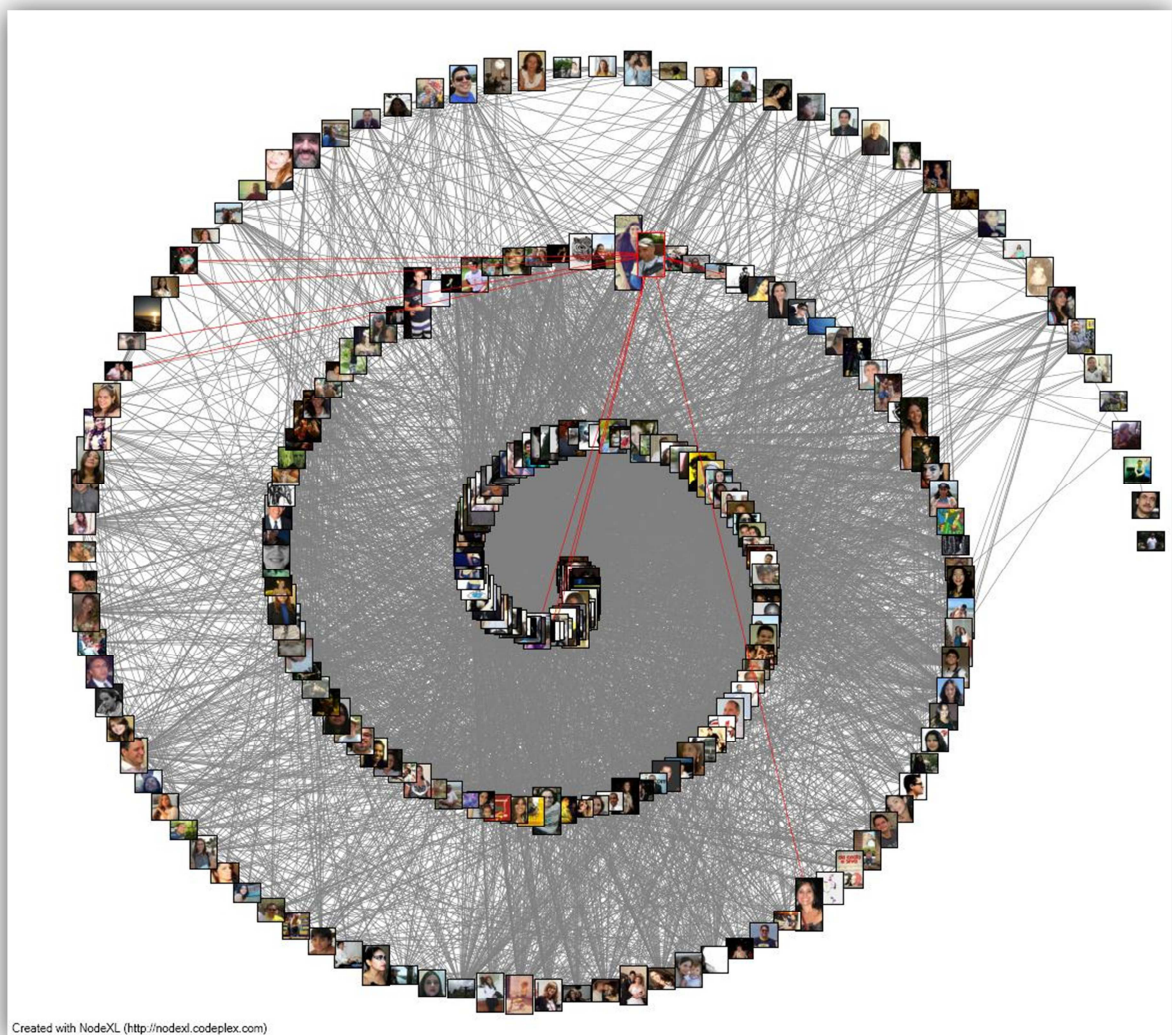


Gráfico de interações sociais em rede no Facebook. (Elaborado pelo autor).

No ciberespaço, território da “cultura do acesso”, na “era digital”, os grupos não necessitam ter seus membros reunidos em um só local: estão espalhados em lares, *lan houses*, universidades, cafés, bares e bibliotecas de todo o mundo, todavia conectados via grande rede. A internet é, provavelmente, o recurso mais usado (não o único) pelos grupos antiproibicionistas, para conseguirem a adesão de novos

simpatizantes, dispersos pelo mundo, à luta contra a proibição da *Cannabis sativa*. Esse recurso é parte de um processo que tende a se ampliar, segundo Lúcia Santaella⁸ (2003):

(...) a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata (SANTAELLA, 2003, p. 28).

São introduzidas, no circuito midiático, vozes, que sempre estiveram à margem dos tradicionais meios de comunicação e que agora interagem pela internet, onde os textos geram comentários de leitores que são replicados e remetem a outros textos, ou a livros, filmes, fotografias e assim por diante. Essas novas falas surgem dizendo: “nós estamos aqui, existimos e queremos ser ouvidas”. É preciso ouvi-las e saber como dizem; como põem em funcionamento as estratégias que engendram o discurso antiproibicionista e como as ações comunicativas, de grupos excluídos dos canais tradicionais de comunicação, têm trazido ao universo discursivo, por meio da internet, realidades alternativas, saberes e competências.

O discurso antiproibicionista é apresentado como uma estratégia para sensibilizar e alertar vários campos do saber e setores da sociedade, sobre a necessidade de se discutir a proibição do uso da *Cannabis*. Questiona o papel do Estado e sua interferência nas escolhas pessoais do cidadão, alertando para uma política de minimizar ou reduzir os danos advindos do uso, do tráfico e da repressão. Defende a ideia de que o problema do consumo de drogas não pode ser enfrentado com a repressão policial, pois se trata de um fenômeno, cuja solução depende de políticas públicas que demandam esforços compartilhados de vários setores da sociedade; solicitam estudos científicos aprofundados, pois envolvem questões sociais, econômicas, políticas, jurídicas e médicas, e exigem a aplicação de múltiplos conhecimentos e métodos.

⁸ SANTAELLA, Lúcia. Da Cultura das Mídias à Cibercultura: O Advento do Pós-humano. Revista FAMECOS, nº 22, dezembro de 2003, quadrimestral, Porto Alegre (p. 23-32). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>, (acessado em: 25/07/2012).

A Estrutura da Tese

A estrutura da tese foi concebida de modo a favorecer uma leitura sequencial, apresentando a análise após uma revisão detalhada dos conceitos utilizados na pesquisa, provendo o leitor com as ferramentas conceituais e metodológicas, imprescindíveis à compreensão do material exposto. Pesquisadores, mais familiarizados com os estudos comunicacionais, podem realizar uma leitura com dinâmicas próprias, acessando diretamente os capítulos e tópicos.

A introdução situa o problema comunicacional que envolve o estudo, mostrando a necessidade de compreensão dos modos de produção de discursos e acontecimentos antiproibicionistas, cujas tensões despertadas e questões envolvidas os mantêm situados nas bordas dos sistemas midiáticos.

São também mostrados os questionamentos orientadores da pesquisa, os objetivos e a estrutura da tese, e é explicada a metodologia utilizada para buscar as respostas dos mesmos. É mostrada a “Análise Flutuante Transmetodológica”, um conjunto de metodologias de pesquisa, de caráter semiótico e multidisciplinar, elaborado para estudos de fenômenos comunicativos que se propagam por múltiplos suportes midiáticos, e apresenta o referencial teórico utilizado para fundamentar cientificamente a pesquisa.

O capítulo I realiza uma imersão epistemológica, da qual foi retirada grande parte da produção acadêmica que dá suporte ao aparato conceitual desenvolvido para este trabalho. Neste capítulo, um referencial teórico é destacado: são os estudos sobre o Acontecimento Jornalístico, que são imprescindíveis à pesquisa. Também é mostrada a percepção da existência de uma ambiência semiótica, onde são produzidos os discursos antiproibicionistas. Essa ambiência, nomeada de “Canabiosfera”, pode ser compreendida como um subconjunto da Semiosfera, dedicado à produção da “semiose canábica”.

O segundo capítulo trata dos vários discursos socioculturais sobre a *Cannabis sativa*, veiculados na mídia. Apresenta o discurso científico sobre a *Cannabis sativa* e faz um retrospecto histórico, mostrando como foi construído o proibicionismo. São apresentados os seguintes contextos da proibição: a) científico - que mostra a atual falta de consenso, apesar do avanço das pesquisas científicas; b) histórico - mostra as motivações políticas, sociais e históricas para o proibicionismo; e c) econômico –

mostra as origens do problema do uso de drogas, desde a Guerra do Ópio, entre Inglaterra e China, até o proibicionismo dos dias atuais, destacando os interesses econômicos que concorreram para o agravamento do problema.

O terceiro capítulo estuda as amostras contendo indícios do antiproibicionismo e apresenta um mapeamento das manifestações midiáticas do discurso antiproibicionista, com suas respectivas análises. Esse capítulo fala do festival de Woodstock, escolhido, durante os estudos, como o acontecimento fundador do antiproibicionismo, e descreve a presença dos elementos essenciais à análise de discursos; analisa seis letras de músicas, escolhidas entre cerca de trezentas observadas, com conteúdos antiproibicionistas; mostra textos sobre os avanços científicos na fabricação de medicamentos e outros benefícios à saúde, e textos sobre a viabilidade econômica da *Cannabis sativa*, na internet; mostra a moda, com vestidos, camisetas, bonés, calçados, relógios, brincos, anéis; mostra tatuagens e grafites canábicos; analisa o acontecimento midiático, que foi noticiado como: “Ator de ‘Se Beber não Case’ fuma maconha ao vivo na TV”; analisa o ciberacontecimento “marcha da maconha”, e traz também a análise das postagens, em um fórum de debates, sobre a legalização da *Cannabis sativa*. O tópico analisado trata da organização, *online*, da manifestação antiproibicionista coletiva, que ficou conhecida como: “as marchas da maconha de São Paulo - 2011”.

Questionamentos Orientadores da Pesquisa

Este trabalho mostra a relação entre a mídia e uma cultura que se consolida em torno da questão das drogas (mais especificamente da *Cannabis sativa*), na veiculação de discursos que, de algum modo, trazem para o palco de debates a questão da legalização da maconha. A ideia deste estudo surgiu da necessidade de responder a algumas questões, no campo da comunicação, relacionadas à crescente produção de bens simbólicos, sobre a *Cannabis sativa*, e ao seu crescente uso terapêutico e recreativo, na atualidade. Este conjunto de indagações concentra a questão crucial da tese:

- 1) De que modo as mobilizações discursivas que se opõem à proibição ou criminalização da *Cannabis sativa*, materializadas em diferentes plataformas midiáticas, constituem acontecimentos midiáticos?

- 2) Que semioses disparam?
- 3) Que tensões de sentidos deflagram?

Objetivos

Objetivo Geral

Identificar as camadas de sentidos presentes nos textos antiproibicionistas de diferentes naturezas, distinguindo os elementos constitutivos de acontecimento midiáticos que esses textos mobilizam e as tensões que mantêm tais elementos nas bordas dos sistemas midiáticos.

Objetivos Específicos

- 1- Demonstrar as imbricações entre mídia/cultura/droga na produção de acontecimentos jornalísticos antiproibicionistas;
- 2- Demonstrar a existência, nas práticas jornalísticas, na produção cultural e midiática, de operações semióticas e estratégias de acionamento de sentidos favoráveis ao uso da *Cannabis sativa*;
- 3- Discutir sobre a presença na semiosfera de uma sub-atmosfera semiótica, produtora de acontecimentos e discursos antiproibicionistas.

Metodologia

Analisar discursos sobre um tema polêmico, como o uso de drogas tornadas ilícitas, é sempre algo muito problemático, por causa dos posicionamentos radicais que desperta. Com o crescente interesse da sociedade em solucionar os problemas advindos desta questão, no entanto, a discussão não pode mais ser adiada. A própria sociedade mostra a necessidade de se discutir o problema, quando o insere em suas produções culturais, quando se manifesta e se organiza pela internet ou nas caminhadas pela legalização da *Cannabis sativa*, ou marcha da maconha.

As drogas estão definitivamente presentes na nossa cultura, e a melhor maneira de se lidar com esta, e com qualquer outra situação desafiadora, é através do conhecimento.

As drogas já fazem parte de nossa cultura. Da mesma forma que há boa música e má música, há boas e más drogas. E, então, da mesma forma que não podemos dizer somos “contra” a música, não podemos dizer que somos “contra” as drogas⁹ (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Explicitar o lugar do pesquisador é deixar claro o lugar de onde se observa e se fala sobre os fenômenos. Que ponto de vista adotar em um trabalho como este, sobre um tema tão polêmico? A do conforto das posições instituídas? Ou a do desafio sedutor do discurso contestador? Sem buscar abrigo em situações estabelecidas e sem a pretensão de uma objetividade inatingível, a pesquisa mostra, no segundo capítulo que, mesmo no meio científico, ainda não existe consenso sobre essa questão. Ambas as posições carecem, por demais, de estudos científicos que atestem suas afirmações. Assim, aguardando descobertas mais reveladoras e convincentes, a pesquisa pode, então, se desenvolver focada somente nos processos midiáticos do estudo, liberta de qualquer militância intencional contra ou a favor, deixando para o leitor a liberdade de, junto com suas concepções e idiossincrasias, formar sua própria opinião. Mesmo assim, é importante alertar que talvez possam existir, no texto, alguns indícios que sinalizem preferências, fazendo com que surjam críticas de militância, de ambas as posições; pois, como é observado em: “O Discurso Jornalístico”, texto¹⁰ de Márcia Benetti Machado e Nilda Jacks, apresentado em 2005 no GT de jornalismo da COMPÓS, em Brasília:

Não construímos um mundo apenas baseados em nossa consciência; ao contrário, somos, na maior parte das vezes, reféns de nosso inconsciente, de nossos desejos, preconceitos e sentimentos muitas vezes inconfessáveis, de marcas aparentemente legadas ao esquecimento (MACHADO e JACKS, 2001, p. 02).

Uma leitura mais ampla captará, pelo menos, um forte empenho em manter o estudo dentro dos critérios cientificamente recomendados. Como o foco da pesquisa são os discursos favoráveis, o rigor maior da crítica destina-se justamente a esses

⁹ FOUCAULT, Michel. “Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política”. Tradução de W. Flor do Nascimento. In Verve, São Paulo, Nu-Sol, v. 5, 2004.

¹⁰ MACHADO, Márcia Benetti; JACKS, Nilda. O discurso jornalístico. Brasília: COMPÓS, 2001. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf. (acessado em: 16/05/2013).

posicionamentos. O discurso proibicionista aparece como pano de fundo, pois é sempre a ele que os discursos antiproibicionistas se referem. Aparece porque os discursos estudados são sua consequência direta. Sem o discurso proibicionista, não existiria seu respectivo antagônico.

A internet foi utilizada como campo de pesquisa e como biblioteca: muitos textos da bibliografia foram obtidos por meio dela. Não foi utilizado nenhum recurso de informática mais sofisticado para acessar o material antiproibicionista na internet. Procurou-se usar exatamente os mesmos recursos que um usuário comum encontraria em um computador doméstico, de modo que se possa visualizar e acessar exatamente aquilo o que a maior parte do público pode ver e ter acesso.

O “recorte” estudado também foi inteiramente retirado da internet. Para encontrá-los, foram usados o *Internet Explorer* como “*browner*” e o *Google*, como portal de pesquisa. Como palavras-chaves nas buscas, foram utilizados os termos: *Cannabis*, maconha, baseado, marcha da maconha, *hemp*, *pot*, *marijuana* e *cânhamo*. Com essas oito palavras, foi possível encontrar praticamente todo o material observado. A parte difícil foi decidir o que selecionar, entre milhões de respostas retornadas:

A internet é um universo de investigação difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinanismos (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se altera a cada momento) (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 55).

A amostra principal do recorte são as postagens no fórum do “Growroom”, referentes à organização da “marcha da maconha” de 2011, em São Paulo. O restante do material observado foi escolhido de maneira quase aleatória, entre reportagens e obras culturais com referências positivas à *Cannabis*. Ainda que alguns desses materiais não sejam originários da internet, como o documentário Woodstock e diversas canções, sua proliferação na rede (através dos dispositivos de memória e compartilhamento) converge com os discursos em circulação, acentuando a importância dos mesmos.

Procurou-se, então, demonstrar, através de uma *análise flutuante e transmetodológica*, a existência de uma cultura das drogas, produtora de

acontecimentos antiproibicionistas, como estratégia de mediação de sua produção discursiva.

O proibicionismo é uma construção discursiva usada para justificar a “guerra contra as drogas”. Essa guerra também se estendeu à linguagem, em uma batalha discursiva, travada na mídia, utilizando-se de um arsenal de significados ainda não solidamente identificados a significantes correspondentes, nomeados pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1950) de “significantes flutuantes”, por deslizarem por diferentes processos de significação, vinculando-se a vários sentidos, às vezes contraditórios. Significantes flutuantes ou significantes vazios são termos utilizados em semiótica para designar significantes sem referentes, como uma palavra que não aponta para qualquer objeto real ou significado compartilhado.

Algumas palavras (treco, coisa, isso), como *maná* (substância mística de que a magia é composta), não possuem um sentido cristalizado ou já se cristalizaram como recipientes, que podem ser preenchidos com vários significados. Outras palavras sofrem uma semiose forçada, provocada por acontecimentos. Por meio da legislação, uma atividade típica da cultura de alguns povos se transforma em crime. A lei antidrogas institui uma fronteira que, se cruzada, modifica violentamente os sentidos vigentes: agricultores foram transformados em criminosos; comerciantes e vendedores em traficantes; usuários ocasionais em drogados, bandidos e viciados. A legalização faz o caminho reverso: o Supremo Tribunal Federal, ao liberar a marcha da maconha (São Paulo – 2011), transformou a “contravenção” em uma “manifestação legal”, e os “arruaceiros” em “cidadãos”.

Essas flutuações permitem que o mesmo fenômeno tenha transcrições paradoxais na mídia. A frase: “manifestantes realizam a marcha da maconha” ganha outras versões, quando surge em um enquadramento proibicionista: “maconheiros desocupados interrompem o trânsito e causam transtornos”; ou antiproibicionista; “estudantes conscientizam a sociedade sobre os benefícios medicinais da *Cannabis sativa*”.

A análise flutuante é um recurso metodológico, semiótico, concebido para trabalhar com hipertexto. Na internet, os textos podem conter *links* que remetem para informações oriundas de outras plataformas, distribuídas em variados formatos, como sons, textos e imagens. No caso dos sons, podem ser músicas, ruídos, efeitos

sonoros e palavras. As imagens podem ser vídeos, fotos, desenhos, ilustrações, gráficos, pinturas. Os textos aparecem em suas variadas aplicações, como reportagens, artigos, editoriais, notas, anúncios, poemas etc. Um determinado texto, em análise, pode apontar para uma foto que traz um poema, que pode remeter a uma música ou a um vídeo, e assim por diante.

Todas essas flutuações podem ser acompanhadas por um olhar analítico, que detecte os vínculos entre os objetos conectados (*linkados*), e capte os circuitos percorridos pelas semioses disparadas por determinados acontecimentos jornalísticos, aplicando, em cada suporte, os respectivos métodos de análise. Métodos abduativos¹¹ foram aplicados em casos de amostragens múltiplas, como músicas, onde foram analisadas seis, entre cerca de 300 músicas antiproibicionistas observadas.

Nesta análise, que contemplou: textos jornalísticos, letras de músicas, vídeos, fotografias e postagens de usuários de *Cannabis sativa*, em páginas publicadas na internet; buscou-se também compreender como esse discurso é produzido e colocado em circulação; como se organiza para persuadir novos adeptos; como é usado para construir uma auto-identidade positiva; que operações são realizadas para legitimar posicionamentos; como possibilita ao usuário a defesa de sua posição; como é utilizado para responder às potenciais críticas da sociedade; que agendamentos e ações colaborativas na rede desencadeiam e como organiza o ativismo antiproibicionista, no ciberespaço e nas ruas.

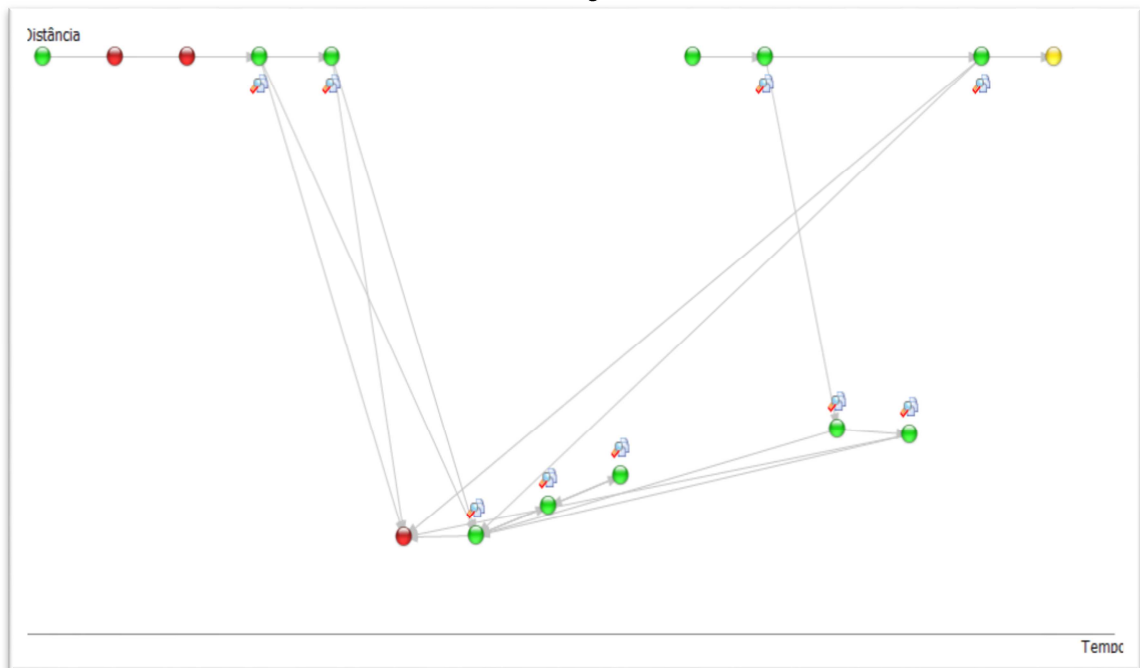
O enfoque dado aos múltiplos suportes, utilizados pelo discurso antiproibicionista, é imprescindível à compreensão do fenômeno, pelos circuitos que se desenham, pelos *links* e referências cruzadas que se formam e pelas semioses disparadas, através de diferentes plataformas. A marcha da maconha, por exemplo, é um acontecimento que possui uma relação singular com a mídia, pois já é concebido levando-se em conta a sua cobertura. Sua observação e sua compreensão demandam metodologias que contemplem os vários suportes e formatos envolvidos.

A “marcha da maconha” se inicia com uma postagem, em um fórum de debates na internet. A data e hora do evento são decididas *online*, e as estratégias

¹¹ No sentido de Peirce, conforme Eco e Sebeok (2004).

de visibilidade entram em ação: pelos fóruns de debates, redes sociais e e-mails, são planejadas e divulgadas as atividades de preparação do evento. Vários blogs de simpatizantes repercutem, multiplicando exponencialmente o número de pessoas alcançadas. São confeccionados cartazes, panfletos, camisetas, bonés, adesivos, broches e faixas. São elaboradas frases e palavras de ordem e até músicas, jingles e paródias são compostas.

Figura 02



Print screen - Conexões - Nós do compartilhador de arquivos eMule. (Elaborado pelo autor).

A notícia se espalha pelo jornal impresso, rádio, televisão e principalmente pela internet. Durante a marcha, são feitas fotos que serão postadas em *blogs*, *fotologs* e no *Facebook*. São feitas filmagens e vídeos que serão enviados ao *YouTube*, com as principais cenas da marcha. A organização da marcha da maconha põe em funcionamento vários suportes midiáticos que, somados, contarão sua história. É um acontecimento, cuja narrativa pode aparecer em pichações e grafites, camisetas e tatuagens, espalhando-se depois por textos, fotos e filmes e afetando a toda sociedade que, voluntariamente ou não, está exposta a algum dos fragmentos semióticos disparados nessa explosão midiática.

Optou-se por fazer uma análise flutuante e transmetodológica que capture instâncias textuais de produção de sentido, nas várias semioses que se colocam em diálogo nos diferentes sistemas semióticos. Este recurso possibilita uma *exploded*

view (vista explodida) do acontecimento midiático, permitindo ampla visibilidade de sua gênese, seu percurso e seu estado atual; combina e adapta uma série de metodologias para estudo das múltiplas formas de manifestação do acontecimento; permite analisar discursos presentes em diferentes suportes e plataformas e detectar subculturas, ou ambiências semióticas, percebidas na rede como “nós” extremamente conectados ou “*clusters*” (figura 02), que podem ser encarados como comunidades no ciberespaço. De caráter transmetodológico, o processo leva em consideração os aspectos contextuais e históricos, numa abordagem que abrange: revisão bibliográfica, epistemológica e metodológica; análise de postagens jornalísticas em sites e no fórum de debates do portal Growroom, no tópico “Ativismo – *Cannabis* livre”, no sub-tópico “Marcha da maconha”, e dos textos postados pelos participantes (adeptos, plantadores, produtores de sementes e usuários); explicitando as ações coletivas e cooperativas em rede¹², para a construção do acontecimento “marcha da maconha”, e da autoafirmação, na consolidação da identidade de “usuário de *Cannabis*”, ou “maconheiro”; mostrando suas estratégias discursivas de contestação ao discurso instituído, e identificando as polifonias e vozes de outros campos do saber, entranhadas na sua produção.

Para este trabalho foram observados acontecimentos, artigos jornalísticos e produções culturais antiproibicionistas, encontrados na internet¹³, oriundos de diversos campos, tais como:

a) artes – produção de sentidos, posicionamentos e ações antiproibicionistas na literatura, na música e no cinema;

b) saúde – artigos com informações sobre pesquisas que testam as prováveis propriedades medicinais da *Cannabis* (o discurso da medicina sobre as qualidades terapêuticas da *Cannabis*);

c) economia - textos sobre as potencialidades de uso do cânhamo na indústria têxtil e gastronômica, na produção de roupas, bonés, sapatos, cordas, ração, refrigerantes, entre outros produtos;

¹² SCHERER-WARREN, Ilse. (1998), *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. Hucitec, Rio de Janeiro, 1999.

¹³ Todo o material analisado foi encontrado na internet, utilizando os mesmos mecanismos de busca que estão ao alcance de qualquer usuário, disponíveis na própria rede ou nos sistemas operacionais de computadores domésticos (Explorer, Google Chrome) e portais de busca na internet (Google, Alta Vista e Bing).

- d) política/justiça - textos sobre a questão da descriminalização da maconha;
- e) hibridações - fotografias de grafites, pichações e tatuagens contendo algum tipo de mensagem de caráter antiproibicionista, postadas em páginas da internet;
- f) acontecimentos midiáticos (debates, ações sociopolíticas e mobilizações coletivas e individuais - postagens na internet sobre a marcha da maconha).

Referências Teóricas

O conhecimento é fruto do trabalho humano pela sobrevivência e para eliminar a angústia provocada pela dúvida. Ao dizer isto, ainda que de um modo próprio, são incorporadas a este texto vozes de outros enunciadores. Com aportes em Peirce (2002) e em M. J. Pinto (1999), as frases acima inserem aqui polifonias e interdiscursos. Este trabalho, como toda produção cultural humana, só pode ser realizado por uma construção subjetiva, possibilitada por uma negociação de significados, que ocorre nos processos semióticos compartilhados, e pela apropriação de conhecimentos pré-existentes, em uma antropofagia, nem sempre consciente, racionalizada ou explicitada.

Algumas ideias e textos utilizados são a presença de outras vozes neste trabalho. São ideias das quais a pesquisa se apodera ou elas se apoderam da pesquisa, como se precisassem ser ditas e reeditas a cada instante. Procurou-se, no entanto, creditar as ideias a seus originais autores, não apenas por uma questão ética e formal, mas em gratidão à generosidade desses gênios, em partilharem seus conhecimentos com a humanidade.

Este trabalho contém, além das abduções e *insights* do autor, ideias de outros pesquisadores, que foram organizadas e utilizadas, de modo a possibilitar o funcionamento das metodologias empregadas. Procedimento que encontra modelos dentro da ciência: o rádio, como exemplo¹⁴, não foi concebido inteiramente por Guglielmo Marconi. Ele talvez não fosse tão genial quanto o físico alemão Henrich Hertz, que preconizou as oscilações eletromagnéticas; como o físico francês Eduardo Brandly, que descobriu um dispositivo para detectar as ondas eletromagnéticas; como o físico norte-americano Emite Berlinger que inventou o

¹⁴ Fonte: FERRARETO (2001).

microfone; como o engenheiro norte-americano Lee Forest, que inventou a válvula; como Graham Bell, que inventou o telefone, nem como os outros cientistas que criaram os outros componentes eletrônicos internos do rádio (capacitores, resistores, bobinas, transformadores). Mas, ele foi esperto o suficiente para reunir, de forma criativa, todas as genialidades dos outros cientistas, em uma invenção que mudaria os rumos da comunicação. Não se pretende tanto: busca-se com este trabalho colaborar com a discussão de assuntos comunicacionais, mesmo sendo apenas uma peça na grande engrenagem do conhecimento.

Para o estudo destes acontecimentos midiáticos, buscou-se compreender a noção de acontecimento a partir da perspectiva semiótica de Ronaldo Henn (2009), e das reflexões de outros estudiosos do tema, como Pierre Nora (1979), Patrick Charaudeau (2006), Louis Quéré (2005), Maurice Mouillaud (1997), Cristina Ponte (2005), Ricardo Fabrino Mendonça (2007), Isabel Babo-Lança (2005), Christa Berger (2008) e Frederico Tavares (2008).

Também foram buscadas referências teóricas em: Christopher Norris (2006), Efendy Maldonado (2010), José Luiz Braga (2008), Gortari (1956), C. S. Peirce (1877), Bachelard (1981), Michel Pêcheux (1990), Popper (1975), Kuhn (1987), Edward Alsworth Ross (2008), Claude Lévi-Strauss (1950), Pierre Bourdieu (1998 e 2007), Mar de Fontcuberta (2006), Lorenzo Gomis (1991), Ciro Marcondes Filho (2009), Michel Foucault (2008), Claude Jean Bertrand (2002), Fabrício Silveira (2007), Garcia Canclini (2005), Dominic Strinati (1999), Lúcia Santaella (2003), Walter Benjamin (1985), Fausto Neto (2005), Roger Silverstone (2002), Adriano Duarte Rodrigues (2000), Boaventura de Sousa Santos (2009), e Milton José Pinto (1999).

Para as pesquisas na internet (como cultura, como artefato cultural e como mídia), e para melhor compreensão do papel das redes sociais, das comunidades virtuais e da comunicação mediada por computador, este trabalho também busca referências nos estudos de: Henry Jenkins (2012), M. Castells (2003), P. Levy (1999), Raquel da Cunha Recuero (2011), Suely Fragoso (2011) e Adriana Amaral (2011). Jack Herer (1985) também é um referencial histórico-social importante para a compreensão do universo da *Cannabis sativa*, por trazer dados históricos que ilustram todo o processo da proibição do uso dessa planta, desde o início do século XX.

CAPÍTULO I

*Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas.
(Friedrich Nietzsche).*

1 - Aproximações teóricas

Síntese da teoria utilizada neste estudo.

1.01 - Abordagem Científica

A compreensão de que a abordagem científica desta questão vai contribuir para retirá-la do que ainda resta de obscurantismo e transformar as dúvidas em conhecimento solicita um aprofundamento epistemológico. Epistemologia é o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas. É a teoria da ciência. Para Maldonado¹⁵, a epistemologia, pela sua importância e utilidade, não pode ser definida apenas como “teoria da ciência”. A epistemologia atravessa todos os níveis do trabalho da pesquisa científica, desde as mais simples questões, desde os pequenos detalhes da coleta de dados no campo, na dimensão técnica dos procedimentos, desde a dimensão operativa e metodológica, às grandes preocupações teóricas do conhecimento.

Conforme o filósofo inglês Christopher Norris (2006, p. 12), a epistemologia é algo muito real, cuja concretude estende sua utilidade imprescindível à vida cotidiana. Para Norris, longe de ser apenas uma abstração, esta seria uma epistemologia viva, concreta. A ciência não seria apenas um inventário de fórmulas abstratas, complexas. A ciência é vista como uma instituição social, um produto humano e não apenas um discurso.

A produção de conhecimentos que, a rigor, ocorre nos grandes centros de pesquisa, também pode ocorrer em modestos ambientes do trabalho braçal. A epistemologia se debruça sobre todos os aspectos que envolvem a gênese e as várias dimensões do conhecimento. O conhecimento produzido pela ciência a posiciona como local da verdade. Na pesquisa, deve-se estar atento a “verdades totais e absolutas”, frequentemente presentes nos discursos autoritários. Temos que pesquisar também o “óbvio e o trivial”. A produção de conhecimentos sempre vai

¹⁵ MALDONADO, A. Efendy, professor do Programa de Doutorado e Mestrado em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

acrescentar novidades e também tensionar o já estabelecido, no sentido de dar conta dos novos questionamentos possibilitados, sobretudo, pelo próprio avanço das pesquisas científicas e pelo contínuo repensar de suas etapas e de sua metodologia, proporcionado pela epistemologia.

As alegações de verdade, as declarações feitas no trabalho científico devem ser válidas e significativas, correspondendo à seriedade do trabalho de pesquisa nos limites explicitados. O discurso científico deve explicitar sua teoria, sua metodologia, suas fontes e sua problematização. A problemática da verdade amplamente relativizada, para Norris (2006, p. 14), suscita garantias das evidências. As proposições (epistemológicas) não são neutras. São portadoras de valores e possuem suas próprias definições de verdade. São proposições epistemologicamente condicionadas. Cada termo possui sua fundamentação e segundo ela deve ser aplicado.

Norris (2006, p. 25) descreveu as bases de uma tese ontológica e outra epistemológica. Ele admitiu a existência de um mundo real, objetivo, no domínio físico, independente da mente e este possui propriedades e lógicas próprias. Pela sua tese epistemológica, é mediante diversos modos de interação com esta realidade que se pode adquirir progressivamente conhecimento sobre seus objetos e, analogamente, nos processos midiáticos, sobre os objetos midiáticos, pela relação primordial dos sentidos que se dá na experiência cotidiana, pelos métodos refinados da ciência aplicada (aproximações progressivamente sucessivas) e pelos métodos de pesquisa. Essa interação tem uma natureza estratificada, a investigação precisa ser viva, ativa, inventiva, por meio de rearranjos criativos. A pesquisa formal (conjunto de normas, requisitos e formatos que devem ser obedecidos) deve ser somada à subjetividade, proporcionando uma inter-relação entre as fórmulas teóricas e a realidade. O objeto de pesquisa não é dado, e sim estruturado, produzido por uma interação entre as várias fórmulas e propostas teóricas e a referencialidade dos processos reais. A dimensão hermenêutica da interpretação exige descrições sistemáticas e detalhadas do objeto empírico.

As “verdades *a priori*” podem e devem ser questionadas. O progresso das pesquisas em todos os setores tem mostrado como existem antigas afirmações falsas tidas como verdadeiras durante muito tempo. Norris infere que seguramente: “uma grande parte do que atualmente *pensamos* ou *acreditamos* saber será

progressivamente provado ser falso ou infundado” (NORRIS 2006, p. 34). Para o autor, o conhecimento produzido e as descobertas são realizados por meio de vários métodos e técnicas de relevância epistemológica. Para Maldonado (2010), o efetivo aprofundamento da pesquisa exige que se trabalhe de modo transdisciplinar, além das disciplinas, numa perspectiva transmetodológica.

Sobre a questão da objetividade, Popper (1975) atenta para a exigência da ação humana na produção de conhecimento, tanto na realidade física quanto nas realidades sociais. As práticas humanas cotidianas geram conhecimento. Esses conhecimentos, produzidos pela pesquisa, trazem as marcas deixadas pelos talentos e competências do pesquisador. A objetividade inclui tudo isto. Conforme o autor, o sujeito é parte da objetividade. A participação do sujeito deve ser explicitada e definida dentro do processo metodológico.

As construções intelectuais e científicas são submetidas às condições institucionais de produção. A pesquisa precisa de critérios que lhe permitam chegar a afirmações válidas e de vários métodos já testados que possam dar conta do desafio proposto. As verdades são plurais e dinâmicas, permitindo uma autonomia objetiva.

No livro “Introducción a La Lógica Dialéctica”, do filósofo e historiador mexicano Eli de Gortari (1956, p. 11-42), a ciência é definida como o trabalho racional, objetivo, realista, descritiva em seus métodos, nos processos de produção do conhecimento. A ciência trabalha os objetos, a realidade, os processos, nos seus vínculos internos e seus nexos externos, suas ações recíprocas (numa epistemologia dialética), estabelecendo as condições e os meios necessários para a intervenção humana, nesses processos. O autor descreve a ciência como objetiva. A ciência procura explicar o universo e seus aspectos. A ciência fala da vida, da terra e do cosmo. Gortari (1956) agrupa os principais problemas epistemológicos (cosmológicos, lógicos, e antropológicos). Os problemas cosmológicos falam da estruturação de uma concepção científica. Como pesquisadores, é preciso construir uma concepção, uma visão profunda, geral da comunicação, incorporando elementos da filosofia da ciência, da história da ciência, da sociologia da ciência, como importantes alicerces científicos. A ciência é definida como instável, por se fazer, desfazer e refazer continuamente, permitindo se descobrir coisas novas e abrindo espaço para a criatividade. Sobre os problemas lógicos, Gortari (1956)

entende a lógica como a formulação de métodos de investigação científica. Partindo-se de métodos testados, devem-se reconstruir métodos e fazer rearranjos intermetodológicos que sejam adequados ao desenvolvimento da pesquisa. Sobre os problemas antropológicos, o autor fala da integração da produção de conhecimento com a vida humana. Todo trabalho da ciência tem um sentido antropológico.

A importância da ciência e a necessidade de se utilizar métodos científicos nas pesquisas também foram observadas por C. S. Peirce¹⁶, que os considera imprescindíveis à produção confiável e verificável de conhecimentos. Peirce descreveu a necessidade humana de estabilizar o sentimento de angústia provocado pela dúvida (que só termina quando esta dúvida é dirimida), como propulsora da busca de conhecimentos. Na impossibilidade de terminar essa angústia, o homem se apega às suas crenças. Algumas delas são frutos do senso comum. Outras são impostas, de forma autoritária. Para Peirce, a busca das respostas das questões impostas na compreensão dos fenômenos deve passar pelo uso do raciocínio lógico, por abdução (hipótese, presunção ou retrodução).

Comparando vários métodos de fixação de crenças, como: *autoridade*, *tenacidade*, *dialógico-comunicacional*, *a priori* e *científico*, Peirce atenta para o potencial que cada um possui de estabelecer uma opinião e procura demonstrar que os resultados obtidos, com os primeiros métodos, podem ter levado a se manterem, por muito, tempo crenças em afirmações equivocadas. O método da *autoridade*, predominante nas ações do Estado e das religiões, se caracterizou, principalmente, por calar as vozes discordantes. O método da *tenacidade* se mostra demorado e demanda árduo trabalho para apresentar resultados. Para o pesquisador, somente o método científico conduz a respostas mais eficazes e duradouras.

Maldonado (2010) observa a necessidade de reflexão lógica, de superar a filosofia especulativa, de superar as inferências que partem somente do raciocínio, da lógica dedutiva. A relação com o empírico se dá mediada pelo desenho teórico-metodológico do problema. É preciso formular problemas, definir uma situação de problema, os questionamentos que levam aos trabalhos de pesquisa relevantes. Para o pesquisador, “é necessário levar a mente para o laboratório” (MALDONADO,

¹⁶ PEIRCE, C. S., A fixação da crença. *Popular Science Monthly* 12 (November 1877), p. 1-15. (Tradução de Anabela Gradim Alves, disponível em: <http://www.lusofia.net> – acessado em: 17 /01/2011).

2010), fazendo com que os instrumentos físicos (que são ferramentas da inteligência, com propriedades e características específicas) se transformem em “instrumentos de pensamento”. É preciso pesquisar as pesquisas e pesquisar o que já foi feito para, a partir das premissas de que se dispõe como ponto de partida, dos princípios orientadores e utilizando critérios lógicos, tentar desvendar as questões propostas na pesquisa, utilizando a lógica formal, articulada com as várias lógicas que envolvem o objeto.

A crítica aos paradigmas acontece quando os modelos importantes, que tradicionalmente têm orientado a produção científica, se transformam em modelos fechados, acabados ao ponto de se tornarem obstáculos ao avanço da ciência. Os realistas, que têm suas origens no racionalismo cartesiano do século XVII, pressupõem a existência de uma identidade fundamental entre a natureza e a razão, cabendo aos cientistas apenas a tarefa de descobrir (e não inventar) as leis que regem a natureza. Já os positivistas, cujo pensamento se encontra enraizado no empirismo inglês do século XVIII, acreditam que toda ordenação racional, que existe sobre a natureza, são leis inventadas por cientistas para descrever os fenômenos que possuam certas regularidades. Admitem que um mesmo fenômeno possa ser explicado por várias teorias. A verdade é vista como algo estabelecido pela experiência científica. A lei da gravitação universal, por exemplo, que fala da força de atração entre os corpos (massas), desenvolvida por Isaac Newton (que foi um dos primeiros estudiosos a negar o uso de hipóteses não comprovadas experimentalmente na construção das teorias), continuaria existindo, independentemente de sua descoberta ou vontade do descobridor. Comte¹⁷, em uma abordagem positivista, a entende como sendo apenas *a descrição do movimento dos astros*.

Gastón Bachelard (1981, p. 115), em uma epistemologia crítica, entende os fatos (comunicacionais) como ideias (raciocínios). O pensamento científico é construído em uma perspectiva dialética. O mundo construtivista utiliza a invenção e a descoberta na elaboração da ciência. O objeto científico é construído a partir de um recorte e da formulação de uma problemática teórica: a abordagem epistemológica exige um contínuo questionamento sobre a atividade científica, transgredindo ocasionalmente algumas regras, para que a criatividade possa se

¹⁷ Fonte: JAPIASSU, Hilton. Questões epistemológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

expressar. A objetividade, para Bachelard (1981, p. 128), não é uma relação direta e superficial entre a dimensão empírica, dos fatos e processos e a dimensão do pensamento. É uma relação complexa: dá-se através das mediações. E a primeira mediação é a linguagem, onde ocorre uma imersão cultural profunda, por onde são conhecidos os conjuntos e matrizes culturais, geradores de vínculos sociais.

1.02 - A Constituição de uma Problemática

O contato com certas realidades somente acontece mediado. Mesmo quando se está presente, mesmo quando se é “testemunha ocular” de algum evento, esse apenas é revelado sob os filtros culturais, adquiridos ao longo da vida. Para grande número de fenômenos, a observação direta, a olho nu, é impossível. As propriedades do observável (pequeno demais, grande demais, invisível a olho nu, radioativo, muito longe, muito quente, frio demais), cuja existência pode ser imaterial, da dimensão das ideias, ou inacessível aos sentidos, de modo que as inferências, se desprovidas das ferramentas e metodologias, podem se mostrar frágeis e inadequadas.

É preciso ter uma visão crítica sobre os métodos, sobre as práticas e sobre o senso comum. Deve-se ficar atento aos abusos da etimologia e aos discursos que impedem o avanço científico. É preciso desconstruir os discursos e as “verdades absolutas”.

Para Bachelard (1981), a ideia da *dúvida* como organizadora do campo científico é muito limitada e insuficiente para constituir uma problemática. Para ele, a constituição de uma problemática seria mais efetiva para a investigação científica do que o estabelecimento de dúvidas. O problema, mesmo mal formulado, é visto como o ponto de partida da investigação (BACHELARD, 1981, p. 135).

Os fatos científicos não são dados e sim construídos. Os fatos e processos existentes se tornam fatos científicos quando o pesquisador gera uma pesquisa sobre esse fato, realizando uma construção intelectual, problematizando-o. A busca pela objetividade se mostra mais promissora com uso de estratégias metodológicas que permitam delimitações afinadas. O objeto determina o problema da investigação, mas não se podem definir, a priori, as técnicas a serem utilizadas. O

mesmo objeto pode ser estudado sob as diversas perspectivas (sociais, históricas, comunicacionais etc.).

A pesquisa de pesquisas, os contatos com o conhecimento já produzido e a pesquisa teórica tornam-se fundamentais para: a problematização, a reconstrução e o realinhamento do objeto. É necessária uma imersão no pensamento científico, um contato com as técnicas e saberes indispensáveis a uma pesquisa científica, da qual se espere resultados duradouros. Os saberes locais, muitas vezes vindos do senso comum, não devem ser completamente descartados. Devem ser levados em conta, considerados como importantes e podem ser úteis.

Vários paradigmas que, em certa época, foram de grande utilidade para o avanço científico, hoje se mostram insuficientes para a construção de conhecimentos refinados. Não se trata de descartá-los, pois já estão incorporados e são básicos. Entretanto, várias novas questões, como o estudo dos discursos antiproibicionistas, solicitam novas formas de abordagem, aliadas à ampliação dos horizontes metodológicos, que permitam, com precisão e criatividade, respondê-las satisfatoriamente. A diversidade metodológica é muitas vezes solicitada na pesquisa.

O método é uma astúcia de aquisição de saber. São táticas para resolver problemas aparentemente insolúveis. O pensamento científico é testado e questionado constantemente, quando sua validade é aferida e a sua provável superação é proposta.

As teorias, metodologias e conhecimentos remanescentes (cartesianos, newtonianos, positivistas etc.) podem até representar um bom início, sendo ainda úteis em configurações que agora se revelam básicas, mas que garantiram o percurso científico até os dias de hoje. Até mesmo os saberes populares, adquiridos na luta pela sobrevivência, não podem ser totalmente descartados. As tradicionais parteiras (substituídas, na atualidade, por médicos obstetras e novos métodos e técnicas) cumpriram por milênios o papel de recepcionar os novos filhos da humanidade. O avanço científico, no entanto, deve ser sempre uma meta que coloque a vida no nosso planeta como o centro de suas preocupações.

O rigor científico não é exclusivo das ciências naturais. Deve também ser aplicado à filosofia e ciências sociais. Popper (1975, p. 14) alerta para os enganos

provocados pelo uso do senso comum, presente nas questões de partida de várias teorias. O autor ressalta a importância de se construir teorias enriquecedoras, imaginativas, argumentativas, elucidativas e críticas. É preciso construir raciocínios inter-relacionados, estruturando uma argumentação sólida. Popper (1975) critica fortemente os critérios de validação das afirmações, de formação de crenças, mostrando que não se pode ter certeza absoluta das asserções sobre regularidades, mesmo observadas repetições em ciclos periódicos, não se pode garantir sua existência no futuro. Para ele todas as teorias não passam de suposições e sua validade sempre poderá ser contestada. Popper (1975, p. 36) não “crê” que as teorias representem a verdade e nem que possam ser demonstradas. Procura mostrar que, por mais duradoura que seja a aplicabilidade de uma teoria, surgirá uma nova que certamente a superará, expondo suas falhas e resolvendo questões que a anterior não resolveu, provocando sua então refutação; assim como o cartesianismo foi superado pelo trabalho de Newton que, por sua vez, foi ultrapassado pela teoria de Einstein que, além de resolver as questões da teoria newtoniana, resolve também questões não alcançadas por esta.

Estas teorias cumpriram um papel de resolver algumas questões, mas já se mostraram inadequadas para outras questões mais complexas. Isso é provável que ocorra também com as teorias mais recentes. Sua proximidade com a verdade será questionada e outra teoria fornecerá resultados com maior verossimilhança ou *verossimilitude*, como nomearia Popper (1975, p. 54).

É importante certa economia na formulação do problema, expondo-o como realmente é. Será também de grande utilidade a reconstrução de outros problemas, observando suas lógicas e metodologias. É preciso estudar e compreender as várias teorias, pois o estudo teórico e histórico da situação problema é indispensável. A análise lógica e situacional é importante, pois os contextos (os múltiplos contextos, para Maldonado, 2010) não podem ser desconsiderados.

Conforme o norte-americano Thomas S. Kuhn, físico e filósofo das ciências, paradigmas são “as realizações científicas, universalmente reconhecidas, que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1987, p. 13). Esses modelos, enquanto considerados válidos, serão amplamente utilizados. Essa ampla utilização desses paradigmas pode gerar anomalias. O pesquisador deve procurar evitar os

enganos e mitologias, que se reproduzem em modelos sem a qualidade e sofisticação científica. Para o autor, quando os atuais paradigmas deixarem de resolver questões importantes e cruciais, provavelmente teorias e novos caminhos alternativos já estarão sendo arquitetados. A sua proposta é que a pesquisa científica se estenda além dos paradigmas impostos pelos formalismos, utilizando arranjos criativos, para promover as transformações. Os paradigmas se apresentam como estáveis, mas na ciência a instabilidade é uma característica fecunda. São necessários pensamentos orientadores para aprofundar a pesquisa e torná-la frutífera e para que seus objetivos sejam exequíveis.

1.03 - A Perspectiva Transmetodológica

Em artigo publicado no livro “Perspectivas Metodológicas em Comunicação” de 2008, o pesquisador Efendy Maldonado defende uma epistemologia da comunicação que se volte para a realidade instaurada nas últimas décadas. O uso massivo dos avanços tecnológicos, as ações comunicativas no ciberespaço, a grande variedade de produções simbólicas, nos diversos suportes midiáticos, as novas lógicas e as estratégias comunicativas digitais emergentes desafiam os antigos paradigmas. O pensamento mecânico-instrumental já se mostra insuficiente para circunscrever os fenômenos de uma nova cultura de informação, conhecimento e experimentação (MALDONADO, 2008, p. 27). O autor propõe o aprofundamento e o desenvolvimento de concepções e estratégias de caráter transmetodológico. Afirma que a resolução de problemas empíricos e teóricos exige abordagens multifocais e que os sistemas de comunicação criados no século passado ainda possuem hegemonia mercadológica, mas já surgem várias alternativas criativas, independentes da influência dos meios tradicionais.

A crise dos paradigmas disciplinares das ciências condicionou o pensamento comunicacional como campo de conhecimento e área de pesquisa institucional. As pesquisas da comunicação se iniciam buscando modelos em múltiplas fontes. O campo de pesquisa comunicacional se configura em uma realidade entrecortada por regimes autoritários, em um contexto multidimensional, fortemente influenciado pelas demandas capitalistas, que impõem seus modelos técnico-instrumentais.

O desafio da formulação de estratégias e modelos adequados a essa realidade complexa, repleta de multiplicidades, leva Maldonado a propor uma Abordagem Transmetodológica como uma opção epistemológica, caracterizada pela confluência de métodos, pelo entrelaçamento de lógicas diversas, modelos e estratégias mistas, que possam circunscrever os vários aspectos das questões da comunicação. Para o autor, os meios massivos foram importantes na constituição das subjetividades e na *alfabetização* midiática, levando ao público, além do entretenimento e notícias, as lógicas operativas acionadas.

Com o avanço científico que proporcionou a enorme disponibilidade dos “aparelhos técnicos” (MALDONADO, 2008, p. 33); com o barateamento de produtos tecnológicos, e com a consolidação da internet como meio de múltiplas interações, onde a troca de informações e arquivos possibilita o acesso a técnicas e facilita a compra de equipamentos; observou-se uma grande quantidade de produções caseiras de vídeos, músicas, poesia, fotografia, teatro, cinema, documentários, textos, hipertextos e ensaios. A ampla experimentação simbólica se estabelece nos suportes digitais. Vários talentos desconhecidos têm melhores oportunidades para se expressarem.

A ciência é entendida como algo que deve estar a serviço do bem estar das pessoas¹⁸, orientada para o bem comum. O mundo precisa ser modificado¹⁹, sob uma razão *multilética* (MALDONADO, 2008, p. 36), linha de estudos que amplia o pensamento dialético, mostrando os múltiplos confrontos, os múltiplos questionamentos, possibilitadores de uma problematização adequada a esses novos contextos múltiplos. Vários paradigmas devem ser transdisciplinarmente pesquisados. Esses múltiplos modelos precisam dialogar entre si, de modo que conhecimentos, gerados a partir dos desafios de sobrevivência da humanidade, possam ser considerados.

O pesquisador deve estar explicitado, pois cabe a ele a fabricação desse conjunto de mediações. Para Maldonado, o pesquisador é um sujeito interventor e produtor de sentidos, e deixará suas marcas no trabalho produzido. Para ele, a transmetodologia permite acesso a uma multiplicidade teórico-metodológica, capaz de “realizações férteis” para a o avanço científico.

¹⁸ Primeira premissa (Maldonado, 2003).

¹⁹ Segunda Premissa (idem).

1.04 - Produção de Sentido. Processos de significação do real

Desde o nascimento (ou antes), o ser humano começa a se comunicar com o mundo. Primeiramente de forma instintiva e depois, com o domínio do idioma, das linguagens de interação com o mundo e do poder de abstração, passa a elaborar um nível mais complexo de comunicação, transmitindo ideias, sentimentos, experiências e impressões do mundo, através da simbologia da linguagem. Expressa, sobretudo, os signos de sua cultura, revelando o contexto e o tipo de sociedade em que vive. Mas, não somente transmite: constrói o mundo, trazendo ao universo discursivo o que existe (ou não), e dá vida às pedras, recriando a realidade discursivamente.

Em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos “primitivas”, danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções da arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagens que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. (SANTAELLA, 1999, p. 08).

A comunicação do homem com o mundo se dá por meio de seus cinco sentidos e da interpretação que o cérebro faz dos sinais por eles captados. Estes sinais constituem as várias linguagens, (entre as quais estão as línguas ou idiomas, o Braille e o LIBRAS²⁰) compostas de gestos, sons, sinais, imagens, luzes, cores, gráficos, e códigos de programação de computadores (SANTAELLA, 2007, p. 06).

Nada do real escapa da eterna tentativa humana de recriar uma referência no universo da linguagem. Nada escapa da busca humana de sua total tradução em códigos de linguagem, mesmo cientes da inesgotabilidade do real. Por mais que o descrevam, existirá sempre alguma coisa a mais por dizer sobre algo. O real é apresentado por centenas de discursos que competem, entre si, pelo poder de dizer e mostrar.

A realidade e seus eventos são, então, relatados de diversas formas, por meio de inúmeros sistemas sígnicos. Os vários suportes midiáticos demandam técnicas específicas de reconstrução dos eventos da realidade. Os meios de comunicação desenvolveram, ao longo de anos de prática, habilidades e competências de recriação e significação do real, desde a captação, interpretação,

²⁰ Linguagem brasileira de sinais, para pessoas com problemas auditivos.

edição e distribuição. O jornalismo impresso se utiliza dos signos da linguagem escrita e de toda a iconografia da linguagem gráfica, como: fotografias, desenhos, gráficos e textos. O papel impresso foi, durante séculos, o principal suporte midiático. As técnicas desenvolvidas e a experiência acumulada tornaram o jornalismo impresso uma instância paradigmática, na comunicação. As técnicas de redação, reportagem, entrevista, seleção e edição, entre outras, utilizadas nos outros meios, foram herdadas e adaptadas do jornalismo impresso.

Os signos utilizados no rádio, para reconstrução, do real são de natureza sonora. O rádio precisou desenvolver técnicas de expressar a realidade utilizando somente sons. O texto falado e os efeitos sonoros são utilizados de modo a colocar o ouvinte no palco dos acontecimentos. A linguagem radiofônica, coloquial, simples e direta, depurada ao longo de décadas, aliada à imaginação do ouvinte, tem grande poder de recriação discursiva dos acontecimentos brutos. A narração radiofônica, apesar de não utilizar imagens, consegue exercer, sobre a experiência do seu público, um efeito de realidade que se sobrepõe à percepção imediata do mundo, como no caso do torcedor que leva um rádio ao estádio para ouvir a narração, enquanto vê o jogo. A narrativa jornalística, acessível nesses dispositivos, proporciona que se colham informações, cuja experiência direta seria impraticável. O sentido do que é experienciado somente se completa quando é legitimado pela mídia.

O processo de reconstrução da realidade pela linguagem da televisão reúne os recursos visuais estáticos das revistas e jornais impressos (grafismos), a imagem em movimento do cinema, do teatro e circo, e sonoros do rádio (falas, músicas e efeitos). Com tantos recursos, a televisão criou um estilo próprio de representação da realidade. A era dos computadores conectados em uma rede mundial, possibilitou, com a internet, o surgimento de um novo suporte jornalístico, no qual podem coexistir todos os formatos praticados nos suportes anteriores. Informações migram pelas várias plataformas disponíveis, partindo, por exemplo, do ciberespaço para jornais, revistas, rádio e televisão, circulando em *tablets*, celulares e computadores, o que tem demandado tantos estudos.

1.05 - Semiótica

A semiótica é uma ciência recente (embora o conjunto de saberes dos quais se origina sejam bem antigos), cuja definição ainda está em construção, como explica a pesquisadora Lúcia Santaella, no seu livro “O Que é Semiótica” (2007), para a autora, o campo de aplicação da semiótica é tão amplo quanto a própria vida, e uma definição, nesse estágio do seu desenvolvimento, somente limitaria a amplitude do conceito. A autora discute conceitos importantes para a construção dessa definição, sugerindo que a semiótica é bem mais que somente a ciência que estuda os signos:

É a ciência que tem por objeto de estudo todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1999, p. 10).

Os modos como o homem atribui significado ao universo ao seu redor são estudados há centenas de anos. O termo semiótica vem do grego *sēmeiōtikos*. Os estudos que originaram a semiótica são contemporâneos da filosofia e também tem sua origem na Grécia Antiga. Compreender o mundo e seus fenômenos, relacionando-os aos sinais existentes na natureza, era um imperativo na luta pela sobrevivência da espécie humana. Entender os sinais de chuva ou de fogo, seguir pegadas de animais, observar as mudanças de estação climática, entre outras práticas de investigação, treinaram o olhar humano, habituaram o homem a lidar com signos e a fabricá-los, para se expressar.

Anos mais tarde, esses estudos de sinais deram origem a duas importantes vertentes: a semiologia, europeia, desenvolvida por Ferdinand Saussure (atualmente mais ligada à área médica, aplicada na sintomatologia da medicina); e a semiótica, a vertente americana desses estudos, trabalhada, principalmente, por Charles Sanders Peirce. Segundo Alsina (1995), essas vertentes seguiram caminhos diversos, por muito tempo, e somente a partir das publicações de Umberto Eco é que as duas linhas de estudo puderam ser aplicadas juntas.

El primero desarrolló una semiología o semiótica estructuralista a partir del estudio de la lingüística. Peirce, por el contrario, partía de la filosofía pragmática para estudiar cualquier clase de signos, no solo los lingüísticos. Durante muchos años estas dos corrientes semióticas siguieron recorridos paralelos sin encontrar puntos de

contacto, dado que partiam de principios distintos (ALSINA, 1995, p. 89).

Os modos de apreensão e representação mental da realidade se dão por meio de signos. A quase tudo do real ou irreal são atribuídos significados. Peirce (2003) considera que “a trama de todo pensamento e de toda pesquisa são os símbolos, e que a vida do pensamento e da ciência é a vida inerente aos símbolos” (PEIRCE, 2003, p. 35). Para o autor, somente através dos signos é que o real pode ser conhecido. Comunicar significa colocar em ação e em relação cadeias sígnicas capazes de evocar e produzir sentidos. Para Peirce, os próprios discursos são signos. A semiótica, na visão peirceana, é a ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como sistemas sígnicos ou sistemas de significação. A pesquisadora Lúcia Santaella considera que:

(...) a semiótica peirceana, longe de ser uma ciência a mais é na realidade, uma filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que revolucionaram, nos alicerces, 25 séculos de filosofia ocidental (SANTAELLA, 1999, p. 06).

A cultura humana nomeia a todas as coisas, para poder evocá-las no discurso, despertando na mente do seu interlocutor a representação da ideia ou objeto referido. Para C. S. Peirce, o homem atribui significados em uma sequência de três categorias, às quais nomeou *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*. *Primeiridade* corresponde a uma primeira impressão, à qualidade, à consciência imediata, às Ideias. Na *Primeiridade*, segundo Santaella, “a qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) *in totum*, invisível, não analisável, frágil” (SANTAELLA, 2007, p. 20). É a categoria que atribui à experiência sua qualidade singular, seu sabor, a cor, seu perfume que logo se dissipa na brisa. É aquilo que ocupa a mente antes que se possa analisar detalhadamente.

O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, aquilo que se oculta ao nosso pensamento. A qualidade da consciência, na sua imediaticidade, é tão tenra que mal podemos tocá-la sem estragá-la (SANTAELLA, 1999, p. 20).

Secundidade é a existência material, ação externa, materialidade das coisas. É a ocorrência, o conceito em ação. Como explica Santaella (2007): o “simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo momento, que estamos reagindo em relação ao mundo”. Para a autora, existir “é sentir a acção de fatos externos

resistindo à nossa vontade” (SANTAELLA, 2007, p. 20). É também, uma atualização das qualidades da *primeiridade*. *Secundidade* é a leitura atenta, com a compreensão da profundidade dos conteúdos.

Terceiridade corresponde a uma elaboração do intelecto. Nessa etapa os pensamentos se estruturam por meio de signos, através dos quais se representa e interpreta o mundo. *Terceiridade* é a categoria onde se realiza “uma síntese intelectual”, uma elaboração cognitiva, quando o emissor enriquece a frase com a sua própria experiência e agrega à enunciação um contexto pessoal:

(...) corresponde à camada de "inteligibilidade", ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é o primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu -, é um terceiro (SANTAELLA, 1999, p. 20).

Conforme Peirce, existem três tipos fundamentais de signos: o *ícone*, o *índice* e o *símbolo*. O *ícone* mantém uma relação de proximidade sensorial, ou emotiva, entre o signo e o objeto, como o desenho indicativo de acesso para portadores de deficiências, ou bonecos desenhados em portas de banheiros. O *índice* (indício) é um indicador de algo já conhecido pela experiência, como a fumaça, que pode indicar a presença de fogo, ou como vestígios de sangue, da vítima assassinada, na roupa de seu provável algoz. O *símbolo* é um signo que, por convenção arbitrária ou por lei, se refere a determinado objeto, como as palavras de um idioma ou as bandeiras de países e estados.

Os três tipos de signos descritos não são monolíticos e devem ser pensados nos meandros da fenomenologia peirceana e suas categorias. Através dessa proposta, as categorias não funcionam como fenômenos puros: isso só é possível idealmente no plano da abstração. Na concretude das linguagens só existem formas híbridas, degeneradas das categorias. Na sequência, semióticas específicas exigem aportes teóricos oriundos das próprias linguagens, aspecto que, em sintonia com as categorias peirceanas, avança na direção de “imaginação categorial”, no sentido empregado por Jesus Martin-Barbero (2002) em *O Ofício do Cartógrafo*.

Peirce chamava a atenção que a *Secundidade* sempre terá elementos da *Primeiridade* e que a *Terceiridade* igualmente conterà *Secundidade* e *Primeiridade*. Como o que acessamos e pensamos já está inscrito em nível terceiro, seja pelo fato

de que entre a dimensão primeira e segunda sempre se interporá um signo ou pela circunstância de que todo o signo já está inscrito em algum nível de codificação, estaremos reiteradamente lidando com formas degeneradas das categorias. Por isso ele postulava que talvez nem se devesse chamar as categorias de concepções. Ele entendia que elas são tão inatingíveis nas suas formas puras que mais pareciam timbres ou matrizes de conceitos (FRAGOSO, HENN e REBS, 2009).

Como profundo pesquisador de lógica, Peirce a incorporou à semiótica, em seus fundamentos, acrescentando ao novo estudo, sólidas bases conceituais, capazes de classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. Segundo Santaella (1999), Peirce pretendia:

(...) gerar uma fundamentação conceitual para uma filosofia arquitetônica, baseada em uns poucos conceitos simples e suficientemente vastos a ponto de dar conta do trabalho inteiro da razão humana (SANTAELLA, 1999, p. 06).

A Teoria dos Signos de Peirce (2002) descreve o processo pelo qual algo é transformado em signo, conhecido como: semiose. Esse processo, quando propulsionado por algum fenômeno, se estende infinitamente, sempre que se tenta representar aquilo que já representa algo. Para o pesquisador Ronaldo Henn, os acontecimentos jornalísticos possuem o poder propulsionador da semiose, a qual define como:

A semiose é a ação do signo em todos os seus desdobramentos, não apenas o que se estabelece na fruição de um signo qualquer com um provável intérprete, mas também o conjunto de atividades semióticas anteriores à sua produção específica com todos os potenciais sentidos produzidos numa perspectiva muito ampla de tempo. Isso inclui até mesmo ações concretas, como mobilizações sociais motivadas por determinadas articulações de signos (HENN, 2011, p. 10).

1.06 - A análise dos discursos

Análise de discursos é uma expressão ampla que é trabalhada em diferentes campos, sob diversos enfoques. A semiótica, por não se restringir à semântica e sintaxe do texto, e por utilizar vários sistemas semióticos como objeto de estudo, tais como: vídeos, música, fotografia, cinema, grafite, vestuário, gestos, tatuagem, religião ou ciência, quando aplicada à análise de discursos, possibilita o

desenvolvimento e utilização de metodologias adequadas para estudos de acontecimentos que reverberam por toda a cadeia midiática.

Os atuais métodos de análise de discurso muito se devem aos pioneiros trabalhos desenvolvidos: pelo linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure (compiladas no seu Curso de Linguística Geral); pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (a lógica especulativa da dialética); pelo matemático e filósofo alemão Friedrich Ludwig Gottlob Frege (na área da matemática e da lógica); pelo médico psiquiatra francês Jacques-Marie Émile Lacan (Psicanálise); pelo filósofo e antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (antropologia estruturalista); pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (estudos da Escola de Copenhague); ao estudo gramático histórico e à evolução do estudo dos signos na língua e na história. As linguagens iconográficas, simplificadas e outros sistemas que não usam as palavras, como as linguagens gestuais e simbólicas, passam a ser estudadas na comunicação. Com o surgimento de estudos sobre significação, onde os aspectos ideológicos e as tentativas de análises contextuais sociolinguísticas e psicolinguísticas (abordagens na linha psicanalítica de Marx e Freud) são priorizadas, inicia-se uma linha de estudos cujos métodos de análise perguntam ao discurso: “o que isso significa?”. Com os estudos de Roland Barthes (que mescla semiologia, mitologia e ideologia) esses estudos evoluem e possibilitam o surgimento da análise de conteúdo que investiga o significado (aspectos ideológicos, geralmente) das obras.

A partir das décadas de 1960 e 1970, com as produções de teóricos, como: o linguista estruturalista francês Émile Benveniste (*L'appareil formel de l'énonciation*, in Problemas de Linguística Geral, 1969); o filósofo inglês John Langshaw Austin (Teoria dos Atos de Fala, 1962), o filósofo e linguista russo Roman Jakobson (Linguística, poética, cinema, 1970), o filósofo norte-americano John Rogers Searle (Atos de Fala, 1969) e o linguista francês Charles Bally (A linguagem e a Vida, 1913); passou-se a estudar os elementos da gramática ao falar. Com os estudos de enunciação do linguista francês Antoine Culioli (Teoria das Operações Enunciativas), se desenvolveram as bases da análise dos discursos sociais, quando a comunicação passa a ser encarada como uma ação, cujos mecanismos são dados (suas marcas impregnam toda produção discursiva) e são mapeáveis, apreciáveis. A análise de discurso, com bases mais pragmáticas do que sócio-analíticas, inicia-se

com os estudos da comunicação do indivíduo, com J. L. Austin (1962) e J. R. Searle (1969).

A análise de discursos empregada neste trabalho será utilizada como uma das ferramentas auxiliares da Análise Flutuante Transmetodológica, e trará as contribuições teóricas de pesquisadores, como: Milton José Pinto (As Marcas Linguísticas da Enunciação), José Luís Braga (Análise Performativa) e do filósofo francês Michel Pêcheux (Análise Automática do Discurso).

A análise de discursos em Pêcheux, de abordagem materialista, traz, na ideia de “*referente*” (o contexto remetido pelo enunciado), possibilidades de refinamentos da análise. Ao incluir chaves conceituais, como: “dialética”, “luta de classes”, “imaginário”, que, apesar de oriundas de outros campos do saber, fornecem à análise um conjunto de informações, passíveis de inferências vigorosas. Os conceitos *formação discursiva*, *interdiscurso* e *pré-construídos*, entre outros, permitem que fenômenos complexos, como a *luta de classes* possam ser experimentados de modo objetivo:

(...) o proletariado experimenta progressivamente, sob a democracia burguesa, o irrealizado do movimento popular, e descobre pouco a pouco que a burguesia tem a necessidade vital de que esse ponto permaneça irrealizado: a dominação da ideologia jurídica introduz assim, por meio de seu universalismo, uma barreira política invisível, que se entrelaça sutilmente com as fronteiras econômicas visíveis engendradas pela exploração capitalista. (PÊCHEUX, 1987. p.11).

As condições de produção do discurso em Pêcheux (1987. p. 83) se referem ao emissor e ao local da emissão, ao receptor e ao lugar da recepção. Os processos discursivos são representados por *formações imaginárias*, que podem ser descritas por questionamentos, cujas respostas são fundamentais para a análise. Márcia Benetti Machado e Nilda Jacks, no artigo: “O Discurso Jornalístico”, resumem bem a descrição:

Pêcheux também formulou um conceito caro ao estudo do jornalismo: o de formações imaginárias. O sujeito que fala tem dois horizontes imaginários ao longo dos quais se desloca na enunciação dirigida a um interlocutor, refletindo sobre si e sobre o outro. Primeiro, pergunta-se “quem sou eu para lhe falar assim?” (“que posição ocupo”), depois pergunta-se “quem é ele para que eu lhe fale assim?” (“que lugar ele ocupa”). Em contrapartida, o próprio interlocutor lida com outros dois horizontes sobre si mesmo e sobre quem lhe fala, perguntando-se “quem sou eu para que ele me fale

assim?”, e especialmente “quem é ele (ou pensa que é) para que me fale assim?” (MACHADO e JACKS, 2001, p. 05).

Figura 03

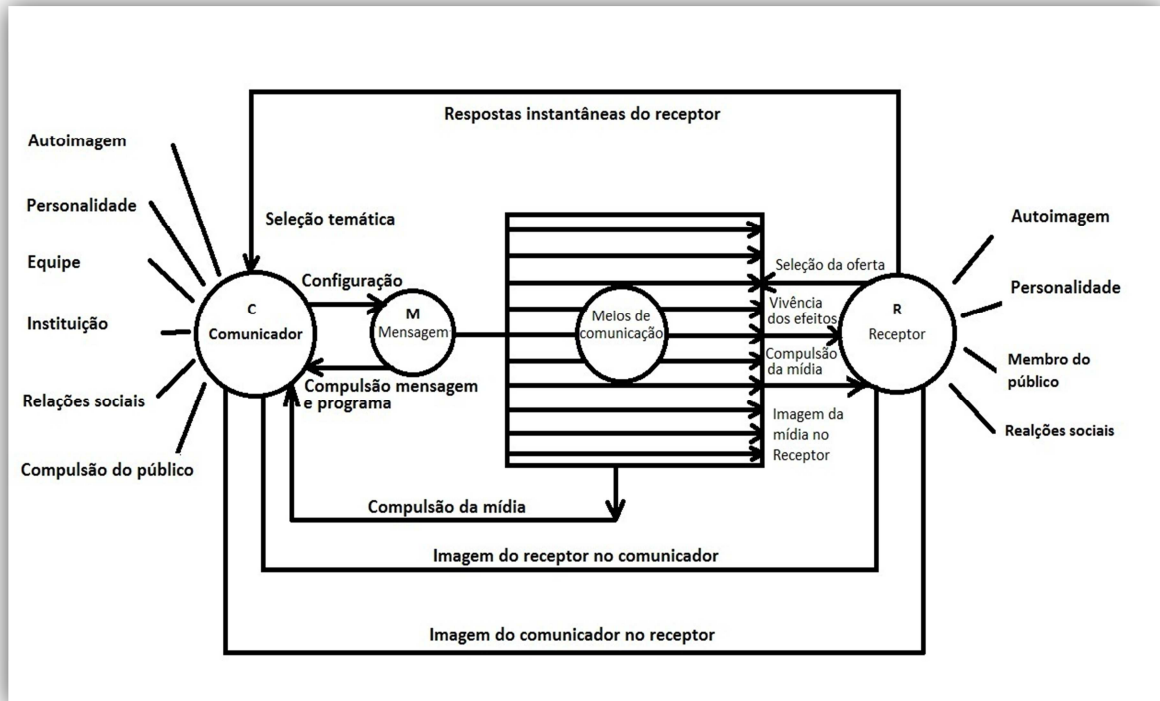


Gráfico do Modelo de Comunicação de Maletzke²¹.

O livro “Los Modelos de La Comunicación”, do comunicólogo espanhol Miquel Rodrigo Alsina (1995), traz a representação gráfica do modelo de comunicação elaborado pelo psicólogo polonês Gerhard Maletzke. Este modelo em muito se assemelha às formações imaginárias de Pêcheux, podendo ser utilizado satisfatoriamente para descrevê-las.

O modelo de Maletzke é bastante abrangente. Inclui outros aspectos importantes para o fenômeno comunicativo nas relações emissor / receptor, como a empatia do receptor com a imagem que construiu do emissor, e do meio utilizado (amizade, respeito, credibilidade, desconfiança, desprezo ou aversão), que influirá na *seleção da oferta*, fazendo o receptor (ouvinte, leitor, telespectador, internauta) mudar de canal ou continuar no mesmo. Os discursos estudados nesse trabalho não estão apenas expressos em textos, e sim distribuídos por imagens, sons e gestos, que constituem outras formas expressão de um discurso.

²¹ Fonte: ALSINA, Miquel Rodrigo. Los Modelos de la Comunicación. Tecnos, Madrid, 1995.

Para a análise de textos, foi também utilizada a Análise performativa, desenvolvida pelo professor Dr. José Luiz Braga, que combina o “método indiciário”, do pesquisador Carlo Ginzburg, com o estudo de casos; e também foram consultados os métodos de análise de discursos de Milton José Pinto, descritos no seu livro: “As Marcas Linguísticas da Enunciação - Esboço de uma Gramática Enunciativa em Português” (1998). O pesquisador observa que não existe apenas um discurso a ser analisado, e sim vários discursos que se mesclam, entrecortam, justapõem, interpenetram e perpassam. Pinto (1998) estudou a ritualização dos processos comunicativos.

1.07 - Discursos e práticas jornalísticas

Os meios de comunicação não são apenas repassadores das informações contidas em um primeiro discurso, segundo Fausto Neto (1991). São, sobretudo, “dispositivos de produção de realidade e de conhecimento” (FAUSTO NETO, 1991, p. 14). Para o autor, os meios de comunicação “ocupam um múltiplo lugar, deslocando para si, conseqüentemente, os papéis e as atribuições de poderes que, classicamente, apreciam e julgam autos como, no caso, os tribunais” (FAUSTO NETO, 1995, p. 25).

Embora não se tenha total garantia dos efeitos dos discursos sobre seu público-alvo, é preciso que se reconheça sua gramática de produção, seu potencial agendador e fornecedor de sentido, bem com sua capacidade de delimitar os personagens que falam e a própria fala dos personagens, de orquestrar as polifonias, de hierarquizar vozes múltiplas e de editar a realidade.

Relatando o que se passa em outras esferas, o discurso jornalístico é possibilitado pela presença de outros relatos e discursos, que foram apropriados na reconstrução do fato. Através da linguagem, são construídos os vínculos entre o jornal e seus usuários. No entanto, o discurso jornalístico não é simplesmente construído pelo uso que o jornalista faz da linguagem (a língua e suas regras) para relatar um acontecimento, uma informação. Outras vozes estão sempre presentes na oferta de sentido, trazendo ao texto maior densidade argumentativa. O texto jornalístico é produzido de modo a transferir, doar sentidos e atualidades a um receptor (público). O discurso jornalístico possui algumas dimensões que podem ser

observadas no seu texto. A primeira trata-se da *representação*, onde se enuncia, por intermédio da linguagem, algo que está em outro lugar e que é ali representado. Em seguida, vem a *dessacralização* do real, efetuada pela exposição ao público de segredos de outras instâncias de poder. A terceira seria a *revelação*, que encara a informação como um bem social e, portanto, passível de publicação. Finalmente, a *significação*, pela qual um sentido qualquer só pode ser ofertado mediante uma pauta que o determine.

O jornalismo, enquanto dispositivo de poder, recorre a sua competência de local privilegiado de observação, análise e interpretação do real, para guiar, didaticamente, o usuário; deixando claro o lugar de quem possui o saber e aquele reservado ao leitor, que é o papel de quem deve ser orientado por um caminho único, apontando no discurso, que vai reafirmar o poder de dizer - “eu digo o real”; o poder de mostrar - “eu mostro o real”; o poder de fazer saber e o poder de fazer crer - acionado pelos mecanismos do contrato de leitura, vínculos criados com a recepção, e o poder da mídia de criar verossimilhanças e de ofertar sentidos. O processo de operações desses poderes acontece no discurso, acionando intervenções no percurso do acontecimento real, desde a sua produção até a circulação. Através de uma *extração*, são retirados, do conjunto dos acontecimentos, aqueles que são considerados relevantes para o universo jornalístico, para em seguida vinculá-lo ao imaginário popular, por meio da *identificação*. É preciso, pela estratégia editorial, separá-lo de outros fatos e distribuí-lo, de acordo com a sua importância jornalística.

Do lado da recepção, por sua vez, não existe a figura real de um “receptor médio”, ou uma massa amorfa, pronta para receber o sentido que foi ofertado. Existem pessoas que, dentro do horário dos seus afazeres do dia, concedem algum tempo para os noticiários; muitas vezes concomitantemente a alguma outra atividade, como o trabalho, os afazeres domésticos, a leitura de um texto ou durante a ginástica, brincando e conversando com os colegas ou com a família ou, graças ao controle remoto, trocando rapidamente de canais, de modo a “ver” vários programas ao mesmo tempo. O linguista Aleksander Potebniá²² (1989), citado por Ekaterina Vólkova Américo (2012), em sua tese de doutorado em literatura, afirma que: “falar não significa transmitir o seu próprio pensamento a outra pessoa, mas apenas

²² POTEBNIÁ, A. A. Palavra e mito. Moscou, Pravda, 1989.

despertar no outro os pensamentos dele mesmo" (POTEBNIÁ, 1980, apud AMÉRICO, 2012, p. 123).

Do lado do usuário existe todo um trabalho de decodificação e remontagem do texto, objetivando a apreensão das mensagens enviadas. Para isso, necessariamente, a recepção deve conhecer as gramáticas e sintaxes envolvidas, estar a par dos códigos e símbolos utilizados e, principalmente, estar inserido na mesma cultura e no contexto dessa produção, de modo a lhes serem inteligíveis as situações recriadas no texto. Somente conhecer a língua e suas regras não é o bastante para se ter uma leitura plena. Para um completo entendimento e reconstrução de uma mensagem qualquer, são necessários os "Contratos de Leitura" (FAUSTO NETO, 2007, p. 10). Através desses contratos, são criadas as condições que levam a recepção à cena do acontecimento.

Os contratos de leitura podem ser observados em funcionamento em diversos momentos do cotidiano, e em todos os processos de comunicação. Mesmo com algum conhecimento da língua, frases simples, como por exemplo: "troque o pneu do meu carro" não teriam nenhum sentido se ainda não tivéssemos uma noção anterior de cada objeto, além de conhecer as complexas ações que envolvem a técnica da troca de um pneu, como: destravar e abrir o porta-malas, retirar o pneu reserva, a chave-de-rodas e o macaco, acionar o freio de estacionamento, afrouxar um pouco as porcas do pneu, colocar o macaco, erguer o carro, retirar as porcas, retirar o pneu furado, colocar o pneu reserva, recolocar as porcas, mas sem apertar muito, baixar o carro, apertar mais forte as porcas, retirar e guardar o macaco, guardar o pneu furado e a chave e, finalmente, fechar o porta-malas. São aproximadamente vinte pequenas ordens contidas na primeira, além da correlação entre elas, sua sequência, sua lógica e sua mecânica. Neste aspecto, observa-se que uma das condições de funcionamento do discurso jornalístico é a existência de outros discursos que o entrecortam e nele se alojam e que são insumos para sua produção. O discurso é também produzido com as marcas da subjetividade do autor e de todo o contexto, de onde o fato é retirado. O discurso jornalístico é produzido a partir de uma classificação de acontecimentos que, segundo critérios editoriais, são transformados, pelas técnicas e códigos do meio jornalístico, em notícia.

Lorenzo Gomis (1991) mostra o jornalismo como um dispositivo institucional discursivo que processa e irradia modos de reconhecimento do presente, e que as

práticas jornalísticas, incorporadas ao dia-dia das redações, estão passíveis de críticas que, antes de tudo, nos alertam para os perigos e armadilhas não perceptíveis, em uma leitura menos atenta ou desprovida de um questionamento crítico (GOMIS, 1991, p. 11-25).

O predomínio do lado empresarial e comercial das empresas jornalísticas tem possibilitado práticas que favorecem o surgimento de um jornalismo “transgênico”, como mostra o pesquisador Leandro Marshall (2003, p. 120), o que pode ser observado em formas diversas, como: *mimese* (publicidade paga, disfarçada de notícia, sem identificação de informe publicitário); *desfiguramento* (publicidade paga, disfarçada de notícia, com identificação de informe publicitário); *composição* (notícia apresentada com adjetivação e qualificação típicas da publicidade); *releasmania* (publicação de release); *dirigismo* (produção de notícias pelo setor comercial da empresa jornalística); *quinhentismo* (produção de notícias encomendadas pelo setor comercial da empresa jornalística); *editorialismo* (publicidade acompanhada por material editorial elogioso à empresa ou ao produto); *casamento fechado* (quando notícia e publicidade sobre o mesmo tema aparecem no mesmo espaço editorial); *casamento aberto* (quando notícia e publicidade sobre o mesmo tema aparecem em páginas diferentes); *demanda* (criação de produtos jornalísticos, como cadernos, encartes, edições especiais, para atrair mais publicidade); *condicionamento* (publicidade condicionadora ou indutora da linha editorial do jornal); *business* (notícias sobre ações econômicas, empresariais, financeiras, industriais, comerciais ou de serviços que servem tanto aos interesses da empresa jornalística como de grupos empresariais); *ambiguidade* (notícia sobre o mundo da publicidade); *indicidade* (publicação de índice de anúncios publicitários); *merchandising* (evocação intencional de uma marca, de uma empresa, de um produto ou serviço no espaço editorial) *consumismo indireto*; *chamariz*; *isomorfismo*; *integração*; *ideologia*; *sintonia*; *marketing*; *estética* (estetização como forma de convencimento) e *vitrine* (a visita de pessoas físicas ou jurídicas ao veículo jornalístico, com a intenção deliberada de gerar notícias).

Outra prática jornalística criticada é a supressão deliberada das notícias importantes, como alerta Edward Alsworth Ross (2008), sobre os perigos das práticas capitalistas, instituídas nas empresas jornalísticas, e dos rumos que tomaram o jornalismo:

Cada vez mais o dono de um grande jornal é um homem de negócios que não entendeu porque deveria gerenciar o seu negócio de um modo diferente de como fazem o dono de um hotel, o empresário de espetáculos ou o proprietário de um parque de diversões (ROSS, 2008, p. 89).

A venda de jornais representa apenas dez por cento do faturamento das empresas jornalísticas, como explica Ross: “Nos jornais grandes as receitas publicitárias são várias vezes o que entra com os leitores e em alguns casos constituem 90% da receita total” (ROSS, 2008, p. 90). O que pode explicar a influência da publicidade na produção editorial: “o jornal diário está suprimindo constantemente notícias importantes, como consequência de sua comercialização e de sua frequente submissão a interesses externos” (ROSS, 2008, p. 92).

Essa afirmação vem acompanhada de sugestões para a correção e superação dessas práticas criticadas, a partir da instituição de um jornalismo livre, um jornal “corretor”, com a fundação de “jornais financeiramente independentes, apoiados por homens com sensibilidade pública”. Apesar de se conhecerem as soluções, para Ross (2008), esse tipo de jornal enfrentaria muitos obstáculos:

Um jornal livre que pudesse ignorar as ameaças dos grandes anunciantes ou de interesses poderosos, um jornal que não se vendesse, nem se deixasse intimidar, um jornal que pudesse a todo momento revelar a condenada verdade sobre a proteção oficial ao vício, à fraude fiscal das empresas, a apropriação de terrenos pelos trens, ou a desobediência às leis trabalhistas, um jornal assim seria de uma importância estratégica tão grande na luta pela riqueza que se fariam esforços desesperados para anestesiá-lo (ROSS, 2008, p. 101).

O sociólogo e pesquisador Esteban López-Escobar (2008) lembra a importância da independência no jornalismo, mesmo para as influentes lideranças: “Um jornal realmente independente, ainda que não fosse apropriado às massas e sim aos líderes influentes, seria muito eficaz para melhorar a contribuição da imprensa à democracia” (LÓPEZ-ESCOBAR, 2008, p. 86).

O jornalismo, tolhido em sua capacidade crítica, torna-se parceiro de influências pouco democráticas. No seu livro “Contrafogos – Táticas Para Enfrentar a Invasão Neoliberal”, Pierre Bourdieu, alerta que práticas despolitizantes no jornalismo são observadas na tendência a:

(...) sacrificar cada vez mais o editorialista e o repórter em favor do animador-comediante, a informação, análise, entrevista aprofundada, discussão de conhecedores ou reportagem em favor do puro divertimento e, em particular das tagarelices insignificantes dos *talk shows* entre interlocutores credenciados e intercambiáveis (BOURDIEU, 1998, p. 95).

Essas práticas parecem surgir da busca desenfreada pelo aumento do número de espectadores, que representa também aumento de anunciantes e da verba publicitária. O aprofundamento investigativo no cerne de questões nem sempre é líder de audiência, como nos explica Bourdieu:

O medo de entediar e, portanto de fazer baixar a audiência, os leva a dar prioridade ao combate no lugar do debate, à polêmica no lugar da dialética, e a empregar todos os meios para privilegiar o enfrentamento entre as pessoas (os políticos, sobretudo) em detrimento do confronto entre seus argumentos, isto é, do que constitui o próprio móvel do debate (...) (BOURDIEU, 1998, p. 96).

Como em um jornalismo “mosaico”, a banalização da miséria e da violência descontextualizados e despolitizados produz, nas rotinas jornalísticas, desinteresse e uma “amnésia estrutural”, conforme critica Bourdieu, e desmobiliza a ação política do cidadão:

As pressões da concorrência se conjugam com as rotinas profissionais para levar a televisão a produzir a imagem de um mundo cheio de violências e de crimes, de guerras étnicas e de ódios racistas, e a propor à contemplação cotidiana um ambiente de ameaças incompreensível e inquietante, do qual é preciso se manter distante e se proteger, uma sucessão absurda de desastres sobre os quais não compreende nada e nada se pode fazer. Insinua-se assim, pouco a pouco, uma filosofia pessimista da história que encoraja a desistência e a resignação em lugar de estimular a revolta e a indignação (BOURDIEU, 1998, p. 102).

Através dos estudos da pesquisadora Mar de Fontcuberta (2006), podemos observar as características do jornalismo “mosaico” e do “periodismo sistema”. Para a pesquisadora, o jornalismo mosaico é aquele que: desagrega a informação e a descontextualiza; carecem de estruturação interna da pauta; distribuem os conteúdos de forma aleatória; preocupa-se mais com os dados que com o significado; isola os acontecimentos e ignora os processos; simplifica os conteúdos; responde apenas a formatos preestabelecidos; não articula os sentidos construídos em seus temas; confundem dados relevantes com acidentais e desnecessários; é

um sistema fechado e trata sua audiência como consumidores (FONTCUBERTA, BORRAT, 2006, p. 42).

O jornalismo “sistema” de Fontcuberta é, por sua vez, aquele que: conecta, articula e explica seus conteúdos; mostra uma coerência na organização interna da pauta que apresenta um desenho preestabelecido com a flexibilidade para aceitar variações; integra os acontecimentos em um contexto; mostra e explica o desenvolvimento dos processos que o originaram, suas causas e consequências; é inovador; mostra o significado dos dados; é um sistema aberto e concebe seu receptor como um usuário (FONTCUBERTA, BORRAT, 2006, p. 43).

As práticas jornalísticas mais criticadas nem sempre se originam nas rotinas das editorias. Fatores externos se mostram como determinantes de ações prejudiciais à manutenção de um jornalismo de boa qualidade. A censura imposta por regimes de exceção, por exemplo, também provoca sérios danos à imprensa. Ciro Marcondes Filho (2009), no texto “A Língua como Barbárie e a Notícia Como Mercadoria” expõe esta questão, quando afirma que: “a grande imprensa era obrigada a se calar sobre fatos que incomodavam o governo, a se calar inclusive sobre a existência da própria censura nas redações...” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 44).

Falar sobre determinadas coisas, em determinadas situações, nem sempre é possível, por mais que se queira. Para resistir a todas essas condicionantes de práticas nefastas ao jornalismo de boa qualidade, a democracia necessita de um verdadeiro arsenal de combate: Claude-Jean Bertrand (2002), no texto “O Arsenal dos MAS”, mostra que a sociedade se mobiliza, de vários modos, para desenvolver meios, totalmente independentes do governo, de melhorar os serviços de mídia oferecidos ao público. Bertrand faz um inventário de ações necessárias, que vão desde a criação de um código de ética, discutido e aprovado consensualmente pelos profissionais da mídia, criação de espaços de discussão, até listas com milhares de assinaturas, para pressionar a mídia diretamente. São indivíduos, grupos e comitês, fiscalizando e denunciando abusos, e desenvolvendo processos educativos que preparem o público para uma leitura menos ingênua do que é imposta pela mídia.

Para Bertrand, isso é possível, pois os modos para desenvolver meios de melhorar os serviços de mídia (MAS) são democráticos, inofensivos, diversificados,

flexíveis e cooperativos, além de eficientes e baratos, dão prestígio às empresas jornalísticas que os desenvolvem e implementam.

As práticas jornalísticas criticadas gradativamente se distanciam de realidades vividas no dia-a-dia das comunidades periféricas. Os meios de comunicação adotaram, na sua linha editorial e na programação, o discurso ideológico dominante.

Durante o regime militar, o jornalismo brasileiro sofre um duro golpe. Pouco a pouco, a forma direta e clara de noticiar os fatos vai arrefecendo, obrigando o público a ler nas entrelinhas o real conteúdo das matérias. O Ato Institucional n.º 5 veio pôr fim a todo um estilo jornalístico, para o qual a única saída foi copiar o estilo e a forma dos noticiários norte-americanos. Renato Ortiz, no livro “Cultura Brasileira e Identidade Nacional”, afirma que:

Durante o período 64 - 80 a censura não se define apenas tanto pelo veto a todo e qualquer produto cultural, mas age primeiro como repressão seletiva que impossibilita a emergência de determinados tipos de pensamentos ou de obras artísticas (ORTIZ, 1985, p. 89).

A manipulação da notícia, nos meios de comunicação de massa, também ocorre por omissão de dados em um texto ou omissão de determinados assuntos, de relevante interesse para a comunidade. Esse fato, ainda que minimizado em alguns veículos, caracteriza a tentativa de controle exercida pelo discurso ideológico nos meios de comunicação de massa.

A ideologia é um corpo sistemático de representações e normas que nos 'ensinam' a conhecer e agir. A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e engendrar uma lógica da identificação que unifique o pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. Através da ideologia, são montados um imaginário e uma lógica da identificação social com a função precisa de escamotear o conflito, dissimular a dominação e ocultar a presença do particular, enquanto particular, dando-lhe a aparência do universal (CHAUÍ, 1989, p. 03).

Concentrada nas mãos de políticos e empresários, a maioria dos meios de comunicação tenta exercer algum tipo de controle sobre a sociedade. Para isso, é utilizada como criadora de mitos e notoriedades, seja com finalidades eleitorais ou

de comoção social, favorecendo a dominação e perpetuação das elites como classe hegemônica.

A mídia instituída usa de seus recursos comunicativos como verdadeira fábrica de mitos. Quando se analisa a questão da mitificação, segundo Roland Barthes (1987), em seu livro “Mitologias”, percebe-se que “o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem” (BARTHES, 1987, p. 131) e que, sendo o mito uma *fala*, aquilo que possa ser julgado por um discurso se constituirá em um mito, quando esgotada sua historicidade e sua localização contextual. Quando um tema tem seu significado histórico perdido, transmutando-se em uma *forma* em busca de um *sentido*, temos aí a matéria prima do mito, nascida da deformação do sentido, petrificado em algo natural, intrínseco e congênito, tornando a fala mítica acabada, indiscutível.

A leitura do mito, como sistema semiótico, vai dar lugar a um sistema cristalizado no fatural. Praticamente tudo pode se transformar em mito, pelo esgotamento contínuo do seu sentido real ou histórico. Tanto que para destruir um mito é preciso mitificar o próprio mito, esvaziando-o e roubando-o do seu antigo sentido.

A existência de *mitos* é um fato que tem povoado o imaginário dos homens desde os tempos mais remotos, quando a explicação científica dos fenômenos não era ferramenta usual, na apreensão da realidade histórica. Recorria-se, então, ao discurso mítico, para nomear e descrever fenômenos como sendo acontecimentos estanques, totalmente desprovidos do questionamento crítico, necessário à construção do conhecimento.

Nos dias atuais, a mídia, com seu enorme potencial comunicativo, na sua grande maioria controlada por representantes das classes dominantes, tornam-se o laboratório ideal para criação e perpetuação de mitos que podem cristalizar um estado de coisas que “deva” permanecer inalterado, contribuindo para a manutenção dessa mesma dominação. A ideologia instituída apropria-se da linguagem mítica, escamoteando a explicação e significação das coisas.

Barthes, ao afirmar que “o mito é uma fala despolitizada”, constata o caráter comunicativo do mito e sua propriedade de escoar o real, até que não lhe reste o contexto de sua criação que se evapora, não por calar, e sim por esvaziar totalmente

o sentido histórico de um acontecimento, mostrando-o como apenas resultado de um fenômeno “natural”, no andamento das coisas (BARTHES, 1987, p. 162).

A produção de sentido não está somente no que se diz ou se enfatiza e espetaculariza, mas também quando se cala ou se mutila as vozes discordantes, como explica Foucault (1996):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa (FOUCAULT, 1996, p. 09).

É através da mídia que apreendemos uma vasta quantidade de significações e representações simbólicas, com as quais iremos compreender a realidade. A superexposição à programação da mídia, associada a uma diminuição de outras formas de socialização, podem tornar o indivíduo vulnerável à catequese eletrônica que tenta impor, através de seus signos, símbolos e significados, um forte controle comportamental, regidos pela atual lógica de mercado.

A discussão em torno da *Cannabis* não está isenta das peculiaridades do discurso jornalístico. É um tema onde as práticas jornalísticas mais criticadas estão presentes e ativas, tanto para a apologia como para execração. Mitos e estereótipos foram construídos ao longo dos anos de proibição. Para uns, é o “maná” ou “espinafre”. Para outros, é uma “maçã envenenada”. O tema não ficou circunscrito ao discurso jornalístico. Entretanto, a mídia, em suas várias possibilidades, sempre foi a principal vitrine das drogas.

1.08 - O acontecimento jornalístico

O que é um acontecimento? Cada pessoa tem sua definição, pela própria experiência e pelo modo como este lhe atinge. Para as ciências naturais, qualquer evento físico, químico, mecânico, ótico ou sonoro, que possa ser detectado e mensurado por aparelhos de aferição, é um acontecimento. Para as ciências humanas, o acontecimento é aquilo que ao ocorrer afeta a toda sociedade ou parte dela. Para o jornalismo, ele é algo que foge dos padrões de normalidade, cujas causas e potenciais consequências justificam, segundo critérios jornalísticos de noticiabilidade, sua publicação. Para muitos estudiosos, como será mostrado

adiante, antes que algo seja noticiado, sequer poderá ser chamado de “acontecimento”; e que os acontecimentos não são objetos prontos, para assimilação imediata. Os acontecimentos que eclodem na sociedade são construídos pela ação da mídia sobre sua matéria prima, os eventos do dia, obtidos das fontes, segundo pautas previamente elaboradas, enquadrados conforme a linha editorial do veículo, escolhidos entre centenas de outros eventos, por processos de seleção, edição, ordenamento e submetidos aos tratamentos e ajustes adequados ao meio utilizado:

Los acontecimientos sociales no son objetos que se encuentran ya hechos en alguna parte en la realidad y cuyas propiedades y avatares nos son dados a conocer de inmediato por los medios con mayor o menor fidelidad. Sólo existen en la medida en que esos medios los elaboran (VERÓN, 1995, p. 11).

Acontecer, suceder, passar a ser realidade. Algo “inatural” (QUÉRÉ, 2005, p. 59-76), o acontecimento é algo que se torna real. Então, antes de se tornar real é “algo”, mas que ainda não está na realidade. Onde estará? Onde esteve este “algo” antes de se tornar real, antes de acontecer? Em crenças? Em planos? Em ideias? Em previsões e presságios? Em estatísticas probabilísticas? Em “sementes imateriais”? Em sonhos ou pesadelos? O acontecimento acontece na realidade. E, antes de acontecer, viabilizado por condições pré-existentes, ele já estava inscrito no âmbito da realidade.

A realidade não é apenas aquilo que os discursos transparecem. O real não é apenas a matéria sólida, o ar que se respira, a energia ou a luz. O real também é composto de acontecimentos, de sentimentos, de regras, de palavras, de atitudes, de pensamentos e abstrações e de outras coisas que sequer conhecemos ou sonhamos. Para o cientista, matemático e filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, a realidade objetiva existe independentemente da vontade dos cientistas e suas pesquisas. Conforme argumenta Peirce:

(...) existem coisas reais, cujas características são inteiramente independentes das nossas opiniões acerca delas; estas realidades afectam os nossos sentidos de acordo com leis regulares, e embora as nossas sensações sejam tão diferentes como o são as nossas relações aos objectos, contudo, tirando proveito das leis da percepção, podemos descobrir, através do raciocínio, como as coisas realmente são; e qualquer homem, se possuir suficiente

experiência e raciocinar o suficiente sobre o assunto, será conduzido à única conclusão verdadeira (PEIRCE, 1877, p. 16).

Pesquisadores no campo da comunicação concebem a realidade social como uma construção efetuada por práticas discursivas. Conforme o pesquisador Patrick Charaudeau (2006), o real é construído “sempre que tentamos dar conta da realidade empírica” (CHARAUDEAU, 2006, p. 131), tendo que passar pelos filtros de cada ponto de vista. Conforme o autor, a própria realidade social é construída, por meio de discursos, pela percepção de cada um dos atores sociais.

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é preciso nomeá-lo (CHARAUDEAU, 2006, p. 131).

Charaudeau (2006) chama de “processo evenemencial” o fenômeno gerador do “acontecimento significado”, de onde nasce a notícia, definida pelo pesquisador como sendo “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte*, e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 132). O *espaço temático* se refere ao setor da vida social afetado. O caráter de *novidade* traz os novos acontecimentos, ou novas evidências sobre fatos já noticiados. A *fonte* da informação é um dos critérios de avaliação da credibilidade da notícia.

A construção do acontecimento midiático ocorre, conforme Charaudeau (2006), sob critérios de “*atualidade*”, de “*expectativa*” e de “*socialidade*”; para alcançar os objetivos da mídia de “*relatar*” os acontecimentos, “*comentar*” e “*provocar*” o confronto de ideias. Para o autor, o acontecimento em seu estado *bruto* passa por critérios de edição e seleção de fatos, de inserção em editorias e do modo como vai ter visibilidade na mídia, antes de ser veiculado. Para Charaudeau, relatar o acontecimento implica em construí-lo, respondendo aos questionamentos básicos da investigação jornalística (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

As mídias possuem seus critérios internos e externos de importância, na hierarquia dos acontecimentos, conforme Charaudeau (2006). O critério externo apresenta três tipos de acontecimentos, que são: a) acontecimento *acidente* -

inesperados, como as catástrofes, terremotos, tsunamis, inundações e furacões; b) acontecimento *programado* - eventos, como campeonatos de futebol, inaugurações e eleições; e c) acontecimento *suscitado* – preparado e provocado com fins estratégicos, como as denúncias de escândalos, utilizadas para encobrir outro caso. Os critérios internos são aqueles utilizados por cada meio para selecionar o que pode interessar ou emocionar o público. Para explicar tais fenômenos, Charaudeau adota a hipótese *agenda setting*²³, “que se baseia na ideia de que os indivíduos participantes da vida social organizam seus comentários sobre o que acontece no espaço público de acordo com aquilo que as mídias lhes apresentam” (CHARAUDEAU, 2006, p. 139).

Na sociedade atual, com o desenvolvimento tecnológico e a crescente utilização e apropriação de suas lógicas, a percepção do mundo se processa por intermédio dos meios de comunicação. Um acontecimento real, mesmo tendo sua própria materialidade, necessita de um discurso que lhe dê visibilidade e legitimação. O fato de algo existir, ser real ou ter se dado na realidade não é o bastante para ser definido como acontecimento.

O pesquisador Ricardo Fabrino Mendonça (2007), no artigo²⁴ “Movimentos Sociais Como Acontecimentos: Linguagem e Espaço Público”, descreve o acontecimento como:

(...) uma espécie de ruptura na continuidade da experiência, que afeta os sujeitos ao mesmo tempo em que é afetado por eles. Dotado de certa autonomia, o acontecimento cria as condições para sua compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que o causou) como do futuro (MENDONÇA, 2007, p. 119).

Acontecimento é aquilo que se realiza, é aquilo que irrompe a realidade. Mas, na atual conjuntura, onde os meios de comunicação ofertam em grande quantidade os acontecimentos do mundo, não basta *acontecer* algo, é necessário que isso seja conhecido para existir como acontecimento. A Lua, por exemplo, é algo real, e o luar

²³ Segundo esta teoria, os meios massivos de comunicação apresentam ao público uma lista de assuntos sobre os quais é necessário ter uma opinião e discutir. Esta teoria fala de uma influência a longo prazo. Os principais teóricos do agenda *setting* são: Maxwell McCombs e Donald Shaw – na décadas de 1960 e 1970.

²⁴ MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. Lua Nova, São Paulo, p. 115-142, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n72/a05n72.pdf> (acessado 16/06/2013).

é o seu “acontecer” no olhar humano, na Terra. Existe para ser visto e por ser visto por alguém. Em Júpiter, existem 63 luas, mas nenhum luar acontece, pois não há ninguém para vê-lo e relatar sua existência. O acontecimento tem seu lado poético. A arte capta a essência do acontecimento.

Como no “lunar do Sertão”, o luar é o clarão da Lua que ilumina a Terra que então pode ser admirada à noite. O luar se espalha sobre a Terra, clareando-a na escuridão, possibilitando sua visibilidade. Se não existe a percepção pelo olhar humano, não mais importa o simples fenômeno físico, pois a visibilidade se funda pela interação luz/sombra/objeto, e a percepção, que solicita o olhar humano. O badalar do sino da igreja, por sua vez, não tem sentido sem o ouvido humano que o insira em uma cadeia significativa.

De modo semelhante, o pesquisador Pierre Nora (1979) entende que certas realidades só se revelam se mediadas. O *real* existe, mas sua percepção, a experiência direta dos acontecimentos do mundo, nem sempre é possível, seja pela distância física ou temporal, seja pela periculosidade. Um acidente nuclear, por exemplo, não é algo que se queira contato. Para se observar certos acontecimentos é preciso construir mecanismos apropriados. Para a compreensão da realidade, as teorias científicas são as ferramentas mais adequadas. Para Pierre Nora, no seu texto “O Regresso do Acontecimento” (1979), ser noticiado é condição de existência do acontecimento: “O fato de que tenham tido lugar não os torna históricos. Para que haja acontecimento, é preciso que ele seja conhecido” (NORA, 1979, p. 246). Nora fala do acontecimento como a base na qual seria construída a história que, ao se debruçar sobre o passado, o preencheria com “um encadeamento contínuo de acontecimentos”. O acontecimento estaria no domínio da história. Para Nora, o acontecimento surge de leis lógicas associadas à noção de atualidade. O autor mostra que o surgimento da comunicação massiva, com sua voracidade, que se alimenta de fatos novos, associada às possibilidades tecnológicas de transmissão simultânea, resgata o acontecimento da história e o lança de volta “no vivido das massas”. Conforme o autor “essa circulação generalizada da percepção histórica culmina num fenômeno novo: o acontecimento” (NORA, 1979, p. 244).

A partir do surgimento dos meios de comunicação massiva, a história passa a ser documentada e armazenada diariamente. O acontecimento é produzido pela

atividade jornalística, tendo os fatos da realidade tangível como matéria prima: “nas sociedades contemporâneas é através deles, e só através deles que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos” (NORA, 1979, p. 245).

O acontecimento e os meios de comunicação desenvolveram um ambiente de afinidades. Um precisa ser conhecido para existir e o outro precisa preencher sua existência com um encadeamento de acontecimentos. O acontecimento que esta pesquisa observa é justamente esse, já tratado pela mídia: textos repletos de ofertas de sentidos, sobre os quais se podem fazer inferências. O acontecimento desprovido de cobertura da mídia se esvai no próprio acontecer, como palavras ao vento:

Os mass media transformam em actos aquilo que poderia ser apenas palavras no ar, dão ao discurso, à declaração, à conferência de imprensa a solene eficácia de gesto irreversível (NORA, 1979, p. 247).

Considera-se acontecimento algo que irrompe à superfície lisa da normalidade e, ao fazê-lo, afeta alguém, pois o que acontece vai acontecer a alguém. E, como um clarão, ilumina o futuro, pelo seu poder revelador, mostrando as múltiplas possibilidades abertas. Ilumina também o passado, antes encoberto, evidenciando as condições pré-existentes que possibilitaram sua ocorrência e que, aparentemente, não podiam ser entendidas como tal, até então.

Daí o seu poder de revelação, porque não são um passado e um contexto que o explicam, sendo antes o próprio acontecimento que faz irromper a sua possibilidade, abrindo à compreensão do seu passado e das suas condições. A perspectiva inédita aberta pelo acontecimento ilumina o passado sob uma outra luz, ao mesmo tempo que é o futuro que ele abre que lhe confere o seu sentido. Ora, o futuro do acontecimento liga-se às suas consequências (BABO-LANÇA, 2006, p. 04).

A normalidade irrompida não é propriamente uma calma. Trata-se daquilo que, em determinado recorte temporal, se institui. A paz, quando eclode na superfície dos conflitos e guerras prolongados, é um grande e festejado acontecimento. “O acontecimento é o maravilhoso das sociedades democráticas” (NORA, 1979, p. 251).

O acontecimento pode ser visto como algo que traz novas interpretações para informações que já se dispunha, mas ainda não possuíam os sentidos que foram estabelecidos por ele. A compreensão do ocorrido se dará em um novo ambiente

interpretativo, inundado e alterado por semioses disparadas pelo próprio acontecimento, demonstrando seu poder de modificar significados, proporcionais à sua magnitude. Com aporte em Deleuze e nas categorias fenomenológicas formuladas por C. S. Peirce, Ronaldo Henn²⁵ mostra que o acontecimento é a singularidade propulsora da semiose. Para o pesquisador, “o acontecimento tem um componente inaugural e armazena dentro de si sua própria possibilidade de sentido viabilizada” (HENN, 2009, p. 02). A marcha da maconha é um desses acontecimentos. Conforme Henn, “é a partir do próprio acontecimento que passado e futuro são inferidos” e talvez o acontecimento “a marcha da maconha” tenha sido suscitado justamente por isso: inferir, perguntar, examinar passado e futuro, provocar o debate, dar visibilidade e chamar atenção para as questões que propõe. A marcha da maconha é por si própria um discurso.

Os acontecimentos, passíveis de serem transformados em notícia pela mídia, possuem determinadas propriedades que os diferenciam de milhares de ocorrências, descartadas pelos critérios da produção jornalística. Os pesquisadores Christa Berger e Frederico M. B. Tavares produziram, embasados em diversos autores, um inventário das características do acontecimento jornalístico que serão utilizadas em análises neste trabalho. A seguir estão relacionadas, resumidamente, as propriedades do acontecimento jornalístico e os pesquisadores que as preconizaram, conforme o texto “Tipologias do Acontecimento Jornalístico”:

- a) Potencial de atualidade: “acontecimento no nosso espaço e no nosso tempo” e Pregnância: “capacidade de uma certa ocorrência provocar uma ruptura no nosso quadro de vida” (REBELO, 2005, FONTCUBERTA, 1993 e CHARAUDEAU, 2006);
- b) Poder Hermenêutico: “capacidade reveladora, de dar sentido, interpretar o mundo e sua aparente normalidade” (QUÉRÉ, 2005);
- c) Caráter Notável (*notoriedade*): “base para a produção noticiosa” (SOUSA, 2002);
- d) Previsibilidade/imprevisibilidade: “sua repercussão junto ao leitor e sua comunicabilidade” (ALSINA, 2005).

²⁵ HENN, Ronaldo. O Acontecimento em sua Dimensão Semiótica. In SBPCJOR - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade de São Paulo (USP). Novembro de 2009.

Quanto à sua gênese, os acontecimentos podem ser: *autogerados* (desenrolam-se segundo lógicas de previsibilidade) e *heterogerados* (necessitam de incitações evenemenciais-acidentais para desenvolver-se) (CHARAUDEAU, 2006). Também podem ser acontecimentos *cênicos* e *dramatúrgicos*, “com poder de dramatização cênica e de focalização da atenção pública”, acontecimentos experienciados, com “vivência na experiência pública dos actores” e acontecimentos *réplica* ou acontecimentos reproduzidos (BABO-LANÇA, 2008).

Quanto às suas dimensões, os acontecimentos podem ser: *microacontecimentos* (de pequena repercussão noticiosa), *macroacontecimentos* (acontecimentos que fogem da normalidade, chamados de “acontecimentos midiáticos por excelência”) e *megaacontecimento* (SANTOS, 2005) - aquele que “ultrapassa, inclusive, os sentidos disponíveis e ofertados *a priori* para sua explicação” (BERGER e TAVARES, 2009, p. 10). E quanto à sua natureza, os acontecimentos podem ser: *programados* (adventos, conhecidos ou anunciados antecipadamente) e *suscitados* (preparados e induzidos por setores da sociedade) (CHARAUDEAU, 2006).

Quanto ao relato dos acontecimentos, Charaudeau (2006) explica que esta é a maneira como são construídos midiaticamente. Estes relatos devem possuir autenticidades e verossimilhanças, obtidos por construções simbólicas da linguagem que inserem provas de que o fato realmente existiu, ao reconstituí-lo, por analogias e encenações, tornando-o virtualmente visualizável, em mapas, maquetes, fotos, filmagens e, mais modernamente, nas simulações realizadas por meio de computadores.

Charaudeau compreende a produção do acontecimento como um campo com questões ainda a serem observadas pela atividade jornalística, ao relatar fatos e ditos. O autor atenta para questões relacionadas com os modos de identificação, de reprodução, de citação e aos tipos de posicionamentos. O fato é comentado, descrito e explicado por suas motivações e implicações. Quando esse acontecimento relatado é equivalente a uma fala, a um depoimento ou a uma declaração, tem-se o *dito relatado* ou *discurso relatado* (citações diretas ou indiretas), utilizado geralmente como “prova” de alguma afirmação ou para produzir efeitos de *autenticidade* e *verdade*, atribuir responsabilidades, mostrar *autoridade*,

poder e engajamento. Esses “ditos” são selecionados de modo a inserirem efeitos de “decisão”, “saber”, “opinião” e de “testemunho” (CHARAUDEAU, 2006, p. 169).

A maior parte das dificuldades existentes nessas atividades jornalísticas está relacionada com a questão da objetividade pretendida e a, sempre presente, subjetividade impulsionada pelos valores, experiências e crenças de cada profissional. Para Charaudeau (2006), as práticas jornalísticas são tensionadas por esse eterno paradoxo:

Se o discurso jornalístico coloca uma problematização, não desenvolve um ato de persuasão que, ao final da argumentação, revele o ponto de vista do argumentador e permita ao ouvinte tomar partido. Supremo paradoxo, pois o comentário midiático deveria ajudar a constituição da opinião pública: informar para auxiliar o cidadão a formar uma opinião equivale a não tomar partido; mas não tomar partido seria desenvolver a argumentação de um ponto de vista externo, onipotente (acima da multidão), ao qual somente uma argumentação de tipo científico poderia pretender. Ora, o comentário jornalístico, por definição, não pode ser uma análise científica (CHARAUDEAU, 2006, p. 183).

Os acontecimentos que ocorrem na natureza estão intimamente ligados a um conjunto de circunstâncias, existentes ao seu redor. O contexto e suas peculiaridades são as causas, mas tornam-se também consequências dos acontecimentos. O contexto produz os acontecimentos e estes, por sua vez, ao eclodirem, também modificam o estado das coisas ao seu redor. De modo semelhante, nas relações sociais, conforme observa a pesquisadora Cristina Ponte (2005), o acontecimento se relaciona fortemente com o seu contexto:

Nunca o acontecimento existe isolado do contexto onde aparece. A sua observação e interpretação ocorrem sempre numa dada situação ou campo problemático e são orientadas pela procura de respostas (PONTE, 2005, p. 101).

O acontecimento não apenas lança luzes sobre o conjunto de fatores que o tornam possível, mas modifica o estado das coisas, afetando as pessoas, às quais foi perpetrado, pelo tempo que durarem os problemas por ele provocados. Desse modo, o poder revelador do acontecimento, ao expor as tramas sociais que o engendraram e as suas implicações, faz emergir os campos problemáticos e as ações dos sujeitos sociais afetados, na busca compartilhada de respostas:

Tal como se integram nas intrigas, contribuindo para o seu desenvolvimento, os acontecimentos ganham lugar em campos

problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivots dos inquiridos que procuram e elaboram soluções (QUÉRÉ, 2005, p. 21).

O acontecimento pode ser imaginado como uma explosão, que modifica o drasticamente o ambiente ao seu redor, cujos fragmentos dilaceram o que atingem, deixando sangrarem os sujeitos afetados. Porém, acontecimentos devastadores não são apenas aqueles que afetam corpos, com sua solidez. Grande parte das afetações provocadas pelos acontecimentos se processa como perturbações e rupturas da ordem do sentimento, como o impacto gerado por notícias de grandes tragédias, ou acontecimentos indesejáveis, ligados a entes queridos. Acontecimentos cujas afetações se desdobram em confissões, separações, escândalos, demissões, perdas irreparáveis, alegrias inesperadas ou tristezas geradas, configuram e são configurados no campo do sensível.

1.08.01 - O ciberacontecimento

Este estudo atenta para acontecimentos que já eclodem dentro das lógicas midiáticas, que são planejados e organizados dentro dos novos suportes tecnológicos, e que já levam em conta a cobertura que jornais, rádio, televisão e internet podem dar ao evento, conhecidos como: “ciberacontecimentos”. Conforme o antropólogo e pesquisador Ailton Luiz Jungblut (2011), no artigo: “Ciberacontecimentos - Reflexões Etnográficas Sobre o Extraordinário no Mundo On-Line”, o termo “ciberacontecimento” foi cunhado pelo jurista e jornalista espanhol Rafael Diaz Arias. Com efeito, no *blog* de Arias²⁶, está publicado o artigo: “Ciberacontecimientos y Conocimiento Compartido”, datado de 01 de maio de 2008, onde propõe o termo:

Propongo el concepto de ciberacontecimiento como aquella información difundida masiva e instantáneamente en el ciberespacio que por su gran impacto termina por convertirse en noticia (ARIAS, 2008).

²⁶ <http://periodismoglobal.om/?s=ciberacontecimiento> (acessado em: 18/08/2013).

Ronaldo Henn (2013) no artigo “Apontamentos Sobre O Ciberacontecimento: O Caso Amanda Tood²⁷” descreve “outras modalidades de acontecer que já tem como natureza o próprio ambiente da cultura digital”. O pesquisador entende ciberacontecimentos como “acontecimentos que se instituem através de outras dinâmicas de semiose e com potencial produção de crises nas fronteiras semiosféricas” (HENN, 2013, p. 05). São acontecimentos jornalísticos totalmente produzidos nos fóruns de debates *online* e nas redes sociais, e que têm sua gênese ligada aos processos midiáticos, ativos na internet. São acontecimentos com forte relação e interação com a mídia.

Na medida em que o jornalismo começa a narrar esses acontecimentos a partir dos seus códigos já estabelecidos, aumenta o nível de tensionamento porque a repercussão de coberturas passa a ser instaurada instantaneamente. Segundo Oliveira e Henn (2013) há duas camadas interpondo-se. Na primeira, o jornalismo perde a primazia da narrativa do cotidiano na medida em que os acontecimentos desenrolam-se em plataformas que já têm naturezas narrativas e midiáticas. Na segunda, os sentidos ofertados pelo jornalismo são rapidamente confrontados com outros enquadramentos com manifestações múltiplas de usuários das redes que abarcam fontes, usuários, especialistas, leigos... Enfim, um universo complexo de atores que se interconectam.

1.09 - Cultura das Mídias

Supondo a existência de uma subcultura das drogas, entranhada na cultura midiática, estimuladora dessas ações na mídia, buscou-se antes compreender a cultura das mídias, a partir das reflexões de estudiosos do tema. O recente e progressivo uso em massa das ferramentas digitais, as ações comunicativas no ciberespaço, a grande variedade de produções simbólicas através dos diversos suportes midiáticos e as novas lógicas e estratégias comunicativas digitais emergentes desafiam os atuais paradigmas da comunicação.

O pensamento mecânico-instrumental já se mostra insuficiente para circunscrever os fenômenos de uma nova cultura de informação/conhecimento e

²⁷ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos do Jornalismo do XXII Encontro Anual da COMPÓS, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

experimentação. Projetos e ações midiáticas podem ser realizados pelos cidadãos comuns, sem dependerem de equipamentos e técnicas, antes encontrados apenas nos conglomerados da indústria cultural. O uso e a apropriação das técnicas e ferramentas de produção cultural vão demandar novas abordagens metodológicas.

Conceitos, como o de “cultura de massa”, nessa nova conjuntura, quando o avanço tecnológico disponibiliza os meios de produção e circulação de bens simbólicos para grande parte da população e os tradicionais receptores se transformam em emissores, já não correspondem objetivamente à realidade. Para Strinati (1999), o público como uma massa passiva é uma afirmação questionável:

(...) devemos admitir que o público pode ser mais inteligente, mais ativo e mais perspicaz no consumo do que tem sido geralmente reconhecido por grande parte dos teóricos da cultura popular (STRINATI, 1999, p. 59).

A necessidade de se redefinir e atualizar conceitos, como o de “cultura”, surge com o avanço científico e com o barateamento das ferramentas e suportes digitais. O uso da internet, como ambiente de múltiplas interações, a troca de informações e de arquivos e o acesso a técnicas e equipamentos possibilitam grande quantidade de produções caseiras de vídeos, músicas, poesia, fotografia, teatro, cinema, documentários, textos, hipertextos e ensaios.

Essa cultura emergente, diante da insuficiência dos antigos conceitos de cultura, solicita uma nova conceituação sociosemiótica que dê conta das imbricações entre mídia e cultura, do relacionamento entre as práticas tecnomidiáticas e as práticas culturais, e supere as definições que atrelam a cultura às práticas exploratórias do capitalismo e ao etnocentrismo europeu. No livro “Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade”, o antropólogo e pesquisador Néstor Garcia Canclini, levando em conta o “processo de produção, circulação e significação da vida social”, menciona quatro vertentes que levam em conta a função social e o sentido que a cultura adquire na sociedade: a) a cultura como instância onde cada grupo organiza sua identidade; b) a cultura como instância da produção e reprodução da sociedade; c) a cultura como uma instância de conformação do consenso e da hegemonia e d) a cultura como dramatização eufemizada dos conflitos sociais (CANCLINI 2005, p. 43-47). Essas vertentes já apontam para definições de cultura mais atualizadas e adequadas para este

trabalho. Somando-se a isso, no livro “Cultura e Artes do Pós-humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura” (2003), a pesquisadora Lúcia Santaella traz o conceito de “hibridismos” dos meios de comunicação entre si, “criando redes de complementaridades”, denominado “cultura das mídias”. Essa cultura “inaugurava uma dinâmica que, crescendo e alastrando-se nas relações das mídias entre si, começa a possibilitar a seus consumidores a escolha de bens simbólicos alternativos” (SANTAELLA, 2003, p. 53). Para Santaella, isso se constata nos “modos como as mesmas informações transitam de uma mídia a outra, distribuindo-se em aparições diferenciadas: partindo do rádio e televisão, continuam nos jornais, e até filme ou mesmo livro” (SANTAELLA, 2003, p. 53). Para a pesquisadora, “a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes” (SANTAELLA, 2003a, p. 25).

Na conjuntura emergente, o público tem tratamento diferenciado, tornando-se grande influenciador da programação midiática, na disputa por audiência. Todavia, como afirma Santaella, o surgimento dos meios massivos de comunicação não inviabilizou as tradicionais formas de produção cultural.

Os meios de produção artesanal não desapareceram, para ceder lugar aos meios industriais. A pintura não desapareceu com o advento da fotografia. Não morreu o teatro, nem morreu o romance com o advento do cinema. (...) Longe de terem usurpado o lugar social dessas formas de cultura, os meios de comunicação foram crescentemente se transformando em seus aliados mais íntimos (SANTAELLA, 2003, p. 57).

Os dispositivos comunicacionais e suas lógicas produtivas estão mais acessíveis. A “auto-referencialidade” da mídia (Fausto Neto, 2008, p. 94) cada vez mais leva ao público parte das engenharias e técnicas da produção discursiva midiática. O público progressivamente deixa de estar apenas no lugar de recepção, para ocupar o lugar da emissão. Os indivíduos e as instituições ensaiam suas próprias produções de sentido que já trazem alguma adequação ao campo das mídias, a partir de sua formatação. O mundo torna-se aceleradamente midiático, solicitando estudos que incluam a compreensão do contexto, propiciado pela evolução tecnológica, pela evolução dos estudos comunicacionais, no próprio campo da comunicação e nas interfaces com outras ciências e outros saberes.

Santaella lembra que não se deve atribuir as transformações culturais à criação de novas tecnologias, para ela “desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação”, e que essas transformações se devem aos processos ativados por aquilo que neles circula.

São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003a, p. 24).

Essas concepções ampliam a noção do que seja cultura e permitem a percepção de novos espaços alcançados por estas novas definições, que incluem práticas culturais alternativas, como as pertencentes ao conjunto de atividades culturais e comunicacionais de comunidades e grupos, tradicionalmente excluídos dos circuitos midiáticos. Guarnecida com essas ferramentas conceituais, a pesquisa pode incluir como cultura e produção cultural não apenas o que já foi reconhecido anteriormente como tal, mas incluir os novos arranjos criativos da contemporaneidade, inclusive nos ambientes digitais.

1.10 - As Redes Sociais na internet

Frequentemente, o termo “grande rede” é usado como sinônimo de internet. Na realidade, a internet é um gigantesco sistema de comunicação que conecta muitas grandes redes de computadores. As redes de computadores são formadas quando se conectam dois ou mais computadores, de maneira que possam compartilhar serviços, dados, impressoras, mensagens, fotos, vídeos etc. Essa conexão é possível porque os computadores dispõem de programas, linguagens e protocolos (TCP/IP, NetBEUI e o IPX/SPX), compatíveis, que gerenciam a troca de dados entre eles. Dispõem também de placas de comunicação em rede e do modem (*MOdulation-DEModulation*), que convertem imagens, sons e dados em impulsos elétricos, para assim poderem ser transmitidos à distância, via cabo, fibra ótica ou ondas de rádio (*wi-fi*)²⁸.

²⁸ Tecnologia de comunicação de dados via radiofrequência.

Para se interligar dois computadores, basta conectá-los com um cabo de rede (RJ-45), inserido em suas placas de rede (ethernet), e os atuais sistemas operacionais farão o reconhecimento automaticamente. Poderá conectá-los também sem fios, por meio do *wi-fi*. Para conectar de 3 a 32 computadores são necessários aparelhos concentradores, chamados *hubs*. O hub é um dispositivo com a função de interligar os computadores de uma rede local (LAN), concentrando-os para acessarem, através de um modem, a um servidor. Os hubs estão sendo substituídos pelos *switches* e roteadores que realizam as mesmas funções com maior agilidade. Atualmente se usa *modems* que já incorporam os roteadores, podendo interligar vários computadores, e que possuem também um sistema de conexão sem fio integrado (*wireless*), para o acesso com *laptops*, *tablets* e *smarthphones*.

Os servidores possuem computadores poderosos e velozes que se ligam à rede principal, por meio dos *backbones* (espinha dorsal). Conforme seu tamanho, topologia, meio físico e protocolo utilizado, uma rede pode ser definida como LAN (*Local Area Network*, ou rede local); CAN (*Campus Area Network*, ou rede campus); MAN (*Metropolitan Area Network*, ou rede metropolitana); e WAN (*Wide Area Network*, ou rede de longa distância). A WAN interliga equipamentos em diversas localizações geográficas, envolvendo vários países e continentes, como a internet.

Como hoje se configura, a internet é bem mais do que sua estrutura física, programas, protocolos e outras infraestruturas que a suportam; representa bem mais do que a expansão da ARPANET. As pessoas passaram a utilizar amplamente a internet para se informarem, se comunicarem, para compartilharem textos, fotos, vídeos e dados, para desenvolverem ações coletivas e colaborativas. Os usos que as pessoas fazem dessa ferramenta a tornaram o que ela é atualmente: “acima de tudo, uma criação cultural” (CASTELLS, 2003, p. 32).

A internet possui múltiplas opções de utilização. Nos estudos científicos, por exemplo, pode ser utilizada como ferramenta de pesquisa; como campo de pesquisa ou como objeto da pesquisa (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 17). É um local de trabalho: milhares de pessoas e empresas tiram seu sustento da internet. É um parque de lazer e entretenimento, com cinema, televisão, rádio, revistas, livros e jornais. É também o principal palco das disputas discursivas da sociedade. É o lugar onde eclodem os ciberacontecimentos.

Um dos principais usos que se faz da internet atualmente é a comunicação. As pessoas ao se comunicarem podem formar redes sociais. As redes sociais se formam geralmente como resultado da emergência de campos problemáticos, despertados por algum acontecimento. Ao acontecer, algo acontece a alguém, que é afetado pelo acontecimento. As pessoas afetadas buscam soluções e, para isso, utilizam qualquer meio disponível para mobilizar e organizar grupos que irão realizar ações sociopolíticas coletivas e colaborativas. Antes da criação da internet, diante de tragédias, como: enchentes, deslizamento de terras e secas prolongadas, as pessoas usavam os correios (carta, telegrama, telex), o rádio (*broadcast* e redes de radioamadores) e o telefone, ou se deslocavam, pessoalmente, para tentar reunir outras pessoas dispostas a colaborar. As redes que se formam para ajudar as vítimas de grandes catástrofes naturais, acidentes ou conflitos e guerras, são experiências coletivas recorrentemente vividas na existência humana.

Em novembro de 2008, uma série de chuvas frequentes gerou uma das maiores catástrofes naturais da história do estado de Santa Catarina. Em alguns dias, o estado viu-se diante do caos: rios transbordaram e inundaram grandes áreas, isolando cidades inteiras; deslizamentos soterraram estradas, casas e pessoas. Durante esses eventos, *blogs*, ferramentas de mensagens como o *twitter*, mensageiros instantâneos e outros recursos foram utilizados para informar ao resto do país sobre os acontecimentos. Essas ferramentas mobilizaram pessoas, agregaram informações, criaram campanhas e protagonizaram a linha de frente do apoio que Santa Catarina recebeu (RECUERO, 2011, p. 16).

O acesso a tecnologias de comunicação (simultânea e bidirecional) à distância não é recente. Começou em 1837, quando o pintor norte-americano Samuel Morse inventou o telégrafo. Sua utilização foi um sucesso. Foi preciso criar uma grande estrutura para o seu funcionamento, pois a comunicação dependia de fios para ser transmitida. Ao longo de estradas e ferrovias, foram estendidas as linhas telegráficas, formando a primeira grande rede de comunicação imediata à distância. Sua utilização era cara e complicada. Para manipular os equipamentos era necessário conhecer fluentemente o código Morse. O governo, através dos correios, detinha a exclusividade no fornecimento dos serviços de telegrafia para a coletividade. Após a invenção do telefone, por volta de 1870, as redes físicas foram ampliadas e os serviços passam a ser fornecidos nas residências. As invenções do cinema, rádio e televisão, iniciaram a era dos meios massivos eletrônicos de

comunicação. Porém, sem a mesma interatividade proporcionada pelos telefones; tanto que, a este se recorriam (e ainda se recorrem), para a participação do público.

Com a expansão do uso da internet, várias ferramentas de interatividade entre usuários foram criadas e disponibilizadas. Algumas não agradaram à maioria dos internautas e tiveram pouca utilização. Porém, outras alcançaram grande sucesso, reunindo milhões de pessoas e inaugurando uma era de compartilhamento de informações sem precedentes na história.

O IRC (*Internet Relay Chat*), escrito em 1988 (lançado em 1993) pelo programador finlandês Jarkko Oikannen, foi o primeiro protocolo de comunicação utilizado na internet, criado especificamente para interações pessoais. Com ele, centenas de pessoas podiam conversar (teclar), em grupo ou de modo privado, e trocar arquivos. Alcançou grande popularidade, até o final dessa década (1993-2000) e, por meio dele, se instalou nos internautas o hábito de utilização dos *chats*, as salas de conversação mediada por computadores conectados à internet.

Na primeira década deste milênio, os programas de interatividade pessoal se diversificaram (mIRC, ICQ, MSN Orkut, Napster, eMule, Youtube, páginas de bate-papo, Twitter, Badoo, Facebook etc.), se sofisticaram e ganharam muitos recursos. Com a disponibilidade da tecnologia de comunicação P2P (ponto a ponto), programas como: Napster e eMule, facilitavam o compartilhamento de arquivos digitalizados, tornando-se uma “epidemia” que abalou a indústria fonográfica com as trocas de arquivos musicais em mp3; incomodou a indústria cinematográfica com as trocas de filmes codificados e compactados em formatos *mww*, *mp4* e *Dyvx*; e ameaçou a indústria gráfica, com a digitalização e distribuição de livros e revistas, em arquivos *pdf* ou *jpg*.

Uma dessas práticas interativas, muito utilizada, é uma das mais “tradicionais”, na internet: são os fóruns temáticos. Sobre quase todo assunto que se possa imaginar, já existe, lá na internet, um grupo discutindo. Existem fóruns sobre: *bluetooth*, GPS, vinho, aeromodelos, arquitetura, alergia, psoríase, positivismo, humanismo, jardinagem, *Cannabis sativa* e mais uma imensidão de assuntos. Todas essas ferramentas, disponibilizadas, possibilitam essas interações e a formação das redes sociais na internet:

Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador (RECUERO, 2011, p. 16).

As redes sociais na internet tornaram-se objeto de pesquisa em vários campos, como os da antropologia e da comunicação, geralmente adotando a etnografia como método de pesquisa. Para a pesquisadora Raquel Recuero, em seu livro “Redes Sociais na Internet”, rede social é “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2011, p. 24).

Os atores ou pessoas envolvidas na rede que se analisa, para Recuero, são o primeiro elemento da rede social. As conexões são vistas como os laços sociais, formados pelas interações realizadas no ciberespaço. A autora atenta também para o caráter efêmero dessas redes, que se formam e se dissipam com a mesma rapidez. Quando é esgotada uma discussão (pelo fim das postagens ou pelo fechamento do tópico pelo seu iniciador), a rede poderá se desfazer, como aconteceu com o fórum sobre a marcha da maconha de São Paulo de 2011. O capital social, ou benefícios proporcionados pela rede aos seus participantes, foi incorporado. Seus registros ainda continuam disponíveis até hoje (31/07/2013), coexistindo com a versão de 2012 e de 2013, possibilitando seu estudo (parte do capital social que coube à pesquisa) e deixam algum legado para os internautas pesquisadores e/ou curiosos, enquanto permanecem no ar.

(...) na Internet, é possível examinar em minúcias boa parte das trocas sociais que são mediadas pelo computador. Isso porque essas trocas, suas conversações e interações, ao contrário, por exemplo, da linguagem oral, tendem a permanecer gravadas nesse espaço. Ali, é possível observar um histórico de interações, as apropriações realizadas pelos atores sociais, a constituição dos grupos e sua possível ruptura. Compreender essas redes é essencial, portanto, para compreender também a apropriação da Internet como ferramenta da organização social e informação contemporânea. É essencial para compreender os novos valores construídos, os fluxos de informação divididos e as mobilizações que emergem no ciberespaço (RECUERO, 2011, p. 164).

1.11 - Semiosfera

A semiosfera, aparato conceitual formulado pelo semioticista e historiador cultural russo Lúri Lótman, inspira-se em dois campos teóricos: a teoria do dialogismo do filósofo e pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que observou o diálogo da mente com o mundo e a estrutura semiótica da consciência responsiva; e a teoria da biosfera ecológica, do biogeoquímico e filósofo russo, Vladimir Ivanovich Vernadsky. A pesquisadora Irene Machado²⁹, no artigo intitulado “Um Novo Domínio de Ideias Científicas Para o Estudo da Cultura”, publicado em 2006, traz a seguinte definição de semiosfera:

Assim como biosfera designa a esfera da vida no planeta, tal como formulara o geoquímico Vladimir Ivanovich Vernádski, semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos. Fora dele, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagens em diferentes domínios da cultura seriam possíveis. Nesse sentido, semiosfera é o espaço de encontros entre diferentes culturas (MACHADO, 2006, p. 01).

Conforme o artigo³⁰ “Adaptação Fílmica Como Tradução: Transmutação de Signos Entre Sistemas Semióticos”, de Kall Lyws Barroso Sales e Eliabe Procópio, os estudos desenvolvidos pela tradicional semiótica russa e as investigações desenvolvidas pelos pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou (como os estudos sobre os sistemas modelizantes; as linguagens secundárias, artificiais e dos códigos culturais), somados a questionamentos sobre a relação entre diferentes culturas e seus processos de formação, interação e expansão, levaram o pesquisador Lúri Lótman a raciocinar sobre a cultura como “um universo de estruturas organicamente integradas por mecanismos pensantes”. Segundo os autores, para Lótman, o funcionamento da linguagem e da cultura necessita de um espaço para existirem com sua diversidade de códigos, e esse espaço seria a Semiosfera.

Lótman percebe a cultura como produto da ação do intelecto, do cérebro humano, e pode ser conceituada como uma memória não hereditária, fruto do esforço humano de preservar, reproduzir e transmitir sua criação e sua produção.

Foi em um trabalho de 1984 (“O semiosfere”. Semeiotuké. Trudy po znakovym sistemam. Tartu Rükliku Ulikooli Toimetised, núm. 17,

²⁹ Irene Machado é doutora em Letras pela USP e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professora no programa de estudos pós-graduados em comunicação e semiótica da PUC-SP.

³⁰ Publicado na revista *Philologus*, Ano 18, N° 54. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2012.

1984, p. 5-23) que Lúri Lótman apresenta, pela primeira vez, suas formulações sobre a semiosfera com o firme propósito de pensar a cultura como um universo de estruturas, organicamente, integradas por mecanismos pensantes. A esse universo, ele denomina “universo da mente”. A ideia geradora da semiosfera é a compreensão. Lótman interrogava-se como uma cultura compreende outra, se expande e permanece integrada a ponto de constituir sistemas (SALES e PROCÓPIO, 2012, p. 39).

Conforme está no texto “*Sorry Periferia: Tensões Midiáticas Nas Fronteiras da Cultura*” do pesquisador Ronaldo Henn³¹, semiótico e estudioso da obra de Lótman: “a semiosfera constituirá o espaço semiótico fora do qual não é possível a existência de qualquer semiose” (HENN, 2005a, p. 02). A pesquisadora Irene Machado (2006) também compartilha esse conceito. Segundo afirma Machado:

Os estudos sobre a semiosfera atendem à necessidade de se compreender não apenas as relações, mas as conexões que aproximam sistemas tão diferentes nos encontros culturais movidos pelas mais diferentes causas: choques, expansão ou emergências. Também nos ajudam a pensar mecanismos básicos da constituição do espaço semiótico tais como a irregularidade, a heterogeneidade, a fronteira e a transformação da informação em texto e, sobretudo, do hibridismo – características fundamentais da cultura contemporânea (MACHADO, 2006, p. 01).

A semiosfera, que é o espaço em que as semioses processam-se e instauram sentidos – e que em cuja estruturalidade organiza-se a cultura (LÓTMAN, 1996) – ganha outra materialidade com os novos fluxos de semiose, com intensas tensões e disputas de sentidos. Lótman (1999) entendia que situações como essas são transformadoras da cultura e dinamizam a dicotomia estrutural que oscila entre a mudança e a transformação: formam o que o pesquisador compreendia como processos explosivos (OLIVEIRA e HENN, 2013).

1.12 - Cultura das Drogas - Cultura da *Cannabis* - Canabiosfera³²

Com base nas teorias sobre a semiosfera e observando a consolidação de uma nova ambiência sociocultural, torna-se oportuno teorizar sobre uma *cultura*

³¹ Jornalista, professor e pesquisador do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

³² Termo criado pelo autor para dar conta dessa nova ambiência criada em torno da *Cannabis*.

*canábica*³³. Este trabalho supõe a existência de uma sub-atmosfera semiótica, onde a comunicação entre os seres que a habitam é possibilitada pelo conhecimento dos seus signos e regras comunicativas.

Figura 04

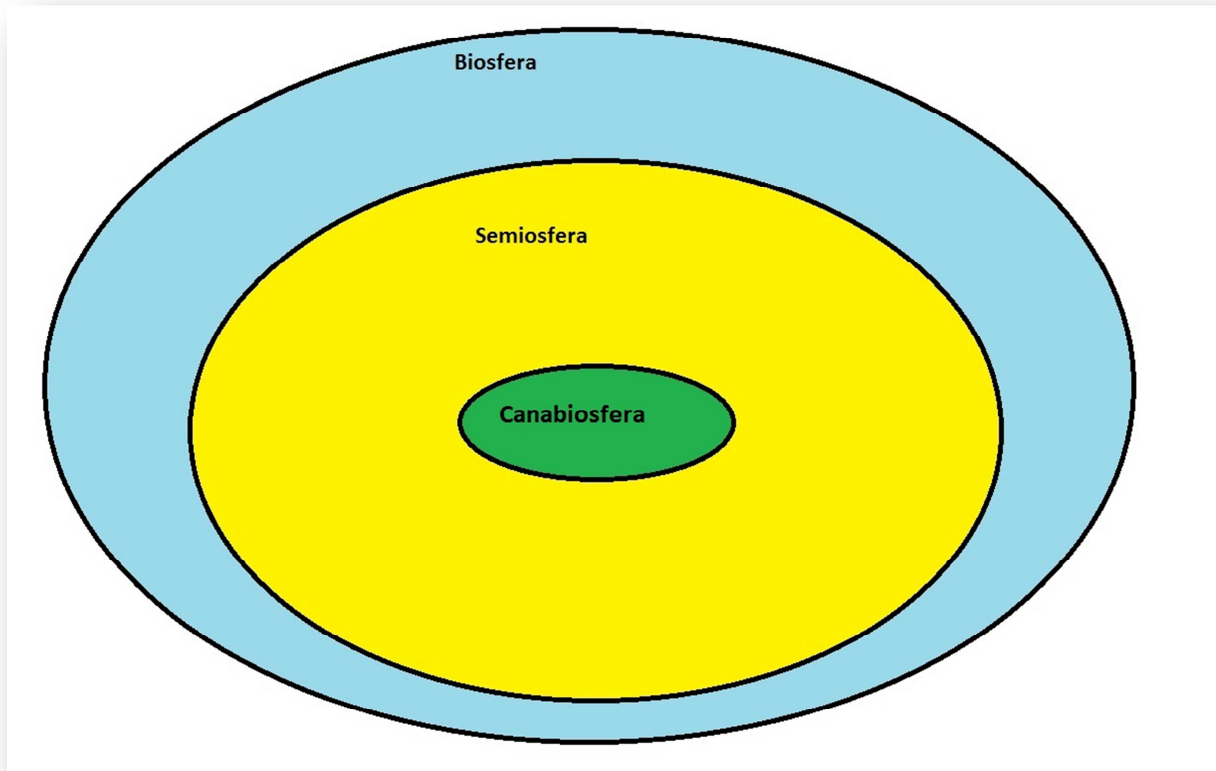


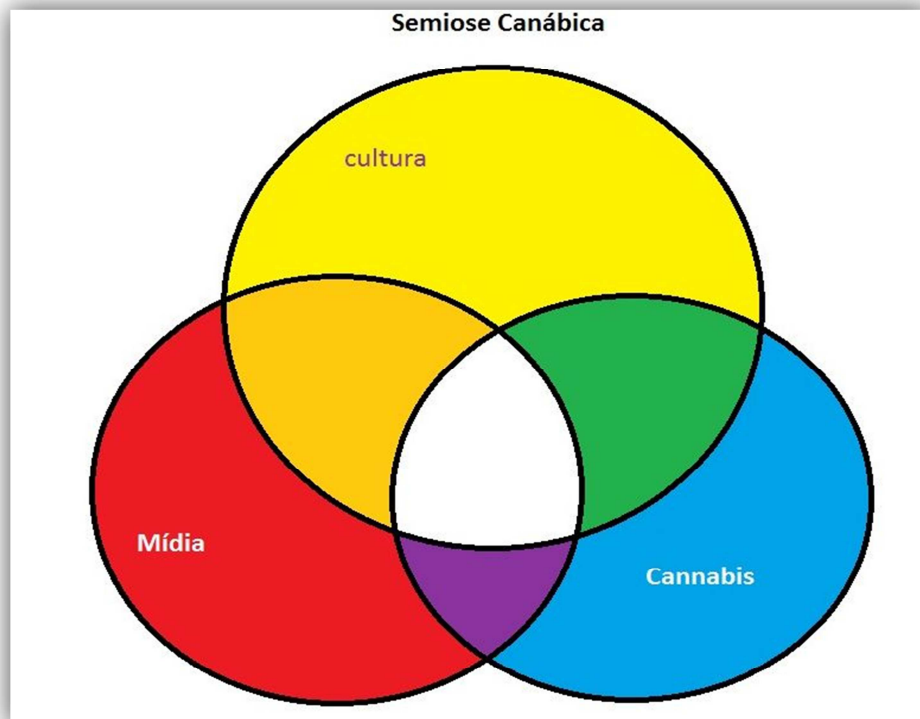
Diagrama da Canabiosfera. (Elaborado pelo autor).

Além de suas características próprias, a canabiosfera possui praticamente todas as propriedades da semiosfera, por estar em total imersão nesta, como uma cidade submarina, com atmosfera própria. Este também é um “universo da mente”. Também é espaço semiótico necessário para a existência e funcionamento de uma linguagem e de uma cultura, com sua diversidade de códigos. Há comunicação com outros seres fora desse espaço, desde que estejam ainda imersos na semiosfera, há linguagem e é possível a existência da própria semiose, ainda que com alguma dificuldade, como foi observado adiante, na análise de algumas músicas canábicas. Na canabiosfera também há espaço para a diversidade, que é uma condição para o desenvolvimento da cultura.

³³ Ativistas e simpatizantes do antiproibicionismo realizam anualmente o festival de cultura canábica. <http://www.growroom.net/board/topic/38631-festival-da-cultura-canabica-dia-1012-na-unirio/> (acessado em: 25/07/2012).

Nos estúdios de cinema, e de gravação musical, nas redações e oficinas gráficas de jornais e revistas, nos shows e turnês de artistas da música, nos clubes e bares com música ao vivo, nos grandes festivais de rock, na ambiência proporcionada pela indústria gráfica, fonográfica e cinematográfica é que surge o fenômeno sócio – cultural - midiático – discursivo nomeado “canabiosfera”.

Figura 05



Semiose canábica. (Elaborado pelo autor).

Dialeticamente, de dentro das engrenagens da indústria cultural, estava nascendo uma vertente “rebelde”, que lançaria as bases de sua própria contestação, e, anos depois, a colocaria em cheque. Essa ambiência se estrutura em um universo possibilitado pela cultura do entretenimento, como preconiza Maldonado, no texto “Produtos Midiáticos, Estratégias, Recepção. A Perspectiva Transmetodológica” (2005):

A cultura do entretenimento massificado tem desde a estruturação das indústrias do rádio e do cinema aproximadamente um século de história. Boa parte da dimensão lúdica, fantástica, poética, utópica e do lazer dos grupos humanos contemporâneos está atravessada pelo midiático televisivo, musical, cinematográfico. O cotidiano está significativamente agendado pela programação midiática: rádio, TV,

Internet, jornais, impressos e sons industriais povoam o nosso dia-a-dia. Esses ambientes, abundantemente constituídos por sistemas de objetos técnicos, estabelecem um *biosmidiático* que performa elementos perceptivos, sensitivos, cognitivos e emotivos com a marca das *matrizes técnicas, culturais e estruturais* das mídias. Elas geram um campo de efeitos simbólicos que têm a ver com as lógicas da serialidade, penetrabilidade, linearidade, sequencialidade, persuasividade, matricidade, ludicidade, instantaneidade, entretenimento e redundância (MALDONADO, 2002, p. 06).

Em torno do tema *Cannabis*, criou-se uma cultura canábica, o *bios* (Sodré 2002) canábico, uma atmosfera onde os sentidos são ressemantizados (*canabiose*, semiose canábica) e acoplados a lógicas, estéticas e práticas canábicas. É o que podemos chamar de *Ethos*³⁴ canábico, pois é o lugar da fala canábica e diz respeito ao ecossistema onde se desenvolve a *práxis* canábica. Local onde os signos canábicos florescem, prosperam e se agregam à linguagem e à produção cultural.

O termo “Canabiosfera” se refere ao meio ambiente canábico e não é sinônimo de uso da *Cannabis*. É uma ambiência, um universo simbólico, com lógicas e processualidades próprias. Pode ser compreendido como um novo ambiente sociocultural. É produzido por sistemas dinâmicos, em fluxos intensos de informações em rede, como preconiza Henn, no texto: “Jornalismo em Rede: Crise do Acontecimento”, publicado em 2011, nos anais da Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de La Comunicación (2011):

O fluxo de informações em rede, como acontece na web e telefonia móvel, intensifica algo que já é da ordem dos sistemas de linguagem e midiáticos de uma maneira geral, que é seu intenso caráter auto-organizacional. Ou seja, sistemas dinâmicos, abertos, em intensas trocas com o meio e que produzem bolsões de organização pautados por diversos atravessamentos: desde junções mercadológicas, socioculturais e codificações das linguagens, até as flutuações que se dão no mais absoluto acaso e imprevisibilidade (HENN, 2011, p. 02).

O campo canábico possui interfaces e zonas de contato com múltiplos campos do saber, tais como: da pintura, do cinema, do jornalismo, da literatura, da música, da política, da medicina e do campo jurídico. As interfaces com esses vários campos sociais e científicos podem ser observadas nos processos comunicativos na mídia. Em cada um desses campos podem ser observadas produções discursivas

³⁴ Referências ao ethos e bios midiático de Muniz Sodré em: SODRÉ, M. O *ethos* midiático. In: ___. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

contra a proibição e sobre pesquisas que demonstram as propriedades terapêuticas da *Cannabis sativa*.

Muitas produções culturais foram criadas sob e sobre os efeitos da *Cannabis*. O estado mental alterado pelo uso da *Cannabis* deixa suas marcas nos discursos produzidos. Textos, músicas, documentários, filmes, pinturas, ao serem produzidos, sob o efeito do THC³⁵, passam por um filtro agregador de sentidos, (introspecção mística, para Gilberto Gil), onde recebem uma codificação que não está acessível a todas as pessoas, e que será mais adequadamente decodificada por receptores em estados mentais alterados ou que, pelo menos, estejam familiarizados com esses filtros.

A obra de arte só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada. A operação, consciente ou inconsciente, do sistema de esquemas de percepção e de apreciação, mais ou menos explícitos, que constitui a cultura pictórica ou musical e a condição dissimulada desta forma elementar de conhecimento que é o reconhecimento dos estilos. O espectador, desprovido do código específico sente-se submerso, "afogado", diante do que lhe parece ser um caos de sons e de ritmos, de cores e de linhas, sem tom nem som. Por não ter aprendido a adotar a disposição adequada, ele limita-se ao que é designado por Panofsky como "propriedades sensíveis", identificando uma pele como aveludada ou uma renda como vaporosa, ou, então, as ressonâncias afetivas suscitadas por essas propriedades, falando de cores ou de melodias austeras ou alegres. De fato, a possibilidade de passar da "camada primária do sentido que podemos adentrar com base na nossa experiência existencial" para a camada dos "sentidos secundários", ou seja, para a "região do sentido do significado", só ocorre se possuímos os conceitos que, superando as propriedades sensíveis, apreendem as características propriamente estilísticas da obra (BOURDIEU, 2006, p. 10).

A produção cultural e noticiosa passa por várias etapas onde novas camadas semióticas são agregadas. Estabelece-se uma trilogia (droga-usuário-contexto), quando a ação comunicativa é triplexada por processos midiáticos canábicos. As marcas canábicas da enunciação são deixadas como indícios reveladores de suas condições de produção, que podem ser detectados e rastreados, em uma minuciosa análise.

As substâncias que provocam alteração na percepção são conhecidas há milênios pela humanidade. Utilizadas em rituais religiosos ou como medicamentos,

³⁵ Tetra Hidro Cannabinol, principal componente psicoativo da maconha.

as drogas sempre estiveram próximas da humanidade e da cultura por esta produzida. As atividades artísticas e literárias são pródigas em exemplos de artistas que eram usuários e cujo uso deixou marcas nas suas produções. Na literatura, temos vários exemplos, como Baudelaire em “Paraísos Artificiais”, onde se destaca o poema sobre o Haxixe, substância também utilizada por Walter Benjamin e descrita em sua obra “*On Hashish*”.

O THC é a substância, tornada proibida, responsável pelos efeitos da *Cannabis*. Conforme a Organização Mundial de Saúde:

Drogas são substâncias utilizadas para produzir alterações, mudanças, nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional. As alterações causadas por essas substâncias variam de acordo com as características da pessoa que as usa, qual droga é utilizada e em que quantidade, o efeito que se espera da droga e as circunstâncias em que é consumida³⁶.

O escritor Marcus Boom³⁷, no livro, lançado em 2002, “*The Road of Excess - A History of Writers on Drugs*” (A Via do Excesso), estuda a literatura produzida com alguma relação com drogas, o que chamou de “*Drug Literature*”, feita por escritores como: o inglês Thomas De Quincey, que, em 1821, publicou “Confissões de um Comedor de Ópio”, Henri Michaux, “utilizou mescalina”, Aldous Huxley, autor de “As Portas da Percepção”, “testou psicodélicos”. Jack Kerouac, William Burroughs, Marcel Proust, o filósofo Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Michel Foucault, entre outros, publicaram obras relacionadas às drogas ou as experimentaram.

Os movimentos culturais e contraculturais, experimentados pelos jovens do período pós-guerra, trouxeram a busca por uma nova sensorialidade, fortemente influenciada pela cultura oriental. Os Beatles colocaram arranjos de cítara em algumas músicas e até trechos, onde a melodia soava como a música oriental.

Uma presença constante no processo criativo de muitos artistas era a da *Cannabis*, inalada em luxuosos narguilés indianos. Tornavam-se temas de interesse da juventude o zen budismo, meditação transcendental, ioga, incensos e a música de Ravi-Shankar³⁸ e Mahavishnu Orchestra³⁹. Já se conheciam os efeitos de

³⁶ Fonte: <http://pt.shvoong.com/medicine-and-health/1687149-drogas/> (acessado em: 01/05/2012).

³⁷ Fonte: <http://marcusboon.com/?q=node/141> (acessado em: 01/05/12).

³⁸ Músico indiano.

³⁹ Banda norte-americana.

aumento da percepção visual, sonora, gustativa e da sensação de prazer induzidos pela *Cannabis*. Isso combinava com a busca por novas experiências.

Desde a década de 1950, nesses movimentos culturais, caracterizados pela participação massiva de jovens, como os *beatnicks*, hippies e punks, era relativamente comum o uso de *Cannabis sativa* por parte de seus integrantes. Mais recentemente, já na década de 1990, outro evento cultural passou a compor o conjunto de atividades hedonísticas da canabiosfera: as festas “*rave*”.

As *raves* são festas que geralmente acontecem em locais distantes dos centros urbanos, como galpões ou sítios, utilizando músicas eletrônicas, produzidas em sintetizadores e sequenciadores rítmicos de baterias, percussões e baixo; entrecortados por *samplers* (recortes de outras músicas) e efeitos sonoros computadorizados, somados a fartos efeitos luminosos, conseguidos com lasers, espelhos e LEDs que, junto com a fumaça de gelo seco, produzem um êxtase sensorial, futurista e hipnótico, semelhante aos obtidos com algumas substâncias, que alteram a percepção e sensorialidade. As festas *rave* são eventos que normalmente duram mais de 12 horas, entre apresentações de *Disk Jockeys* e artistas plásticos, visuais e teatrais, interagindo com o público. O termo “*rave*” foi originalmente usado pela comunidade de origem caribenha, em Londres, na década de 1960, para denominar as festas por eles organizadas. No final da década de 1980, o termo passou a ser utilizado para descrever essa “nova” festa com música eletrônica, onde a maioria das pessoas que comparecem são convidados e convidados dos convidados, mantendo uma espécie de vínculo entre os participantes, como em uma rede social.

Vários estilos da música eletrônica são tocados em festas *rave*, como *house*, *electro*, *techno*, *minimal*, *psy trance* e outros. As festas *rave* também são realizadas em lugares fechados. As músicas executadas em festas *indoors* são as vertentes do *house*, *tecnohouse*, *progressive house*, *deephouse* e o *eletrohouse*, além de vertentes do *trance*, como *psytrance* e *fullon*, além daquelas utilizadas nas festas *rave* tradicionais, que ocorrem em sítios. As festas *rave* ficaram popularmente conhecidas pelo uso de drogas, por parte de seus convidados, e por estarem, recorrentemente, presentes nos noticiários policiais. A maconha não é a única substância ilegal utilizada por frequentadores de *rave*. Várias outras são comumente usadas, como *ecstasy*, anfetaminas, LSD e cocaína.

Embora as dinâmicas das festas *rave*, apresentem semelhanças com nichos culturais, este estudo não captou a existência de ambiências semióticas, formadas em torno dessas outras drogas. Estas, no entanto, podem existir, mas não são detectadas nem focalizadas do presente estudo. Se existem, pelo menos não são tão evidentes, como em ralação à *Cannabis sativa*. A existência dessas ambiências em torno do consumo de outras drogas, como a cocaína, já foi tema de estudos etnográficos na antropologia. O antropólogo e escritor brasileiro Gilberto Velho (1998), apresenta, em seu livro: “Nobres & Anjos: Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia”, uma pesquisa que realizou, na década de 1970, sobre consumo de drogas, com um grupo de pessoas da classe média carioca, da qual inferiu que a realidade das drogas é muito diversificada e que o consumo de drogas ilícitas não cria categoria única. Seriam apenas vários grupos que têm em comum uma “atividade clandestina e ilegal”. Para o autor, não há, nesses grupos, homogeneidade suficiente para caracterizar uma subcultura (VELHO, 1998, p. 16-19). Outros autores, como: Oswaldo Fernandez (2007), em sua tese⁴⁰ “Coca-Light? Usos do Corpo, Rituais de Consumo e Carreiras de “Cheiradores” de Cocaína em São Paulo”, consideram que existe a possibilidade de se formarem subculturas, pelo compartilhamento de signos, criados por estratégias desse consumo:

O caráter ilegal dessa utilização, o que leva os usuários à vivência do problema da clandestinidade e assumirem características de indivíduos desviantes. Desta maneira, estes grupos acabam desenvolvendo estratégias relativas à clandestinidade para obter e consumir drogas, assim como incorporando sistemas complexos de reconhecimento para garantir segurança (FERNANDEZ, 2007, P. 78).

Na canabiosfera, as fronteiras geográficas e os limites comunicacionais, impostos por barreiras idiomáticas e culturais, são minimizadas pelo conhecimento dos signos que lhes são próprios. Os sujeitos canábicos, de diferentes países, conseguem se comunicar razoavelmente bem, pois contam com um dispositivo de comunicação a mais a seu dispor: signos canábicos. Uma tatuagem, disco, livro, estampa na roupa, perfume, corte no cabelo, roupa, maneira de falar ou o simples ato de assobiar a introdução da música “*kaya*”, do Bob Marley ou de “*Smoke on the Water*”, do Deep Purple, podem dar início a uma amizade que ocasionará prováveis encontros, para degustação das iguarias, cujas bandeiras foram levantadas.

⁴⁰ Tese de doutorado em ciências sociais, pela Universidade Federal da Bahia (2007).

O mútuo e imediato reconhecimento entre os seres canábicos é uma senha que abre muitas portas. Como em uma sociedade secreta, espalhada pelo mundo, há uma espécie de solidariedade entre os membros. Não como em uma irmandade filantrópica, mas inseridos em ritualísticas, com códigos e éticas próprios. Por exemplo: o usuário geralmente não viaja portando maconha. É fácil para um turista maconheiro conseguir maconha em quase todo lugar do mundo.

CAPÍTULO II

*Pessoas quietas possuem mentes barulhentas.
(Stephen Hawking).*

2 - Os discursos socioculturais sobre a *Cannabis sativa*

Neste capítulo, os aspectos científicos, econômicos, históricos e sociais da proibição da *Cannabis sativa*, o surgimento do problema mundial das drogas e do antiproibicionismo serão abordados. São importantes para a análise, pois contextualizam a questão e trazem as vozes especializadas, de outros campos da ciência, com informações mais precisas, sobre o atual estágio das pesquisas da área, expondo também as tensões no interior desses campos, as descobertas e incertezas. São confrontados os diferentes posicionamentos e abordagens.

2.01 - *Cannabis sativa*, a planta

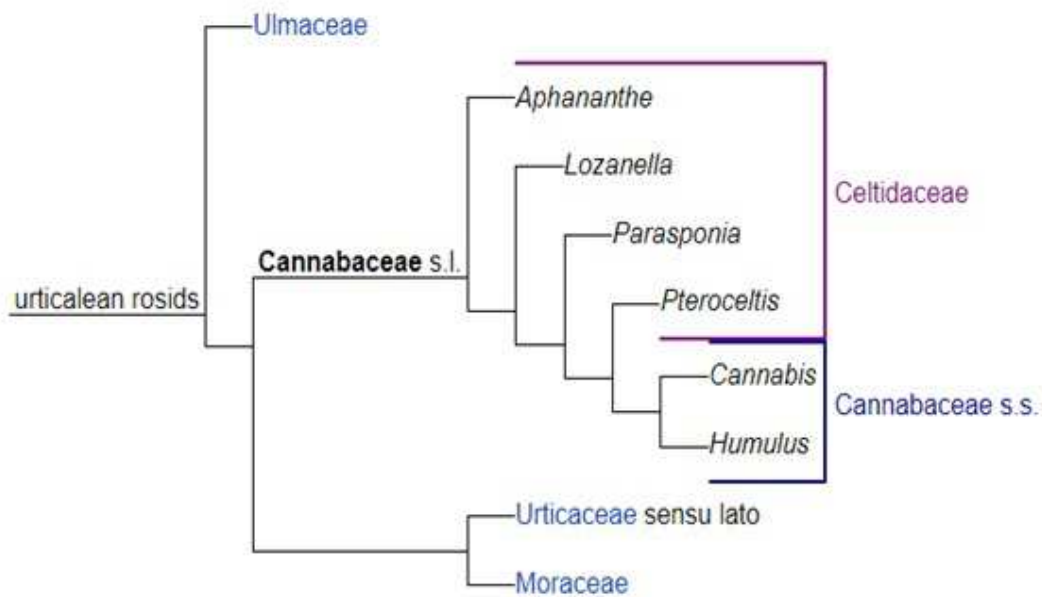
A substância da qual tratam os discursos antiproibicionistas, a maconha, é obtida da planta cujo nome científico é *Cannabis Sativa Lineu*, atribuído em 1753, pelo médico e botânico sueco Carolus Linnaeus (Carl Von Linné). Conhecida há milênios pela humanidade, a planta foi largamente utilizada pelas suas propriedades têxteis, medicinais e recreativas. Alguns autores a classificam, equivocadamente, como sendo um vegetal pertencente à família das Moráceas (*Moraceae*).

A *Cannabis sativa* é um arbusto da família das *Moraceae*, conhecido pelo nome de “cânhamo” da Índia, que cresce livremente nas regiões tropicais e temperadas. Os seus efeitos medicinais e euforizantes são conhecidos há mais de 4 mil anos. Na China existem registros históricos das suas ações medicinais desde o século III a.C.⁴¹. (RIBEIRO e MARQUES, 2003, p. 109).

A classificação internacionalmente mais aceita é que ela pertença à família das Canabáceas (*Cannabaceae*), e não das Moráceas (*Moraceae*), embora sejam parentes próximos, conforme as regras do *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants* (Melbourne Code)⁴².

⁴¹ Fonte: LARANJEIRA, Ronaldo (Coord.). Usuários De Substâncias Psicoativas, Abordagem, diagnóstico e tratamento, publicação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2003.

⁴² Adotado em julho 2011, pelo XVIII Congresso Botânico Internacional, em Melbourne, Austrália. Fonte: <http://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php> (acessado em: 24/06/2013).



A *Cannabis* possui três grandes variedades: *sativa*, *indica* e *ruderal*. As três variedades descendem de uma única espécie, originária provavelmente da Ásia (alguns autores afirmam ser originária da África). A *ruderal* produz mais fibras e foi muito utilizada na produção têxtil. A *indica* é muito utilizada pelas propriedades terapêuticas e a *sativa* possui maior ação psicoativa. Todas possuem a substância produtora de efeitos psicoativos, o THC, mas em concentrações diferentes.

Por que o THC produz tais efeitos, tão apreciados por seus usuários? No início dos anos 1970, o neurocientista Solomon Snyder, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, descobriu que havia no cérebro proteínas capazes de reconhecer a morfina: os receptores opióides, chamados assim em referência ao ópio, que contém grande quantidade de morfina. Snyder descobriu também as morfina endógenas, produzidas pelo próprio cérebro, conhecidas como “endorfinas”. As pesquisas mostraram que o cérebro humano (e de outros mamíferos) fabrica um tipo de morfina que atua nos mecanismos naturais de regulação da dor. De modo semelhante, em 1990, um grupo de pesquisadores⁴³ coordenado pelo farmacologista Tom Bonner, do Instituto Nacional de Saúde Mental, nos Estados Unidos, descobriu a existência, no cérebro de mamíferos, dos receptores canabinóides, responsáveis pelo reconhecimento do THC. Em seguida

⁴³ Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/bilhoes-de-neuronios/o-cerebro-fabrica-maconha> (acessado em: 24/06/2013).

foram descobertos os endocanabinóides, que são compostos gordurosos, produzidos pelo cérebro, capazes de serem reconhecidos pelos receptores canabinóides, posicionados na membrana de outros neurônios. Segundo essas pesquisas, os endocanabinóides estão relacionados com sistemas de regulação da fome, do prazer e da saciedade do organismo. A sensação de prazer seria desencadeada quando os canabinóides externos se conectam aos receptores internos.

Por serem descobertas científicas recentes, muitos detalhes desses processos neuropsicológicos ainda não são totalmente conhecidos ou compreendidos. O que é consenso é que estes processos modificam a percepção humana do tempo, de sabores, cores e sons. Como fenômeno comunicacional, interessa à pesquisa observar se estas modificações sensoriais, associadas à produção intelectual, podem constituir codificações interpretáveis por outras mentes, em estado semelhante, como sugere a descrição conceitual da canabiosfera.

O consumo de vários tipos de drogas tornadas ilícitas vem crescendo em todo o mundo, apesar da proibição, desde a década de 1960. A *Cannabis* é a substância proibida mais utilizada, não apenas por suas propriedades terapêuticas, mas, principalmente por suas características recreativas.

O consumo de drogas ilícitas atinge 4,2% da população mundial. A maconha é a mais consumida (144 milhões de pessoas), seguida pelas anfetaminas (29 milhões), cocaína (14 milhões) e os opiáceos (13,5 milhões, sendo 9 milhões usuários de heroína) (RIBEIRO e MARQUES, 2003, p. 109).

Embora seja uma das substâncias tornadas ilícitas mais consumidas no mundo, vários autores afirmavam que a droga não provoca dependência física, como na citação do psiquiatra José Lucena, no livro⁴⁴: “Os Fumadores de Maconha em Pernambuco” (1934), recuperada por Elisaldo Carlini (2006):

Em centenas de observações clínicas, desde 1915, não há uma só referência de morte em pessoa submetida à privação do elemento intoxicante, no caso a resina canábica. No canabismo não se registra a tremenda e clássica crise de falta, acesso de privação (sevrage), tão bem descrita nos viciados pela morfina, pela heroína e outros entorpecentes, fator este indispensável na definição oficial da OMS para que uma droga seja considerada e tida como toxicomanógena. (CARLINI, 2006, p. 316).

⁴⁴ LUCENA, J. Os fumadores de maconha em Pernambuco. Arq. Assist. Psicopatas, 4: 55-96, 1934.

Carlini admite que o uso abusivo e prolongado da *Cannabis* possa desenvolver algum tipo de dependência, mas não tão severa como a dependência de outras drogas, como a morfina e a heroína e o álcool.

O I Levantamento Domiciliar sobre Consumo de Drogas no Brasil (Carlini et al., 2002) revelou que 6,9% dos 47 milhões de habitantes das 107 maiores cidades brasileiras já consumiram a planta pelo menos uma vez na vida, o que corresponde a 3,249 milhões de pessoas. Contrastando com esses dados temos que, ao longo dos últimos 15 anos, o número de pessoas internadas por intoxicação aguda ou por dependência de maconha (Noto et al., 2002) não ultrapassou 300 por ano no triênio 1997-1999. Em contraste, as internações por álcool alcançaram um total de 119.906 internações no mesmo triênio (CARLINI, 2006, p. 317).

Segundo outros autores, como Marcelo Ribeiro e Ana Marques a maconha provoca dependência, em pelo menos dez por cento daqueles que a usam, o que seria, segundo a mesma fonte, 33,3% menor do que o índice de dependência provocado pelo álcool:

Nos EUA, 40% da população adulta já experimentaram maconha uma vez pelo menos. O uso da maconha geralmente é intermitente e limitado: os jovens param por volta dos seus 20 anos, e poucos entram num consumo diário por anos seguidos. A dependência de maconha está entre as dependências de drogas ilícitas mais comuns; 1 em 10 daqueles que usaram maconha na vida se tornam dependentes em algum momento do seu período de 4 a 5 anos de consumo pesado. Este risco é mais comparável ao de dependência de álcool (15%) do que de outras drogas (tabaco é de 32% e opióides é de 23%) (RIBEIRO e MARQUES, 2003, p. 109).

Sobre a existência de uma possível dependência, física ou psicológica, os debates se estendem infinitamente. Faltam ainda pesquisas realizadas sob os rígidos critérios de aferição da ciência, que a comprove de fato, ficando algumas opiniões somente condicionadas à credibilidade, à autoridade e ao trabalho realizado na área, por seus enunciadores.

2.02 - A *Cannabis sativa* e a ciência

Sobre o uso terapêutico e recreativo da *Cannabis sativa*, muitos discursos foram produzidos, gerando sempre muitas controvérsias, debates e discussões. Nem sempre o que foi dito, de positivo ou negativo, corresponde à verdade. Boa parte do que se tem falado, a favor ou contra, não possui bases científicas

consistentes que atestem sua veracidade. Alguns são discursos de usuários, simpatizantes, ativistas e militantes do antiproibicionismo. Outras falas estão impregnadas de senso comum e de preconceitos ou influenciadas pelas campanhas antidrogas norte-americanas. Poucas certezas e muitas perguntas orbitam essa questão. As respostas a todos esses questionamentos demandam pesquisas em diversos campos.

Nem mesmo a comunidade científica é uníssona, no que se refere à legalização do uso medicinal da *Cannabis sativa* no Brasil e, menos ainda, quanto ao uso recreativo. No artigo⁴⁵ “Falta ciência na discussão sobre a maconha”, publicado na “Folha de São Paulo”, em 22 de setembro de 2010, na editoria Tendências/Debates, o pesquisador Guimarães dos Santos⁴⁶ afirmou que: “nem os argumentos a favor nem os contrários à maconha parecem estar embasados, em certos aspectos, em ciência” (SANTOS, 2010). O pesquisador se referia aos debates travados em torno da ideia da criação de uma agência, para regulamentar o uso medicinal da maconha no Brasil.

A ideia da criação da agência reguladora surgiu em um simpósio internacional, realizado em São Paulo, para discutir os efeitos terapêuticos da maconha. O evento foi organizado pelo professor da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Elisaldo Carlini⁴⁷, fundador do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) e membro do Comitê de Peritos da Organização Mundial da Saúde sobre Álcool e Drogas. O evento resultou na elaboração de uma carta, com um pedido ao Governo para que fosse criada a agência, semelhante às que já existem em países, como: Holanda, Canadá e Reino Unido, com base na lei 11.343, de 23 de agosto de 2006, e no decreto 5.912, de 27 de setembro de 2006. Essa carta gerou muita polêmica na comunidade científica, e no seu próprio campo de pesquisa.

Vozes discordantes surgiram, imediatamente, como as do psiquiatra Dr. Ronaldo Ramos Laranjeira, professor titular de psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e coordenador do Instituto Nacional de Políticas sobre Álcool e Drogas (INPAD/CNPQ), e da Dra. Ana Cecília Petta Marques, doutora pela

⁴⁵ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2209201007.htm> (acessado em: 25/09/2013).

⁴⁶ Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP) e doutorando em farmacologia.

⁴⁷ Carlini é um dos pioneiros nessa área, na qual trabalha há mais de 50 anos.

UNIFESP e pesquisadora do INPAD/CNPQ. Para eles, em artigo⁴⁸ intitulado “Maconha, o Dom de Iludir”, publicado originalmente na “Folha”, em 22 de julho de 2010, não há estudo confiável que comprove a eficácia de muitas das propriedades terapêuticas atribuídas à *Cannabis*. Afirmam que, pelo contrário, esta seria “comprovadamente” nociva:

Semanas atrás, a Folha noticiou a proposta de criar-se uma agência especial para pesquisar os supostos efeitos medicinais da maconha, patrocinada pela Secretaria Nacional Antidrogas do governo federal. Esse debate nos dias atuais, tal qual ocorreu com o tabaco na década de 60, ilude, sobretudo os adolescentes e aqueles que não seguem as evidências científicas sobre danos causados pela maconha no indivíduo e na sociedade. Na revisão científica feita por Robim Room e colaboradores ("*Cannabis Policy*", Oxford University, 2010), fica claro que a maconha produz dependência, bronquite crônica, insuficiência respiratória, aumento do risco de doenças cardiovasculares, câncer no sistema respiratório, diminuição da memória, ansiedade e depressão, episódios psicóticos e, por fim, um comprometimento do rendimento acadêmico ou profissional. Apesar disso, o senso comum é o de que a maconha é "droga leve, natural, que não faz mal" (LARANJEIRA, 2010).

Na comunidade científica, outras vozes se levantam em apoio ao Dr. Carlini, como as do grupo de neurocientistas⁴⁹, composto por Sidarta Ribeiro, João R. L. Menezes, Juliana Pimenta e Stevens K. Rehen. Eles escreveram o artigo “Ciência e Fraude no Debate da Maconha”, publicado na seção "Tendências/Debates", na “Folha”, em 30 de julho de 2010, onde o uso terapêutico da *Cannabis* é defendido:

O artigo contra o uso medicinal da maconha de Ronaldo Laranjeira e Ana C. P. Marques ("Maconha, o dom de iludir", "Tendências/Debates", 22/7) contém inverdades que exigem um esclarecimento. A fim de desqualificar a proposta de criação de uma agência brasileira para pesquisar e regulamentar os usos medicinais da maconha, os autores citam de modo capcioso o livro "*Cannabis Policy: Beyond the Stalemate*". Exatamente ao contrário do que o artigo afirma, o livro provém de um relatório com recomendações claramente favoráveis à legalização regulamentada da maconha (RIBEIRO, MENEZES, PIMENTA E REHEN, 2010).

⁴⁸ Publicado originalmente na seção "Tendências/Debates", na Folha, em 22 de julho de 2010

⁴⁹ SIDARTA RIBEIRO, professor titular de neurociências da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); JOÃO R. L. MENEZES, professor adjunto da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e coordenador do simpósio sobre drogas da Reunião da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento (SBNeC) 2010; JULIANA PIMENTA, psiquiatra da Secretaria de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro e STEVENS K. REHEN, professor adjunto da UFRJ.

As aplicações medicinais para a *Cannabis sativa* têm sido objeto de pesquisa em vários países, como os Estados Unidos, Canadá, Holanda e Israel. Remédios derivados de *Cannabis*, como o Sativex e Marinol, já estão disponíveis para serem utilizados, por indicação médica.

Figura 06

Marinol⁵⁰.

Figura 07

Sativex⁵¹.

Os neurocientistas que apoiam Carlini mostram confiança nas propriedades terapêuticas da *Cannabis* e nos estudos científicos que atestam sua eficácia no tratamento de algumas doenças e como terapia auxiliar em outras, como no caso do tratamento de pessoas que passam por quimioterapias ou utilizam outros medicamentos, causadores de fortes náuseas; também é utilizada para combater a insônia e para a falta de apetite, provocadas por esses tratamentos.

A maconha foi selecionada ao longo de milênios por suas propriedades terapêuticas, e seu uso medicinal avança nos EUA, Canadá e em outros países. Dezenas de artigos científicos atestam a eficácia da maconha no tratamento de glaucoma, asma, dor crônica, ansiedade e dificuldades resultantes de quimioterapia, como náusea e perda de peso⁵² (RIBEIRO, MENEZES, PIMENTA E REHEN, 2010).

Em um item os cientistas parecem ter mais consenso: é sobre a necessidade de se ampliarem as pesquisas no Brasil. Para isso, será necessária a modificação

⁵⁰ <http://thefreshscent.com/tag/marinol/> (acessado em: 19/06/2013).

⁵¹ <http://cannabis.net/articles/sativex.html> (acessado em: 19/06/2013).

⁵² Retirado do texto: "Ciência e fraude no debate da maconha", produzido pelos cientistas acima nomeados.

das atuais leis que tratam do assunto. Carlini atribui ao proibicionismo a atual carência de pesquisas no Brasil sobre as propriedades terapêuticas da *Cannabis*.

Está sobejamente provado que o Δ 9-tetraidrocanabinol (Δ 9-THC), o princípio ativo da maconha, tem efeito antiemético em casos de vômitos induzidos pela quimioterapia anticâncer e é um orexígeno útil para os casos de caquexia adéctica e a produzida pelo câncer. O Δ 9-THC está registrado como medicamento em vários países, inclusive nos EUA (Marinol®). Mas, apesar de esses fatos estarem relatados em revistas científicas internacionais sérias, por respeitadas grupos de pesquisadores, houve e há resistências, inclusive no Brasil, em aceitar essa substância como medicamento (CARLINI, 2006, p. 317).

Os recentes estudos científicos têm demonstrado algumas propriedades terapêuticas da *Cannabis*, contidos em medicamentos, como os colírios contra o glaucoma. Conforme explica Carlini, no artigo “*Cannabis* Medicinal: Não Lemos e Não Gostamos”, publicado no blog da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento, em 24 de setembro de 2010, o *Marinol*® é usado, há anos, nos Estados Unidos.

Ora, um princípio ativo da maconha, o Δ 9-THC, está aprovado como medicamento por esta Agência desde a década de 1990, sendo o produto *Marinol*® produzido e utilizado nos Estados Unidos, e exportado para vários países há quase 20 anos⁵³ (CARLINI, 2010).

Carlini, no entanto, embora defenda seu uso medicinal ou terapêutico, não concorda com a legalização do uso recreativo da *Cannabis*. Para ele, como afirma em reportagem da revista *Época* nº. 541: “a maconha faz mal aos pulmões” e “legalizá-la significaria torná-la disponível e sujeita a campanhas de publicidade que estimulariam seu consumo” (CARLINI, 2009, p. 83-84).

Especula-se que a *Cannabis* possa afetar, negativamente, pessoas com transtorno bipolar e que a fumaça, proveniente da queima, possa causar problemas respiratórios. Para o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, diretor do Programa de Orientação e Assistência a Dependentes (PROAD), da Universidade Federal de São Paulo, em um artigo⁵⁴ intitulado “*Cannabis* Pode Realmente Causar Esquizofrenia?”,

⁵³ <http://blog.sbneec.org.br/2010/09/cannabis-medicinal-nao-lemos-e-nao-gostamos/> (acessado: em 20/05/2012).

⁵⁴ SILVEIRA, D. Xavier. *Cannabis* pode realmente causar esquizofrenia? In: Dartiu Xavier da Silveira; Fernanda G Moreira. (Org.). *Panorama atual de drogas e dependências*. 1°. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2005, v. 1, p. 96-97. Disponível em: http://www.proad.unifesp.br/pdf/cannabis_pode_realmente_causar_esquizofrenia.pdf (acessado: em 20/05/2012).

ainda que se reconheçam “os riscos relacionados ao uso de substâncias psicoativas” e os problemas provocado por este uso, “a existência deste tipo de literatura científica, supostamente confiável, mas ao mesmo tempo tão vulnerável a uma análise mais minuciosa”, leva todos a questionarem a credibilidade do que é publicado sobre o tema.

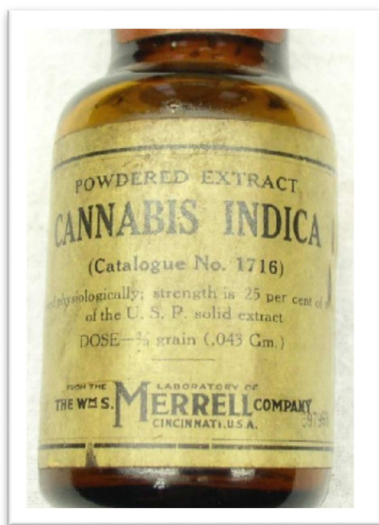
Nos últimos 30 anos, o uso de *Cannabis* aumentou substancialmente entre populações jovens. Se a relação entre *Cannabis* e esquizofrenia fosse realmente de causalidade, deveríamos ter constatado igualmente um aumento da incidência de esquizofrenia entre 1970 e os dias de hoje. Entretanto, estudos populacionais sugerem que a incidência de esquizofrenia vem se mantendo estável ou até mesmo apresentando discreta diminuição no referido período (Macleod et al, 2004). Assim sendo, tais afirmações dos referidos autores não deveriam ser tomada com constatações científicas, mas, apenas, na melhor das hipóteses, como algo a ser investigado através de outros estudos ainda a serem desenvolvidos (SILVEIRA, 2005, p. 96-97).

A subjetividade, presente na maior parte dos textos sobre drogas, ora os transformam em apaixonadas defesas e ativismo antiproibicionista, ora os fazem de manifestos proibicionistas. Também estão presentes, atentos aos lucros de um mercado promissor, os interesses econômicos e mercadológicos, mostrando os benefícios de produtos fabricados a partir da *Cannabis*; e ideológicos, que colocam em ação políticas excludentes contra etnias que possuem a *Cannabis sativa* em suas culturas. Mesmo no meio científico, podem ser observadas grandes divergências nos posicionamentos sobre a legalização do uso da *Cannabis sativa*. Pela quantidade de questionamentos levantados, muitos estudos e pesquisas ainda devem ser feitos sobre este tão polêmico tema. Muitos discursos ainda serão proferidos. A discussão está aberta e o elevado nível dos debates, somado à qualificação dos debatedores, fazem crer que em breve, orientadas pelos conhecimentos provenientes da ciência e atentas às questões dos direitos do cidadão e do exercício da cidadania, serão produzidas respostas satisfatórias e adequadas para esta questão, que afeta toda a sociedade. Como objeto de pesquisa, interessa a este trabalho os discursos produzidos sobre o assunto e os recursos postos em cena nesta batalha discursiva.

2.03 - O Proibicionismo

O estudo sobre o discurso jornalístico antiproibicionista requer que se estudem também os vários outros discursos, produzidos na sociedade sobre o tema, em vários campos. Requer compreender a construção do próprio proibicionismo instituído, pois o discurso antiproibicionista surge como um foco de resistência, nos entornos do discurso proibicionista e em reação a ele, alimentando-se de suas falhas, explorando suas lacunas, minando suas defesas, testando seus pontos fracos e atacando suas fortificações.

Figura 08



Extrato de *Cannabis*⁵⁵.

Figura 09



Anúncio de cigarros de *Cannabis*⁵⁶.

Nos vários discursos produzidos na sociedade sobre a *Cannabis sativa*, inclusive nos textos históricos, indícios podem mostrar posicionamentos simpatizantes ou contrários ao uso da planta.

Para quem já nasceu sob as leis do proibicionismo, instaurado ao longo dos últimos 70 anos, conhecendo a maconha como uma droga já tornada proibida, pode parecer estranho saber que a *Cannabis sativa* já foi um dos principais cultivos no mundo, com largo uso industrial, medicinal, religioso, cultural e recreativo. O pesquisador e escritor norte-americano Jack Herer (2005), no livro “*The Emperor Wears No Clothes*”, afirma que antes do período da proibição, a produção de

⁵⁵ Extrato de *Cannabis*, produzido pelo laboratório Merrell, disponível no portal: <http://hempadao.blogspot.com.br/2010/10/ed-85-onjack-cap-2-parte-12-maconha.html> (acessado em: 27/08/2012).

⁵⁶ Antigo anúncio de cigarros de *Cannabis*, contra asma (CARLINI, 2006, p. 316).

tecidos, cordas, cordões, papel, óleo, entre outros produtos, era de grande importância para a agricultura, com vastos campos cultivados na Europa, na Rússia e nos Estados Unidos, para o comércio e para a economia de vários países.

Até a década de 1820 nos Estados Unidos (e até o século XX, na maioria do resto do mundo), 80 por cento de todos os produtos têxteis e tecidos para vestuário, tendas, roupa de cama, tapetes, cortinas, colchas, toalhas, fraldas etc. - e até mesmo a nossa bandeira: "Old Glory", eram principalmente feitos de fibras de *Cannabis*. Por centenas, senão milhares de anos (até 1830), a Irlanda fez a melhor roupa de cama e a Itália fez o melhor pano do mundo para a roupa com cânhamo. As edições de 1893 a 1910 da *Encyclopaedia Britannica* indicam e, em 1938, a *Popular Mechanics* estimava que, pelo menos, metade de todo o material que tem sido chamado de roupa não foi feita a partir de linho, mas de *Cannabis* (HERER, 2005, p. 08 – Tradução do autor⁵⁷).

Figura 10

Cigarros Grimault⁵⁸.

Figura 11



Cigarros Caboclo.

O Brasil já foi um grande produtor de *Cannabis sativa* para uso medicinal, como os “cigarros de índios”, indicados contra asma; e uso industrial, para fabricar velas e cordas para as caravelas portuguesas. Pernambuco foi o Estado brasileiro

⁵⁷ A Until the 1820s in America (and until the 20th Century in most of the rest of the world), 80 percent of all textiles and fabrics used for clothing, tents, bed sheets and linens,* rugs, drapes, quilts, towels, diapers, etc. - and even our flag, "Old Glory," were principally made from fibers of *Cannabis*. For hundreds, if not thousands of years (until the 1830s), Ireland made the finest linens and Italy made the world's finest cloth for clothing with hemp. The 1893-1910 editions of *Encyclopaedia Britannica* indicate - and in 1938, *Popular Mechanics* estimated - that at least half of all the material that has been called linen was not made from flax, but from *Cannabis* (HERER, 2005, p. 08).

⁵⁸ <http://zedafauta.blogspot.com.br/2011/04/cigarros-indios.html>. (acessado em: 27/08/2012).

com maior destaque na produção industrial de *Cannabis sativa*, chegando a possuir uma grande variedade de produtos que utilizavam essa matéria-prima.

Figura 12



Cigarros Tabira⁵⁹.

Figura 13



Cigarros Camacan.

Com a proibição, centenas de áreas destinadas aos plantios foram desativadas. No entanto, algumas áreas continuaram produzindo para o comércio ilegal em grande escala, que perdurou até a década de 1980. Após as seguidas apreensões de plantações gigantescas, o comércio de maconha pernambucana arrefeceu, mas se disseminou em pequenas plantações, por todo o Nordeste.

Os cigarros índios eram fabricados em sua grande maioria em Pernambuco a base de *Cannabis Sativa*, ou seja, maconha. Eram indicados para asma, insônia, catarro, opressão e outras enfermidades. Estudiosos revelam que seu principal objetivo era o uso recreativo. No século XIX era um hábito fumar esses "baseados legais" nas mais altas rodas sociais assim como ir à farmácia para comprar cocaína e heroína legalmente e consumirem em grandes bailes e encontros das classes abastadas da época⁶⁰ (FLAUTA⁶¹, 2011).

A região Sul do Brasil foi uma grande produtora de *Cannabis sativa*, para utilização na indústria têxtil da Coroa portuguesa. Conforme afirma o historiador Maximiliano Menz (2003), no texto⁶² "Os Escravos da Feitoria do Linho Cânhamo: Trabalho, Conflito e Negociação", entre 1783 a 1824, Portugal manteve, com o objetivo de fabricar cordas e tecidos para velas dos navios do Império português,

⁵⁹ http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listar_projeto.php?cod=26&from=350. (acessado em: 03/05/2013).

⁶⁰ Disponível em <http://zedaflauta.blogspot.com.br/2011/04/cigarros-indios.html> (acessado em: 02/06/2013).

⁶¹ Músico e produtor musical, compositor de trilhas sonoras e jingles.

⁶² MENZ, Maximiliano M. Os Escravos Da Feitoria Do Linho Cânhamo: Trabalho, Conflito E Negociação, Afro-Ásia número 32, p. 139 a 158. 2003. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia32_pp139_158_FeitoriaLinho.pdf. (acessado em: 03/05/2013).

plantações de *Cannabis sativa*, no Rio Grande do Sul, na região que depois passaria a ser a cidade de São Leopoldo. Também eram mantidas plantações de cânhamo nos Estados do Amazonas, no Pará e também no Maranhão.

Figura 14



Casa da Feitoria do Rio dos Sinos⁶³.

A *plantation* da RFC – Real Feitoria do Linho Cânhamo era mantida com o trabalho de centenas de colonos escravos, trazidos de fazendas do Rio de Janeiro.

É em função da diversificação de cultivos que o cânhamo será produzido para fins comerciais no Brasil. Planta de origem asiática era produzida com sucesso na Espanha, França e Rússia; quando beneficiada se transforma em linho para tecidos e cordas. No Vice-reinado do Marquês do Lavradio fizeram-se as primeiras experiências com pequenas sementeiras no Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande. Contudo, foi somente com a sucessão de Luiz de Vasconcellos Souza que as experiências iniciais com a planta deram lugar à formação da RFC no Rio Grande (MENZ, 2003, p. 140).

Antes da proibição, o uso medicinal era muito comum, desde em chás caseiros contra dores, asma e cólicas menstruais, até em doenças mais graves. Seus princípios ativos são pesquisados, desenvolvidos e transformados, pela indústria farmacêutica, em medicamentos para epilepsia, glaucoma, esclerose múltipla, espasmos musculares, dores nas costas e alívio das náuseas e da falta de apetite causadas por quimioterapia, em pacientes com câncer; e teria também

⁶³ <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2009/12/738-linho-canhamo-e-maconha.html> (acessado em: 03/05/2013).

potencial para substituir drogas perigosas, usadas atualmente contra depressão, insônia e ansiedade. Em alguns períodos, a *Cannabis sativa* era um dos remédios mais usados:

De 1842 até a década de 1890, a maconha extremamente forte (então conhecido como *extractums Cannabis*) e extratos de haxixe, tinturas e elixires eram rotineiramente os segundo e terceiro medicamentos mais usados, nos EUA, para os seres humanos (desde o nascimento, a infância, à velhice) e na medicina veterinária, até a década de 1920 e por mais tempo⁶⁴ (HERER, 2005, p. 15-16 – Tradução do Autor).

Figura 15



Selos⁶⁵ do imposto sobre a *Cannabis sativa*, nos EUA.

Após 1937, com o crescimento da indústria do nylon e do algodão, que coincidem com o início do proibicionismo, o Governo norte-americano passa a cobrar um imposto sobre o comércio de *Cannabis*, conhecido como Lei de Harrison ou *marijuana tax*, que inviabilizava a produção de pequenos produtores.

⁶⁴ From 1842 through the 1890s, extremely strong marijuana (then known as *Cannabis extractums*) and hashish extracts, tinctures and elixirs were routinely the second and third most-used medicines in America for humans (from birth, through childhood, to old age) and in veterinary medicine until the 1920s and longer (JACK HERER, 2005, p. 15-16).

⁶⁵ Disponíveis em: <http://terrefhosting.net/gerry/marijuanastamps/r240.htm> (acessado em: 03/06/2013).

O ponto de partida do regime de imposto sobre a maconha da Lei Harrison é a noção do imposto proibitivo. Sob a Lei de Harrison, um usuário não-médico não podia legitimamente comprar ou possuir drogas. Para os dissidentes das decisões do Supremo Tribunal que sustentam o ato, este demonstrou claramente que o motivo do Congresso era proibir a conduta, em vez de aumentar a receita (HERER, 2005, p. 39 - Tradução do Autor⁶⁶).

2.04 - Origens da palavra “Maconha”

A palavra “maconha” pode ter sua origem em dialetos africanos, para alguns autores, como Denis Burgierman (2002), “é uma palavra quimbundo, o idioma banto de Angola” (BURGIERMAN, 2002. P. 22). Para o médico e pesquisador Elisaldo Araújo Carlini, no artigo “A História da Maconha no Brasil⁶⁷”, publicado no Jornal Brasileiro de Psiquiatria n°.55 vol. 4 (2006, p. 314-317), a palavra resulta da recombinação das letras da palavra Cânhamo, feita por usuários para despistar a repressão. Seja como for, a palavra maconha tem uma valoração simbólica extremamente negativa, cuja noção remete à proibição. A palavra “maconheiro”, por sua vez, é muito mais estigmatizada: sua noção é associada ao agente da criminalidade, do narcotráfico, bandido, vagabundo, viciado, perigo para a sociedade. O discurso antiproibicionista prefere usar a palavra “*Cannabis*”, menos colada a noções negativas e a palavra “maconheiro” não é muito apreciada. “Usuário” também não. Para ser “politicamente correto”, é melhor chamá-los, pelos seus próprios nomes ou apelidos.

2.05 - A proibição da *Cannabis Sativa*

O proibicionismo em relação às drogas (substâncias que alteram o estado da mente) começou bem antes do caso específico da maconha, e está relacionado com outras questões de ordem econômica, social, política e religiosa. Antes da medicina moderna, o uso de plantas na cura de várias doenças era comum. Ainda hoje, muitas plantas são utilizadas como remédios caseiros.

⁶⁶*The key departure of the marijuana tax scheme from that of the Harrison Act is the notion of the prohibitive tax. Under the Harrison Act, a non-medical user could not legitimately buy or possess narcotics. To the dissenters in the Supreme Court decisions upholding the act, this clearly demonstrated that Congress' motive was to prohibit conduct rather than raise revenue (JACK HERER, 2005).*

⁶⁷Artigo inicialmente publicado em Carlini EA, Rodrigues E, Galduróz JCF. *Cannabis sativa L.* e substâncias canabinóides em medicina. São Paulo: CEBRID, 2005.

Algumas plantas possuem propriedades que as tornam indicadas no tratamento de pessoas acometidas por certas enfermidades. Essas propriedades que dão às plantas seu poder terapêutico são obtidas de substâncias químicas produzidas naturalmente por esses vegetais. Conforme o pesquisador Osvaldo Fernandez (2007), foi a partir do início do século XIX, que as indústrias farmacêuticas, como a Merck, Bayer e Park Davis começaram a extrair, quimicamente, esses princípios ativos dessas plantas, para usá-los como medicamentos.

Os compostos são frequentemente alcalinos ou alcalóides, fármacos puros de origem das diversas plantas, como morfina (1806), codeína (1832), atropina (1833), cafeína (1841), cocaína (1860), heroína (1883), mescalina (1896), Barbitúricos (1903). Com esses produtos, acabou a incerteza derivada das concentrações das distintas plantas, pois a certeza de pureza do produto permitiu dosar com exatidão, ampliando, assim, as margens de segurança para o usuário (FERNANDEZ, 2007, p. 40).

Figura 16

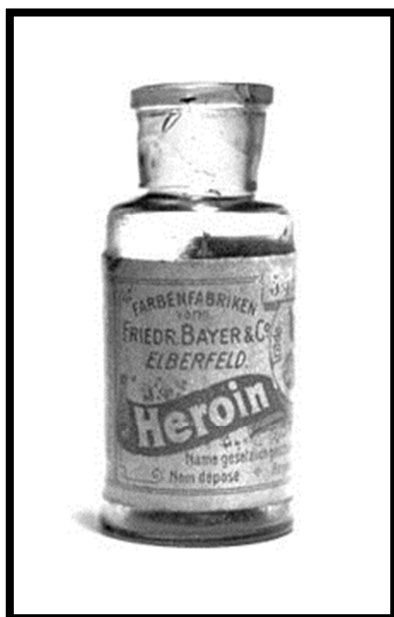
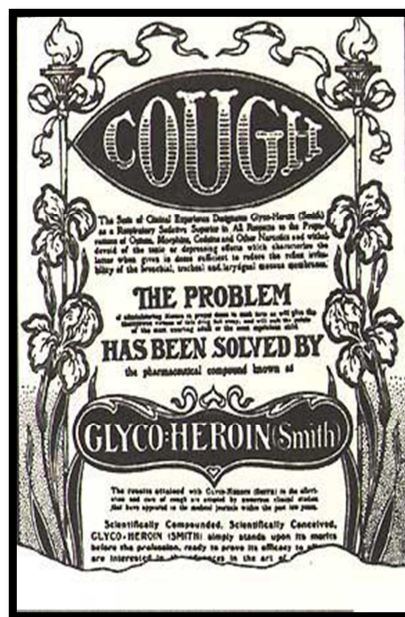
Heroína da Bayer⁶⁸.

Figura 17



Heroína da Bayer.

Segundo Fernandez (2007, p. 43), as principais drogas, conhecidas por causarem sérios problemas de saúde, foram introduzidas no mercado por laboratórios que fizeram fortuna e se transformaram em impérios da indústria

⁶⁸ Figuras disponíveis em: <http://cargocollective.com/saruego#construindo-uma-cenografia> (acessado: em 02/06/20012).

farmacêutica. A morfina foi uma das primeiras drogas usadas em larga escala, como anestésico, mas logo se tornaria um problema de saúde, devido à facilidade com que levava à dependência. Algumas delas eram receitadas como remédio para os problemas gerados por outras drogas, como o ópio e morfina. Conforme o autor, a cocaína foi lançada pela Bayer para o tratamento da morfina. Com grande variedade de uso farmacêutico, a cocaína chegou a ser prescrita, como medicamento, por autoridades, como Sigmund Freud.

Figura 18

Xarope de heroína⁶⁹.

Figura 19

Vinho de Coca⁷⁰.

Desde o século XIX, o abuso de drogas, principalmente a dependência de ópio, já era um problema preocupante em toda a Europa e Ásia. Mas interesses comerciais agravariam mais ainda a situação. O ópio, substância entorpecente extraída da papoula, causadora de forte dependência, era produzido em larga escala na Índia, que na época estava sob domínio do Império britânico. Grande parte da receita Inglesa vinha do tráfico ilegal de ópio para a China, onde os problemas causados pela dependência obrigaram o Governo chinês a proibir o seu comércio e a expulsar empresários ingleses. Esses fatos levaram a Inglaterra a declarar guerra

⁶⁹<http://www.proyectosandia.com.ar/2011/10/heroina-si-es-bayer-es-bueno.html> (acessado em: 02/07/2013).

⁷⁰<http://freedomofmedicineanddiet.blogspot.com.br/2013/04/more-about-drug-policy-covington.html> (acessado em: 02/07/2013).

contra China, em duas ocasiões, no período entre 1839 e 1842, e entre 1856 e 1860. Esses conflitos armados, entre a Grã-Bretanha e a China, ficaram conhecidos como Guerra Anglo-Chinesa ou guerra do ópio.

A Guerra do Ópio entre China e Grã-Bretanha permitiu ampliar a presença colonial desta última, no Extremo Oriente, ao impor seus interesses comerciais na região. Os conflitos armados do século XIX, em torno do ópio, entre nações, que discutiram o status da legalidade de certas substâncias, regulando o comércio internacional sob hegemonia de uma nova potência mundial. A construção do proibicionismo às drogas ocorreu no início do século XX, envolvendo diferentes nações, discursos e interesses econômicos, como vantagens da indústria farmacêutica de diferentes países em competição e segmentos da corporação médica. (FERNANDEZ, 2007, P. 45).

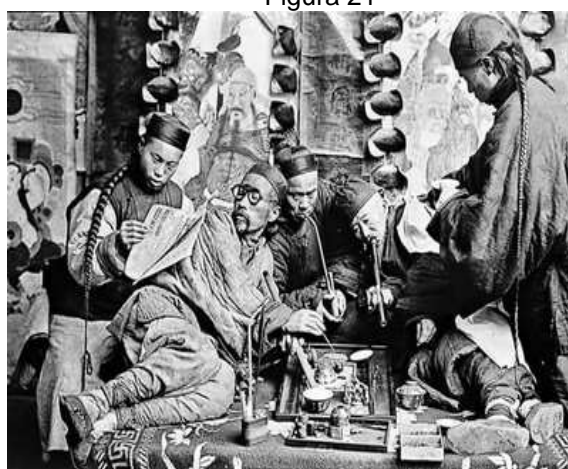
Para Fernandez, o problema das drogas é uma construção internacional, originado “nos interesses geopolíticos divergentes, entre o capitalismo tradicional da Grã-Bretanha e o capitalismo moderno dos EUA, especialmente no tocante às disputas comerciais, em torno da indústria farmacêutica” (FERNANDEZ, 2007, 46).

Figura 20



Remédio de ópio⁷¹.

Figura 21



Fumadores de ópio⁷².

O capitalismo moderno norte-americano substitui as guerras e conflitos internacionais por negociações e tratados, em torno do uso e comércio de drogas. A partir de 1914, os EUA passam a proibir substâncias consideradas “narcóticas”, classificação que serviu de embasamento para que o proibicionismo se expandisse para o resto do mundo.

⁷¹ <http://hypescience.com/10-inacreditaveis-propagandas-antigas-de-cocaina-e-outras-drogas/> (acessado em: 02/06/2013).

⁷² Disponível em: <http://www.umdrinknoinferno.com/?p=10634> (acessado em: 02/06/2013).

Figura 22

Cocaína da Lloyd Manufacturing Co⁷³.

Figura 23

Vinho de Coca⁷⁴.

No caso da *Cannabis*, devido sua larga aplicação industrial e propriedades terapêuticas, foi mantida por um longo período na legalidade. Já que a *Cannabis sativa* possui todas essas propriedades e utilidades, por que será que está proibida em tantos países? Como teria se originado o proibicionismo? No artigo “A Verdade Sobre a Maconha”, de Denis Russo Burgierman, publicado na revista Super Interessante, número 179, de agosto de 2002, é abordada esta questão:

A guerra contra essa planta foi motivada muito mais por fatores raciais, econômicos, políticos e morais do que por argumentos científicos. E algumas dessas razões são inconfessáveis. Tem a ver com o preconceito contra árabes, chineses, mexicanos e negros, usuários frequentes de maconha no começo do século XX. Deve muito aos interesses de indústrias poderosas dos anos 20, que vendiam tecidos sintéticos e papel e queriam se livrar de um concorrente, o cânhamo (BURGIERMAN, 2002, p. 32).

No livro “The Emperor Wears No Clothes”, Jack Herer procura mostrar que interesses políticos e econômicos contribuíram para a proibição da *Cannabis* e que o proibicionismo foi construído por uma gigantesca campanha midiática, patrocinada pelo Governo norte-americano, a partir da década de 1920.

2.06 - “*Marijuana*”: Proibição e Exclusão Social

Um documentário, intitulado “*Grass - The History of Marijuana*”, premiado no *Film Festival* de Toronto, lançado em 1999 e dirigido pelo pesquisador e

⁷³ <http://nomdusuaria.wordpress.com/category/publicidad/publicidad-insalubre/> (acessado em: 02/06/2013).

⁷⁴ <http://www.businessinsider.com/yes-bayer-promoted-heroin-for-children-here-are-the-ads-that-prove-it-2011-11?op=1> (acessado em: 02/06/2013).

documentarista canadense Ron Mann⁷⁵, liga o proibicionismo da *Cannabis sativa* a uma forma de exclusão étnica imposta contra negros, mexicanos, porto-riquenhos, árabes, chineses e asiáticos em geral. Para ele, até a palavra “*marijuana*”, no lugar de “*hemp*”, passou a ser usada para aumentar sua ligação à cultura e imagem dos mexicanos. A *Cannabis* se tornou popular nos EUA a partir do início da lei seca, utilizada principalmente por trabalhadores da lavoura e, depois, por músicos de jazz, artistas e, principalmente, imigrantes e mexicanos:

Embora gente no mundo todo fumasse maconha há milhares de anos, esse costume só chegou aos EUA no princípio do século XX, quando desembarcou no Sudoeste com as ondas de mexicanos atrás de trabalho. Para os pobres imigrantes, fumar maconha era uma maneira de relaxar depois de longos dias de trabalho na lavoura. Mas a população branca americana da fronteira não gostava muito dos estrangeiros nem de seus costumes estranhos. A maconha, diziam os boatos, dava força sobre-humana aos mexicanos, transformando-os em assassinos sanguinários⁷⁶ (MANN, 1999).

A proibição da *Cannabis* não se deu de modo instantâneo, em todo o mundo. Sua utilização era permitida, incentivada e intensa na indústria, medicina e de modo recreativo, em diversos países. Vários documentos destacam o nome do personagem Henry Anslinger, na história da proibição da *Cannabis sativa*. O proibicionismo, nos EUA, inicia⁷⁷ em 1937, em El Passo. A princípio, atinge apenas nove estados americanos. Mas, no mesmo ano, a Lei de Controle da Maconha foi assinada pelo presidente Roosevelt. A *Cannabis sativa* foi tornada ilegal em todo território dos Estados Unidos.

A proibição mundial, por sugestão norte-americana, é decretada na Organização das Nações Unidas (ONU) em 1961, por um tratado, do qual o Brasil também é signatário.

Almejando metas mais ambiciosas, H. Anslinger foi à ONU e usou a influência americana para convencer mais de 100 países a unificarem seus acordos antidrogas, numa única convenção inflexível que tornava a maconha proibida no mundo todo. Foi a maior conquista na cruzada incansável de Anslinger para criminalizar o uso de maconha (MANN, 1999).

⁷⁵Ronald "Ron" Mann é canadense, diretor de documentários. Trabalha principalmente sobre aspectos da cultura popular canadense e americana. Ele dirige a empresa Sphinx Productions, além de comandar uma empresa de distribuição de filmes chamada "Films We Like". Mann é graduado pela Universidade de Toronto.

⁷⁶ *Grass - the history of marijuana*.

⁷⁷ A primeira lei brasileira proibindo o uso da *Cannabis sativa* é de 1936.

O artigo de Burgierman, na revista Super Interessante, também aponta o funcionário do Governo norte-americano, Henry Anslinger, como o principal responsável pelo proibicionismo nos Estados Unidos:

“O corpo esmagado da menina jazia espalhado na calçada um dia depois de mergulhar do quinto andar de um prédio de apartamentos em Chicago. Todos disseram que ela tinha se suicidado, mas, na verdade, foi homicídio. O assassino foi um narcótico conhecido na América como *marijuana* e na história como haxixe. Usado na forma de cigarros, ele é uma novidade nos Estados Unidos e é tão perigoso quanto uma cascavel.” Começa assim a matéria "*Marijuana: assassina de jovens*", publicada em 1937 na revista *American Magazine*. A cena nunca aconteceu. O texto era assinado por um funcionário do governo chamado Henry Anslinger. Se a maconha, hoje, é ilegal em praticamente todo o mundo, não é exagero dizer que o maior responsável foi ele (BURGIERMAN, 2002, p. 32).

Burgierman (2002) mostra em seu artigo que Henry Anslinger iniciou na vida pública norte-americana na lei seca, na repressão do tráfico de bebidas, e logo foi promovido a chefe da Divisão de Controle de Estrangeiros, de onde sairia para chefiar, por 32 anos, a política antidrogas norte-americana. Segundo o autor, o proibicionismo se deve principalmente às articulações e manobras de Anslinger e seus aliados. Um dos principais aliados de Anslinger, na guerra contra a maconha, era o milionário William Randolph Hearst, dono de uma imensa rede de jornais. Hearst odiava mexicanos, pelo fato de que, durante a Revolução Mexicana de 1910, as tropas de Pancho Villa, que faziam uso frequente de maconha, desapropriaram uma grande fazenda, que pertencia a sua família. Hearst era plantador de eucaliptos, e outras árvores, utilizadas para produzir papel. Ele também tinha interesse em que a produção americana de maconha terminasse, finalizando a indústria de papel de cânhamo.

Nos anos 1930, “uma intensa campanha contra a maconha” foi montada por Hearst. Seus jornais publicaram muitas matérias sobre a *Cannabis*, afirmando que ela levava os mexicanos a estuprarem mulheres brancas, e que 60% dos crimes eram cometidos sob efeito da droga. Conforme Burgierman, nessa época surgiu um mito repetido até hoje: a história de que a maconha mata neurônios. Hearst popularizou o nome “*marijuana*”, para que a palavra soasse bem hispânica, permitindo a associação direta entre a droga e os mexicanos. Burgierman explica

que “Anslinger era presença constante nos jornais de Hearst”, contando histórias de terror sobre a *Cannabis*.

A opinião pública ficou apavorada. Em 1937, Anslinger foi ao Congresso dizer que, sob o efeito da maconha, "algumas pessoas embarcam numa raiva delirante e cometem crimes violentos". Os deputados votaram pela proibição do cultivo, da venda e do uso da *Cannabis*, sem levar em conta as pesquisas que afirmavam que a substância era segura. Proibiu-se não apenas a droga, mas a planta. O homem simplesmente cassou o direito da espécie *Cannabis sativa* de existir (BURGIERMAN, 2002, p. 34).

2.07 - Proibicionismo no Brasil

No artigo “A História da Maconha no Brasil”, (2006, p. 314-317), Dr. Elisaldo Araújo Carlini afirma que no Brasil a maconha é conhecida desde o início da colonização, trazida da África “pelos escravos negros”, daí ser também chamada de “fumo de Angola”.

O seu uso disseminou-se rapidamente entre os negros escravos e nossos índios, que passaram a cultivá-la. Séculos mais tarde, com a popularização da planta entre intelectuais franceses e médicos ingleses do exército imperial na Índia, ela passou a ser considerada em nosso meio um excelente medicamento indicado para muitos males (CARLINI, 2006, p. 314).

Para Carlini (2006), aqui no Brasil, o proibicionismo também começou como forma de exclusão e controle étnico e cultural, mas ocorre, principalmente, por influência de tratados internacionais, de iniciativa norte-americana:

A demonização da maconha no Brasil iniciou-se na década de 1920 e, na II Conferência Internacional do Ópio, em 1924, em Genebra, o delegado brasileiro Dr. Pernambuco afirmou para as delegações de 45 outros países: “a maconha é mais perigosa que o ópio”. Apesar das tentativas anteriores, no século XIX e princípios do século XX, a perseguição policial aos usuários de maconha somente se fez constante e enérgica a partir da década de 1930, possivelmente como resultante da decisão da II Conferência Internacional do Ópio (CARLINI, 2006, p. 316).

As evidências das origens do proibicionismo, expandido para todo o mundo, como algo construído por uma campanha midiática, encomendada pelo Governo norte-americano em jornais, rádio, cinema e depois televisão é demonstrada em artigos, livros, documentários em vídeo e documentos oficiais, tornados públicos, em portais da internet.

As políticas proibicionistas desencadearam uma escalada dos gastos na guerra contra as drogas nos EUA, somam cifras em torno de bilhões de dólares, usados anualmente em campanhas publicitárias e no aparelhamento da repressão, sem que o consumo, a produção nem o tráfico diminuam.

Milhares de americanos negros, mexicanos, asiáticos e imigrantes trancafiados nas prisões norte-americanas formam a maior população encarcerada do mundo. Milhares de outros jovens tiveram seus currículos manchados com a prisão, por porte de maconha.

A repressão ao uso da *Cannabis sativa* produziu, todavia, efeito contrário ao desejado: o consumo cresceu exponencialmente e o tráfico se tornou uma das atividades ilícitas mais lucrativas do mundo. Além disso, as práticas proibicionistas criaram seu principal antagonista: o discurso antiproibicionista, nascido da insatisfação de uma parcela da população, que rompe o silêncio, para dar visibilidade às novas formas de busca de direitos e liberdades coletivas e individuais.

2.08 - O Antiproibicionismo - Os discursos socioculturais favoráveis à legalização da *Cannabis*

Por que, apesar da proibição e da repressão, algumas pessoas começam a fumar Maconha? Como e por que se dá a primeira experiência? Como alguém pode desejar algo que não conhece? Como neutralizar as pressões sociais proibicionistas e o preconceito? O que impulsiona pessoas a esse ato? O que despertou esse desejo? O pesquisador Howard Becker (2008), no seu livro “Estudos de Sociologia do Desvio”, se aproxima dessas questões, quando se pergunta:

Minha questão básica é: qual é a sequência de eventos e experiências pela qual uma pessoa se torna capaz de levar adiante o uso da maconha, apesar dos elaborados controles sociais que funcionam para evitar tal comportamento? (BECKER, 2008, p. 70).

Eis uma tentativa de resposta: as ações humanas são sustentadas por um discurso que as engendram, arquitetam e justificam. Se existem pessoas que transgridem uma lei, sujeitando-se às punições nela previstas, suas motivações devem ter sido suficientemente fortes, para encorajá-las a romper as barreiras legais e sociais instituídas. Devem existir, então, discursos muito sedutores, capazes de

promover essas adesões. Tais discursos atuam de modo semelhante ao discurso publicitário: enfatizando as qualidades do produto, associando-o a um estilo de vida desejado pelo consumidor, utilizando os resultados de estudos científicos para justificar tomadas de decisão, exibindo o testemunho favorável de celebridades usuárias, abrindo, ao futuro usuário, a perspectiva de um mundo mágico, partilhado por um seleto grupo de artistas e intelectuais, com os quais possui afinidades.

O discurso publicitário, lapidado ao longo da história das transações comerciais, ainda anteriores às modernas práticas capitalistas, desenvolveu grande eficácia, por sua aparente simplicidade e objetividade de informar aos consumidores sobre as características de seus produtos. Na realidade, os publicitários aprimoraram essas técnicas, acrescentando ao texto conhecimentos obtidos de outras áreas do conhecimento, como a psicologia. Os anúncios, embora curtos (o tamanho do anúncio obriga o redator a criar textos eficientemente sedutores, de forma sintética e facilitam a leitura e entendimento por parte do receptor), são extremamente eficazes.

Essa aparente simplicidade do discurso publicitário esconde sua complexidade. A propaganda engendra seu próprio universo de atuação, criando o produto, o mercado, o consumidor, os motivos para consumir, além de elaborar os espaços e protocolos de utilização e manutenção do bem adquirido. Na compra de um carro, por exemplo, a propaganda apresenta e disponibiliza à necessidade de transportes do consumidor, uma possibilidade da “escolha”, entre várias marcas e modelos, dessas mercadorias. A propaganda também cria o consumidor, definindo um perfil socioeconômico para cada produto à venda. Cria a necessidade, não apenas de um transporte, mas de uma posição social e todos os possíveis afetos e desejos que possam ser despertados em torno do bem anunciado.

Quando se coloca a liberdade e a própria vida em risco, certamente algum argumento muito forte e convincente justificou o ato. Devem existir, além da curiosidade de descobrir que tipo de prazer é proporcionado pela maconha, fortes argumentos para fazer com que alguém tenha a primeira experiência. Esses e outros argumentos que levaram essa pessoa a fumar maconha (apesar da proibição, apesar da possibilidade de ser preso ou morto na guerra contra o tráfico, do preconceito da família e da sociedade), apesar de tudo, fazem parte do discurso antiproibicionista que está presente em alguns textos jornalísticos e obras artísticas.

Em algum momento, o futuro usuário fará sua primeira experiência. O próprio estresse gerado pelo momento de ousadia e rebeldia, o medo da repressão e da censura social e a adrenalina, que é posta em circulação no organismo, somam-se ao efeito que está por vir. Nesse momento, ele confronta o prazer que sente com toda a propaganda antidroga, que trabalha com a ideia de destruição do usuário. O escritor Paulo Coelho, parceiro de Raul Seixas em músicas e assuntos filosóficos, fala desse momento do primeiro contato com a droga, em um depoimento dado em “Quebrando o Tabu” (2011), documentário brasileiro sobre drogas, com 1 hora e 20 minutos de duração, dirigido por Fernando Grostein Andrade, com participação de Fernando Henrique Cardoso, Bill Clinton, Jimmy Carter, Dráuzio Varella e Paulo Coelho:

Toda a propaganda antidroga, da minha época, era baseada no fato de que a droga destruía o ser humano. No momento que você prova a droga, você diz: que maravilha! Que sensação fantástica! E aí, o jovem questiona todo discurso que ele ouviu, até então. Então, nesse momento, fica claro que há uma hipocrisia generalizada na campanha antidroga, normalmente feita por pessoa que nunca experimentou a droga (COELHO, 2011).

Howard Becker, na sua Teoria do Desvio, observou existência de uma cultura formada em torno de uma droga, de onde se originaria uma fundamentação auto-justificadora, uma construção discursiva feita por grupos de usuários de *Cannabis* para neutralizar ideias negativas a respeito desta (BECKER, 2008, p. 48).

Para além dessa constatação, este trabalho mostra a existência de um discurso que busca a legalização do uso medicinal e recreativo da *Cannabis sativa*, produzido em uma nova ambiência que se articula com diversos campos, como os da medicina, da antropologia, do direito, da indústria, da moda e das artes.

Esse discurso pode ser observado em reportagens, artigos, filmes, documentários, grafites, fotografias e músicas. Ele aparece de dois modos: o primeiro modo é implícito, onde quase automaticamente, quase inconscientemente o autor, pelas noções utilizadas e escolhas léxico-gramaticais, vai sutilmente deixando as pistas da sua adesão ao antiproibicionismo. Escondidos e entranhados em textos jornalísticos, aparentemente objetivos e isentos, podem estar os indícios de uma simpatia pela causa antiproibicionista. E o segundo aparece de modo explícito e engajado, deixando clara a posição do autor.

O discurso antiproibicionista pode ser dividido em três etapas: 1) Autopoiese⁷⁸; 2) Retórica e 3) Organização.

Na autopoiese são acionadas estratégias de sedução. Visa despertar no futuro usuário, o interesse inicial pela *Cannabis*. Nessa etapa, o discurso, de modo semelhante a um organismo vivo, procura garantir sua própria reprodução. Ao possibilitar o ingresso de novos usuários, o discurso antiproibicionista apresenta características de um sistema autopoietico⁷⁹.

Momento de sedução: o discurso mostra ao futuro usuário a existência de algo que, apesar de proibido, é usado por muitas pessoas, inclusive alguns de seus ídolos. O futuro usuário é levado a crer que está perdendo algo, que pode ter mais prazer, mais “amigos” e participar de um universo “proibido e desconhecido”. Esse discurso, tal qual a publicidade, chega a praticamente todas as pessoas que têm acesso aos meios de comunicação, mas somente uma pequena parcela é afetada pelo “anúncio”.

Após atender o chamado à experiência com a maconha, apenas uma parcela ainda menor se torna usuária. Segundo os pesquisadores Marcelo Ribeiro e Ana Cecília Petta Roselli Marques, no artigo “Abuso e Dependência Maconha”, publicado no livro “Usuários de Substâncias Psicoativas - Abordagem, Diagnóstico e Tratamento”, apenas um consumidor, em cada grupo de dez, torna-se dependente: “1 em 10 daqueles que usaram maconha na vida se tornam dependentes” (RIBEIRO e MARQUES, 2003, p. 109).

Tornar-se maconheiro não é uma tarefa simples. Demanda certo trabalho. É preciso uma grande persistência, até que o hábito se instale. O futuro usuário provavelmente teve sua curiosidade despertada pelo próprio proibicionismo, que é o primeiro discurso que se tem contato. Para o adolescente, a transgressão da lei pode ser um forte apelo sedutor, por essa atitude representar a rebeldia, típica da idade.

⁷⁸ Autopoiese ou autopoiesis (do grego auto "próprio", poiesis "criação") é um termo cunhado, na década de 1970, pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

⁷⁹ MATURANA R., Humberto; J. VARELA, Francisco. Autopoiesi e cognizione: la realizzazione del vivente. 3ª ed. Venezia: Marsilio Editori, 1992.

O primeiro contato com o assunto geralmente surge nas relações cotidianas, das opiniões de conhecidos sobre o tema agendado, uns contra, outros a favor. Depois vem o contato com o discurso antiproibicionista, disperso por toda a mídia. Nessa etapa, a maconha é apresentada ao público como: a) prejudicial, mas não tanto, pois não se ouve falar em overdose de maconha; b) deve ser fonte de muito prazer, pois é usada por muitas pessoas, apesar da proibição; c) as reportagens sobre personalidades públicas que a usam reforçam uma imagem menos nociva da *Cannabis*.

O discurso antiproibicionista também é favorecido pelas campanhas publicitárias milionárias da indústria farmacêutica. Desde cedo, as drogas são apresentadas como símbolo de saúde (remédios) e festa (cigarro, bebidas). As drogas e remédios são mostrados na sociedade pela publicidade como panaceia, solução para todos os males e dores, do corpo e da alma. Antibióticos, analgésicos, antidepressivos e calmantes reforçam essa ideia, embora necessitem prescrição médica. O uso legal de cigarro e do álcool abrem precedentes nos limites da legalidade, possibilitando que as pessoas se questionem sobre o uso de outras drogas. Como alguns países já permitem a produção de remédios a partir da *Cannabis*, é de se imaginar que, em breve, serão produzidas mais ofertas de sentidos, nas propagandas que devem apresentar o produto à sociedade.

Na etapa da Retórica ocorre a defesa do posicionamento do usuário, o que Howard Becker (2008) chama de “racionalização”. Utilizando-se de uma coleção de informações compartilhadas, é engendrada uma contra-argumentação, quando os usuários desenvolvem defesas internas contra as pressões da sociedade. Para Becker (2008), os dispositivos de controle, existentes na sociedade, exigem do futuro usuário a elaboração de algum tipo de estratégia para neutralizar tais dispositivos.

Após o primeiro contato com droga, o usuário é tomado por sentimentos conflitantes: o prazer proporcionado pela *Cannabis* e a angústia provocada pela autocensura (as vozes dos outros lhe advertindo internamente). As pessoas nascem já imersas no discurso instituído, que é impregnado pela ideologia proibicionista. Essa ideologia atinge a todos indistintamente, introduzindo-se ainda no aprendizado da língua. Palavras como “maconheiro”, “viciado”, “drogado” e “traficante” já são

aprendidas junto com todas as qualidades negativas que elas carregam. Já existe um estereótipo pronto, construído sob medida para aquela atitude.

Diante disso, o usuário, não se identificando com esse tipo/modelo, procura “coleccionar” argumentos defensivos que irão compor uma couraça protetora. Os discursos produzidos no campo jurídico são utilizados. As opiniões de juízes e juristas sobre a nova lei antidrogas são adotadas como argumento.

A nova lei tem a sua constitucionalidade questionada pelo campo jurídico. A juíza de direito aposentada, Maria Lúcia Karam, em entrevista⁸⁰ na página da internet da revista Época, em 28/06/2008, considera que a nova lei fere princípios constitucionais.

A proibição das drogas é inconstitucional. A Constituição garante a liberdade individual. Na democracia, o Estado só pode intervir na conduta de uma pessoa quando ela tem potencial para causar dano a terceiro, e a decisão de usar algum tipo de droga é uma conduta privada, não diz respeito a terceiros. Numa democracia, qualquer proibição é uma exceção. A regra é a liberdade individual (KARAM, 2008).

Karam, em artigo publicado no Boletim do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, de outubro de 2006, faz críticas severas à nova lei antidrogas, adotada no Brasil.

A nova lei brasileira em matéria de drogas – Lei 11.343/06 – não traz qualquer alteração substancial, até porque, como suas antecessoras, suas novas ou repetidas regras naturalmente seguem as diretrizes dadas pelas proibicionistas convenções internacionais de que o Brasil, como quase todos os demais Estados nacionais, é signatário. A nova lei é apenas mais uma dentre as mais diversas legislações internas que, reproduzindo os dispositivos criminalizadores das proibicionistas convenções da ONU, conformam a globalizada intervenção do sistema penal sobre produtores, distribuidores e consumidores das drogas, qualificadas de ilícitas com base em uma sistemática violação a princípios e normas assentados nas declarações universais de direitos e nas Constituições democráticas, com base na supressão de direitos fundamentais e suas garantias (KARAM, 2006).

Nessa etapa se constroem os discursos e argumentos que fortalecem as convicções do usuário. Letras de músicas que aludem sobre as qualidades da droga, outras mais engajadas, como as do *Planet Hemp* que alertam para os direitos

⁸⁰ Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5372-15223,00-MARIA+LUCIA+KARAM+PROIBIR+AS+DROGAS+E+INCONSTITUCIONAL.html> (acessado em: 01/08/2012).

dos cidadãos, de viverem suas vidas conforme suas convicções, compõem esses discursos. A noção do uso de droga, na argumentação antiproibicionista, é associada à juventude, música, aventura, desempenho, prazer, sexo, festa, sucesso (como o dos ídolos) além de ser fator de socialização e identidade.

Na etapa da Organização, são desenvolvidas as ações sociopolíticas de defesa dos direitos dos usuários, por meio de uma combinação de esforços individuais com a finalidade de realizar objetivos coletivos. Reunidos e organizados é possível alcançar objetivos que seriam inatingíveis para uma pessoa isoladamente. O discurso é utilizado de modo a agendar e organizar as ações que o divulgam. São postas em ação as estratégias de apropriação de discursos produzidos no campo científico, que procuram demonstrar as qualidades terapêuticas da *Cannabis sativa*. Vários artigos jornalísticos trazem resultados de pesquisas científicas que demonstram algumas propriedades medicinais da maconha. Esses artigos são multiplicados em páginas antiproibicionistas, na internet. É também organizada, via internet, a “marcha da maconha” que dá visibilidade aos “sujeitos canábicos” e ao discurso antiproibicionista. A marcha da maconha é uma das ações antiproibicionistas de maior visibilidade e repercussão, pois já é concebida levando-se em conta sua aparição na mídia, além do caráter mundial que o evento adquiriu.

A legalização de todas as drogas é um projeto ainda quase utópico, pois depende de tratados e convenções internacionais, além disso, a letalidade de drogas pesadas, como o *crack*, a cocaína e heroína, provocam forte objeção na sociedade. A liberação da *Cannabis*, no entanto, parece mais factível, como explica o juiz federal Roberto Veloso. Segundo ele: “A lei não estabelece um rol das drogas proibidas. As substâncias são elencadas por uma portaria do Ministério da Saúde” (VELOSO, 2011). Uma portaria ministerial é que especifica que substâncias devem ser tipificadas como drogas, e não a lei, o que facilitaria sua revogação:

Desse modo não há necessidade de o Congresso Nacional editar uma lei descriminalizando a maconha, basta que o Ministério da Saúde publique uma nova portaria excluindo o tetraidrocannabinol entre as substâncias que causam dependência física ou psíquica (VELOSO, 2011).

O juiz federal ajuda a se concluir que apenas bastariam concentrar os esforços de cientistas e especialistas, interessados na liberação do uso medicinal e

recreativo da *Cannabis sativa*, para redigirem uma solicitação, ao Ministério da Saúde, que a retire do rol das substâncias tornadas proibidas.

Embora, para efeitos de análise, se trabalhe com os discursos sobre a legalização da *Cannabis sativa*, sabe-se que um discurso não se sustenta sozinho. Ele é fruto de um trabalho de pessoas que, de algum modo, estão afetadas por esta situação criada pela proibição das drogas. Segundo elas, a guerra às drogas tem sido sangrenta e se mostrado inútil, vidas são ceifadas, recursos são desperdiçados e só tem aumentado a violência e os problemas com o tráfico. O antiproibicionismo é um movimento social muito bem caracterizado, que luta por uma causa, o direito de usar a *Cannabis*, impossibilitada por força de uma lei, que os ativistas consideram inconstitucional. Organizam-se e montam estratégias para sensibilizar os poderes públicos e a sociedade para rediscutirem essa proibição.

Como movimento social, o antiproibicionismo também pode ser considerado um acontecimento, como na visão do pesquisador Ricardo Fabrino Mendonça (2007):

Interpretar um movimento social a partir do conceito de acontecimento é percebê-lo como descontinuidade que irrompe no tecido social, permitindo a reinterpretação de elementos que o precederam e dos campos de possibilidade que o sucederão. Ao reconfigurar, interpretativamente, fragmentos da realidade social, tais agências coletivas afetam o contexto em que se situam e os próprios sujeitos que as constituem, ao mesmo tempo em que são por eles edificadas (MENDONÇA, 2007, p. 118).

Para Mendonça, os movimentos sociais incorporam várias das características atribuídas aos acontecimentos, principalmente seu caráter hermenêutico. Os movimentos sociais, embora não possam ser explicados por questões do indivíduo - "Há algo no cruzamento entre sujeitos e o contexto, que, por assim dizer, permite que uma noção de coletividade irrompa" (MENDONÇA, 2007, p. 118) - fariam emergir, ao lançar luzes sobre o passado e o futuro, as ações sócio-colaborativas para solucionar os problemas que os afetam, coletiva e individualmente.

Tendo em vista essa acepção, movimentos sociais podem ser interpretados como o puro exercício da ação. Ao irromper na vida social, eles inauguram algo de novo, questionando o que até então parecia natural. Construindo novos quadros de interpretação da realidade, movimentos jogam luz tanto sobre o passado como sobre o futuro (MENDONÇA, 2007, p. 118).

Os responsáveis pela produção e circulação dos discursos proibicionista são os novos sujeitos sociais, que possuem a herança de uma tradição de enfrentamento de realidades instituídas, como fizeram contra a ditadura militar e nos vários movimentos de protesto e resistência, recorrentes na sociedade. A coletividade sempre se organiza em torno de questões que lhe afetam de modo mais preocupante.

CAPÍTULO III

*É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.
(Albert Einstein).*

3 - Mapeamento e análise dos discursos antiproibicionistas

Entre vários acontecimentos importantes na construção do discurso antiproibicionista, o festival de Woodstock parece ter sido o palco de sua fundação, onde se podem identificar os fatores das condições de produção do discurso, preconizados por Pêcheux (1975, p. 77) e utilizados pela pesquisadora Sílvia Helena Barbi Cardoso (1999): “um locutor; um alocutário; um referente; uma forma de dizer; um contexto em sentido estrito; um contexto em sentido lato” (CARDOSO, 1999, p. 38).

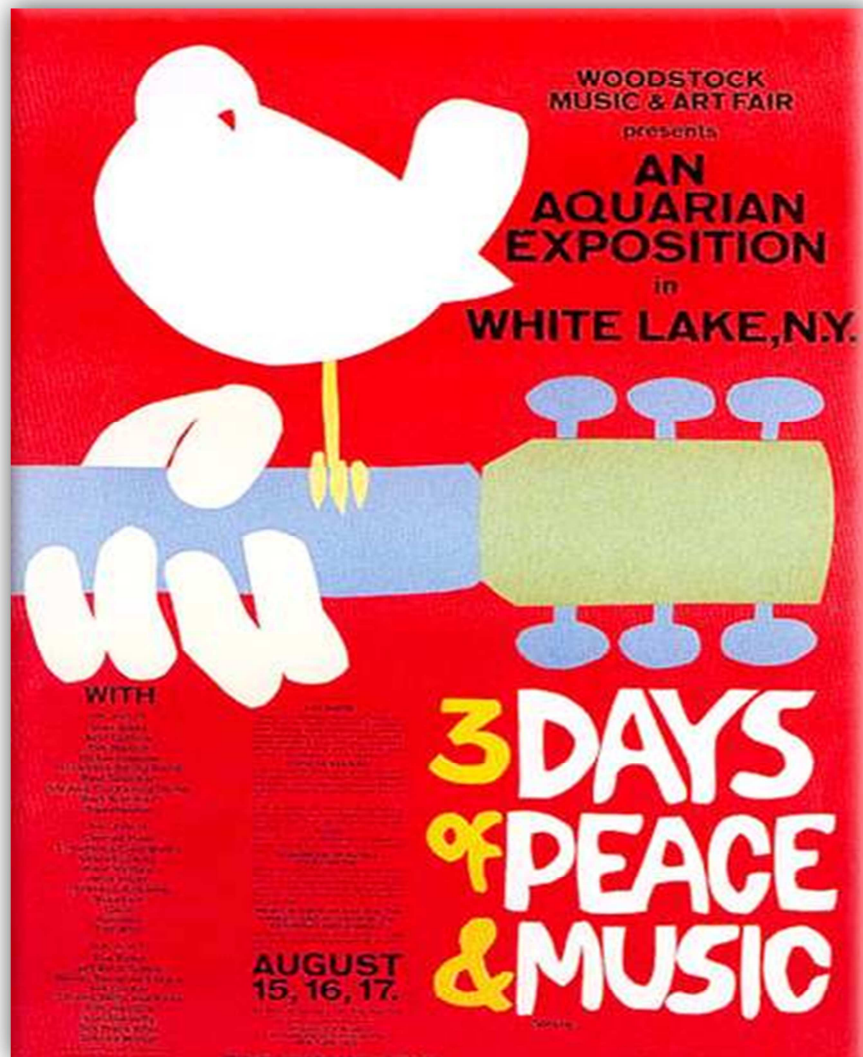
3.01 - Woodstock: O Grande Acontecimento – A Fundação do Antiproibicionismo.

Esta é uma escolha arbitrária e simbólica, pois a *Cannabis*, há tempos, já circulava entre os jovens e no meio cultural. A cultura *beat*, liderada pelos poetas Jack Kerouac e Allen Ginsberg (ambos apaixonados por drogas, sexo e literatura) exerceu grande influência na geração posterior, que vivenciaria a cultura Hippie. Irwin Allen Ginsberg tinha como grandes admiradores os roqueiros Jim Morrison, do “The Doors”, Joe Strummer, do “The Clash” e Ian Astbury, líder da banda The Cult. O movimento hippie, longe de ser uma oposição à cultura *Beat*, dá seus primeiros passos embalados por poemas como *Howl* (Uivo), de Ginsberg. O poeta Jack Kerouac foi outra grande influência *beat*. É dele o livro “*On The Road*”, escrito em apenas três semanas, considerado sua obra-prima, e que foi consagrado posteriormente como a “Bíblia” da geração Hippie.

Escolheu-se Woodstock como berço simbólico do antiproibicionismo, não apenas pelo tamanho do evento (meio milhão de pessoas reunidas em um só lugar durante três dias de concertos musicais), nem pela quantidade de *Cannabis* consumida. Foi escolhido principalmente porque, pela primeira vez, esse consumo não é mostrado em condições de marginalização dos sujeitos, mas evidencia o lado

lúdico, brincalhão, divertido, aventureiro, pacifista e criativo dos usuários. Não havia sinais de censura nem repressão, e sim apoio e solidariedade. O documentário mostra o exército norte-americano distribuindo alimentos, colchonetes e água; tudo em perfeita harmonia com os jovens, acampados no local do evento.

Figura 24



Cartaz de divulgação do festival Woodstock⁸¹.

3.01.1 - Uma Forma De Dizer

Os três dias do festival de Woodstock foram documentados em um filme lançado em 1970. O documentário sobre o evento foi dirigido por Michael Wadleigh, e editado, entre outros, por Martin Scorsese. Woodstock ganhou o Oscar de "Melhor

⁸¹ <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1054847-7085,00-FUNDADOR+DE+WOODSTOCK+QUER+REALIZAR+EDICAO+DE+ANOS+DO+FESTIVAL.html> (acessado em: 01/08/2012).

Documentário", em 1971, e ainda foi indicado para a "Melhor Trilha-Sonora" e "Melhor Edição". A versão oficial do diretor foi lançada em 1994, com mais de três horas e meia de duração. A edição anterior foi aumentada em cerca de 1 hora. Dois anos depois, a edição original foi guardada, para preservação, no Registro Nacional de Filmes da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Figura 25



Figura 26



Imagens capturadas do documentário Woodstock.

Após a apresentação do músico Country Joe (que encerrou sua participação berrando: MARYJUANA!), uma cena do documentário mostra uma série de tomadas com pessoas fumando a *Cannabis*, durante o festival.

Figura 27



Figura 28



Imagens capturadas do documentário Woodstock.

A filmagem, que dura aproximadamente 3 minutos, foi feita sob a música "Coming Into Los Angeles", do jovem músico e compositor Arlo Guthrie, (começa 1 hora e 39 minutos, após o início do filme). Em um enquadramento típico de documentário jornalístico, tenta mostrar uma objetividade, uma neutralidade que mais resultou na geração de imagens que falam por si mesmas, já que não estão acompanhadas de narrações verbais.

O documentário não apresenta nenhum viés proibicionista. Pelo contrário, transbordam atos e cenas antiproibicionistas, filmadas de modo a servir como um convite ao espectador. Do ponto de vista publicitário, o referido trecho poderia ser descrito como a mais eficiente propaganda do uso de *Cannabis sativa* produzido pela indústria do entretenimento. No ano de 1969, em plena era Hippie, o festival de Woodstock foi um dos primeiros eventos onde se documentou amplamente o consumo de *Cannabis*. Os jovens fumavam seus “baseados” tranquilamente, brincavam na lama da chuva e tomavam banhos nus, em um riacho da fazenda.

Figura 29



Imagem capturada do documentário “Grass”, de Ron Mann.

Paradoxalmente, naquele momento, do outro lado do mundo, no Vietnã, os Estados Unidos estavam em guerra. Jovens, da mesma idade daqueles em Woodstock, empunhavam metralhadoras e fuzis, em lugar dos violões e guitarras. Mas, de algum modo, as cenas, aparentemente tão distintas, se entrelaçam, pelos solos da guitarra de Jimi Hendrix, na música “*Spangled Banner*”, o hino dos Estados Unidos, simulando os bombardeios e explosões, pelas manifestações pacifistas, que se alastraram pelo país, e pelo uso da *Cannabis*. No documentário de Ron Mann, “*Grass – a história da maconha*”, uma cena mostra soldados norte-americanos fumando maconha, em uma base de apoio da artilharia, situada a 80 quilômetros, a

nordeste de Saigon, usando uma carabina como narguilé. É mostrado o depoimento de um jovem soldado, Vito, aos 20 anos, que veio da Filadélfia.

O rapaz era fotógrafo, antes de se alistar, e naquele dia era líder de pelotão, responsável pelas vidas de doze homens. Ele próprio descreve o ato que se desenrola diante das câmeras:

Primeiro tem que descarregar a arma... Basicamente, a gente usa (esta arma) nas batidas, e como raramente alguém aqui vai para o campo de batalha, então, se quer saber, a gente usa a espingarda como narguilé. É só colocar a erva e "atirar" (VITO, 1999)⁸².

Conforme mostra o documentário, esta era uma cena comum, durante a guerra. Segundo Ron Mann, diretor do documentário, mais da metade da tropa fumava maconha. Isso mostra que a *Cannabis sativa* tinha uma penetração entre os jovens e que isso não dependia das instituições a que estivessem ligados. Não importava se estavam no exército ou numa banda de rock, nem num festival de música ou em um campo de batalha.

3.01.2 - Um Referente

O documentário, com mais de três horas de duração, é, por si só, uma ode ao prazer. Em Woodstock, a frase “sexo, drogas e *rock’n’roll*” alcança máxima expressividade. A *maconha* era a droga tornada ilícita mais consumida, e mostrada ainda como primeira experiência de muitos dos que lá estavam. Pouco foi dito em palavras sobre o consumo da *Cannabis sativa* durante o filme, mas as cenas filmadas continham a força visceral das imagens documentadas que, numa leitura inequívoca, contém um chamado para um mergulho profundo, naquele universo sedutor. O excelente resultado financeiro dos investidores foi obtido, principalmente, com a venda dos discos da trilha sonora (que ainda hoje vendem) e com a bilheteria do filme que foi exibido pelo mundo todo, multiplicando mais ainda o alcance dos discursos que profere.

⁸² Depoimento do militar norte-americano Vito, no documentário de Ron Mann, “Grass – a história da maconha”. 1999. Obs. A data 1999 se refere à data de lançamento do documentário. O depoimento foi dado na época da guerra do Vietnã (década de 1970).

3.01.3 - Locutores

As filmagens, realizadas durante os três dias do evento, precisavam ser resumidas, em uma película, com cerca de duas horas e meia de duração, para se enquadrar no formato comercial da indústria cinematográfica (anos mais tarde, uma versão com três horas e meia foi lançada). Foram utilizadas várias câmeras, simultaneamente. Na edição final, algumas cenas foram mostradas com dupla e até tripla perspectiva, levando o espectador a fazer um grande esforço para acompanhar as cenas que se desenrolam em uma tela dividida em três quadros, uma quantidade de mensagens muito maior do que normalmente é possível captar (mais uma razão para os fãs assistirem várias vezes o documentário). O material obtido com as filmagens poderia resultar em vários outros filmes (posteriormente foi lançado um filme e um álbum, contendo apenas a apresentação de Jimi Hendrix).

Figura 30



Imagem capturada do documentário Woodstock.

Ao editar o material produzido nos três dias do festival, o diretor do filme, age como um “locutor”, como um maestro que usa as imagens como enunciação. A edição das entrevistas, das músicas e de todo o conjunto discursivo sonoro/visual, na construção do filme/documentário, são montadas como uma confluência de discursos. As polifonias e interdiscursos mostram a existência de centenas de coautores. O todo observado dá uma unicidade harmônica ao aparente caos instaurado. A ideia de paz e harmonia, nos três dias de convivência entre 500 mil pessoas, em um período conturbado por guerras e revoluções, trazia uma forte mensagem de tolerância à diversidade. Não se observa apenas uma “tolerância”, mas um cuidar generoso pelos direitos de outras pessoas.

3.01.4 - Alocutários

A juventude norte-americana, festejando a paz e protestando contra as guerras, na ambiência pacifista do movimento Hippie, encena, então, o gesto inaugural antiproibicionista, que repercutiu pelo mundo todo. O disco entra no mesmo eficiente roteiro de divulgação da indústria fonográfica norte-americana, e milhões de exemplares são vendidos, em todo o mundo.

Figura 31

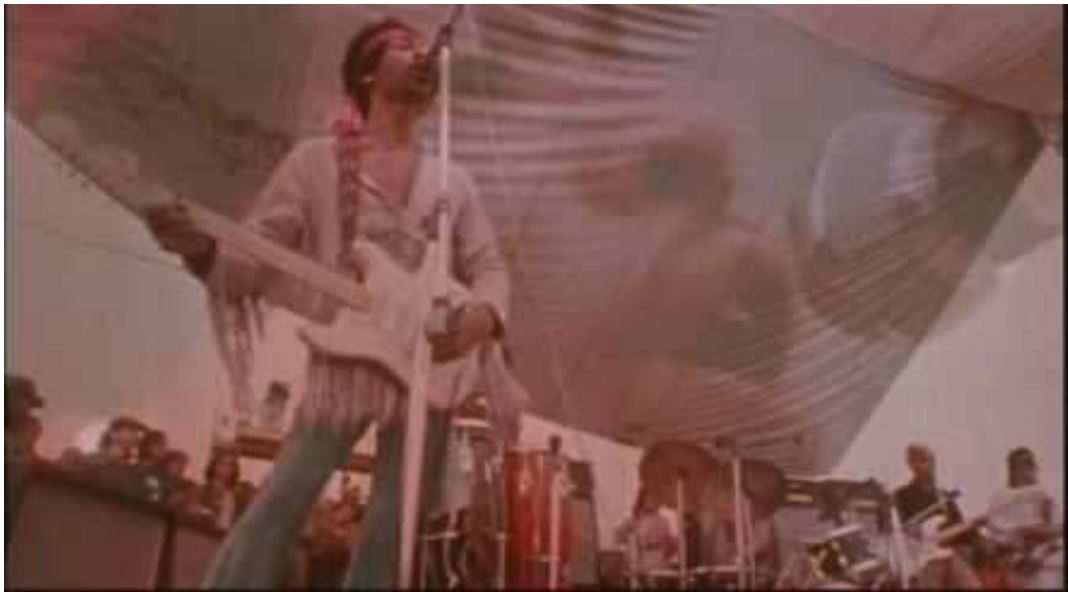


Imagem capturada do documentário Woodstock.

Pelo disco, já se tinha o “clima” antiproibicionista, proporcionado pelas letras de algumas músicas, como “*Purple Haze*”, de Hendrix. Mas, é através da película que o discurso antiproibicionista, existente nas imagens, se instaura e atinge todo o planeta. Os reais alocutários desse discurso são os milhões de espectadores, ao redor do mundo, não apenas da geração da época, pois a cada exibição de Woodstock, a mensagem se atualiza em novos públicos.

Figura 32



Figura 33

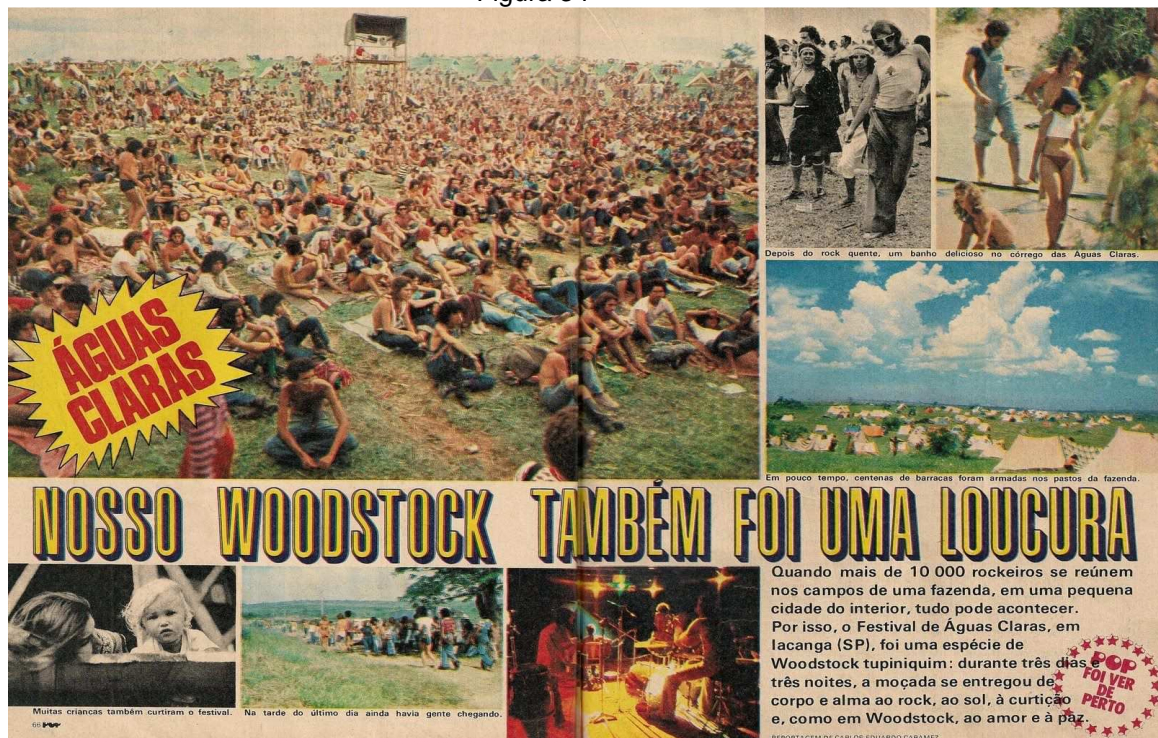


Imagens capturadas do documentário Woodstock.

Ainda hoje, é possível ver jovens adolescentes cantarolando “hey Joe”, do Hendrix ou “*With a Little Help from My Friends*” dos Beatles, imortalizada na voz de Joe Cocker, naquele encontro de grandes astros.

O festival não foi uma ideia inédita, pois já tinham sido realizados festivais importantes, como o “Monterrey Pop Festival”, em 1967 e o “Festival de música da Ilha de Wright”, em 1968, na Inglaterra. Mas, sua repercussão foi muito maior, fazendo com que fosse copiado em outros países, como no Brasil, onde foram realizados: o “Festival de Verão de Guarapari”, em 1971 e o “Festival de Águas Claras”, em 1975, anunciado como o “Woodstock brasileiro”.

Figura 34



Recorte da revista POP – 1975 (Editora Abril). Festival de Águas Claras.

3.01.5 - Contexto

O Woodstock *Music & Art Fair* foi um festival de música, realizado entre 15 e 18 de agosto de 1969, na fazenda de Max Yasgur, na cidade rural de Bethel, no Estado de Nova York, Estados Unidos. O evento foi idealizado por quatro jovens: Michael Lang, John P. Roberts, Joel Rosenman e Artie Kornfeld. Roberts e Rosenman entraram com o capital e Arthur Lawrence Kornfeld, músico de Nova York, junto com Artie Kornfeld, ambos com 27 anos na época, entraram com a ideia. Esperavam um público estimado em 200.000 pessoas. Foram ao evento mais de

500.000 pessoas. Elas derrubaram as cercas e tornaram gratuito o festival, ato sintomático da ideia de busca ou realização plena da liberdade, aspiração filosófica que permeava todo o acontecimento.

Figura 35



Figura 36



Imagens capturadas do documentário Woodstock.

O festival, concebido como uma “exposição aquariana”, com o lema de “três Dias de Paz & Música”, levou muita movimentação à pequenina cidade de Bethel, que teve sua população, de pouco mais de quatro mil habitantes, multiplicada por mais de cem vezes. Engarrafamentos quilométricos, falta de alimentos, água e remédios assolaram a cidade. Isso provocou uma situação de emergência. Entretanto a polícia, os bombeiros, médicos, brigadas de auxílio aéreo, com ajuda do exército e de outras entidades, conseguiram amenizar os problemas de infraestrutura, que tinham se agravado por causa da chuva.

Figura 37

Camisetas⁸³ “Woodstock”.

Apesar desses problemas e da quantidade de pessoas reunidas, o festival transcorreu em clima de tranquilidade e paz. O evento foi amplamente documentado

⁸³ <http://www.itsonlyrocknroll.com.br/camiseta-woodstock-upstate-69.html> (acessado em: 18/08/2013).

em áudio e vídeo, rendendo dois álbuns (cinco discos de vinil) e o filme. A qualidade dos equipamentos era boa e garantiu o bom desempenho das mais de trinta atrações musicais, entre elas Jimi Hendrix e Janis Joplin.

Durante os três dias, cada artista apresentou seu show completo, com várias músicas. A apresentação de Jimi Hendrix, por exemplo, durou mais de uma hora. O filme e o disco mostram um “resumo”, com pouco mais de três horas. Por ordem de apresentação, estas foram as estrelas e músicas do festival que estão no álbum Woodstock: Crosby, Stills & Nash (Long Time Gone); Canned Heat (Going Up the Country); Crosby, Stills & Nash (Wooden Ships); Richie Havens (Handsome Johnny, Freedom / Sometimes I Feel Like a Motherless Child); Canned Heat (A Change Is Gonna Come); Joan Baez (Joe Hill, Swing Low Sweet Chariot); The Who (We're Not Gonna Take It / See Me, Feel Me, Summertime Blues); Sha-Na-Na (At the Hop); Joe Cocker and the Grease Band (With a Little Help from My Friends, Crowd Rain Chant); Country Joe and the Fish (Rock and Soul Music); Arlo Guthrie (Coming Into Los Angeles); Crosby, Stills & Nash (Suite: Judy Blue Eyes); Ten Years After (I'm Going Home); Jefferson Airplane (Saturday Afternoon / Won't You Try, Uncle Sam's Blues); John Sebastian (Younger Generation); Country Joe McDonald (FISH Cheer / Feel-Like-I'm-Fixing-to-Die-Rag); Santana (Soul Sacrifice); Sly and the Family Stone (Dance To The Music / I Want To Take You Higher); Janis Joplin (Work Me, Lord); Jimi Hendrix (Voodoo Child / Slight Return, The Star-Spangled Banner, Purple Haze, Woodstock Improvisation; Villanova Junction); Crosby, Stills & Nash (Woodstock / Find the Cost of Freedom).

3.01.6 - O Contexto no Brasil

A década de 1960 trouxe grande ebulição nas artes, na política e na ciência. A ruptura com velhos tabus e o engajamento político dos jovens contracenavam com a truculência da repressão. Os estudantes saem às ruas lutando por melhores condições de ensino e pela democratização do país. Os militares acirram o controle social, por meio da violência. Foi o início da catarse, o êxtase emocional coletivo de uma época de ânimos exaltados, atitudes confusas e contraditórias, de uma juventude ativa, dos festivais universitários, do Tropicalismo, da rebeldia, da ruptura com a família e valores “burgueses decadentes”, de luta da sociedade contra o

regime militar, das históricas passeatas e também da censura ao jornalismo e atividades culturais.

O espaço aberto pelos novos movimentos sociais permitiu a formação de grupos, reunidos por demandas restringidas por leis. Sujeitos com lutas comuns por travar, dispersos e sem força para expressar suas reivindicações, passaram a perceber possibilidades concretas de alcançarem seus objetivos, por meio de ações cooperativas e colaborativas. O hábito organizacional, herdado dos outros movimentos sociais, trouxe as práticas de se fazer reuniões, definirem estratégias de divulgação e mobilização, confeccionar panfletos, fanzines e cartazes, fazer pichações e grafites e organizar passeatas. O sentimento antiproibicionista, aliado ao ativismo político dos sujeitos canábicos organizados, encontrava as ferramentas necessárias para expressar o seu discurso. Com a internet, multiplicaram-se as potencialidades comunicativas desses grupos. O poder de mobilização instantânea de centenas de pessoas fez com que ocorressem muitas manifestações.

3.02 - A *Cannabis* e a Música

Figura 38



Alanis Morissette em uma plantação de *Cannabis*⁸⁴.

A música e os músicos estabeleceram uma longa parceria com as drogas, principalmente a *Cannabis sativa*. Conhecida do meio musical, desde os anos vinte, no século passado, entre cantores de blues e músicos de jazz, a *Cannabis sativa*

⁸⁴ <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI107655-9531,00.html> (acessado em: 27/07/2013).

sempre esteve presente no meio artístico. Essa parceria pode ser detectada em vários indícios deixados na produção cultural.

Um dos codinomes da *Cannabis* é “cigarrinho de artista”⁸⁵. Esse nome não foi atribuído casualmente. Vários são os atores, cantores, músicos e pintores que tiveram reveladas suas experiências com drogas, como Rita Lee, Gilberto Gil, Bob Marley, Peter Tosh, Elvis Presley, Lobão, John Lennon, Raul Seixas, Nélon Gonçalves, Cazuza, Marcelo D2, Vera Fischer, entre outros. Alguns deles assumiram espontaneamente sua preferência, e de outros casos só se soube por ter sido noticiado, pois em nada combinam com o estereótipo do “usuário” improdutivo, marginalizado e fracassado. Soube-se de forma trágica, como nos casos de Elis Regina, Cássia Eller, Chorão, Janis Joplin e Jimi Hendrix, cujas mortes foram atribuídas ao abuso de drogas.

Figura 39

Gilberto Gil diz em entrevista que sempre usou maconha e drogas

agosto 9th, 2010 | Postado por: Wilson Novaes



Gil passando o som no palco da Praça da Bandeira em Jequié, no show dia 26 de junho deste ano, quando comemorou a passagem dos seus 68 anos

Durante entrevista para o documentário do canal Biography Channel, que será exibido no próximo domingo (15), o cantor e compositor baiano Gilberto Gil revelou que a maconha o acompanhou até recentemente em sua vida. “Das chamadas drogas a que me acompanhou até recentemente foi a maconha”, ironiza ele. O ex-ministro da Cultura disse que, ao se mudar para Londres, tomou “cento e tantos ácidos”, mas só a maconha servia, para ele, como uma “flanela na lente sentimental e musical”. “Toda vez que eu fumava, desembaraçava alguma coisa”, diz ele, comentando sobre o efeito da droga. **Publicado no Holofote, do Bahia Notícias**

Print screen⁸⁶.

Desde a proibição da *Cannabis sativa*, o discurso antiproibicionista começa a deixar pistas nas letras das canções e até na melodia. Instrumentos exóticos

⁸⁵ Fonte: <http://www.rollingstone.com.br/blog/2010/07/124/> (acessado em: 01/05/12).

⁸⁶ <http://www.jequiereporter.com.br/blog/2010/08/09/gilberto-gil-diz-em-entrevista-que-sempre-usou-maconha-e-drogas/> (acessado em: 04/07/2013).

orientais, guitarras e sintetizadores, usados em criações elaboradas com forte influência clássica, fazem parte dos arranjos de uma nova música, feita para ser ouvida sob o efeito da *Cannabis*: “o som para ouvir chapado”⁸⁷. Nascem o rock progressivo e a música psicodélica.

Ouvir rock, jazz e blues, músicas supostamente produzidas por músicos que eram usuários de substâncias modificadoras dos filtros de interação com o real, era um chamado para a *experiência*⁸⁸. Surge aí, provavelmente, o costume de se ouvir música, após usar a *Cannabis*, para “apreciar” cada detalhe e “viajar nos acordes”.

Figura 40



Print screen⁸⁹ band.com.

Muitos músicos e compositores, dos mais variados estilos e origens, chegaram a revelar que o uso da *Cannabis* lhes ajudava no processo criativo. Gilberto Gil admitiu, quando foi preso em 1976, que a maconha lhe era útil no seu

⁸⁷ Chapado: sob efeito de maconha. Mencionado em: <http://hempadao.blogspot.com/2009/04/som-pra-ouvir-chapado-cd-hempadao-vol-i.html> (acessado em: 25/07/2012).

⁸⁸ Esta é uma referência ao LP "*Are you experienced?*" de Jimi Hendrix, que faz alusão a uma pergunta comum nos anos 1960: você já experimentou? O experiente é o maconheiro.

⁸⁹ Fonte: <http://www.band.com.br/entretenimento/musica/noticia/?id=100000400317> (acessado em: 01/05/12).

trabalho. Isso fica evidente em algumas letras (como será mostrado adiante) e também pode ser observado na construção harmônica e melódica - o rock e, principalmente, o reggae (mundialmente conhecido, devido a Bob Marley), ritmos cujos autores, em sua maioria, possuem histórica convivência com o consumo de maconha, são influências fortes na música de Gilberto Gil.

Estrelas da música *pop* também revelaram suas preferências. Em recente entrevista a Anderson Cooper, no programa "60 minutes" da CBS, a cantora e compositora Lady Gaga revelou: "Fumo muita maconha, enquanto escrevo música" (GAGA, 2011). A cantora, conhecida por afirmações extravagantes, talvez tenha até exagerado um pouco. Se fumasse tanto assim, possivelmente não sobraria tempo para cumprir os compromissos de sua lotada agenda. Afirmar que fuma maconha pode ser apenas uma maneira de compor um personagem.

Figura 41



Print screen UOL.

A página⁹⁰ "Entretenimento" do portal UOL repercutiu, dia 30/11/2009, uma entrevista, dada pela cantora Alanis Morissette, onde "assumiu que é usuária e fã da

⁹⁰ Fonte: <http://celebidades.uol.com.br/ultnot/2009/11/30/a-maconha-me-da-mais-clareza-conta-alanis-morissette-a-revista.jhtm> (acessado em: 01/05/12).

droga” e que a usa para escrever. "Quando estou 'chapada', as mensagens aparecem sem filtros. Então, se eu preciso de clareza para escrever ou obter respostas, essa é a maneira mais fácil de conseguir", afirmação atribuída à artista.

O vocalista Tico Santa Cruz⁹¹, da banda musical Detonautas, também assumiu ter usado e afirma ter deixado de usar e critica aqueles que usam e fogem da mídia, quando o assunto é discutir o problema das drogas:

Já usei drogas, nem por isso deixei meus princípios e valores de lado e muito menos me tornei uma pessoa má ou desonesta. O fato é que por uma questão de responsabilidade e coerência resolvi parar, pois não posso lutar contra a violência e muito menos a favor de um debate honesto pela legalização estando comprometido com qualquer tipo de substância ilegal. Acho esse estardalhaço uma grande hipocrisia. Isso acontece ainda porque muitos usuários famosos, admirados e cultuados incluindo celebridades, jornalistas, artistas de todos os seguimentos, médicos, advogados, deputados, gente de todo tipo que faz uso de alguma droga ilegal não coloca a CARA para discutir o assunto. Dessa hipocrisia não quero fazer parte. Não precisei entrar em nenhum centro de tratamento para deixar de usar alguma coisa, simplesmente porque nunca fui seguidor e nem viciado (SANTA CRUZ, 2007).

Figura 42



Print screen do blog Sem Fronteiras.

⁹¹ Fonte: http://www.interney.net/blogs/dbasica/2007/10/25/tico_santa_cruz_falando_sobre_drogas/ (acessado em: 01/05/12).

Artistas de vários países se mostram contrários ao proibicionismo e preocupados com a escalada de gastos de recursos, que poderiam ser aplicados em programas sociais e em saúde pública. O cantor britânico Sting⁹² (2010) alerta para os problemas advindos das guerras travadas contra as drogas:

A guerra contra as drogas falhou e as pessoas que precisam verdadeiramente de ajuda (tratamento) não conseguem nada. Muitos que carecem da maconha para uso medicinal, a fim de curar as suas doenças, também não a obtêm. Estamos a gastar milhões, a lotar os presídios com infratores não violentos e a sacrificar a nossa liberdade (STING, 2010).

Figura 43



Print screen do portal R7.

O ex-guitarrista do grupo de rock “Guns N' Roses”, Slash⁹³, também revelou que “produzia bom material sob efeito de drogas”. O músico também afirma ter largado as drogas, que usava como entretenimento, para combater o estresse,

⁹² Fonte: <http://maierovitch.blog.terra.com.br/2010/04/06/cantor-sting-legalizar-maconha-e-gastos-com-repressao-empregados-contra-a-pobreza-e-o-aquecimento-global/> (acessado em: 01/05/12).

⁹³ Fonte: <http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/divers-o/musica/slash-diz-que-produzia-bom-material-sob-efeito-de-drogas-1.109961> (acessado em: 01/05/12).

ocasionado pelo excesso de shows: “ficar doidão era mais uma maneira de se entreter” (SLASH, 2012).

3.02.1 – “*Marahuana*”

As referências às drogas em letras de músicas são conhecidas há décadas e acompanham a própria produção musical. A mais antiga que se tem notícia é *Marahuana*, interpretada por Gertrude Michael, de autoria de Arthur Johnston e Sam Coslow. Aparece no documentário “*Grass - the history of marijuana*” de Ron Mann, em um trecho, retirado originalmente de um antigo filme musical, *Murder At The Vanities*, de 1934, dirigido por Mitchell Leisen, produzido ainda em preto e branco, com arranjos musicais e regência de Duke Ellington, à frente da Duke Ellington's Orchestra:

Marahuana⁹⁴

(Arthur Johnston e Sam Coslow)

Soothe me with your caress
Sweet marahuana, marahuana.
Help me in my distress
Sweet marahuana, please do.
You alone can bring my lover back to me
Even though I know it's all a fantasy
And then put me to sleep
Sweet marahuana, marahuana.

Rastrear sentidos (antiproibicionistas ou não) em textos escritos em outros idiomas é complicado. Principalmente, quando não se está tão inserido na cultura local, pois um sentido ou outro sempre escapa, quando se tenta traduzir obras poéticas de grandes autores, recheadas de recursos metafóricos e gírias-de-época, com significados, por vezes, inalcançáveis. A grande distância espaço-temporal também contribui para o esmaecimento das evidências. Uma pequena tentativa, auxiliada por comentários mais contextualizados, vale o risco, por ilustrar como esse discurso sempre esteve ao lado das produções culturais, principalmente do *rock* e do *reggae*.

⁹⁴ Venha me acalmar com suas carícias, doce marijuana, marijuana, ajude- me nos momentos de aflição, Marijuana, por favor. Só você pode trazer meu amor de volta para mim. Mesmo que eu saiba que é só fantasia. E por fim, me faça dormir, doce marijuana, marijuana (tradução do autor).

A maioria das músicas antiproibicionistas em inglês é muito clara em seus enunciados. Sem meias palavras, o rock, principalmente na década de 1970, mostrava uma nítida simpatia à maconha e outras drogas. Na década anterior, o assunto já começava a ser abordado por alguns compositores, como Bob Dylan, na música “*Rainy Day Women*” (1966). Mas as gírias utilizadas, como “*stoned*”, ainda não eram compreendidas como “chapado” (sob o efeito da maconha), pelo público da época, principalmente por pessoas com “mais de trinta anos”. Os Beatles gravaram, também em 1966, o álbum “*Yellow submarine*”, que já trazia as influências do tema das drogas. A música que dá nome ao álbum é um exemplo:

3.02.2 - “Yellow Submarine”

Yellow Submarine⁹⁵ (The Beatles)

In the town where I was born
Lived a man who sailed to sea
And he told us of his life
In the land of submarines.
So we sailed up to the sun
Till we found the sea of green
And we lived beneath the waves
In our yellow submarine.

O pesquisador norte-americano Todd McCormick, (1998) no seu livro⁹⁶ “*How to Grow Medical Marijuana*”, traz algumas observações importantes que indicam que a, aparentemente inocente, letra dos Beatles trazia revelações sobre experiências com a maconha:

Para aqueles jovens demais para lembrar, os papéis para confeccionar cigarros na década de 1960, muitas vezes, eram amarelos e, enrolado à mão, o baseado lembrava vagamente um submarino, especialmente depois fumar um. “Yellow Submarine” tornou-se um popular termo para baseado (...) quando “Yellow Submarine”, foi lançado em agosto de 1966, todos com menos de 30 anos sabiam exatamente o que o quarteto fabuloso estava cantando,

⁹⁵ Na cidade onde eu nasci, viveu um homem que partiu para o mar. E ele nos contou sobre sua vida, na terra dos submarinos. Então nós navegamos até o sol. Até que encontrei o mar de verde, e nós vivemos sob as ondas, em nosso submarino amarelo (tradução do autor).

⁹⁶ MCCORMICK, Todd. *How to Grow Medical Marijuana*. Medical Marijuana Press, Los Angeles, 1998. Disponível para compra em: <http://www.amazon.com/Grow-Medical-Marijuana-Todd-McCormick/dp/0967659205> (acessado em: 14/06/20013).

todos com mais de 30 não tinham a menor ideia (McCORMICK, 1998, p. 105 - tradução do autor)⁹⁷.

3.02.3 – “Legalize It”

Um dos principais músicos defensores do antiproibicionismo foi, certamente, Robert Nesta Marley, conhecido mundialmente como Bob Marley, cantor, guitarrista e compositor jamaicano; foi um dos mais importantes astros da música mundial, projetou mundialmente o reggae, a Jamaica, e a “*Kaya*”, a *Cannabis sativa*. Bob Marley nasceu em 1945, em Nine Mile, uma pequenina vila, situada na paróquia de Saint Ann, na Jamaica. Sua história pessoal está intimamente entrelaçada com as atividades de exploração colonialista do Império britânico. Em 1670, a Inglaterra invadiu a Jamaica, traficando para a ilha centenas de colonos africanos escravizados, para plantarem cana-de-açúcar e a *Cannabis sativa*, utilizada para produzir tecidos e cordas, que seriam empregados na armada inglesa e abasteceriam o mercado da Europa. A Inglaterra conseguiu sua autossuficiência em cânhamo, tão importante para os navios da época quanto é hoje o petróleo, por servir de “motor” para as embarcações movidas à vela, e a Jamaica teve definida sua etnia e vários aspectos de sua cultura e economia, devido a esse fato.

Como boa parte dos jamaicanos, Bob já nasceu mergulhado nesta atmosfera, e a sua bem sucedida carreira musical, iniciada justamente na época das buscas por novas experiências sonoras e sensoriais, influenciou outros grandes músicos, como Eric Clapton, que gravou algumas de suas músicas, e o músico brasileiro Gilberto Gil, que também gravou várias de suas músicas. A partir da década de 1970, vários músicos jamaicanos e suas bandas foram revelados. Nomes como Peter Tosh, Jimmy Cliff, se tornaram conhecidos e ajudaram Bob Marley a tornar o reggae uma das mais influentes manifestações artísticas e culturais do século XX, divulgando também a filosofia rastafári e a cultura da purificação espiritual, por meio do consumo da *ganja*. Bob Marley tratava em suas músicas, principalmente, do resgate da dignidade das populações afrodescendentes desterritorializadas, arrancadas de

⁹⁷ For those too young to remember, rolling papers in the 1960s were often yellow, and a hand-rolled joint vaguely resembled a submarine - especially after smoking one. “Yellow submarine” became a popular term for a joint (...) When “Yellow Submarine” was released in August 1966, everyone under 30 knew precisely what the fab four were singing about; everyone over 30 didn’t have a clue (McCORMICK, 1998, p. 105).

suas culturas para trabalharem como escravas, nos plantios de cana e do cânhamo (*Cannabis sativa*) nas colônias inglesas.

Legalize It⁹⁸
(Bob Marley)

Legalize it
Don't criticize it
Legalize it yea-ah yea-ah
And I will advertize it
Some call it tamjee
Some call it the weed
Some call it marijuana
Some of them call it ganja
Never mind, got to...
Singers smoke it
And players of instrument, too
Legalize it, yea-ah yea-ah
That's the best thing you can do
Doctors smoke it
Nurses smoke it
Judges smoke it
Even lawyer, too
So you've got to...
It's good for the flu
Good for asthma
Good for tuberculosis
Even numara thrombosis
Go to...
Birds eat it
Ants love it
Fowls eat it
Goats love to play with it
So you've got to
Salud!

Esta letra é uma homenagem à *Cannabis*, enunciada de modo muito claro e visceral, como era todo o trabalho de Marley. Traz a simplicidade das verdades puras, brutas, históricas. Conhecendo-se as raízes culturais, étnicas e históricas de Marley, ainda que superficialmente, percebe-se que ele não poderia mesmo falar de outra maneira. O importante é *como* ele falou: falou poeticamente, transformando

⁹⁸ Legalize. Não critique. Legalize, e eu a venderei. Alguns a chamam de Tamjee, alguns a chamam de Planta Daninha. Alguns a chamam de Maconha, alguns deles a chamam de Ganja. Não importa, entenda isso... Cantores a fumam, músicos também. Legalize. Essa é a melhor coisa que você pode fazer. Doutores a fumam, enfermeiras a fumam. Juízes a fumam. Até os advogados, também. Então, você também pode. É bom para a gripe Bom para Asma. Bom para Tuberculose Como também para Trombose. Pássaros a comem. Antas a adoram. Galinhas a comem Cabras adoram brincar com ela. Então você também pode... (tradução do autor)

em arte, de alta qualidade, a sua mensagem libertária, revolucionária e antiproibicionista; falou musicalmente, brindando ao mundo com um grande legado, exportando para todos os lugares uma nova e criativa maneira de fazer música, que iria extrapolar as fronteiras da pequenina Jamaica, conquistando a própria Inglaterra.

No cenário internacional, a quantidade de músicas com alguma relação com drogas é bastante extensa, e talvez tenham ficado algumas de fora dessa lista. Elas foram listadas em ordem alfabética. Grande parte delas se refere à *Cannabis* e outras drogas de modo positivo.

Eis a relação:

A

"Acid Raindrops", de People Under the Stairs, "Alfie", de Lily Allen, "And It Stoned Me", de Van Morrison, "Are You In?" do Incubus, "Aspirations", do The Bicycle Thief (band).

B

"Bab el Oued - Kingston", do Gnawa Diffusion, "Bad Habits", do Kottonmouth Kings, "Bad Weed Blues", do Bone Thugs-n-Harmony, "Bagz", do Twiztid, "Because I Got High", do Afroman, "Bin Laden", do Three 6 Mafia, "Birds Flying High", de Juelz Santana e Lil Wayne, "Blaze It", do Bone Thugs-n-Harmony, "Blow My Buzz" do D12, "Blueberry Yum Yum", de Ludacris Feat, Sleepy Brown, "Blunt To My Lips" do Project Pat, "Bomb Bud", do DJ Quik, "Bong Hits For Breakfast", do Staind, "Booze Me Up And Get Me High", do Ween, "Boys From Oklahoma", do Cross Canadian Ragweed, "Brown Sugar", de D'Angelo, "Buddha Lovers", do Bone Thugs-n-Harmony, "Bud Smokers Only", do Bone Thugs-n-Harmony, "Burn One Down", de Ben Harper, "Burnout", do Green Day, "Bury Me in Smoke", do Down, "Bushweed Corntrash", de Bunny & Ricky.

C

"Can I Get a Hit", do Cypress Hill, "*Cannabis*", do Ska-P, "Camillo", do Supermax, "Cheeba Cheeba", do Tone-Loc, "Champagne and Reefer", de Muddy Waters, "City Hall", de Tenacious D, "Collie Weed", de Barrington Levy, "Colt 45", de Afroman, "Coming into Los Angeles", de Arlo Guthrie, "Copperhead Road", de Steve

Earle, "Cowboys Do More Dope", do Rebel Meets Rebel, "Crazy Rap", do Afroman, "Crumblin' Erb", de Outkast, "Crystal" do Halford,.

D

"Deep Inside", do Incubus, "DMV", do Primus, "Don't Bogart that Joint" de Little Feat, "Don't Haul Bricks on 66", do The Dusty Chaps, "Don't Step On The Grass, Sam", do Steppenwolf, "Do You Right", do 311, "Dopeman", do Less Than Jake, "Dopesmoker", do Sleep, "Dope Nose", do Weezer, "Dope Smokin Moron", do The Replacements, "Dopethrone", do Electric Wizard, "Drugs", do Talking Heads, "Dr. Greenthumb", do Cypress Hill.

E

"Easy Skankin'", do Bob Marley, "Everybody Get High", do Granola Funk Express Feat, George Clinton & Steve Boyd, "Everybody Must Get Stoned", do Cypress Hill, "Everybody's Smoking Cheeba" do The Donnas.

F

"Fairies Wear Boots", do Black Sabbath, "Fatty Spliffs", do Slightly Stoopid, "Feelin' It", do Jay-Z, "Flying High Again", do Ozzy Osbourne, "Front Porch", do Twista, "Fuckin' Wit' Dank", do Ant Banks.

G

"Ganja", do Bitch and Animal, "Ganja Babe", de Michael Franti e Spearhead, "Ganja Bus", do Cypress Hill e Damian Marley, "Ganja of Love", do Jefferson Starship, "Ganja Smugglin'", do Eek-A-Mouse, "Get Em High" - Kanye West ft. Talib Kweli, "Get High Tonight", de Busta Rhymes, "Get Ready", do Sublime, "Get Stoned", do Hinder, "(Getting) High Again", de Daddy Longlegs, "Gimme The Light", de Sean Paul, "Gin and Juice", do Snoop Dogg, "Gospel Weed Song", do Bizarre, "Got to Get You into My Life", dos Beatles, "Gots To Smoke", de Young Maylay, "Gotta Stay High" dos New Radicals, "Green Day", do Green Day, "Greenery", de Quasimoto.

H

"Hail the Leaf", do Down, "Hashcake 77", do Hawkwind, "Hashish", do 1200 Micrograms, "Hash Pipe", do Weezer, "Heaven Is A Halfpipe", do OPM, "Heart and

Soul", do Insolence, "Herojuana", do NOFX, "Hilikus" do Incubus, "Hits from the Bong" do Cypress Hill, "High all the Time", do 50 Cent, "High Time", do The Grateful Dead, "High Head Blues", do The Black Crowes, "High Rollers", do Proof f/ B-real and Method Man, "Homecoming", do Green Day, "Homegrown", do Neil Young, "Homies 2 Smoke With", do Violent J, "Hotel California", do Eagles, "Hydroponic", do 311.

I

"I Get High", de Lloyd Banks e Snoop Dogg, "I Get High", do Styles P, "I Got 5 On it", do The Luniz, "I Got Stoned and I Missed it", de Shel Silverstein, "I Like Marijuana", do David Peel and the 360s, "I Want To Be A Hippie", do Technohead, "I'll Never Smoke Weed with Willie Again", de Toby Keith, "I Love You Mary Jane", do Sonic Youth & Cypress Hill, "I Shot the Sheriff", de Bob Marley, "I Wanna Get High", do Cypress Hill, "Illegal Smile", de John Prine, "It's You I Adore", do Snoop Dogg, "Insane In The Brain", do Cypress Hill, "I'm A Weed Plant", do Fishbone, "I'm On It (Kryptonite)", do Purple Ribbon All-Stars, "I'm So Hi", do Three 6 Mafia, "I Know You Strapped", de Lil Wyte, "I Will Be Grateful For This Day, I Will Be Grateful For Each Day To Come", do Bright Eyes.

J

"Jesus of Suburbia", do Green Day, "Jimi Thing", da Dave Matthews Band, "Just My Paranoia", do Afroman, "Kaya", de Bob Marley.

K

"Keepin' Me High", de MC Eiht, "Kill for Weed", do Cephalic Carnage, "Kings Blend", do The Kottonmouth Kings, "Krazy", do 2Pac, "Kronik", de Lil' Kim, "Kryptonite (I'm On It)", do Purple Ribbon All-Stars.

L

"Legalize Marijuana", de Bob Marley, "Legalize", de Doug Pinnick, "Legalize It", de Peter Tosh, "Legalize the Herb", de Macka B, "Let's All Get Drunk Tonight", do Afroman, "Let's Get High", do Dr. Dre Feat, Hittman, Kurupt & Ms. Roq, "Let's Get Stoned", do Sublime, "Let's Go Get Stoned", de Ray Charles e Joe Cocker, "Let's Go Smoke Some Pot", de Pennywise, "Let's Go Smoke Some Pot", do Reel Big Fish, "Let's Roll Another One", do Pink Floyd, "Let's Get Blown", do Snoop Dogg, "Light

Up", do Styx, "Light Up or Leave Me Alone", do Traffic, "Lola Rastaquouere", de Serge Gainsbourg, "Longview", do Green Day.

M

"Majickal Horse", do Doubting Thomas, "Maria Maria", do Articolo 31, "Mariguana Cha Cha Cha", do Stefi Akos, "Marijuana", do 1200 Micrograms, "Marijuana", do Cibo Matto, "Marijuana", do Phish, "Marijuana", do The Fugs, "Marijuana", de Brian Robbins, "Marijuana In Your Brain", do Lords of Acid, "Marijuana Mix", do Eminem, "Marrakesh Express", de Crosby, Stills & Nash (Hashish), "Martha", do Jefferson Airplane, "Mary Jane", do Rick James, "Mary Jane", do 213, "Mary Jane", do Spin Doctors, "Mary Jane (I'm In Love With)", do Coolio, "Miss Perfect", do South Park Mexican, "Misty Mountain Hop", do Led Zeppelin, "Mojo", do Peeping Tom feat, "Monster Hash", do The Toyes, "Mota", do The Offspring, "Mottaka", do Cheese, "Mr. Sesame Seed", do Violent J and Anybody Killa, "My Smokin' Song", de Lil Wyte.

N

"Nitro-Burnin' Funny Bong", do GWAR, "Nobody's Fault But Mine", do Led Zeppelin, "Notorious Thugs", do The Notorious B.I.G, "Not an Addict", do K's Choice, "No Mistakes", do Classified.

O

"Officer", do Slightly Stoopid, "On Point", do House of Pain, "On The Porch Smokin Reefer", do Twista, "One Toke Over the Line", de Brewer and Shipley.

P

"Pack the Pipe" do Pharcyde, "A Passage to Bangkok", do Rush, "Pass the Bone", do Genius and Prince Rakeem, "Pass the Bone Remix" do Masta Killa, "Pass Me Da Green", do Master P, "Pass the Dutchie", do Musical Youth, "Pass the Kouchie", de Sly and Robbie, "Pass the Marijuana", do Mystic Roots, "Peephole", do System of a Down, "Peppyrock Street", do BTK, "Police in Helicopter", de John Holt, "Popsulaul", da Chalice, "Pot Smokers Song", de Neil Diamond, "Presidential Shit", do YoungBloodZ, "Puff, the Magic Dragon", de Leonard Lipton e Peter Yarrow, "Pushin'", do UGK, "Purple Haze", de Jimi Hendrix.

R

"Rainy Day Women", de Bob Dylan, "Recreational Chemistry", do Moe, "Reefer Man", do Cab Calloway, "Reefer Head Woman", de Bill "Jazz" Gillum, interpretada pelo Aerosmith, "Rest Of My Life", do Kottonmouth Kings, "Roll Another Number (For The Road)", de Neil Young, "Roll Up The Hootie Mac", do Vanilla Ice, "Run Like An Antelope", do Phish, "Run Run Run" by Velvet Underground.

S

"Screwed Up", do Ludacris feat. Lil' Flip, "Sensi", do Long Beach Dub Allstars, "Sensi Party", do Eek-a-Mouse, "Sinsimellia", do The Expendables, "Sinsemilla", de Michael Rose, "Sinsemilla", do Black Uhuru, "Sister Sleep", do Rasputina, "Slow Motion", do Third Eye Blind, "Smoke A Bowl", do Sebadoh, "Smoke My Dro", de Lil Wyte, "Smoke Out (Chico Californ-I-A)", do Mystic Roots, "Smoke Two Joints", do The Toyes, "Smoke Some Shit", de King Prawn, "Smokin'", do Boston, "Smokin' Bowl", do The Real McKenzies, "Smokin' Buddha", do Bone Thugs-n-Harmony, "Smokin' in The Boys' Room" do Brownsville Station (Later covered by Mötley Crue), "Smokin' that Shit", do KMD, "So High", do Twiztid, "So High", de Tony Yayo Ft G-Unit, "Something About Mary", de Wyclef Jean, "Space Cowboy", de Jamiroquai, "Spark Another Owl", do Cypress Hill, "Start The Fire", do No Doubt, "Stash", do Phish, "Stay Fly", do Three Six Mafia, "Stay Fly (Still Fly Remix)" do Three 6 Mafia feat, Slim Thug, Trick Daddy & Project Pat, "Sticky Icky", do Bone Thugs-n-Harmony, "Stoned", do Silverchair, "Stoned", do Smash Mouth, "Stuck in the Middle With You", do Stealers Wheel, "Sunday Morning Coming Down", de Kris Kristofferson (and covered by Johnny Cash), "Sweet Leaf", do Black Sabbath, "Sweet Sinsemilla", do Mystic Roots.

T

"Take a Stroll Through Your Mind", do The Temptations, "Take Me To Your Leader", do Incubus, "Take Two And Pass", do Gangstarr, "Tenement Yard", de Jacob Miller, "THC Groove", do Bulletboys, "The Crunge", do Led Zeppelin, "The Kids Aren't Alright", do The Offspring, "The Next Episode", do Dr. Dre, "The Pot Song", do Home Grown, "The Pusher", do Steppenwolf, "The Reefer Song (Viper Mad Blues)", do Fats Waller, "The Roach (The Chronic Outro)", do Dr. Dre, "The Weed Song", do V-Ice, "This Joint", do Slightly Stoopid, "Til the End", de Lloyd

Banks ft. Nate Dogg, "Too High For The Supermarket", do The Uninvited, "Too Stoned", do Gas Giant, "Two Joints", do South Park Mexicans, "Two Joints To Memphis", Guy Schwartz & The New Jack Hippies, "Time", do Pink Floyd.

W

"Wake 'n' Bake", do The Goats, "The Way We Get By", do Spoon, "Weed", do High and Mighty, "Weed With Willie", de Toby Keith (Marijuana), "We Get High", de Lando & Dan, "We Be Burning", de Sean Paul, "Who's Got The Herb?", do 311, "Who's Got The Hooch", do Everything, "Wild Wood Weed", de Ray Stevens, "Weed Song", do Bone Thugs-n-Harmony, "Weedman", do Bone Thugs-n-Harmony, "Weed Hand", de Baby Bash, "Welcome To Tijuana" do Manu Chao, "What If God Smoked Cannabis", de Bob Rivers, "White Girls" de Cameron, "Wrecking Ball" e de Gillian Welch.

Analisar cada uma dessas músicas acima se torna desnecessário, diante da grande quantidade de obras musicais sobre esse tema, o que, por si só, já é indício suficiente para demonstrar a forte relação entre a *Cannabis sativa* e a produção musical. Escutá-las é fortemente recomendável aos pesquisadores interessados em uma imersão no universo *underground* da produção musical e da contracultura, e que não temem o "perigo" de serem "enfeitiçados" pelo canto das roqueiras sereias canábicas. A subcultura canábica, aqui expressa, não representa uma cultura isolada: "indica a particularidade de um grupo sem uma oposição radical com seus vizinhos" (CARDOSO, 1975, p. 02), com os quais compartilham outros aspectos da cultura.

Boa parte desta relação de músicas esteve no topo da lista das mais executadas. Muitas fizeram sucesso de público e crítica, e conseguiram fortunas para a indústria fonográfica e artistas. O mercado para bens simbólicos canábicos esteve bastante aquecido. Existe um público consumidor, ávido por toda essa produção cultural e isto tem despertado o instinto mercantilista de investidores e empresários, atentos a oportunidades para o lucro. A maioria delas traz referências a drogas, claramente identificáveis. Grande parte delas, sobre a *Cannabis sativa*.

No Brasil, muitas letras de músicas possuem referências à *Cannabis*. Algumas, principalmente as mais antigas, compostas durante a ditadura militar, falavam com certo cuidado, camuflando a mensagem em figuras de linguagem,

usando metáforas, para não serem confundidas com apologia às drogas, pois corriam o risco de terem proibidas as suas execuções, e o autor ainda teria que prestar depoimento na polícia federal, encarregada da censura. Outras, mais recentes, trazem nas suas letras uma clara posição de defesa do uso recreativo da *Cannabis*, como nas músicas do grupo musical “*Planet Hemp*”, estudadas pelo pesquisador Pedro Santos Mundim, em sua dissertação de mestrado⁹⁹.

Nem todas as músicas que falam sobre maconha são favoráveis ao seu uso recreativo. Algumas delas são fortemente proibicionistas, como a música “Erva Venenosa” (versão de “*Poisson Ivy*”, de Leiber/Stoller), que na voz de Rita Lee, tornou-se um hino antiproibicionista, pela ironia explícita e debochada da interpretação que modificou o sentido original, convertendo-a em uma sátira cômica. De modo semelhante, a música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, “Proibido fumar”, na interpretação do grupo musical Skank, ganha também, em um tom brincalhão e irônico, um sentido antiproibicionista.

4.02.4 – Análise de “Maria Joana”

Erasmo Carlos, na presumidamente inocente jovem guarda, já experimentava falar, ainda que “ingenuamente”, da *Cannabis sativa*. Erasmo, como grande compositor que é, usa essa falsa inocência, como um recurso anti-censura. Nesta música, “Maria Joana”, o poeta constrói, de modo aparentemente intencional, um texto que simula uma letra simplória, sem muitos recursos poéticos ou linguísticos e de fácil leitura.

Ao contrário do se possa imaginar, trata-se de uma letra transbordante de sentidos, sutilmente espalhados por todo o poema. Os sentidos produzidos vão além do que se apresenta óbvio. Esse era um recurso muito utilizado, nessa época, para driblar os censores e possibilitar a gravação e execução da música. Os sentidos reais não são os que estão claramente expostos, restando para a análise muito mais do que transparece a proposital aparente falta de profundidade na abordagem do tema e as indefinições, típicas da pré-adolescência. Talvez com isso Erasmo tenha

⁹⁹ Das Rodas De Fumo À Esfera Pública: O Discurso de Legalização Da Maconha Nas Músicas do *Planet Hemp*. Dissertação de mestrado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG 2004.

tentado ilustrar a falta de erudição do personagem por ele criado, pois, para o senso comum, alguém envolvido com drogas dificilmente concluirá os estudos básicos. O texto revela, assim, um viés proibicionista tensionado por um fascínio e pela “consciência pesada” que são as “vozes dos outros” berrando no inconsciente lacaniano:

Maria Joana
(Erasmu Carlos)

Só ela me trás beleza
nesse mundo de incerteza
Quero fugir, mas não posso
Esse mundo inteirinho é só nosso

Eu quero Maria Joana
Eu quero Maria Joana

Eu vejo a imagem da Lua
Refletida na poça da rua
E penso da minha janela
eu estou bem mais alto que ela

Eu quero Maria Joana
Eu quero Maria Joana

Eu sei (eu sei)
Que na vida tudo passa
O amor (o amor)

Vem como nuvem de fumaça (fumaça)
Eu quero Maria Joana
Eu quero Maria Joana

Eu quero Maria Joana
Eu quero Maria Joana

Eu sei (eu sei)
Que na vida tudo passa
O amor (o amor)

Vem como nuvem de fumaça (fumaça)

A música de Erasmo Carlos é a descrição de um jovem com sérios problemas, não apenas de drogadição, mas de ordem neurológica, já com sequelas cognitivas e comportamentais definitivas. Mostra uma espécie de lamento de um jovem que aparentemente abandonou a escola e passa seus dias fumando maconha, contemplando o luar, refletido em uma poça de lama. Para Erasmo, o personagem se encontra preso ao vício (Quero fugir, mas não posso), estagnado em

uma letargia que o consome, tal como preconizam as primeiras campanhas proibicionista norte-americanas. Para o compositor, o usuário de drogas busca na expansão sensorial, o prazer das luzes e o brilho do luar, que surge como uma miragem. No seu delírio, o drogado personifica a maconha na figura da mulher amada (Maria Juana) em uma clara referência ao termo “*marijuana*”, pelo qual a substância também é conhecida. Ao antropomorfizar a droga, dando-lhe propriedades humanas, Erasmo sugere que já tenha se estabelecido, no viciado, uma dependência cruzada, de drogas e sexo. Ao buscar a iluminação, seu personagem mergulha na “poça de lama” das drogas proibidas. Erasmo descreve o perfil de um jovem que se enquadra naqueles estereotipados personagens, retratados em alguns filmes *trash* norte-americanos como desprovidos de faculdades básicas para qualquer discernimento da realidade que o cerca. Esse exagero intencional resulta em uma velada crítica à política proibicionista.

3.02.5 - Análise de “Abra o Olho”

Abra o Olho

(Gilberto Gil)

Ele disse: "Abra o olho"
 Caiu aquela gota de colírio
 Eu vi o espelho
 Ele disse: "Abra o olho"
 Eu perguntei como é que andava o mundo
 Ele disse: "Abra o olho"

O telefone tocou
 Soando como um grilo de verdade
 Eu ouvi o grilo
 O grilo cantando
 Tava eu no mato de novo
 No mato sem cachorro
 Eu pensei: "Tá direito?"
 Que eu nunca tive cachorro ao meu lado

Ele disse: "Abra o olho"
 Eu disse "aberto", aí vi tudo longe
 Ele disse: "Perto"
 Eu disse: "Está certo"
 Ele disse: "Está tudinho errado"
 Eu falei: "Tá direito"

Eu falei: "Tá direito"
 Tudo numa gota de colírio

Ele disse: "É delírio
Navegar nas águas de um espelho"

"Meu nego, abra o olho"
Ele disse: "Abra o olho"
Ele disse: "Abra o olho"
Com aquela sua voz suave, amiga e franca
Eu falei "tá direito" de olho fechado e gritei:
"Viva Pelé do pé preto
Viva Zagallo da cabeça branca"

Esta música, gravada em um show de Gilberto Gil no TUCA, em São Paulo, foi lançada em vinil (1974) e em CD (1998). A música "Abra o Olho", composta em plena ditadura, chegou a ser analisada como sendo "música de protesto", um alerta para os perigos do regime militar e um pedido pela volta à democracia. Porém, para quem está familiarizado com certas codificações, é fácil perceber que se trata da descrição poética de uma experiência canábica, assistida por um mentor que guia os primeiros passos de um iniciante. O próprio compositor revelou, no livro "Gilberto Gil: Todas as Letras", organizado por Carlos Rennó, que:

Sou eu, pondo colírio nos olhos, depois de ter fumado um cigarro de maconha, em Manaus. O hotel ficava fora da cidade, no meio do mato. Fui ao espelho, vi meus olhos vermelhos, pus colírio e fiz a música. Um diálogo de mim pra mim. O 'ele' é 'o outro', o outro eu, o do espelho. Um pingue-pongue-bumerangue: você joga pra atingir o que está lá, a seta volta e lhe atinge. Pelé e Zagallo dão o sentido de contradição e complementaridade yin-yang; um é África, o outro, Europa (GIL, 1996, p. 182).

Olhos vermelhos são indícios de uso de maconha. Quase todo usuário geralmente usa colírio para clarear os olhos. Isso evita que as pessoas o identifiquem como tal. O ato de colocar colírio, em frente ao espelho, às vezes coincide com o início do efeito da *Cannabis*. Quando isso ocorre, a "viagem" começa ali mesmo: a percepção alterada pelo THC produz as mais variadas divagações. Quando o próprio artista comenta sua obra, fica mais fácil saber o real sentido dos versos escritos sobre drogas, em uma época em que a censura impedia de se tocar no assunto. O autor, por meio de recursos poéticos, constrói um diálogo consigo mesmo, dentro do estranhamento questionador, causado pelos efeitos do THC, quando cria um "mentor" interior que o conduz por labirintos imaginários. Um delirante mergulho nas "águas de um espelho". Gil escuta a voz de sua própria consciência que tenta lhe acalmar. Os cinco sentidos são aguçados. Ruídos e barulhos estranhos são ouvidos. As noções de espaço, tempo e distância, de certo e

errado, são atualizadas constantemente e, libertando-se da voz interior, ainda presa ao senso comum, ele enaltece a diversidade e grita: "Viva Pelé do pé preto, viva Zagallo da cabeça branca", que ele próprio já explicou que sentido quis acionar. O resultado, a música pronta, é um indicador concreto da relação que existe entre a *Cannabis* e a produção cultural. Mas não é o único.

Embora Gil tenha descrito o que realmente ocorreu, alguns significantes, colocados no poema de modo quase inconsciente, flutuam em torno da composição, possibilitando a atribuição de outros sentidos, gerando novas interpretações e questionamentos: por que colocar colírio, já que estava no quarto do hotel? Talvez ele fosse sair, para circular pelo hotel ou mesmo pela cidade. Talvez fosse o dia do seu show e ele estivesse se preparando para a noite. Conforme o discurso antiproibicionista, isso demonstra o que "a guerra contra as drogas" faz com a sanidade das pessoas, colocando-as em verdadeiros surtos paranoicos que, ao longo dos anos, se tornam tormentos quase insuportáveis. O medo de serem presos, serem execrados publicamente, perderem o emprego e a credibilidade, faz com que cidadãos produtivos, trabalhadores honestos, que contribuem com seu suor para o crescimento do país, sejam constrangidos em sua privacidade, fustigados no sossego íntimo, tendo que usar colírios e desenvolverem uma série de estratégias e cuidados para ocultarem suas preferências, sob o risco de prisão e maltrato.

Gil sentiu isso na pele: em 1976, Gilberto Gil foi preso no quarto do hotel em que estava hospedado, em Florianópolis (SC), porque trazia consigo um cigarro e mais uma pequena quantidade de maconha (na ocasião foi preso também o baterista Chiquinho Azevedo). Gil, Caetano, Maria Betânia e Gal Costa estavam em uma excursão, apresentando o show "Doces Bárbaros", por várias cidades do país. Gil foi preso e condenado a passar alguns meses recluso em uma clínica de tratamento para pessoas com problemas com drogas.

Nessa época Gilberto Gil estava com 36 anos, no auge de sua carreira musical, após ter liderado o movimento tropicalista, junto com Caetano Veloso, fazendo muitos shows e vendendo muitos discos. Todo um currículo e uma história foram desconsiderados, em função de uma preferência pessoal. A pena, considerada branda, foi conseguida com uma arguição da defesa que mais lembrava o discurso proibicionista: "Gilberto Gil não é um bandido. Precisa ser internado e tratado" argumentou seu advogado. Essa argumentação, que aparentemente não

combinava com a condição do artista, foi a saída que restou ao advogado, naquela difícil situação. O Brasil ainda estava sob uma ditadura. Gil já havia sido “convidado a se retirar do país” uma vez e suas músicas eram consideradas incômodas, pelas elites que detinham o poder.

Gilberto Gil estava sendo punido por ser um músico bem sucedido, artista reconhecido internacionalmente e “maconheiro”, mas, sobretudo, por sua condição de pessoa esclarecida, por ser artista intelectual, formador de opinião, com enorme penetração e influência em diversos segmentos da população. Enfim, um líder popular, cujas características pareciam ameaçadoras ao regime ditatorial. Sua etnia também foi causa daquela hostilidade. O preconceito, persistente em alguns setores, não admite a ascensão social das camadas subalternizadas da população. Ironicamente, em um país, como este, que utilizou a mão de obra de colonos trazidos da África, a força, para trabalharem como escravos, em plantações de cânhamo (nas feitorias de linho-cânhamo da Coroa portuguesa) e de cana de açúcar. Durante décadas, o contato com a substância, hoje proibida, era uma atividade obrigatória. O hábito de fumar a *Cannabis sativa* surgiu no Brasil durante o período da escravidão, utilizado pelos trabalhadores para suportarem horas seguidas de trabalho árduo nas plantações. Além de Gilberto Gil, muitos artistas e músicos em todo o Brasil já passaram por situações como esta, a que estão submetidos não apenas artistas, mas todos os usuários comuns, que geralmente não têm o privilégio da notoriedade, o que os tornam vítimas de tratamentos bem menos civilizados. Para a maioria dos aprisionados por causa de maconha, a presença da cobertura televisiva representa apenas uma humilhação a mais.

Aquela gota de colírio foi apenas um pingo d’água em toda essa carga de tensões que cerca o tema, tão atravessado por preconceitos, e o desloca para as bordas dos sistemas midiáticos. O próprio Gil, presa dessas tensões, se vê obrigado a usar artifícios para esconder uma atitude, que nada tem de estranha a sua cultura. Além dos danos morais e psicológicos, um acontecimento desses traz também prejuízos materiais. Para um artista em plena atividade, ficar meses sem trabalhar representa uma grande perda, pois são vários shows e gravações desmarcados, compromissos adiados, cachês devolvidos e muitas contas ainda por pagar.

Gil utilizou seus dias de reclusão de forma criativa e com seu talento, transformou a experiência em uma bela música. O disco “Refavela”, lançado em

1977, traz algumas composições feitas durante esse período. A música "Sandra" foi uma dessas composições.

Sobre as últimas estrofes: "Viva Pelé do pé preto. Viva Zagallo da cabeça branca". Gil fala de "contradição" e "complementaridade". A cabeça branca europeia e o pé preto africano representam também a história da colonização do Brasil e do tráfico de pessoas para trabalharem em regime de escravidão. A "cabeça branca" representaria os donos de engenhos, fazendeiros e a própria Coroa Portuguesa daquele período. O "pé preto" seriam as pessoas aprisionadas para a mão de obra escrava. Desse contexto, que é determinante de vários aspectos da cultura brasileira, situações de desigualdade social persistem em todo o país, onde a parcela branca detém grande parte das riquezas, e a parcela descendente das etnias africanas tem menos oportunidades de estudo e de trabalho. Embora muitos se destaquem como grandes intelectuais e empresários, a maioria trabalha em empregos mal remunerados e geralmente os negros no Brasil se destacavam somente na música ou no futebol. O Brasil é um país com fortes misturas étnicas, de modo que é maior o número de mestiços do que de negros ou de brancos.

Atualmente, essas desigualdades vêm sendo combatidas por políticas governamentais, como as cotas em universidades e programas, como o "bolsa família". Zagallo e Pelé, na música de Gil, são os dois lados dessa moeda. Mas, o que Gilberto Gil vê é a parceria étnica, que em 1970 levaria a seleção brasileira a ganhar a copa do mundo. Para Gil, "yin-yang; um é África, o outro, Europa". Mas Gil ao escolher um "pé preto", não escolheu qualquer um. Escolheu o melhor: o "rei" do futebol. Gil resgata a fibra dos grandes guerreiros e caçadores negros, com suas afiadas lanças, nas lutas pela sobrevivência das tribos. Resgata a supremacia da força e da elegância da etnia. "Viva Pelé!". Não qualquer "Pelé"; somente o do "pé preto". A posição de comando, tradicionalmente nas mãos da etnia branca, é representada pela "cabeça branca" de Zagallo, pessoa muito querida por toda a população brasileira, técnico da seleção vitoriosa. Na década de 1970, soava diferente: nem Pelé parecia ser negro, nem Zagallo parecia ser branco. Pareciam, na verdade, serem semideuses, mitos, habitantes do Olimpo, somente visíveis pelos jornais, revistas e televisão. Ainda hoje muito reverenciados, são heróis nacionais. Gil, na frase, os reumaniza. O pé preto de Pelé e a cabeça branca "de tanta consumição" de Zagallo evidenciam suas condições de simples humanos, sendo

assim, mais dignos de "vivas", pois realizaram tarefas heroicas, sendo apenas seres humanos, como todos os outros "pés pretos" e "cabeças brancas".

3.02.6 - Análise de "Chico Brito"

Chico Brito

Paulinho da Viola (Wilson Baptista e Afonso Teixeira)

Lá vem o Chico Brito,
Descendo o morro
nas mãos do Peçanha,
É mais um processo!
É mais uma façanha!

Chico Brito fez do baralho
seu melhor esporte,
É valente no morro,
Dizem que fuma
uma erva do norte.

Quando menino teve na escola,
Era aplicado, tinha religião,
Quando jogava bola
era escolhido para capitão,

Mas, a vida tem os seus reveses,
Diz sempre Chico
defendendo teses,
Se o homem nasceu bom,
e bom não se conservou,
A culpa é da sociedade
que o transformou.

Neste samba, de Wilson Baptista e Afonso Teixeira, o filósofo, *luthier* e músico Paulinho da Viola (como narrador, Paulinho assume responsabilidades pelo que enuncia) narra uma cena muito comum nas periferias, onde introduz dois personagens: Chico Brito, é um personagem que representa o estereótipo do morador da periferia, no alto de um "morro". Tratá-lo pelo provável apelido, "Chico" e não por "Francisco" ou por "Brito", mostra certa proximidade, talvez até vizinhança e amizade. Chico Brito está sempre metido em confusão. Vive sendo preso, por pequenos delitos, como: vagabundagem, brigas e por usar maconha. O outro personagem é um policial. Tem nome de policial. Talvez delegado "Peçanha", a quem o compositor atribui a ação de recolher o meliante para averiguação: "É mais

uma a façanha”. Mais adiante, o autor confirma sua proximidade com o personagem Chico Brito, mostrando que o conhece, desde menino, e sabe de suas qualidades de estudante aplicado, de jogador de futebol, sempre prestigiado com a braçadeira de “capitão”. Ao mesmo tempo em que nos informa da predileção de Chico Brito pela *Cannabis*, lança dúvidas sobre a tal fama de maconheiro: “dizem que fuma uma erva do norte”. Chico Brito, proseador brincalhão, está resignado com os “reveses” da vida e, “defendendo teses” demonstra certa erudição, ao lembrar a frase de Jean-Jacques Rousseau: “O homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe.” Ao personagem é, generosamente, atribuída uma posição rebeldemente intelectualizada.

O autor mostra uma percepção aguda das questões ao seu redor, sua visão crítica da sociedade e sua preocupação social. Denuncia a ação inócua da repressão, sobre algumas contravenções, de menor porte. Alerta que cidadãos que não representam grandes perigos à sociedade estão sendo repetidamente presos e expostos a uma *via crucis* de maus-tratos e humilhação. Mostra que esse encarceramento de pessoas que cometem pequenas contravenções, junto com presidiários perigosos, transforma cidadãos comuns em bandidos. Chico Brito “nasceu bom”. Era um bom menino que estudava, ia à igreja e praticava esportes. As repetidas prisões, por supostamente fumar “uma erva do norte”, os “reveses” da vida o estariam impelindo a não se conservar bom.

Romântica, a letra retrata personagens e contextos que estão desaparecendo, atropelados pela política nacional contra as drogas. O malandro carioca, (gentil e boa praça) desaparece na nova realidade da lógica da violência, do narcotráfico e corrupção policial. O combate às drogas tem se mostrado ineficaz, enquanto a violência tem aumentado, ceifando vidas e recursos. O Rio de Janeiro passa atualmente por mais uma tentativa do Governo de conter o tráfico de drogas, com a ocupação policial permanente dos morros, mas, pelo que mostram as notícias, isso também não tem inibido o tráfico, nem evitado o consumo.

Essa realidade é antecipada pelo artista, que alerta para um perigo em processo de evolução gradativa de uma ação recorrente: “É mais um processo! É mais uma façanha!”. A frase é construída sob operações de modalização que se referem a um fenômeno que já existia antes, continua a existir e existirá sempre, caso políticas públicas mais efetivas não procurem resolver as questões que

cercam, possibilitam e agravam esse quadro. As comunidades periféricas, abandonadas pelo Estado, são alvo fácil para a marginalidade. O desemprego, a falta de escolas, saneamento e de hospitais podem até não serem as causas desses problemas, mas pioram muito a situação.

3.02.6 - Análise de “Hino de Duran”

Hino de Duran (Chico Buarque)

Se tu falas muitas palavras sutis
Se gostas de senhas, sussurros, ardis
A lei tem ouvidos pra te delatar
Nas pedras do teu próprio lar
Se trazes no bolso a contravenção,
Muambas, baganas e nem um tostão
A lei te vigia, bandido infeliz
Com seus olhos de raios X

Se vives nas sombras, frequentas porões
Se tramas assaltos ou revoluções
A lei te procura amanhã de manhã
Com seu faro de dobermann
E se definitivamente a sociedade
só te tem desprezo e horror
E mesmo nas galeras és nocivo,
és um estorvo, és um tumor
A lei fecha o livro,
te pregam na cruz
depois chamam os urubus

Se pensas que burlas as normas penais
Insufilas agitas e gritas demais
A lei logo vai te abraçar infrator
com seus braços de estivador
Se pensas que pensas
estás redondamente enganado
E como já disse, o Dr. Eiras
vem chegando aí,
junto com o delegado
pra te levar...

Essa música faz parte da peça teatral e do álbum “Ópera do Malandro”, obra de Chico Buarque, inspirada nos clássicos “Ópera dos Mendigos” (1728), enredo desenvolvido por John Gay, e a “Ópera dos Três Vinténs” (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill, e foi composta em plena ditadura militar. Apesar do título “Hino de Duran”, que se refere ao personagem “Duran”, interpretado por Ary Fontoura, o destinatário

real é múltiplo, e corresponde a qualquer pessoa que se identifique com os vários requisitos solicitados. Chico cria, no seu texto, vários interlocutores (dificilmente um interlocutor sozinho preencheria as *qualidades* requeridas). São co-locutores. Vários TUs, para os quais o autor define as premissas de comportamentos e atitudes. As mensagens se destinam a quem se identificar com os perfis traçados, e também serve de alerta para os outros que, mesmo não se encaixando nesses perfis, devem manter uma autovigilância.

O emissor é um “narrador” ausente da cena, mas presente no senso comum. Ao dirigir sua fala para um TU, o emissor se assume como um EU oculto, presente somente na mente do TU. A não utilização da palavra EU no poema também pode ser uma maneira de tornar aquela fala uma mensagem para si próprio. Os vários TUs são na realidade um único EU, a quem as mensagens são enviadas. É uma voz ancestral, mítica, latente na camada mais profunda da consciência e ligada aos instintos de preservação da espécie. Um “sexto sentido” urrando nas entranhas, um grito de alerta para os perigos ao redor.

O narrador invisível é uma voz paranoica, transtornada e obsessiva. Preocupada com minúcias que possam servir de prova contra si, de alguma contravenção. É uma voz autoritária que define o local da fala e os lugares reservados aos ouvintes. É didática e ameaçadora: anuncia penalidades que recairão sobre os autores de ações proibidas e de discursos interditados.

Dois contextos se alternam nessa obra: a Lapa dos anos 1940, com seus cassinos e cabarés, onde a peça é ambientada, e o próprio contexto vivido pelo autor, em plena ditadura, quando suas músicas eram recorrentemente censuradas. Chico era obrigado a desenvolver estratégias para colocar sua insatisfação com a ditadura, por meio de suas obras.

O mote geral é a luta contra a ditadura que atravessa boa parte da produção musical de Chico Buarque. Os interlocutores sugeridos são: os poetas, os fofoqueiros, os vigaristas ardilosos, maconheiros, desempregados, bandidos, assaltantes, intelectuais de esquerda, revolucionários e demais infratores, clientela contumaz da repressão ostensiva daqueles tempos. A estes personagens são colocadas advertências sobre as medidas de vigilância e repressão prováveis, como: escuta telefônica, o “grampo”, os delatores, tecnologias invasivas (como raios

x), agentes em campana, os detectores de metal, cães farejadores e mordedores (dobermanns), câmeras de vigilância, prisão e até ações condenadas pela constituição (a lei fecha o livro), como tortura (te pregam na cruz) e morte (depois chamam os urubus).

A frase “te pregam na cruz”, impregnada pelo discurso religioso, incorpora ao texto os sentidos que indicam a intensidade da tortura. Além disso, para os católicos a crucificação significa o sacrifício supremo, feito por Jesus Cristo, para salvar o mundo. A simbologia é poderosa. Resvala, nos desvalidos e perseguidos, a graça celestial. A crucificação abole os pecados da humanidade e a torna pura. Para Chico Buarque, os revolucionários e maconheiros são puros, mesmo que, para “galeras”, possam ser considerados “estorvos”.

A música é um rock, acompanhado pela banda “Cor do Som”. Chico, mais afeito ao samba e bossa-nova, escolheu um ritmo mais agressivo para servir de apoio melódico ao seu discurso. O tom rebelde do enunciado se evidencia ao som distorcido da guitarra.

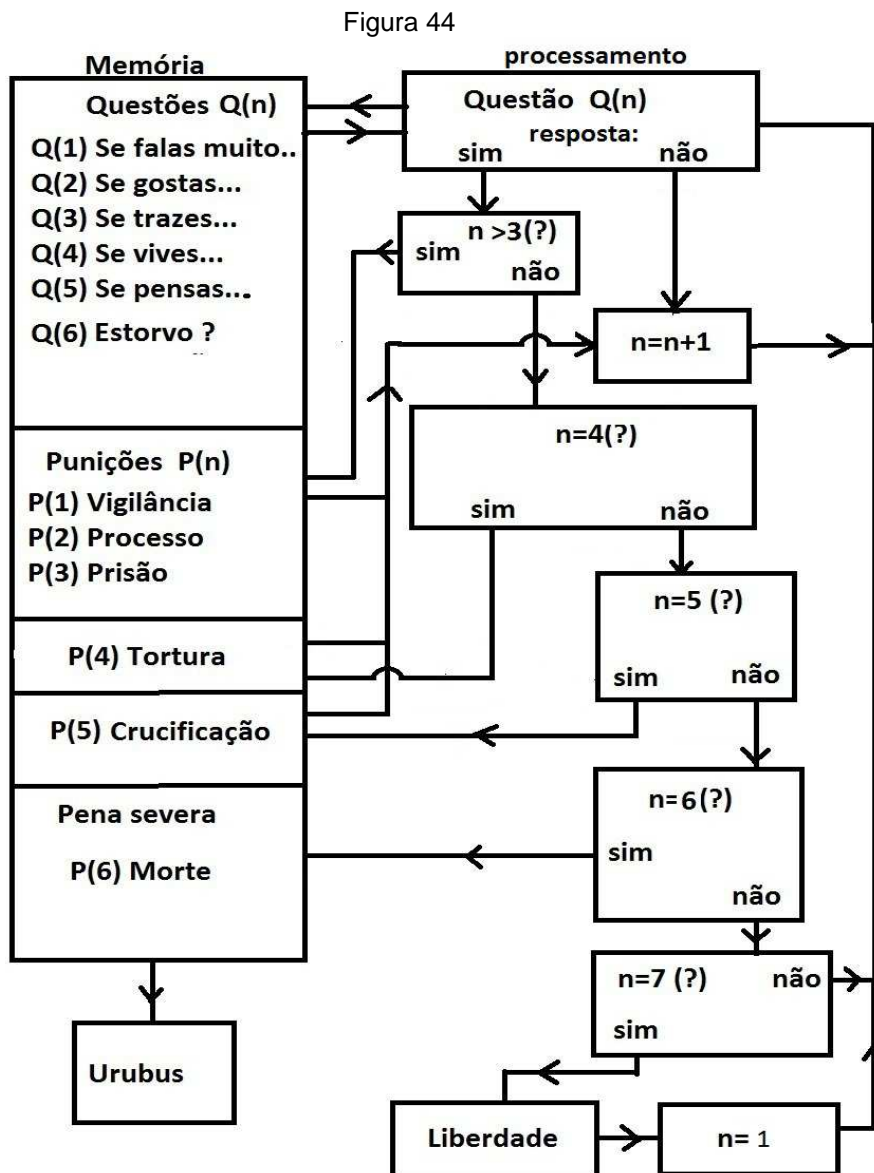
O antiproibicionismo fica bem evidente, quando o autor inclui o perfil do maconheiro entre perseguidos pelo regime e o caracteriza como vítima de prováveis abusos da lei. O maconheiro corre o risco de ser pego pela polícia, com uma simples “bagana” de maconha e ser humilhado, preso e, às vezes, assassinado.

Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social, a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual: de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um. Constitui-se assim um formidável direito de punir, pois o infrator torna-se o inimigo comum. Até mesmo pior que um inimigo, é um traidor, pois ele desfere seus golpes dentro da sociedade. Um “monstro” (FOUCAULT, 1987, p.76).

Chico já alertava para o panóptico foucaultiano que se anunciava nos aparatos de vigilância e nas delações e prisões de intelectuais e ativistas políticos. Alerta também para a truculência da repressão (braços de estivador) e para a existência de esquadrões da morte, que sumiam com os desafetos do regime ditatorial.

A construção poética do texto simula uma ficha de interrogatório de suspeitos ou réus, onde as perguntas, apesar de retóricas, correspondem a penalidades que

serão gradativamente aplicadas. Chico reproduz na composição um efeito algorítmico, que pode ser representado em um fluxograma de processamento de dados em computador:



Fluxograma baseado na letra do Hino de Duran. (Elaborado pelo autor).

Este recurso poético, que traz uma metáfora cibernética para dentro do enunciado, faz revelar a frieza maquina da estrutura que se impõe, em um automatismo robótico, que obedece a um programa previamente elaborado. Para Chico Buarque, a repressão é um ser não-humano, um computador sem sentimentos, mas com grande eficiência nas tarefas de vigilância, controle e punição. O diagrama acima traz uma opção para a liberdade que não está expressa claramente na letra da música. Contudo, a lógica faz presumir que se as respostas

apuradas para todas as questões (n=7) forem convincentemente negativas, há uma hipotética e remota chance de que o suspeito seja libertado, sem maiores problemas. Essa liberdade, no entanto, não representa nenhuma segurança, pois quem está livre também está passível de ser novamente abordado (n=1) pelas forças repressivas e passar pelos mesmos interrogatórios Q(n) e consequências P(n).

Ao fim do poema, Chico introduz o personagem "Dr. Eiras", ao questionar seu interlocutor imaginário sobre sua capacidade cognitiva e seu poder de apreensão da realidade. O compositor se refere ao Dr. Manuel Joaquim Fernandes Eiras, fundador da Casa de Saúde Dr. Eiras, e a um método investigativo por ele utilizado.

Dr. Eiras era carioca e ficou conhecido como "o médico da Princesa Isabel". Aos 14 anos, deixou o Rio de Janeiro para estudar medicina na Europa, mas retornou à cidade, dois anos mais tarde, onde concluiu seu curso. Aos 22 anos, já era formado em psiquiatria e em 1862 já possuía duas Casas de Saúde, no centro do Rio. Dr. Eiras fez uma pequena fortuna, cobrando de fazendeiros, donos de escravos, pela internação daqueles diagnosticados como portadores de transtornos mentais, e se notabilizou por ter desenvolvido um método de análise psicológica, o qual denominou "Método das Especulações Historicamente Plausíveis"; influenciado, provavelmente, pelos mesmos métodos investigativos dos quais também se derivam o "método do paradigma indiciário", desenvolvido pelo pesquisador Carlo Ginzburg¹⁰⁰.

O método investigativo do "paradigma indiciário" foi adotado por Ginzburg, após estudar a metodologia investigativa utilizada pelo médico e crítico de arte Giovanni Morelli, no final do século XIX, para identificar falsificações em obras de arte. O método Morelli, que lembra os processos de rastreamento de sutis pistas, deixadas por animais, na caça primitiva, como provável origem desse modelo de conhecimento, consistia em rastrear pistas quase imperceptíveis deixadas pelos autores em suas obras. Morelli aplicava esse método para investigar e identificar cópias e falsificações de pinturas de importantes artistas. O modelo é o mesmo utilizado pela sintomatologia na medicina e na psicanálise freudiana, e apresenta grandes semelhanças com o método investigativo do detetive Sherlock Holmes,

¹⁰⁰ GINZBURG, "Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário", in *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história* [1986]. São Paulo, Companhia da Letras, 1989.

criado por Conan Doyle. Ginzburg observou seu desenvolvimento histórico através de variados saberes práticos e de disciplinas de conhecimento – sempre com base na relação fundamental entre indícios e percepções mais gerais. Fazem parte desses estudos os trabalhos de: (a) levantar indícios; (b) decidir sobre sua relevância para o objeto e para a pergunta da pesquisa; e (c) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno. Isso pode ser feito através de um tensionamento triangular entre situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa.

O nome Dr. Eiras evoca também outro acontecimento, ligado ao tema abordado no poema. No dia 02 de setembro de 1971, um grupo armado denominado Ação Libertadora Nacional (ALN) assaltou a Casa de Saúde Dr. Eiras, levando o dinheiro do pagamento dos funcionários (CR\$ 96.698,00) e as armas dos seguranças Cardênio Jaime Dolce, Silvano Amâncio dos Santos e Demerval Ferreira dos Santos, mortos na ação¹⁰¹. O grupo da ALN era composto por Flávio Augusto Neves Leão Sales, Hélcio Pereira Fortes, Antônio Carlos Nogueira Cabral, Sônia Hipólito, Aurora Nascimento Furtado, Isis Dias de Oliveira, Paulo César Botelho Massa, além de José Milton Barbosa, Antônio Sérgio de Matos e Hélber José Gomes Goulart. Posteriormente, a maior parte do grupo foi presa e alguns deles foram mortos, após sofrerem com interrogatórios e torturas.

O poema assemelha-se também aos questionários aplicados pelo psiquiatra a seus pacientes. Portanto, a presença do Dr. Eiras está distribuída por todo o poema, inclusive na parábola: “se pensas que pensas, estás redondamente enganado”. Na frase final: “vem chegando aí, junto com o delegado pra te levar...”, a presença do psiquiatra junto ao policial é um indício de que o interlocutor será conduzido a um presídio para pessoas com transtornos mentais ou para a clínica do Dr. Eiras; que foi fechada¹⁰², após denúncias de maus tratos aos internos, e por causa dos novos métodos, trazidos pela reforma da psiquiatria, que discordam da internação como forma de tratamento de pessoas com tais transtornos. O poema, aparentemente inacabado, cria o efeito de sentido de que, na verdade, este foi bruscamente

¹⁰¹ Dados disponíveis em: <http://blogdaunr.blogspot.com.br/2008/09/assalto-casa-de-sade-dr-eiras.html> (acessado em: 30/05/2013).

¹⁰² Artigo “Casa de Saúde Dr. Eiras é fechada definitivamente no RJ”, disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/03/casa-de-saude-dr-eiras-e-fechada-definitivamente-no-rj.html> (acessado em: 30/05/2013).

interrompido por uma ação autoritária. O cantor segue recitando os versos finais, enquanto é arrastado rumo ao seu destino, junto com seus interlocutores.

No Brasil, além dessas, várias outras músicas fazem referência a drogas, como: “W. Brasil”, de Jorge Benjor; “O mal é o que sai da boca do homem”, de Pepeu Gomes; “Malandragem Dá um Tempo”, “Erva Proibida”, “A Fumaça Já Subiu Pra Cuca”, “Semente” de Bezerra da Silva; “Chico Brito”, de Wilson Baptista e Afonso Teixeira (celebrizada na voz de Paulinho da Viola); “Como Vovó já dizia (óculos escuros)”, de Raul Seixas; “Veneno Da Lata”, de Fernanda Abreu; “Ando Jururu”, “Balada do Louco”, “Alô, Alô, Marciano” e “Lança Perfume” de Rita Lee; “Perto do Fogo”, de Cazuza; “Puro Êxtase”, de Guto Goffi e Maurício Barros; “Hino de Duran”, de Chico Buarque; “A Tua Presença Morena”, “Odara”, “Meu bem, meu mal”, “Chuva, Suor e Cerveja”, “Eu sou neguinha” e “Fora da ordem”, de Caetano Veloso; “Jurubeba” de Gilberto Gil; “Fumacê”, dos *Golden Boys*; “Erva Venenosa” (versão de “Poisson Ivy”, de Leiber/Stoller); “Proibido Fumar”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos; “Chocolate”, de Tim Maia; “Ando Meio Desligado” de Arnaldo Dias Baptista; “Ponha Um Arco-Íris na Sua Moringa”, de Paulo Diniz; “Cachimbo Da Paz”, do Gabriel O Pensador; “Canteiros”, de Fagner e Cecília Meireles; “Sexo & Drogas”, de Dinho Ouro Preto e Alvin L.; “Há Tempos”, de Renato Russo e em todas as músicas do grupo *Planet Hemp*.

3.03 - Notícias Sobre As Propriedades Terapêuticas da *Cannabis*

A mídia jornalística tem dedicado cada vez mais espaço ao tema das drogas, pela sua crescente presença na sociedade. Essas notícias trazem posicionamentos conflitantes: grande parte delas são proibicionistas e tratam de situações de marginalidade e tráfico, e uma parte menor, mas significativa, contendo indícios antiproibicionistas. Os textos aqui reunidos trazem notícias de teor antiproibicionista.

Como as informações sobre a *Cannabis sativa* são transformadas em notícia? Como podem circular notícias tão conflitantes sobre o mesmo tema? A marcha da maconha, por exemplo, foi noticiada com essa polarização de enquadramentos, mostrada como uma “baderna”, por uma grande parte da mídia, e como uma “manifestação democrática”, por outra parte. Talvez a resposta para este

questionamento esteja em uma definição mais apurada do que seja notícia. O pesquisador português Jorge Pedro Sousa (2003), elaborou uma teoria da notícia onde, explica como as notícias são como são, mostrando as múltiplas definições de notícia segundo as várias correntes de pesquisa. Para o pesquisador “a construção de sentido para uma notícia depende da interacção perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem” (SOUSA, 2003, p. 04). Isso faz com que alguns jornalistas vejam “baderna”, onde outros enxergam “democracia”:

Uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2003, p. 03).

No caso de um tema polémico, com é o uso de substâncias tornadas ilícitas, e a maneira como foi historicamente construído o proibicionismo podem justificar como posicionamentos, já consolidados, são constantemente questionados e refutados por novas descobertas. Nesse caso a notícia pode ser definida como:

(...) resultado da interacção simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos, tendo efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações (SOUSA, 2003, p. 03).

São muitos os artigos, postados em portais e blogs jornalísticos na internet, que se apropriam de textos pretensamente científicos, como forma de aumentar a credibilidade de seus argumentos. Entre esses, o discurso médico sempre foi muito utilizado por ter a medicina se constituído como um saber que evoca a ciência, enquanto lugar da verdade. A maior parte deles deve conter informações verdadeiras, já que estão embasados em procedimentos cuidadosamente conduzidos, com o rigor característico dos experimentos científicos. Mas é também verdade que esses argumentos são usados fora do âmbito de onde foram produzidos, de modo a compor estratégias de outros campos sociais. Esses textos são reproduzidos em páginas que defendem o uso recreativo da *Cannabis*.

Figura 45

The screenshot shows the G1 portal interface. At the top left is the G1 logo and the word 'Mundo'. To the right is a search bar with a magnifying glass icon and a 'buscar' button. Below the search bar is a navigation menu with links for 'Brasil', 'Mundo', 'Economia', 'Política', 'Esporte', 'Carros', 'Emprego', 'Educação', 'Saúde', 'Tech', 'Bizarro', 'Pop&Arte', 'MG', 'RJ', 'SP', 'Telejornais', and 'Virada de ano'. The main content area features a news article with the headline 'Capital dos Estados Unidos libera maconha para uso medicinal'. The article text states that the measure is for patients with AIDS, cancer, multiple sclerosis, and glaucoma, and that a referendum in California in November could allow personal use. The article is attributed to 'France Presse' and includes a 'Imprimir' icon. To the right of the article is a 'PUBLICIDADE' section featuring an advertisement for a mobile phone with 'FRETE GRÁTIS' and a price of 'R\$ 89,90'. Below the advertisement is a 'Mundo' section with a date of '17 JUN' and two news items: 'Explosões abalam capital da Líbia' and 'Vídeo reúne melhores momentos de "cão anarquista" da Grécia'.

Print screen do portal¹⁰³ G1.

Capital dos Estados Unidos libera maconha para uso medicinal

Medida é para pacientes com Aids, câncer, esclerose múltipla e glaucoma. Em novembro, plebiscito na Califórnia pode liberar planta para uso pessoal.

A Câmara Municipal de Washington aprovou por unanimidade nesta terça-feira (4) o uso medicinal da maconha na capital dos Estados Unidos. O Distrito de Columbia se soma agora a outros 14 Estados do país que já permitem a utilização da droga para tratar algumas doenças crônicas.

A nova lei - que deve ser aprovada pelo prefeito de Washington, Adrian Fenty, e será revisada pelo Congresso antes de entrar em vigor - prevê que os médicos poderão receitar maconha a pacientes que sofrem de doenças como Aids, câncer, esclerose múltipla e glaucoma.

Mike Meno, do Projeto Políticas para a Maconha (MPP, da sigla em inglês) prevê que não haverá problemas para o Congresso aprovar a lei.

Mais de oito farmácias licenciadas poderão vender maconha para fins medicinais, explica Meno.

As farmácias, por sua vez, terão de adquirir a maconha de plantadores licenciados na capital, sendo que cada um deles terá permissão de cultivar até 95 pés da planta, em ambiente fechado.

"A legislação da capital federal não autorizará cultivo pessoal", completa Meno.

De acordo com o MPP, que é a maior organização de políticas para o uso de maconha nos EUA, Estados como Dakota do Sul e Arizona realizarão votações para decidir se vão permitir o uso medicinal da droga. Outra dezena de Estados estuda leis semelhantes.

A Califórnia, que já permite o uso medicinal, realizará em novembro um plebiscito para decidir sobre a legalização da maconha com fins recreativos.

¹⁰³ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/05/capital-dos-estados-unidos-libera-maconha-para-uso-medicinal.html> (acessado em: 17/06/2011).

Seus incentivadores argumentam, entre outros motivos, que desta forma haverá mais arrecadação de impostos em um estado com um imenso rombo fiscal (publicado em 04/05/2010 21h02).

A simples abordagem do tema polêmico, como o uso medicinal ou recreativo da *Cannabis sativa*, já suscita discussões inflamadas. Além disso, mesmo os textos proibicionistas, trazem para a arena discursiva, vários posicionamentos, entre favoráveis e desfavoráveis. O uso medicinal desta planta tem sido um dos argumentos mais usados pelos defensores do antiproibicionismo, na construção de um ambiente discursivo simpatizante dessa linha de argumentos. O discurso antiproibicionista busca argumentos favoráveis em outras instâncias do conhecimento, como as pesquisas médicas e o uso farmacológico da *Cannabis*.

No título do artigo “Capital dos Estados Unidos Libera Maconha Para Uso Medicinal”, no lugar de “Washington” é usado “Capital dos Estados Unidos”, enfatizando a importância do lugar do acontecimento; efetuando uma operação referencial que atribui à cidade uma posição hierárquica de maior importância, em comparação com outros lugares, pressupondo um interlocutor possuidor de simpatia ao discurso antiproibicionista, e exigindo dele um posicionamento de adesão para a pergunta implícita: “por que não ocorre isso aqui também”. Ao mesmo tempo, sugere ao interlocutor que seja favorável a este posicionamento.

O contexto sociopolítico do acontecimento relatado é marcado pela expectativa quanto ao resultado da aprovação da “nova lei”, em tramitação, e pelas discussões, em torno da legalização do uso da *Cannabis*.

As polifonias e interdiscursos estão presentes. O emissor traz para o texto outras vozes, oriundas dos reais enunciadores dos discursos que se justapõem. Um dos enunciadores, E1, é a Câmara Municipal de Washington, que distribui suas informações, como é comum em muitas instituições, através de releases ou de diários oficiais, relatando que o uso medicinal da maconha na capital já está aprovado, em suas instâncias.

Na primeira linha, soando como uma advertência, explica que o uso é somente para pessoas com enfermidades a tratar. Na linha seguinte, usando de um artifício retórico de sedução, o plebiscito é lembrado como uma esperança para o interlocutor que se frustrou com a primeira afirmação. O interlocutor, criado pelo texto, é um usuário de *Cannabis*, a quem se procura mostrar a existência de uma

estratégia antiproibicionista de se conseguir, primeiramente, a permissão legal para usar *Cannabis* como medicamento, para depois, quando a mesma já estiver sendo mais aceita, por ela já ser utilizada com finalidades terapêuticas; lutar-se pela legalização do uso recreativo. Outro Enunciador, E2, entra em cena. É Adrian Fenty, prefeito de Washington, ao qual é atribuída a intenção de aprovar a nova lei. A operação semântica na frase “deve ser aprovada pelo prefeito” contém uma esperança. É a quase certeza da aprovação. Ele “deve” aprovar. Retirando a frase da voz passiva, atribui-se ao prefeito uma “obrigação” a realizar.

O entusiasmo do emissor fica manifesto na frase “aprovou por unanimidade”, onde tenta mostrar o tamanho da aceitação da nova lei, e mostra também sua própria satisfação e aceitação. Mais adiante, as escolhas lexicais de operadores modais utilizadas na frase: “se soma agora a outros 14 Estados do país que já permitem a utilização da droga para tratar algumas doenças crônicas”, ao usar palavra “soma”, o enunciador acrescenta valores positivos à decisão. O Estado, que antes não permitia o uso terapêutico da *Cannabis*, agora faz parte do “seleto clube” de “14 Estados” que “já permitem a utilização da droga para tratar algumas doenças crônicas”. “Já permitem” é uma operação de sedução que atribui valores positivos à frase, criando, por indução, um outro clube: os Estados que “ainda não permitem”. Ao se reconstruir a frase, substituindo “já permitem” por “ainda não permitem”, o sentido negativo se instala e se estende aos Estados que *ainda não permitem* o uso terapêutico da *Cannabis*, soando como uma advertência, por não aderirem a uma ação considerada positiva pelo emissor, e soa também como uma convocação para a adesão.

O terceiro enunciador, E3, “Mike Meno, do Projeto Políticas para a Maconha”, deve ser a fonte da notícia. A ele é atribuída uma função de analisador político e a previsão “que não haverá problemas para o Congresso aprovar a lei”. A não aprovação colocada como “problemas”, mostra que o terceiro enunciador encara uma improvável “não aprovação” como algo indesejável, enunciado com o qual o emissor está concordando.

O viés mercadológico também está presente. Mais um enunciador, E4, é trazido à cena, através de operação de antonomásia, mantém o enunciador protegido e anônimo no meio de um coletivo, diluindo-o em sua classe, deixando os leitores livres para, em coautoria, imaginar identidades mais nítidas de E4. É

chamado de “seus incentivadores”, e devem ser empreendedores, interessados em investir no negócio canábico. Eles fazem duas afirmações: “argumentam, entre outros motivos, que desta forma haverá mais arrecadação de impostos”, e revelam opinião sobre a gravidade da crise econômica: “em um estado com um imenso rombo fiscal”. A dimensão da “crise econômica” é mostrada em uma dupla modalização de intensidade, expressa em “imenso rombo”. “Rombo” já traz a ideia de “grande buraco” ou “arrombamento”, noção muito usada em reportagens policiais que descrevem invasões e roubos de residências e lojas. Ao ser qualificado como “imenso”, o “rombo”, ou “grande buraco”, ficou maior ainda. Na frase: “desta forma haverá mais arrecadação de impostos” a viabilidade econômica também é utilizada como forma de sedução e convencimento, aos setores capitalistas da imprensa e da sociedade. O emissor impregna todo o texto, aparentemente objetivo e imparcial, com sua subjetividade, colocando-se, política e ideologicamente, na defesa do antiproibicionismo.

Figura 46

Print screen do portal¹⁰⁴ R7.

Médicos brasileiros pedem legalização da maconha para fins medicinais (Figura 46).

¹⁰⁴ <http://noticias.r7.com/saude/noticias/medicos-brasileiros-pedem-legalizacaoda-maconha-para-fins-medicinais-20100518.html> (acessado em: 17/06/2011).

O Brasil pode seguir exemplo de vários países e legalizar a maconha para fins medicinais. Nesta terça-feira (17), especialistas de todo o mundo discutiram o polêmico tema em um evento em São Paulo.

Um simpósio internacional, organizado pelo Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), discutiu a criação de uma agência reguladora de maconha medicinal no país. O evento apresentou estudos que têm sido realizados com a *Cannabis* (nome científico da planta da maconha) para fins medicinais desde que seu princípio ativo foi isolado, na década de 60.

O potencial terapêutico da *Cannabis* já é explorado nos EUA, Canadá, Reino Unido, Holanda, França, Espanha, Itália, Suíça, Israel e Austrália, entre outros países. As principais indicações são para conter náuseas e vômitos causados pelos anticancerígenos, caquexia (enfraquecimento extremo) aidética e cancerígena, dores crônicas neuro e miopáticas como ocorrem na esclerose múltipla, glaucoma, entre outras patologias.

O médico Elisaldo Carlini, do Cebrid, diz que estudos comprovam que a planta pode ser usada na cura de várias doenças e amenizar os efeitos de remédios contra câncer. O uso poderia ser de várias formas, inclusive como cigarro. Mas só pode ser adquirido com prescrição médica.

- Para explorar o potencial terapêutico da maconha, o Brasil terá de criar uma agência nacional ligada ao Ministério da Saúde para controlar o uso, produção de medicamentos e até a importação ou cultivo da planta no país. Mesmo assim a iniciativa é vista com restrições por alguns setores.

Emmanuel Fortes, do Conselho Federal de Medicina, afirma que o órgão não aprova o uso da maconha em tratamentos.

- O Conselho Federal de Medicina não vai acatar nenhuma forma de proposição que vai usar a maconha de forma natural.

Medicamentos já usados

O primeiro medicamento à base de *Cannabis* aprovado e disponível no mercado desde 2005 é o canadense Sativex, produzido pela GW Pharmaceuticals. Produzido a partir de um extrato da *Cannabis*, é indicado para tratamento da esclerose múltipla, artrite reumatóide, síndrome metabólica, epilepsia e câncer da próstata, entre outros.

No Brasil, desde a década de 90, os estudos apontam resultados positivamente significativos considerando os efeitos antiepilético, sedativos, antipissicóticos e neuromotor em casos de tratamentos para doença de parkinson, do princípio ativo canabidiol.

A ONU (Organização das Nações Unidas) recomenda aos países a criação de uma Agência Nacional da *Cannabis* Medicinal para aprovar e controlar adequadamente o uso terapêutico da maconha e seus derivados, incluindo a importação e/ou cultivo da planta e de medicamentos a base de canabinoides, assim como condutas relacionadas ao uso medicinal da maconha.

Os sentidos são construídos por essas práticas jornalísticas, onde os redatores se apropriam do discurso da medicina, na produção de textos que irão se somar às manifestações antiproibicionistas. Nada mais sedutor do que mostrar ao público que o tratamento de doenças, de difícil cura, que assolam a humanidade, poderá ser proporcionado pelas pesquisas com uma erva de fácil cultivo, mesmo que seu uso ainda encontre restrições legais. Muitos experimentos se mostram promissores, mas a maioria ainda está em fase inicial. Embora o mercado já disponha de vários medicamentos produzidos a partir da *Cannabis sativa*, seus

defensores procuram divulgar qualquer novidade que possa contribuir com a melhoria da “imagem” da maconha.

Figura 47

The image is a screenshot of the Humana Saúde website. At the top, there is a logo for Humana Saúde with the tagline "Venha para o maravilhoso mundo da Humana!" and a phone number "3221-1000". A search bar and a navigation menu are also visible. The main content area features a news article titled "Maconha pode deter o crescimento do câncer de mama, indica pesquisa em ratos". The article text states that active components of marijuana could reduce breast cancer growth and metastasis, based on research by Spanish scientists. A photograph of a white mouse is included in the article. To the right, there is a sidebar with "Notícias Relacionadas" (Related News) listing several other health-related articles with their dates.

Print screen do portal Humana Saúde¹⁰⁵.

Maconha pode deter o crescimento do câncer de mama, indica pesquisa em ratos

Os componentes ativos da maconha e seus derivados poderiam reduzir o crescimento do câncer de mama e a aparição de metástases, constata uma equipe de cientistas espanhóis que testou os efeitos desta droga em ratos. Em comunicado, os pesquisadores da Universidade Autónoma de Madri (UAM), a Universidade Complutense de Madri e o Centro Nacional de Biotecnologia destacaram nesta segunda-feira (13) que os canabinoides podem deter e acabar com as células derivadas de tumores de mama. Essa descoberta acaba de ser publicada na revista "Câncer Cell", na qual os cientistas explicam que a pesquisa foi realizada com ratos afetados pelo modelo genético de câncer de mama MMTVneu.

Tal como está noticiada a pesquisa, esta informação tem forte apelo publicitário, em favor da *Cannabis*. O câncer de mama é um dos líderes das doenças com altos índices de letalidade. Sua cura é um acontecimento muito esperado pelos cientistas, pacientes e familiares. Em muitos países, como: Israel,

¹⁰⁵ http://www.humana.saude.com.br/novo/materias/2/maconha-pode-deter-o-crescimento-do-cancer-de-mama-indica-pesquisa-em-ratos_16176.html (acessado em: 17/06/2011).

Canadá e Estados Unidos, as pesquisas sobre os benefícios que essa planta pode trazer na cura e tratamento de inúmeras doenças, estão avançando. Porém, o modo como colocam essas notícias diz muito sobre estas estratégias de convencimento. Um estudo feito em camundongos, cujos resultados práticos podem levar anos até chegarem ao público, é rapidamente anunciado como uma possibilidade de proteção, no título da matéria, para depois arrefecer no restante do texto noticioso.

Figura 48

Print screen do BBC Brasil¹⁰⁶.

Maconha pode proteger idosos contra osteoporose, diz estudo

Os cientistas estudaram o impacto da cannabis nos ossos.

A maconha pode ajudar a evitar o desenvolvimento da osteoporose em pessoas mais velhas, segundo um estudo feito pela Universidade de Edimburgo e divulgado nesta quinta-feira.

Os pesquisadores constataram que o uso da droga ativa uma molécula (o receptor CB1) que tem papel crucial no desenvolvimento da doença, que afeta 30% das mulheres e 12% dos homens.

O estudo com camundongos indicou que, embora possa ter impacto negativo em mais jovens, reduzindo a força dos ossos, nos mais velhos aparentemente a ativação da molécula pode ser benéfica.

Os defensores do antiproibicionismo podem ser detectados em textos, como este acima, pelo simples fato de postarem tais notícias. No Brasil, as pesquisas

¹⁰⁶ http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/08/090813_osteoporose_rc.shtml (acessado em: 17/06/2011).

ainda estão em estágio bem embrionário, pois a proibição dificulta qualquer apoio institucional, e apenas uns poucos e abnegados cientistas dedicam, em suas horas de folga, algum tempo para desenvolverem estudos e experiências nessa área.

Figura 49



Print screen do portal UOL Notícias¹⁰⁷.

Fumar maconha reduz o risco de diabetes, segundo estudo

Pessoas que fumam maconha regularmente têm menor risco de desenvolver diabetes, segundo um novo estudo publicado no *The American Journal of Medicine*. De acordo com o trabalho, os pesquisadores descobriram que pacientes que fumam a erva regularmente têm níveis menores de insulina em jejum em comparação aos que nunca fumaram.

No estudo, os pesquisadores analisaram dados obtidos durante o National Health and Nutrition Survey entre 2005 e 2010 e estudaram os dados de 4.657 pacientes que completaram um questionário sobre uso de drogas. Destes, 579 eram usuários de maconha, 1.975 já tinham usado a droga no passado, mas não eram usuários e 2.103 nunca tinham usado a droga.

Os cientistas analisaram a quantidade de insulina em jejum de nove horas e a glicose por meio de amostras de sangue. Os usuários de maconha apresentaram níveis 16% menores de insulina em jejum em comparação aos pacientes que nunca tinha usado a droga na vida.

"Precisamos desesperadamente de uma grande quantidade de pesquisa clínica a curto e longo prazo dos efeitos da maconha em uma variedade de situações clínicas, tais como câncer, diabetes e fragilidade nos idosos", completa Alpert à publicação.

¹⁰⁷ <http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/05/20/fumar-maconha-reduz-o-risco-de-diabetes-revela-estudo.htm> (acessado em: 12/08/2013).

Diabetes é uma doença que afeta seriamente a vida de muitas pessoas e tem despertado muitas pesquisas. A pesquisa acima demonstrou que os fumantes de maconha têm menos chances de desenvolvê-la, pois o uso de *Cannabis* mantém reduzidos os índices glicêmicos no sangue. Esta é uma notícia de grande importância, pois traz uma esperança para aqueles que sofrem com o longo tratamento, que pode durar a vida toda e exige muitos cuidados. Este tipo de informação, no entanto, vai compor o acervo antiproibicionista. Centenas de pessoas terão uma razão a mais para usá-la. A palavra “fumar”, no título da matéria, agrada mais ainda aos usuários, pois esta é a maneira mais comum do seu consumo. Não é um colírio ou comprimido, nem xarope ou injeção. É o conhecido e tradicional “*pot*”, ou cigarro de maconha.

Figura 50

Print screen do portal da revista Época¹⁰⁸.

USP usa maconha para tratar fobia social (Figura 50).
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto realiza testes com componentes da planta que mostram redução da ansiedade nos pacientes

¹⁰⁸ <http://revistaepocasp.globo.com/Revista/Epoca/SP/1,,EMI155024-17276,00.html> (acessado em: 17/06/2011).

Pacientes com fobia social foram submetidos a um teste com discurso em frente a uma câmera. Aqueles que tomaram a cápsula de canabidiol sofreram menos de ansiedade.

Uma das mais de 400 substâncias que compõem a maconha pode ajudar pacientes que sofrem de transtorno de ansiedade social. Segundo estudo feito pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), voluntários submetidos a testes com cápsulas de canabidiol apresentaram menos ansiedade do que aqueles que foram tratados com placebo.

“O transtorno conhecido como fobia social caracteriza-se pela ansiedade exagerada durante exposição a situações sociais, o que impõe limitações à vida da pessoa”, afirma o professor Antonio Zuardi, do departamento de neurociências e ciências do comportamento da faculdade da USP. “Esta ansiedade é manifestada fisicamente por meio de taquicardia, sudorese, aumento de pressão arterial, falta de ar e tremores.”

Já neste texto, a estratégia inclui o uso do nome de uma instituição de grande credibilidade, multiplicando o efeito de verdade, proporcionado pela reportagem. Nota-se menos entusiasmo na fala do pesquisador, cujas colocações parecem ser mais realistas que as do repórter. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto desenvolve pesquisas com um dos cerca de 400 produtos químicos componentes da *Cannabis*. O estudo utiliza cápsulas contendo o *canabidiol*, substância que tem se mostrado promissora, como medicamento, em diversas pesquisas científicas.

No Brasil, não são muitos os cientistas, como o psiquiatra Antônio Waldo Zuardi, professor titular de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão da Universidade de São Paulo (USP), que contam com apoio institucional para pesquisarem as propriedades terapêuticas da *Cannabis sativa*, por causa da proibição, que dificulta a importação e aquisição dos insumos para a pesquisa.

As pesquisas ainda estão em estágio inicial, no entanto, artigos como esse, são utilizados, pelo movimento antiproibicionista, como argumentos para a legalização dos usos medicinais e recreativos da maconha. Ao serem divulgadas, tais informações robustecem o posicionamento contra a proibição, mas podem induzir as pessoas à automedicação, já que no Brasil os médicos não podem prescrevê-la legalmente. Como as substâncias isoladas não estão à venda no Brasil, essa automedicação poderá ser tentada através do consumo direto da planta, inalado em vaporizadores ou a partir de cigarros. Nesse caso, a pessoa pode ingerir outras das 400 substâncias, não testadas e, talvez, não adequadas para o tratamento em questão. O acompanhamento e prescrição, por um médico especialista, em um contexto de uso legalizado, provavelmente, diminuiria o risco de

automedicação. Como a *Cannabis sativa* não possui dose letal, os riscos de morte com este procedimento estão afastados.

Figura 51



Print screen do portal Terra Magazine¹⁰⁹.

Maconha eficaz contra Câncer de Próstata

Vovó Maconha, não perde uma manifestação pela maconha

O câncer prostático é apelidado de “killer” dos homens. Muitos homens fogem do exame do toque retal, que não é substituído pelo exame laboratorial conhecido por “PSA”: os dois são complementares.

Uma pesquisa realizada pela Universidade de Alcalá, de Madri, na Espanha, demonstrou que duas substâncias químicas presentes na erva canábica têm o efeito de bloquear o crescimento de células tumorais da próstata.

Dois canabinóides foram estudados pelos espanhóis da Universidade de Alcalá, o “metanandamida” e o “Jwh-15”. Pelos resultados anunciados, eles atuam contra o tumor de modo a “bloquear um receptor sobre a superfície das células neoplásicas, impedindo a multiplicação”.

A pesquisadora Inés Díaz, em matéria publicada no British Journal of Cancer, informou haver realizado testes com ratos e constatado uma significativa redução da progressão tumoral.

Wálter Fanganiello Maierovitch (23 de agosto de 2009).

¹⁰⁹ <http://maierovitch.blog.terra.com.br/2009/08/23/maconha-eficaz-contracancer-de-prostada/> (acessado em: 17/06/2011).

Inúmeras notícias sobre a relação câncer e *Cannabis* circulam na internet. Grande parte delas atribui ao uso da maconha, sob forma de cigarros, a responsabilidade pela ocorrência de vários tipos de câncer, no sistema respiratório. Porém, muitas trazem pesquisas, de conceituados institutos, mostrando que existem na planta, *Cannabis sativa*, componentes químicos, cujas propriedades podem ser úteis em tratamentos contra alguns tipos da doença. A forma de administrá-la é que deve ser outra, que não seja a fumada, pois os elementos tóxicos, liberados em qualquer combustão, competiriam negativamente com os prováveis benefícios.

3.04 - Textos Mercadológicos - A Viabilidade Econômica da *Cannabis*

Figura 52



Print screen do portal do Celetivo DAR.

Industrialmente, a *Cannabis sativa* foi muito utilizada, por várias de suas potencialidades econômicas. A fibra extraída da planta foi muito utilizada em produtos têxteis, chegando a ser a principal matéria prima para produtos como tecidos, fios e cordas, antes da proibição. Com o avanço das pesquisas sobre o cânhamo, surgiram muitas outras aplicações que levariam ao desenvolvimento de

produtos, já colocados à venda. Os textos observados, nesta etapa, mostram produções discursivas acionadas pelo interesse mercadológico dessas descobertas.

A viabilidade econômica é um dos principais argumentos dos discursos antiproibicionistas. Esses textos são replicados em centenas de páginas na internet e usados na composição dos discursos que buscam a legalização.

Cientistas criam biodiesel de maconha¹¹⁰

Planta cresce até em solo infértil; combustível aproveita 97% do óleo da semente.

Pesquisadores da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, descobriram que a fibra da *Cannabis sativa* (nome científico da maconha), chamada de cânhamo industrial, tem propriedades que a tornam uma matéria-prima viável e atraente para a produção de biodiesel, um combustível sustentável feito de plantas renováveis.

O combustível feito de maconha apresentou uma alta eficiência de conversão – 97% do óleo foi convertida em biodiesel – passou em todos os testes do laboratório e até apresentou propriedades que sugerem que pode ser usado em temperaturas mais baixas do que qualquer biocombustível do mercado.

O texto não apenas mostra a viabilidade econômica da *Cannabis*, mas a coloca como a melhor opção, em relação a outros produtos. Busca, na fala dos institutos de pesquisa e de universidade conceituadas, credibilidade semelhante à conferida à produção científica.

Refrigerante de maconha será vendido nos EUA no próximo mês¹¹¹

Um refrigerante de maconha, o "*Canna Cola*", estará nas lojas do Estado americano de Colorado em fevereiro. Cada garrafa custará entre US\$ 10 e US\$ 15 e terá entre 35 e 65 miligramas de THC (tetrahydrocannabinol), o principal ingrediente psicoativo do *Cannabis*, o gênero botânico utilizado para produzir haxixe e maconha.

As informações foram publicadas na revista americana "Time".

São 15 os Estados americanos onde o uso da maconha para fins medicinais é legal. No entanto, as condições para sua legalidade mudam de um lugar para o outro, e maconha, independentemente do propósito, continua sendo ilegal pelas leis federais.

Há um projeto de lei no Congresso assinado pela senadora Dianne Feinstein, conhecido como "Brownie Law", aprovado pelo Senado no ano passado. A proposta é aumentar as penas para os que fazem produtos que misturem maconha com "algo doce".

O criador do "Canna Cola" é o empresário Clay Butler, que assegura que nunca fumou maconha e que elaborou a bebida por "acreditar que os adultos têm o direito de pensar, comer, fumar, ingerir ou vestir o que quiserem", disse em entrevista à publicação "Santa Cruz Sentinel".

Além do sabor de cola, serão lançados, ao mesmo tempo, o de limão chamado "Sour Diesel", o de uva de nome "Grape Ape", o de laranja

¹¹⁰ <http://coletivodar.wordpress.com/2010/10/08/cientistas-criam-biodiesel-de-maconha/> (acessado em: 20/05/2012).

¹¹¹ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/866184-refrigerante-de-maconha-sera-vendido-nos-eua-no-proximo-mes.shtml> (acessado em: 20/05/2012).

"Orange Kush" e, por fim, o inspirado na popular bebida Dr. Pepper, o "Doc Weed".

De acordo com Scott Riddell, criador da empresa que comercializará a bebida, os níveis de THC em "Canna Cola" serão menores que os de outras bebidas do mesmo tipo que já estão no mercado. O efeito no organismo é similar ao de uma "cerveja suave".

Figura 53

The image is a screenshot of the Folha.com website. At the top, it shows the date '22 DE AGOSTO DE 2011 - 12:01' and weather for São Paulo (SP) at 11°C and Rio de Janeiro (RJ) at 18°C. The main navigation bar includes 'FOLHA.com', 'VEJA O TEMPO EM MAIS CIDADES', 'BUSCAR', and 'ASSINE A FOLHA'. Below this, there are various news categories and a 'EM CIMA DA HORA' section with the headline 'Especialistas sugerem plano que inclua aplicação na Bolsa'. The main article is titled 'Refrigerante de maconha será vendido nos EUA no próximo mês' and is dated '26/01/2011 - 13h23'. The article text discusses the 'Canna Cola' beverage, its ingredients, and its legal status in the USA. To the right of the article, there are social media links for Facebook and Twitter, and a list of 'as últimas que você não leu' (the latest you didn't read). At the bottom of the article, there is an image of five different colored bottles of 'Canna Cola' (red, orange, purple, green, and black) with various labels like 'ORANGE', 'FOUR', and 'Canna Cola'.

Print screen da Folha.com¹¹².

O refrigerante de *Cannabis* é um dos produtos que a indústria alimentícia já colocou no mercado. Bolos, biscoitos, canapés, empadas, doces, balas, pirulitos, cerveja, refrescos e sucos, já podem ser degustados, em alguns países. O refrigerante terá, segundo o fabricante, “entre 35 e 65 miligramas de THC”, o que pode resultar em um efeito “similar ao de uma ‘cerveja suave’”. O próprio “efeito” é utilizado como atrativo principal pelo enunciado. Outros atrativos, como os “sabores” “limão”, “laranja” e “*Grape ape*”, apesar de secundários são eles que fazem alguém consumir o produto anunciado, em vez de fumar logo um cigarro de *Cannabis*.

¹¹² <http://reggaecarros.blogspot.com> (acessado em: 28/08/12).

3.05 - O Discurso antiproibicionista na Moda

Um setor que serve como termômetro de tendências culturais é a moda. A forma de se vestir fala muito de uma cultura. Atravessada pelas lógicas do mercado, pela estética e pela arte, a moda sempre reflete os rumos tomados pela sociedade. A produção de tecidos é uma das propriedades da Cannabis mais aproveitadas industrialmente, conhecida na Europa desde o século XV, na época das grandes navegações, em busca de especiarias orientais e descoberta de novas terras.

Figura 54

The image shows a print screen of a website. At the top, the site is titled "A Distinctive World" with the tagline "Bringing the world together through art, music, awareness, creativity, passion and unity". Below this is a navigation menu with links for Home, Environment, Interviews, Health & Wellness, Videos, Art, About, and Magazine. On the left side, there is a "META" section with a "Log in" link. The main content area features the article title "10 Chic Ways for Women to Wear Hemp" by denias, dated September 24, 2009, with 0 comments. Below the title is a photograph of a woman in a long, flowing, light-colored dress walking on a runway. To the right of the article is an "ARCHIVES" section with a list of months from February 2013 to May 2009. Below the photograph, there is a paragraph of text discussing the mainstreaming of hemp clothing.

Print screen¹¹³.

Dez maneiras chiques para a mulher vestir *hemp*.

Se você acha que todas as roupas de cânhamo são usadas por hippies, pense de novo: Como a sustentabilidade é o assunto dominante, o tecido exclusivo está circulando na alta-costura com desenvoltura. Se você está

¹¹³ <http://www.adistinctiveworld.net/10-chic-ways-for-women-to-wear-hemp/> (acessado em: 02/07/2013).

procurando um vestido de noiva, vestido de cocktail, vestido de verão, ou um fabuloso par de sapatos, há uma alternativa de cânhamo para você, como este, de Isoude, com detalhes de bolso e guarnição branca glamorosa que faz com que possa ser usado em casa ou em qualquer evento. Sedas ecológicas desta moda doméstica de peças pintadas a mão, podem ser usadas em casa ou para sair. Mas, para eventos mais discretos, experimente este vestido de cânhamo, sem mangas, azul, completo com detalhes no bolso e guarnição branca (ADISTINCTIVEWORLD, 2013, tradução do autor).

A indústria da moda demonstrou que suas fibras não são apenas rústicas e duráveis, e não servem apenas para fabricar cordas e velas para navios. A alta qualidade da fibra, obtida da *Cannabis sativa*, permite tanto a confecção de roupas para alta costura, pela sua beleza; como para a fabricação de fardas e uniformes, pela sua resistência e durabilidade. A beleza, a resistência e a durabilidade da fibra de *Cannabis* agregam singulares valores ao tecido, dificilmente encontrados em outros produtos têxteis de fácil cultivo.

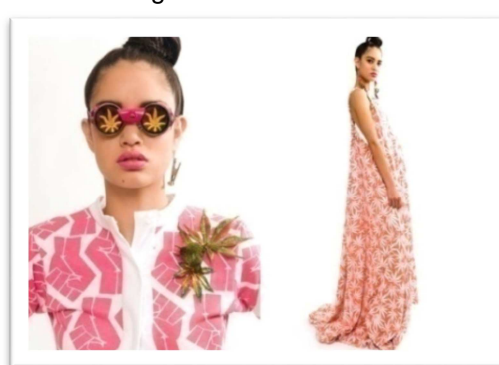
Figura 55



Figura 56



Figura 57

Roupas com estampas da folha da *Cannabis sativa*¹¹⁴.

A opção por produtos derivados do cânhamo passou a ter lógicas estéticas e econômicas. Usar roupas com fibra de *Cannabis sativa*, não significa necessariamente uma adesão ao discurso antiproibicionista. Indica, menos ainda, uma preferência por maconha, principalmente pelo fato de que podem ser confundidos facilmente com linho, com algodão e até mesmo com seda.

Os produtos feitos com base em *Cannabis* têm esse detalhe muito bem explicitado, nas especificações do rótulo, e isso até é apresentado como uma “qualidade extra” do produto. Esta marca funciona como um “selo de garantia de qualidade”, semelhante a “ISSO 9000” ou “sustentável” ou “produto ecológico”.

¹¹⁴ Figuras 33 e 34 - http://www.sementemaconha.com/__camiseta_folha_da_maconha-p777/ (acessado em: 28/08/2012).

Figura 58



Figura 59

Moda Canábica¹¹⁵.

A presença da *Cannabis* na moda se dá também pelas estampas. A folha dessa planta é uma das estampas mais presentes em vestidos, camisetas e outros acessórios da moda canábica. As roupas coloridas dos hippies, os jeans desgastados dos punks e as várias indumentárias, usadas conforme as regras das ritualísticas institucionais e protocolos sociais, contam histórias. As camisetas com fotos, desenhos ou textos ofertam sentidos passíveis de análise.

Figura 60

Vestido¹¹⁶.

Figura 61

Rihanna de camiseta¹¹⁷.

Figura 62

Hemp fashion¹¹⁸.

A indústria da moda capta rapidamente essas tendências e as devolvem ao público, na forma de diversos produtos que atendem as demandas existentes e

¹¹⁵ Figura 58 e 59 - <http://blogredacao4.blogspot.com/2010/11/moda-hemp-de-volta.html>. (acessado em: 28/08/2012).

¹¹⁶ <http://coquetryclothing.com/potweedmarijuanaprintityjerseycapsleeveswingdress.aspx> (acessado em: 28/08/2012).

¹¹⁷ <http://www.usatoday.com/story/life/people/2013/04/02/rihanna-gaga-bieber-celebrity-pot-smoking/2015633/> (acessado em: 28/08/2012).

¹¹⁸ <http://12160.info/group/marijuanagodsplant/forum/topics/hemp-fashion-show> (acessado em: 28/08/2012).

abrem espaço para novas propostas. Esse ramo da indústria talvez não seja antiproibicionista (parece não existir no capitalismo o moralismo proibicionista), mas soube captar a busca por certo tipo de mercadoria que eles podem oferecer aos consumidores. A roupa, como uniforme, representa uma corporação, uma instituição. O militar, o médico, o estudante, o atleta. Indica o que se faz na vida para sobreviver. É forte definidor de identidade. Indica sua fé (indumentária religiosa), seu time, sua tribo.

Figura 63

Meias¹¹⁹.

Figura 64

Camisa de Cânhamo¹²⁰.

A *Cannabis* vai para o vestuário de duas maneiras: de forma artesanal, quando a própria pessoa produz; ou industrial, quando estão disponíveis à venda nas lojas comerciais. Ao usar em público essas roupas, a pessoa está informando à sociedade seu posicionamento diante da questão. Existe o aspecto da preferência estética, pela forma, pela cor. E existem vários discursos que se expressam nesse ato. O emissor da mensagem é aquele que a usa. Embora os enunciadores provavelmente estejam nos departamentos de criação das indústrias da moda, o sujeito ao vestir-se, veste-se do discurso. Ao escolher a indumentária do dia o usuário assume a responsabilidade por aquele enunciado e o adota como seu. A estamparia fala também do humor do seu dono. Várias combinações de cores estão disponíveis a todos os estados de espírito.

Quando se veste uma roupa com estampas e motivos canábicos, mostra-se, além de uma preferência, um posicionamento político. Veste-se a camisa daquilo que se defende ou pelo que se luta. A roupa fortalece o sentido de pertencimento a

¹¹⁹ http://www.cogumelomagico.eu/moda_hemp-l37/ (acessado em: 28/08/2012).

¹²⁰ Idem.

um grupo. A indumentária é uma farda que mostra a que corporação pertence o usuário. Um sujeito fardado é a própria corporação.

Figura 65

Boné¹²¹.

Figura 66

Tênis¹²².

Figura 67

Lenço¹²³

A vestimenta tem também a função de facilitar a entrada em certos lugares. Dependendo de como a pessoa se veste, pode ter seu acesso garantido ou ser barrado em alguns lugares. Serve como senha de contato. Pela roupa, sabe-se que tipo de abordagem o usuário prefere, e que prováveis temas seriam os ideais para se iniciar uma conversa. Também pode ser encarada como delimitador de fronteiras culturais.

Figura 68



Calção.

Figura 69

Camiseta¹²⁴

Figura 70



Short.

O modo de vestir alimenta mitos e estereótipos. Ainda se corre riscos, desde assédio, maledicências, perseguições e espancamentos, até de ser assassinado por grupos radicais que não toleram a diversidade. Em algumas ocasiões é preciso coragem para usar uma camiseta de um time, uma mini-saia, um véu, uma *burka*, uma camiseta com a foto do “Che” ou de uma folha de *Cannabis sativa*. Qualquer

¹²¹ <http://kibeloco.com.br/2010/08/01/vovo-zona/> (acessado em: 28/08/2012).

¹²² Idem.

¹²³ <http://msn.lilianpacce.com.br/moda/hemp-gazelle-adidas/> (acessado em: 28/08/2012).

¹²⁴ <http://www.latostadora.com/frikiseta> (acessado em: 28/08/2012).

roupa que se use traz um discurso: mesmo que seja aquele da adequação, da submissão às formalidades institucionais ou rendição ao moralismo preconceituoso.

Figura 71



Figura 72



Figura 73

Camisas da moda canábica¹²⁵.

Camisetas como suporte para os mais variados posicionamentos já é algo comum, como aquelas pintadas em *silk-screen*, por universitários, para divulgarem as lutas estudantis. A publicidade também as utiliza, como anúncios ambulantes. Empresas utilizam as estampas canábicas, para divulgarem suas marcas. O discurso antiproibicionista, detectado na moda, se mostra como um *feedback* à sua forte presença na mídia e na produção cultural. É um exemplo das mudanças de suporte que uma mensagem pode experimentar, ao percorrer seu caminho, até chegar aos destinatários, que poderão se tornar também emissores desse discurso, a exemplo dos “virais” da internet.

Figura 74

Aliança prata¹²⁶.

Figura 75



Anel de brilhantes.

Figura 76



Anel de Ouro.

Figura 77



Bijuteria.

Vários outros acessórios da moda aderiram ao discurso antiproibicionista. Este é um filão de mercado que não pode ser desconsiderado, mesmo que se refira a um produto na ilegalidade. Belíssimos anéis de “formatura” e alianças com

¹²⁵ <http://www.zazzle.com.br/cannabis+camisetas> (acessado em: 18/08/2013).

¹²⁶ <http://www.marijuana.co.at/pt/anel-folha-cannabis-p-5003.html> (acessado em: 18/08/2013).

desenhos sofisticados podem ser encontrados com preços variados. Um anel de ouro com brilhantes compartilha o mesmo discurso com a bijuteria de latão. Como membros de uma mesma irmandade, os sujeitos canábicos deixam pistas quando querem ser reconhecidos pelos “irmãos”, no mínimo, como simpatizantes da causa.

Figura 78



Figura 79



Figura 80

Brincos e pingentes¹²⁷.

Uma enorme variedade de brincos, anéis, broches, pulseiras, relógios, jóias e bijuterias já estão disponíveis para compra na internet. Existem muitas opções de preço, desde jóias artesanais, de materiais alternativos, bem baratos, até peças em metais e pedras preciosos, como ouro, prata e brilhantes. O discurso antiproibicionista se alia à estética e à moda, ainda como um discurso desafiador e rebelde, mas já meio “domesticado” pela indústria cultural. Este é um mercado ainda muito promissor, e centenas de empresas já estão desenvolvendo pesquisas na área.

Figura 81



Pircing.

Figura 82



Brinco.

Figura 83



Anel.

¹²⁷ <http://portuguese.alibaba.com/product-gs/jeweled-belly-button-ring-with-dangling-cannabis-leaf-362664268.html> (acessado em: 18/08/2013).

A indústria cultural se apropria rapidamente de qualquer matéria prima que possa ser transformado em um produto pronto para consumo. A folha da *Cannabis sativa* é um signo (ícone, símbolo) que possui um grande valor comercial. Ao perceberem que existe um mercado consumidor para essas mercadorias, o que foi mais que sinalizado, pelos trabalhos artesanais com o tema, ocorreu uma verdadeira inundação de *gadgets* com a folha.

Figura 84



Suéter e relógio.

Figura 85

Óculos¹²⁸.

Figura 86

Biquíni¹²⁹.

Relógios, óculos, canecas, chaveiros, canetas, biquínis, toalhas, bonés, chinelos e mais uma infinidade de objetos, trazem a folha da *Cannabis* estampada. Como o escudo e as cores de um time, os sujeitos canábicos mais engajados, como os integrantes do movimento antiproibicionista, costumam exibir orgulhosamente a folha pintada em seus trajes e, às vezes neles próprios. Nas marchas da maconha, esses adereços são usados de modo mais acintoso. Mas, normalmente, muitos jovens já se vestem assim. Cotidianamente, como em uma moda.

Figura 87

Decalques¹³⁰.

Figura 88



Pintura com esmalte.

Figura 89



Pintura com esmalte.

¹²⁸ <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7325-a-hora-da-maconha> (acessado em: 04/07/2013).

¹²⁹ <http://adolescenteaguda.blogspot.com.br/2012/03/baby-v-faz-apologia-maconha.html> (acessado em: 04/07/2013).

¹³⁰ http://radiolegalize.com/shop/product.php?id_product=28 (acessado em: 04/07/2013).

O mútuo reconhecimento dos seres canábicos pode ocorrer sutilmente, como através de um pequeno decalque ou um desenho, pintado com esmalte, nas unhas. Ou pode vir em um suave aroma de haxixe marroquino, exalado de delicados perfumes, feitos com essências de *Cannabis sativa*.

Figura 90

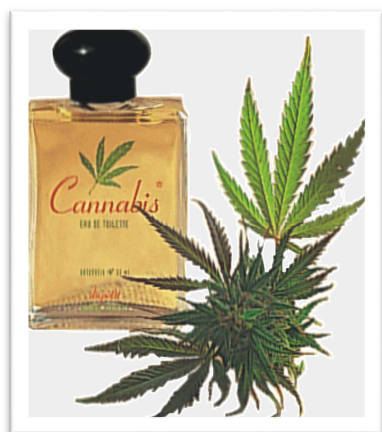


Figura 91



Figura 92

Perfumes Dupetit Cannabis¹³¹.Perfume Herbology¹³².

A indústria de cosméticos também vem desenvolvendo seus produtos à base de *Cannabis sativa*. Além do THC, a planta possui outros componentes, com propriedades aromáticas diferenciadas. Perfumes, óleos balsâmicos, extratos aromáticos, desodorantes, xampus, sabonetes, óleo hidratante, protetor solar e outros produtos, oriundos das essências da *Cannabis*, também já podem ser adquiridos, com certa facilidade, na Europa, nos EUA, pela internet.

Figura 93

Xampu hidratante¹³³.

Figura 94

Xampu¹³⁴.

Figura 95

Sabonete¹³⁵.

¹³¹ http://www.dupetit.de/onlineshop/shop_e.html (acessado em: 04/07/2013).

¹³² <http://www.fragrantica.com/perfume/Demeter-Fragrance/Cannabis-Flower-7770.html> (acessado em: 04/07/2013).

¹³³ <http://www.hypeness.com.br/2012/01/maconha-porta-de-entrada-a-saude/> (acessado em: 04/07/2013).

¹³⁴ <http://www.cannabis-cosmetics.com/robatko-hair-shampoo/d-70313/> (acessado em: 04/07/2013).

¹³⁵ http://azarius.pt/lifestyle/hemp_products/hemp_fun/hemp_soap/ (acessado em: 04/07/2013).

Outros produtos utilitários e decorativos também exibem estampas da folha. A enorme diversidade de objetos que trazem essa marca indica o quanto ela já está disseminada na sociedade, mas mostra também que este símbolo já foi domesticado pelas mesmas forças que: ora o proíbem, ora o idolatram. Tudo parece depender de uma única referência: as velhas leis da oferta e da procura.

Figura 96



Relógio.

Figura 97

luvas¹³⁶.

Figura 98

relógio¹³⁷.

Além da folha de *Cannabis*, todos esses objetos têm mais uma coisa em comum: não possuem o princípio ativo da maconha (THC). São consumidos por outros motivos, mas de algum modo ligados ao prazer despertado pelo uso da *Cannabis*. As pessoas usam por questões estéticas, por ser moda entre jovens e por outros motivos. Parece correto afirmar que todos que a usam se mostram favoráveis ao antiproibicionismo. Não parece razoável admitir que alguém, que possua uma orientação proibicionista, possa ostentar tais estampas, após saber do que se trata. Seria como tentar convencer um torcedor a vestir a camisa do time adversário.

Figura 99



Figura 100



Figura 101

Canecas¹³⁸.

¹³⁶ <http://www.msanintl.com/products/miniboxing.htm> (acessado em: 04/07/2013).

¹³⁷ <http://normlizepa.wordpress.com/> (acessado em: 04/07/2013).

¹³⁸ <http://coelhinho69.skyrock.com/384778009-Caneca-cannabis.html>

3.06 - Tatuagens Canábicas

As tatuagens estão novamente na moda. Recorrentemente a moda vai buscar no passado a inspiração para seus novos lançamentos. Usar o corpo como uma tela, enfeitá-lo com desenhos é um costume tribal, ritualístico, presente em muitas culturas antigas.

Figura 102



Tatuagem nuca¹³⁹.

Figura 103



Tatuagem costas¹⁴⁰.

As tatuagens são pinturas permanentes na pele humana, obtidas pelo milenar processo de pigmentação, utilizando-se tinta (pigmentos) e agulhas. Nativos da Polinésia, Filipinas e Nova Zelândia provavelmente a utilizem religiosamente há centenas de anos. Segundo o portal da revista Galileu¹⁴¹, A tatuagem é proibida em algumas religiões, como o Judaísmo, Islamismo (Sunismo) e pelos Mórmons. Chegou a ser proibida para o Cristianismo, pelo papa Adriano I, em 787, sob a alegação de ser ofensiva à religião. Em outras religiões, como o Hinduísmo, é fortemente incentivada.

A tatuagem, usada geralmente como marca de pertencimento grupal, foi também utilizada como forma de segregação, discriminação e genocídio, durante a Segunda Guerra Mundial, quando os nazistas tatuavam números no corpo dos judeus para humilhá-los e ofender sua religião, para despersionificá-los e identificá-los como prisioneiros, nos campos de concentração.

¹³⁹ <http://tatuagensfemininas.com/index.php/tatuagens-femininas-na-nuca/tatuagens-femininas-folha-na-nuca-2/> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁴⁰ <http://hawaiidermatology.com/tatuagens/tatuagens-da-folha-de-Cannabis-arte-no-corpo.htm> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁴¹ <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI132738-17770,00-CONHECA+A+HISTORIA+DA+TATUAGEM.html> (acessado em: 20/05/2013).

A pele, como superfície do corpo, pode ser compreendida como um significante flutuante, pois pode assumir diferentes sentidos, trazidos pelas tatuagens, podendo ser tanto codificadora como decodificadora. As tatuagens são discursos íntimos em exposição, são símbolos estampados na pele que possuem uma interpretação pessoal.

Figura 104

Tatuagem ombro¹⁴².

Figura 105

Tatuagem tornozelo¹⁴³.

A tatuagem, em sua dimensão estética, é um embelezador do corpo. Algumas tatuagens profissionais são verdadeiras obras de arte. Também é uma demonstração de resistência à dor provocada por milhões de espetadas. É um gesto radical. Marcar o corpo, com um desenho ou uma frase, significa ter que conviver para sempre com aquela marca, ou submeter-se a um doloroso e longo tratamento.

Por ser uma pigmentação quase impossível de ser removida, a tatuagem cristaliza uma mensagem. É um juramento de eterna fidelidade. Mas, é uma decisão que pode trazer muitas consequências indesejáveis, como a discriminação, a dificuldade de conseguir emprego, a possibilidade de ser maltratado, discriminado, hostilizado ou visto com desconfiança pelos: funcionários de aeroportos, *shopping centers*, restaurantes, lojas e bancos, e por vigilantes, seguranças e policiais.

A mensagem antiproibicionista, gravada na pele, mostra um posicionamento inarredável, irreversível, como torcer por um time. Diz algo como: “esta é a minha posição e nada vai mudá-la”, “Este é meu time” ou “esta é minha tribo”. Estas

¹⁴² <http://filipetadamassa.blogspot.com.br/2008/07/meme-5-coisas-de-macho.html> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁴³ <http://maconhariadf.blogspot.com/2012/07/tatuagens-de-maconha.html> (acessado em: 28/08/2012).

afirmações, quando publicadas em páginas da internet, ganham visibilidade mundial, levando sua mensagem a milhares de pessoas. Mais e mais pessoas são encorajadas a estampar, na própria pele, os símbolos de suas preferências, onde diferentes enunciadores dialogam, aflorando questões estéticas, éticas, políticas, culturais, econômicas e religiosas.

Figura 106



Atrás da orelha.

Figura 107



Costela.

As tatuagens, postadas na internet, vão compor o acervo de tatuadores, nos mostruários digitais dos *blogs* e *fotologs*. Outras pessoas as copiarão em seus próprios corpos, em tamanhos, formatos e cores diferentes, personalizando sua expressão desse posicionamento.

Figura 108

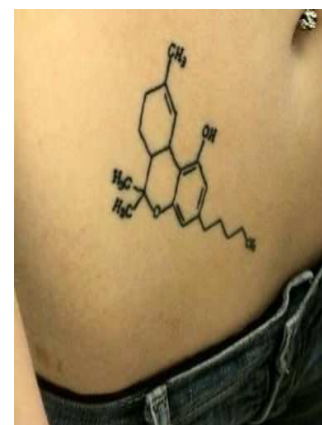
Folha de *Cannabis*¹⁴⁴.

Figura 109



Folha no pulso.

Figura 110



Fórmula do THC.

¹⁴⁴ <http://www.legalizepr.com/2012/09/marijuana-tattoo-loucas-tatuagens-da.html> (acessado em: 28/08/2012).

O enunciador desse discurso, gerado pela circulação das tatuagens canábicas pelo ciberespaço, é o movimento antiproibicionista, por meio de seus ativistas, que mesmo espalhados e fisicamente distantes entre si, por milhares de quilômetros, estão conectados, via internet, e conseguem multiplicar o alcance de certas mensagens, que estariam restritas a um pequeno grupo.

A tatuagem canábica é um acontecimento que, ao “eclodir” na superfície da pele humana, provoca rupturas e lança luzes sobre o passado e sobre as múltiplas possibilidades de futuro. A tatuagem transforma aquilo que seria um simples desenho, perdido em uma folha de papel ao vento, em um discurso, contendo irreversíveis posicionamentos.

Figura 111



Planta ao sol.

Figura 112



Folha com joaninha.

Figura 113



Rizla.

Tatuar-se é expor-se em definitivo. O trabalhador recém-tatuado, ao comparecer ao local de trabalho, ou um adolescente ao chegar em casa ou na escola com sua nova e colorida tatuagem da folha da *Cannabis*, estarão sujeitos às penalidades impostas, por cada uma dessas instâncias; fazendo emergir campos muito problemáticos. É também um acontecimento que se dá no campo do sensível; não apenas pela sensibilidade da pele e da dor das inúmeras picadas, mas pelos afetos envolvidos, pois os desenhos são de coisas ou pessoas pelos quais se nutre carinho e respeito, como tribos, times, nome de filhos, parceiros e outras preferências.

Cada tatuagem guarda forte carga emotiva, desde a opção por fazer, o que fazer, até a escolha de um bom profissional, que combine o talento de produzir um

belo desenho, com os cuidados adequados, com a qualidade e limpeza do material empregado. Como todo acontecimento, a tatuagem acontece a alguém. E para essa pessoa, a tatuagem toma a dimensão de um importante acontecimento que de algum modo irá afetar vários aspectos de sua vida.

3.07 - Grafites Canábicos

Figura 114



Cultivo medicinal¹⁴⁵.

Grafites são inscrições e desenhos, feitos em paredes ou sobre outros suportes destinados a outras finalidades. A palavra vem de *graffiti*, do idioma italiano. É uma arte bastante antiga, cujas origens datam da época do Império Romano. Como arte, os grafites foram por muito tempo, relegados a um segundo plano, por ser uma atividade que se proliferou em áreas degradadas da cidade e eram feitas geralmente por jovens em situação de marginalidade. O grafite, muito confundido com pichações, aos poucos vem tendo sua qualidade artística reconhecida como uma arte urbana, e os grafiteiros passaram a ser respeitados e

¹⁴⁵ <http://www.demotix.com/news/1975256/growmed-2013-medicinal-cannabis-fair-opens-valencia> (acessado em: 11/08/2013).

seus trabalhos valorizados e utilizados em propagandas e outras produções culturais.

Figura 115



Legalize Cannabis¹⁴⁶.

Figura 116



Legalize!¹⁴⁷

As pichações são inscrições, feitas em qualquer lugar da cidade, com mensagens de protesto, muito usadas com palavras de ordem contra regimes autoritários, e era uma prática comum dos movimentos estudantis no Brasil; ou, feita por garotos, apenas para demarcar território e demonstrar a ousadia de colocar suas marcas tribais ou assinaturas em locais inacessíveis, mas, de grande visibilidade. Estas sempre foram vistas com restrição pela sociedade, por invadirem áreas privadas, serem de valor estético duvidoso e por não respeitarem os monumentos, nem patrimônios de grande valor histórico e cultural.

Figura 117



Arte urbana¹⁴⁸.

Figura 118



Bob Marley¹⁴⁹.

¹⁴⁶ <http://www.shutterstock.com/pic-297413/stock-photo-graffiti-on-bridge-saying-apos-legalize-canabis-apos.html>. (acessado em: 28/08/2012).

¹⁴⁷ <http://www.ifimages.com/public/image/254645/view.html>(acessado em: 28/08/2012).

¹⁴⁸ <http://www.flickriver.com/photos/arturbana/1795113435/> (acessado em: 28/08/2012).

O grafite é uma arte mais elaborada, algumas delas realizadas com grande habilidade e criatividade, revelando talentos, com grande domínio das técnicas do desenho e da pintura. Também pode ser utilizada como forma de protesto, mas geralmente são trabalhos que valorizam áreas acinzentadas das cidades, cujas pinturas originais já foram manchadas pela umidade, poluição e ação do tempo.

O grafite tem sido objeto de muitos estudos acadêmicos na atualidade. Os observados neste estudo trazem como marca essa aura de rebeldia, de contracultura, de desafio, de ação rápida e noturna, de arte alternativa, de ocupação de espaços abandonados, de expressão de uma cultura das ruas, uma cultura meio subversiva e guerrilheira.

Figura 119

Pichação¹⁵⁰.

Figura 120

Textura¹⁵¹.

O grafite observado neste trabalho é aquele que, de alguma forma toca na questão da liberação do uso da *Cannabis sativa*. O potencial comunicativo do grafite, envolvido pelo simbolismo de sua grife de rebeldia, é multiplicado quando circula na mídia, ao ser fotografado e colocado na internet, acessível a qualquer usuário no planeta. Esses processos fazem com que um simples grafite, feito em um beco deserto, tome aspectos de acontecimento internacional, pelas suas propriedades, somadas à divulgação e multiplicação possibilitadas pela visibilidade alcançada via mídia.

¹⁴⁹ <http://sofiascorch.deviantart.com/art/Bob-Marley-Graffiti-269527329> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁰ <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?Canal=Arquivo&id=272156> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵¹ <http://www.flickr.com/photos/duncan/297488026> (acessado em: 28/08/2012).

A tatuagem com uma folha de *Cannabis sativa* diz: “este sou eu e esta é minha preferência”. A mesma folha, quando desenhada em muro, diz: “este é o meu lugar, este é meu território”. O grafite é uma expressão artística que sempre esteve fixada às paisagens urbanas. Apesar de estar embelezando alguns muros da cidade, estático, o grafite era considerado pouco mais que uma demarcação territorial e identitária das tribos, espalhadas pela cidade.

Figura 121

legalize!¹⁵²

Figura 122

Garfield¹⁵³.

Figura 123

Folha estilizada¹⁵⁴.

Com uso da internet isso mudou radicalmente, desterritorializando o grafite, que passa, nesse processo, a representar novas identidades e demarcar novos territórios, em outros suportes midiáticos. Os Grafites são fotografados, retirados do muro e postos em circulação em revistas e em páginas na internet. Em qualquer lugar do planeta, as pessoas podem acessar fotografias de grafites, entrando em contato com os *sentidos*, antes restritos à paisagem original.

O todo irreprodutível da experiência precisa ser recortado e emoldurado. “A moldura, isolando um fragmento da experiência, separa-o de seu contexto e permite sua conservação e seu transporte” (MOUILLAUD¹⁵⁵, 1997, p. 61).

Esse circuito feito pelo discurso antiproibicionista, contido nos grafites, é o que Silveira (2007, p. 95-109.) caracteriza como “remediações”, quando são observadas várias mudanças de suporte da mensagem. O termo “remediação”

¹⁵² <http://maringa.odiario.com/blogs/paicandublognews/2011/06/22/nos-muros-da-cidade-3/> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵³ <http://graffitigrffiti.com/pics/tag-graffiti-cannabis> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁴ <http://www.flickr.com/photos/95889869@N00/2079112619> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁵ MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Ed. UnB, 2002.

(*remediation*), criado pelos pesquisadores norte-americanos Jay David Bolter e Richard Grusin (1999), refere-se ao processo de renovação de conteúdos, já veiculados nos antigos meios, efetuado pelos novos meios.

Figura 124

Graffiti THC¹⁵⁶.

Figura 125

Mona Lisa¹⁵⁷.

Figura 126

Ganja¹⁵⁸.

Os novos meios de comunicação renovam (*refashion*) e recolocam em circulação os conteúdos dos meios anteriores, permanecendo assim uma ligação entre novos e velhos meios. A remediação ocorre com diferentes intensidades, efetuando, desde uma discreta melhora desses materiais, mantendo algumas características originais, até remediações profundas, onde os novos meios digitais absorvem totalmente os meios anteriores. Isso corresponde, em parte, às “redes de complementaridades”, criadas por operações de “hibridismos” nos meios de comunicação, descritos pela pesquisadora Lúcia Santaella (2003, p. 53).

Na tela do computador, a essência dessa arte, sua ligação com o contexto de sua produção, a sua *aura*¹⁵⁹, talvez se perca. Sua reprodução, no entanto, vai fortalecer o discurso nela expresso, somando seu poder sedutor aos sentidos próprios da estética do grafite. As páginas que utilizam essas reproduções trazem algum tipo de engajamento na publicização do antiproibicionismo. Essa marca do grafite é a sua “grife”, que tem sido apropriada e usada por outros meios de comunicação, com fins, muitas vezes, diversos dos originais. A estética do grafite é fartamente usada na publicidade e em vídeo clipes.

¹⁵⁶ http://myvedana.blogspot.com.br/2006_02_01_archive.html (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁷ http://www.kokian.com/article.php3?id_article=537 (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁸ http://www.dipity.com/tickr/Flickr_ganja/ (acessado em: 28/08/2012).

¹⁵⁹ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Figura 127

Folha¹⁶⁰.

Figura 128

Mulher¹⁶¹.

O antiproibicionismo, contido nos grafites, não se encontra isolado no oceano semântico da internet. Ele faz parte de um contexto mais abrangente, que é marcado por um discurso antiproibicionista que prega a legalização da *Cannabis sativa*, para fins medicinais e recreativos.

Figura 129

Grafite folha¹⁶².

Figura 130

Grafite molde folha¹⁶³.

Figura 131

Sting¹⁶⁴.

Constata-se, com a multiplicação do grafite e de outras artes urbanas, que as atividades culturais populares não foram sufocadas pelo surgimento das mídias massivas e que o progresso social e tecnológico se transforma, de certo modo, em aliados da cultura.

¹⁶⁰ <http://www.marijuana.com/art-photography/64491-pot-graffiti.html> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁶¹ <http://hempadao.blogspot.com.br/2011/06/ed122-google-street-fire-mulher-e.html> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁶² <http://www.ricercagiuridica.com/penalE/visual.php?num=30071> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁶³ <http://weed-for-free.info/weed/lovin-it-graf/> (acessado em: 28/08/2012).

¹⁶⁴ <https://www.morrisonhotelgallery.com/photo/> (acessado em: 28/08/2012).

Surgem novos formatos de expressão artística, intimamente ligados aos meios de produção, circulação e consumo, cada vez mais democratizados e difundidos. As artes continuam a ser produzidas e encontram seus caminhos de expressão. O discurso antiproibicionista ganha visibilidade nas práticas e na estética do grafite e se torna acessível ao mundo via rede, através de remediações e hibridismos, facilitados pelos usos das novas tecnologias.

3.08 - A *Cannabis* nas Capas de Revistas

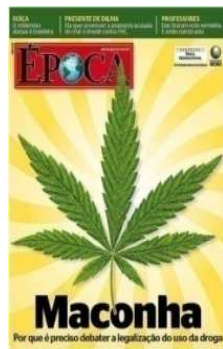
A iconografia canábica reflete parte das imbricações entre cultura, mídia e drogas. Consta-se a mútua afetação entre os campos da mídia, da cultura e sociedade. Observa-se que mais que apenas um discurso difuso na sociedade, uma verdadeira ambiência cultural se engendra, no entorno dessa questão.

Figura 132



Galileu.

Figura 133



Época.

Figura 134



Superinteressante.

Figura 135



Poplar Science.

Figura 136



A palavra Maconha e a folha da *Cannabis*, estampadas, são fortes atrativos para leitores interessados no tema. Representa uma oferta que já identificou a demanda. Expostas em bancas de revistas, estas capas devem atrair imediatamente a atenção de quem passa na rua, em frente. As ilustrações cobrem grande parte da área da capa. O corpo, a fonte e o contraste usados garantem grande visibilidade, mesmo à distância. O resultado de um teste rápido, feito com cinco observadores, colocados a uma distância de aproximadamente vinte metros da banca, demonstrou que eles conseguem visualizar satisfatoriamente o desenho e a frase da manchete da capa do exemplar da revista Época (fig.131).

Figura 137



Time.

Figura 138



Veja.

Figura 139



Legalização.

Figura 140



Superinteressante.

Figura 141



Época.

Figura 142



Galileu.

Figura 143



Mente e cérebro.

Figura 144



Cláudia.

Figura 145



Cosmos.

Figura 146



Time.

Todas essas capas (disponíveis em dezenas de endereços, na internet) mostram como este assunto esteve em evidência, em revistas de circulação nacional e internacional. Para cada uma delas é possível uma detalhada análise. Para este trabalho, interessa mostrá-las como mais um âmbito de circulação do discurso antiproibicionista. Não é necessário folhear qualquer dessas revistas para abduzir sobre os conteúdos veiculados. Está estampado, em cada uma delas, do que se trata. Trazem para a cena dos debates a questão da legalização da *Cannabis sativa*. Os recursos gráficos são utilizados de modo a produzir os sentidos almejados. É claro que, sem uma leitura mais atenta, escaparão alguns sentidos implícitos, mas o convite foi feito. Acesas as atenções, resta esperar a repercussão.

3.09 – O discurso sobre a *Cannabis sativa* no Cinema

Frequentemente, a imprensa divulga notícias sobre o envolvimento de celebridades com maconha. Boa parte dessas celebridades são artistas, atores, músicos, escritores e personagens da vida cultural. São também, muitas vezes, formadores de opinião, pelas suas produções profissionais, pelas notícias,

entrevistas, debates e outras aparições na mídia. Nem sempre a repercussão corresponde ao objetivo desejado pelo discurso antiproibicionista. Muitas vezes o acontecimento planejado, ao ser midiaticizado, escapa do controle de seus emissores, sendo recepcionado e interpretado, por seu público, de maneiras diversas, porém sempre é garantia de grande visibilidade e ampliação dos espaços de discussão do tema. Além disso, muitos filmes trazem cenas com personagens fumando maconha. Alguns deles, de modo didático, mostram como confeccionar os cigarros e a maneira de tragá-los. O discurso antiproibicionista também pode ser observado e analisado em vídeos, além de fotos, canções e artigos jornalísticos.

A presença de atores interpretando personagens que aparecem fumando maconha em filmes, mesmo quando encenando peças sob encomenda do departamento antidrogas norte-americano, pode ser percebido de inúmeras maneiras pelo público, sob os filtros adquiridos na própria experiência de vida.

Nem todos os filmes onde existem cenas de consumo de maconha trazem uma imagem positiva da *marijuana*. Alguns deles, mais antigos, mostram a *Cannabis* de modo extremamente negativo. Mas, em grande parte deles, principalmente os mais recentes, a questão do uso *Cannabis* já é tratada de forma menos exagerada e caricatural do que é apresentada em produções do começo do século XX. Filmes como “*Reefer Madness*”, de 1936, e “*Assassin of Youth*”, de 1937, que no início da “era proibicionista” norte-americana, eram exibidos nas escolas, para mostrar os perigos da *Cannabis*. Traziam cenas que, de tão exageradas e caricatas, tornaram-se piadas e os transformaram, ironicamente, em hilariantes comédias. Um filme tornado “*Cult*”, muito apreciado, justamente entre usuários de *Cannabis*, é “*Reefer Madness*”, que inspirou uma sátira musical humorística e um novo filme, em 2005.

Uma lista de filmes, onde aparecem cenas de consumo de *Cannabis*, pode ser também considerada como parte do “acervo canábico”, produção cultural que dá alguma visibilidade à questão da maconha, mesmo que a temática ainda seja tratada de maneira pouco científica, com o predomínio do senso comum, na maioria das abordagens. De qualquer forma, a quantidade de filmes mostra que o tema sempre despertou o interesse de cineastas, tanto por razões mercadológicas, já que o mercado para essa temática tem se mostrado promissor, como pelo próprio potencial sedutor do assunto. Demonstra também a existência de uma relação íntima entre droga, cultura, mídia e sociedade. Nesta relação, estão listados, em

ordem cronológica, filmes em que o uso da *Cannabis* é mostrado, ainda que esse assunto não seja o tema principal. Eis os principais títulos:

Reefer Madness, (também lançado como *Tell Your Children*, é um filme da propaganda antidroga norte-americana de 1936, encomendado para exibição em escolas, contra o uso da *Cannabis*, relacionando-o com loucura e violência);

Assassino da Juventude (Elmer Clifton, 1937) - Filme na mesma linha do anterior, narra a história de uma estudante que se envolve com um grupo de fumantes de maconha na adolescência e passa a ter problemas. Um repórter se interessa pela história e se infiltra no grupo de adolescentes;

Chefe (1968) – Filme psicodélico, recheado de divertidas comédias, com o grupo musical “The Monkees” da década de 1960;

Hair (1979) - adaptação cinematográfica americana do musical da Broadway de 1968, de mesmo nome, sobre um recruta da guerra do Vietnã que faz amizade com uma tribo de hippies cabeludos, durante sua viagem para o centro de indução exército. Os hippies vão apresentá-lo ao ambiente da maconha, LSD e outras relações pouco ortodoxas;

Picardias Estudantis (1982) - A história de um grupo de adolescentes da Califórnia que gostam de shoppings, sexo e *rock n 'roll*;

Sexta-Feira 13 - O Capítulo Final (1984) – Mais um filme da série, desta vez mostrando jovens envolvidos com consumo de drogas;

Pra Lá de Bagdá (1998) – Filme de comédia que narra a história de três homens “não tão brilhantes” que arquitetam uma série de esquemas malucos para resgatar um amigo da cadeia;

Medo e Delírio (1998) - Um excêntrico jornalista em viagem com um advogado psicopata para Las Vegas, onde realizam uma série de aventuras psicodélicas;

Garota, Interrompida (1999) – Estrelado por Winona Ryder, Angelina Jolie, Whoopi Goldberg e Brittany Murphy. Baseado em um conto da escritora norte-americana Susanna Kaysen, sobre sua permanência por dezoito meses em um hospital psiquiátrico, na década de 1960;

Vamos Nessa (1999) - Conta a história de acontecimentos ocorridos após uma transação de drogas, contada a partir de três diferentes pontos de vista;

Grass, a Erva (1999) - A História da Maconha é um documentário canadense, dirigido por Ron Mann. Estreou no Festival de Cinema de Toronto, sobre a história da guerra do Governo dos Estados Unidos sobre a maconha, no século XX.

Palestra Anormal Sobre Sexo (1999) - Dois amigos passam os dias fumando maconha e falando sobre sexo. Lida com questões, como: amor, sexo, vida após a faculdade, e viver numa cidade de porte médio (Syracuse);

O Império (do Besteiro!) Contra-Ataca (2001) – (Jay e Silent Bob Strike Back) É um filme de comédia escrito, dirigido e estrelado por Kevin Smith, que narra a história de dois rapazes que inspiraram a criação de personagens de uma revista em quadrinhos baseado nas suas vidas. Na vida real são os maconheiros Jay e Silent Bob, que revoltados por não receberem o cachê, partiram para Hollywood para destruir o filme;

A Mais Louca Sexta-Feira em apuros (2002) - Filme de comédia, dirigido por Marcus Raboy, estrelado por Ice Cube e Mike Epps. Conta a história de dois primos que trabalham à noite em um shopping local, como guardas de segurança;

Um Show de Vizinha (2004) - História de um adolescente cujos sonhos se tornam realidade quando encontra uma vizinha, que é uma ex-atriz pornô, e eles se apaixonam;

Madrugada Muito Louca (2004) - Um *Office-boy* asiático-americano e seu amigo indiano-americano, Stoner, embarcam em uma missão para satisfazer seu desejo de ir para um restaurante de hambúrgueres, da rede “*White Castle*”, após fumarem maconha;

Tempos de Violência (2005) – Filme ambientado em espaços permeados pela violência e pelo tráfico em Los Angeles;

Fique Rico ou Morra Tentando (2005) – Filme sobre um vendedor de droga de uma cidade do interior que se afasta do crime para prosseguir a sua paixão, a música rap;

Possuídos (2006) – História de um veterano, com transtornos de guerra, com uma mulher solitária em um quarto de motel em Oklahoma;

O *Pior Trabalho do Mundo* (2010) - Conta a história de um estagiário de uma gravadora que é contratado para acompanhar um espirituoso roqueiro britânico (Aldous Snow) para um concerto no teatro grego de Los Angeles.

Os cartazes de filmes, que contêm trechos com atores encenando o uso de *Cannabis*, nem sempre trazem, em suas programações visuais, evidências dessas cenas, principalmente os mais antigos. Isso pode ser atribuído a um maior rigor da censura, que vetava o uso de ilustrações de cenas de consumo de entorpecentes. Esta censura também ocorria internamente, na elaboração do material de divulgação, já que as produções cinematográficas não se destinavam apenas a um segmento de público, mais aberto à discussão dessa questão ou não tinham a maconha como eixo central da trama, utilizando-a apenas como parte do contexto que o filme procurava ilustrar. O alto custo das produções dessa indústria do entretenimento pressupõe bilheterias que cubram os investimentos e ainda gerem lucros. As décadas seguidas de campanha do proibicionismo já solidificaram tais convicções em grande parte da população. Naquela época, o uso de cartazes mais ousados certamente afastaria do cinema boa parte do público.

Os cartazes das produções mais recentes são mais explícitos, nas suas ilustrações. Exibem cenas de atores com “cigarros de maconha” e mostram vários signos canábicos, como a folha ou a flor de *Cannabis sativa*. Esses filmes já foram produzidos após a década de 1970, quando a segmentação é gradativamente adotada pela mídia; os produtores, atentos aos lucros, que certamente jorrariam dessa crescente multiplicidade de públicos, procurou suprir essa demanda. Já existia público suficiente para custear filmes inteiramente voltados para a questão das drogas. A partir de então, passam a exibir cartazes bem mais explícitos. Os cartazes de filmes, ao contrário das canções da década de 1970, que ocultavam mensagens canábicas nas entranhas de suas letras, amplificam esses signos e os coloca de forma bem evidente, para que o público em geral perceba tais sentidos imediatamente, mesmo quando caminha apressado, ou enquanto os vê passar, pela janela do carro, na frente do cinema.

Além dos filmes anunciados nos cartazes a seguir, vários outros integram a relação de produções cinematográficas que apresentam cenas de atores encenando o consumo de maconha. Os cartazes dos filmes com cenas de uso da *Cannabis* já trazem alguns indícios canábicos.

Figura 147



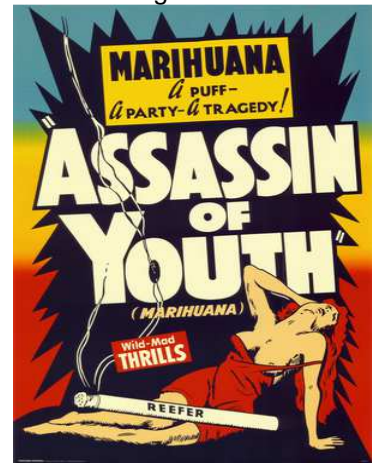
Morte das vaidades¹⁶⁵ (1934).

Figura 148



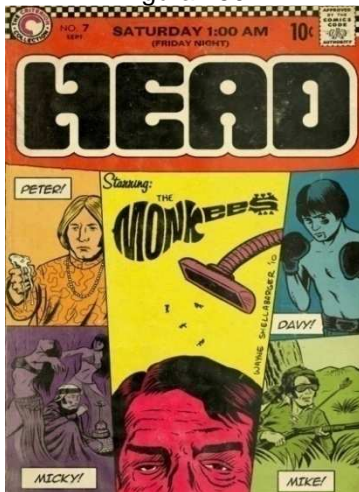
Reefer Madness¹⁶⁶ (1936).

Figura 149



Assassin of youth (1937).

Figura 150



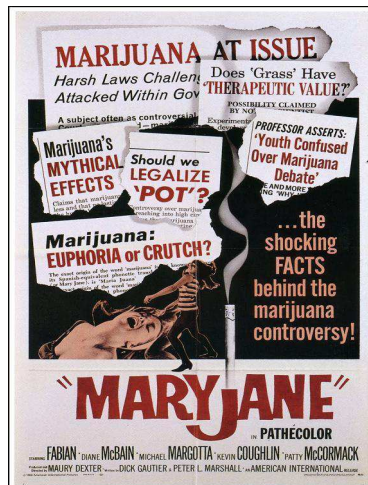
Head - Monkees (1968).

Figura 153



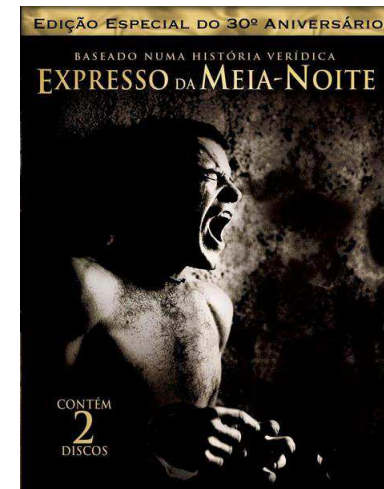
The Nine Lives of Fritz (1974).

Figura 151



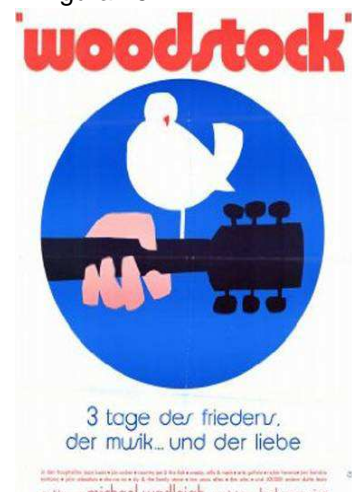
Maryjane (1968).

Figura 154



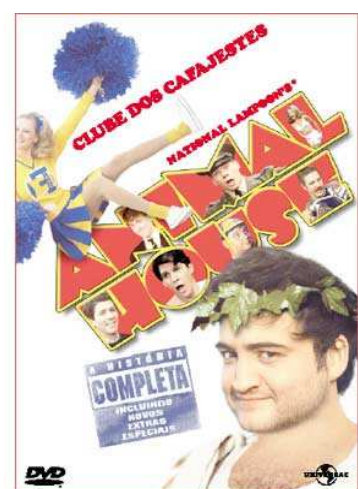
Expresso da Meia-noite (1978).

Figura 152



Woodstock (1970).

Figura 155



Clube dos Cafajestes (1978).

¹⁶⁵ Filme com a primeira aparição de uma música sobre *Cannabis sativa*.

¹⁶⁶ Cartazes disponíveis em: <http://designices.com/tag/anos-1930> (acessado em: 05/06/2013).

Figura 156

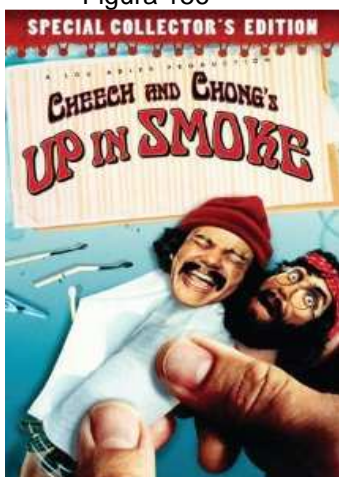
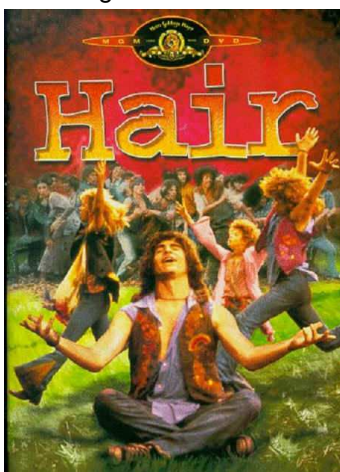
Queimando Tudo¹⁶⁷ (1978).

Figura 157



Hair (1979).

Figura 158



Como Eliminar Seu Chefe (1980).

Figura 159



Picardias Estudantis (1979).

Figura 160



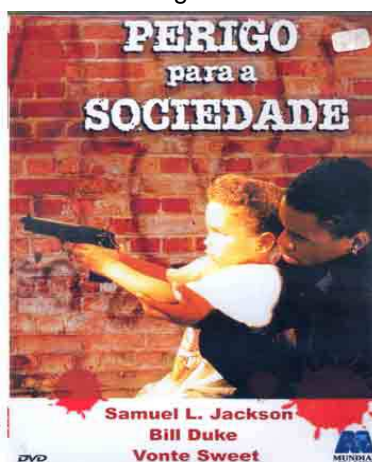
Sexta-Feira 13-Capítulo Final (1979).

Figura 161



Irmãos Corso (1984).

Figura 162



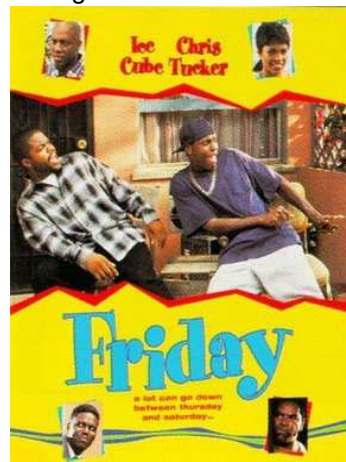
Perigo para a Sociedade (1993).

Figura 163



Forrest Gump (1994).

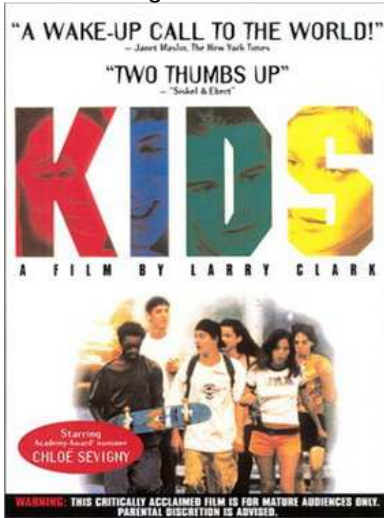
Figura 164



Sexta-feira em apuros (1995).

¹⁶⁷ Todos esses cartazes de filmes estão disponíveis em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-59148/fotos/detalhe/?cmediafile=19870315> (acessado em: 18/08/2013).

Figura 165



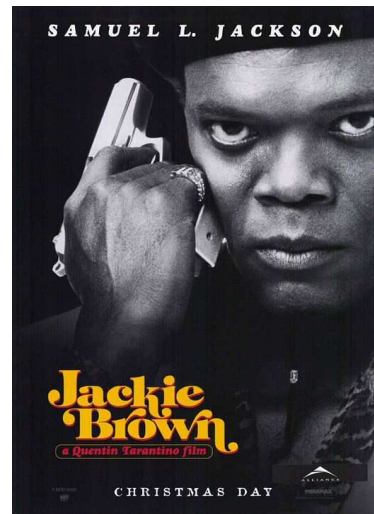
Kids (1995).

Figura 166



Um Macaco Muito Louco (1996).

Figura 167



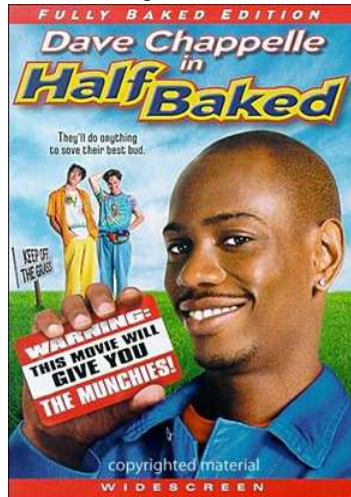
Jack Brown (1997).

Figura 168



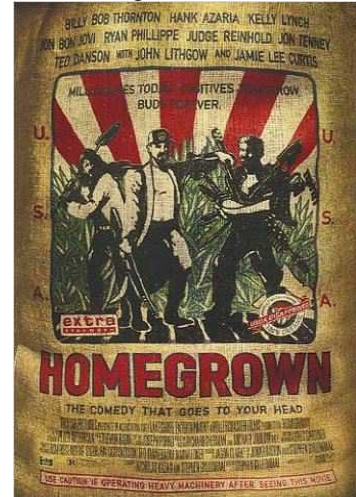
Medo e Delírio (1998).

Figura 169



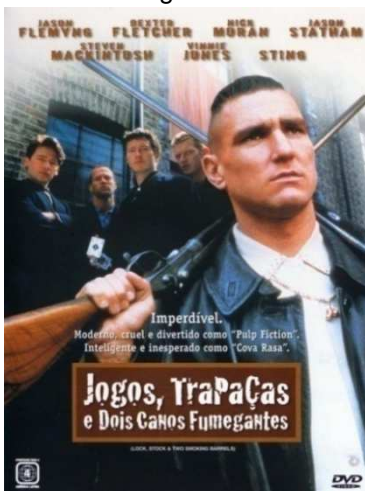
Pra Lá de Bagdá (1998).

Figura 170



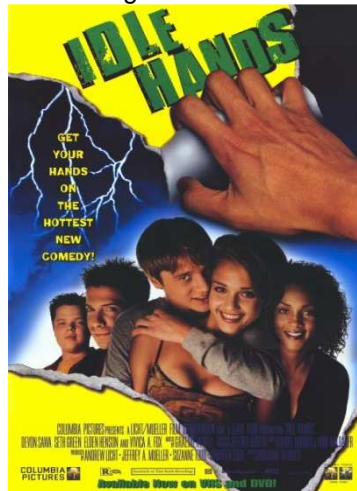
Três Sócios Duvidosos (1998).

Figura 171



Jogos, trapaças e dois... (1998).

Figura 172



Mãos Assassinas (1998).

Figura 173



Weeds Série de TV (1998).

A relação (em ordem cronológica) de filmes contendo cenas canábicas traz também: À Beira do Caos (Anthony Drazan, 1998), I Got the Hook Up (Michael Martin, 1998), Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes (Guy Ritchie, 1998), Idle Hands (Rodman Flender, 1999), Filho de Jesus (Alison Maclean, 1999), Human Traffic (Justin Kerrigan, 1999), Harvard Man (James Toback, 2001), Lammbock (Christian Zubert, 2001), Killer Bud (Karl T. Hirsch, 2001), How High (Jesse Dylan, 2001), Ken Park (Larry Clark e Ed Lachman, 2002), A Estranha Família de Igby (Burr Steers, 2002), Encontros e Desencontros (Sofia Coppola, 2003), Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças (Michel Gondry, 2004), Madrugada Muito Louca (Danny Leiner, 2004), Um Dia Perfeito (Paul Currie, 2004), Hora de Voltar (Zach Braff, 2004), Um Show de Vizinha (Luke Greenfield, 2004), A Vida Marinha com Steve Zissou (Wes Anderson, 2004), Tempos de Violência (David Ayer, 2005), Ritmo de Um Sonho (Craig Brewer, 2005), Stoned (Stephen Woolley, 2005), Fique Rico ou Morra Tentando (Jim Sheridan, 2005), O Queridinho da Vovó (Nicholaus Goossen, 2006), Possuídos (William Friedkin, 2006), Grindhouse (Robert Rodriguez e Eli Roth, 2007), Kush (Shackleton Iorque, 2007), Ligeiramente Grávidos (Judd Apatow, 2007), Madrugada Muito Louca 2 (Jon Hurwitz e Hayden Schlossberg, 2008), Humboldt County (Darren Grodsky e Danny Jacobs, 2008), Segurando as Pontas (David Gordon Green, 2008), Os Promotores Janky (Marcus Raboy, 2009), Leaves of Grass (Tim Blake Nelson, 2009), O Pior Trabalho do Mundo (Nicholas Stoller, 2010), A Ressaca (Steve Pink, 2010) e Kick-Ass - Quebrando Tudo (Matthew Vaughn, 2010).

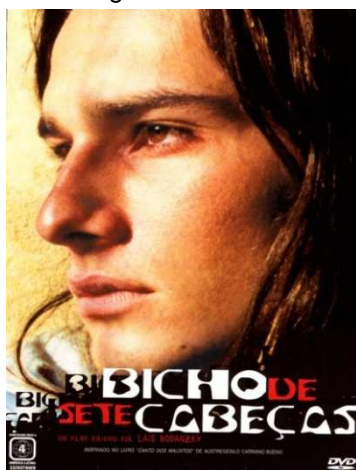
O cinema brasileiro também produziu vários filmes em que aparecem cenas de atores interpretando o uso de drogas.

Figura 174



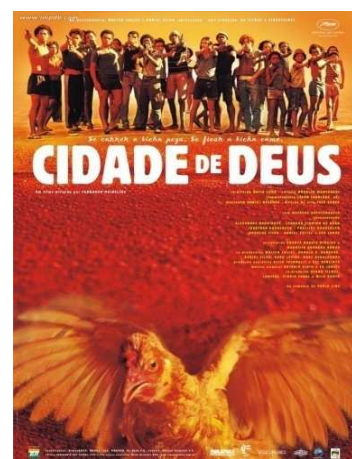
Pixote (1981).

Figura 175



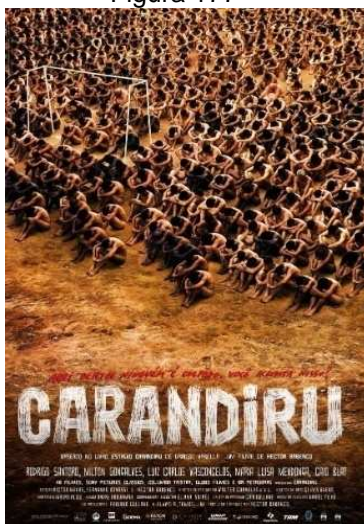
Bicho de sete cabeças (2001).

Figura 176



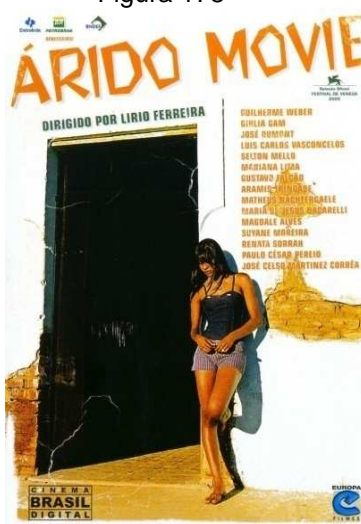
Cidade de Deus (2002).

Figura 177



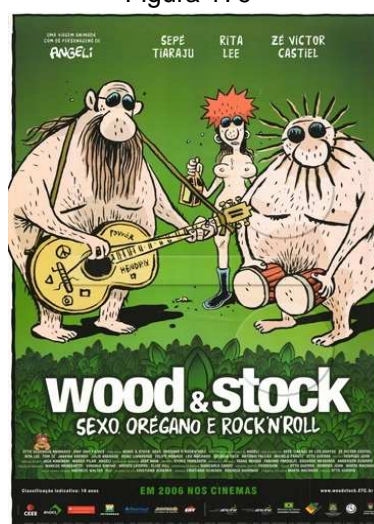
Carandiru (2003).

Figura 178



Árido Movie (2006).

Figura 179



Wood & Stock (2006).

Figura 180



Tropa de Elite (2007).

Figura 181



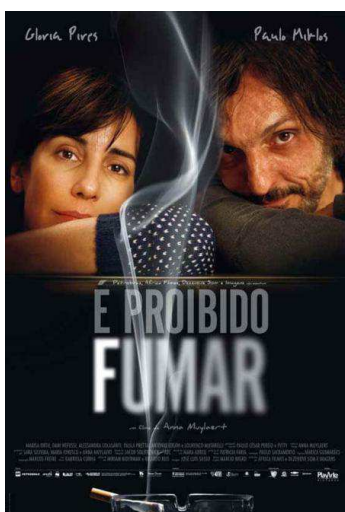
Casa da Mãe Joana (2008).

Figura 182



Cortina de Fumaça (2010).

Figura 186



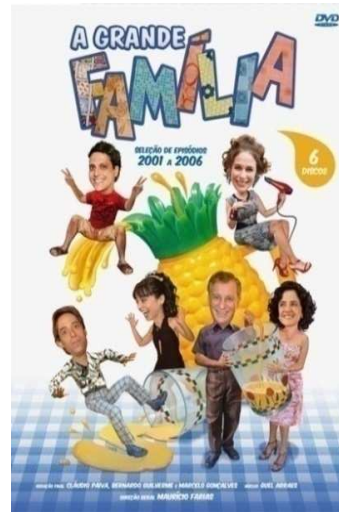
É proibido Fumar (2009)

Figura 187



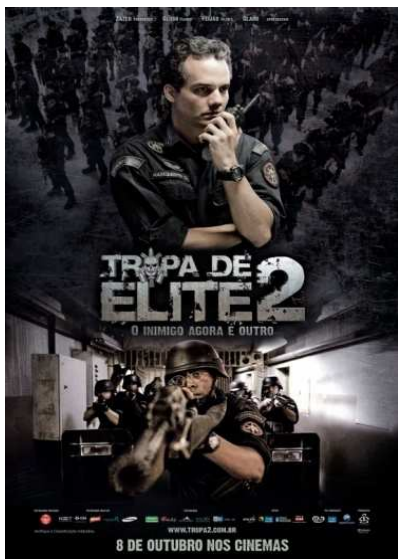
Meu Nome Não é Johnny (2008).

Figura 188



A Grande Família (2011).

Figura 183



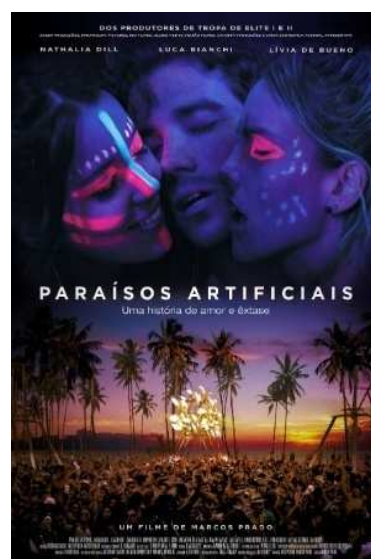
Tropa de Elite 2 (2010).

Figura 184



Quebrando o Tabu (2011).

Figura 185



Paraísos Artificiais (2012).

As produções cinematográficas nacionais somente passaram a abordar o tema, com profundidade, a partir da década de 1980. A questão das drogas é abordada de modo dramático, pelo cinema nacional, produzindo uma série de filmes, desde “Pixote” até “Tropa de Elite 2”, onde o enquadramento se dá sob lógica da marginalidade, do submundo do sistema prisional e da guerra contra as drogas. O humor também é utilizado na abordagem do tema, como em “Wood & Stock” e em um dos episódios da série de TV “A grande Família”. No documentário “Quebrando o Tabu”, o tema da legalização da *Cannabis sativa* é discutido de modo mais aprofundado, trazendo os mais recentes resultados de pesquisas. É uma confluência dos discursos de médicos, políticos, sociólogos, músicos e escritores que entendem a legalização como um dos caminhos para acabar com o problema do narcotráfico.

A imensa quantidade de filmes onde aparecem cenas de consumo de maconha, como no caso das músicas, também já representa indício suficiente para demonstrar a relação *Cannabis/cultura*. Pouco importa que sejam desfavoráveis ou favoráveis as maneiras como cada filme apresenta a questão. Com o passar dos anos, mesmo os mais radicalmente desfavoráveis, como “*Reefer Madness*”, são transformados em objetos de adoração de cinéfilos canábicos. O que os põe em uma mesma categoria é o fato de darem visibilidade à questão das drogas, cuja proibição impedia a própria troca de informações.

3.10 - Análise do Ciberacontecimento – “Ator de ‘Se Beber não Case’ fuma maconha ao vivo na TV”

Como explica Charaudeau (2006), o espaço público é o lugar onde se produzem os acontecimentos, mas é também o lugar da construção de opinião. Esse espaço de debates e confrontos discursivos é organizado pelas instituições cidadãs e pelas mídias, como palco do debate social. A mídia se coloca como instância que proporciona o surgimento desses debates, aparentemente espontâneos, mas que são detalhadamente planejados:

Esse surgimento e esse confronto não são espontâneos ou ao sabor do debate social que se instaura no espaço público. Trata-se, ao contrário, de uma encenação organizada de tal maneira que os confrontos de falas tornam-se, por si, um acontecimento notável (saliente). O acontecimento é proveniente, aqui, de um dizer que não é um simples recurso para descrever o mundo (a fala do apresentador, do jornalista ou da testemunha), mas uma construção com fins de revelação de uma verdade sobre o mundo. Essa construção é, então, exibida (na imprensa, no rádio, na televisão), e para tanto ela é objeto, como no teatro, de uma *mise-en-scène* nos dispositivos instalados pela mídia (CHARAUDEAU, 2006, p. 189).

O evento estudado a seguir, que pode ser chamado de um ciberacontecimento, chega aos portais brasileiros em uma curta nota: o portal da Folha Ilustrada postou, no dia 30 de outubro de 2010, a seguinte notícia:

Ator de ‘Se Beber não Case’ fuma maconha ao vivo na TV.

O ator Zach Galifianakis, 41, acendeu um cigarro de maconha e fumou ao vivo em um programa de entrevistas nos Estados Unidos. Conhecido pelo papel de Alan Garner no filme ‘Se Beber Não Case’, o ator estava no programa ‘Real Time’ debatendo a legalização da maconha no Estado da Califórnia.

‘Concordo que [a legalização] é politicamente complicada porque as pessoas ainda vêm o assunto como um tabu’, disse Galifianakis. Foi quando ele surpreendeu a plateia e acendeu o cigarro. Depois, passou o cigarro para outra convidada do programa, que confirmou que se tratava de maconha.

O programa é apresentado por Bill Maher, que é conhecido por apoiar a legalização da substância¹⁶⁸.

A notícia, como está na *Folha Ilustrada*, já seria interessante para análise. Trata-se de uma pequena nota, sem muito detalhamento, limitando-se a poucas afirmações, além de responder, sumariamente, a algumas das perguntas básicas do jornalismo.

¹⁶⁸ ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em:

<<http://coletivodar.wordpress.com/2010/10/31/zach-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo-no-programa-de-tv/>> (acessado em: 10 set. 2011).

Além do texto, a notícia é ilustrada apenas por uma foto do ator fumando. Mas outros *portais* exibem o referido vídeo, como prova de verdade do que expressam em texto.

Figura 189



Foto que acompanha a reportagem¹⁶⁹ na *Folha Ilustrada*.

Mas até que ponto se pode confiar nas imagens como provas da verdade? Sabe-se do potencial da mídia na reconstrução discursiva do real que os processos de edição proporcionam. A adição de subjetividades na construção do acontecimento jornalístico inicia-se na escolha das pautas e, em seguida, recebe várias camadas interpretantes¹⁷⁰ sucessivas, em cada uma das etapas dos processos, próprias de cada dispositivo. Também na escolha das fontes, nos trechos de fala aproveitados ou descartados nos cortes da edição, no posicionamento das câmeras, iluminação e no horário da veiculação. A ideia de edição ainda permanece ligada a algum tipo de manipulação. Araújo (2006) diz que “a imagem se revela como falsa, construída, de vez em quando enganadora até mesmo quando se pretende como referente a um acontecimento. Só desvelando todo o aparato que a construiu que ela pareceria mais verdadeira” (ARAÚJO, 2006, p. 3).

¹⁶⁹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/822942-ator-de-se-beber-nao-case-fuma-maconha-ao-vivo-na-tv.shtml> (acessado em: 15/05/10).

¹⁷⁰ Perspectiva peirciana, conforme Henn (2009).

3.10.1 - O Aparato Midiático

Buscou-se, então, desvelar tal “aparato”. Tratava-se de uma transmissão ao vivo, momento em que a realidade do que é transmitido é justamente o que se passa diante das lentes. Isso confere à imagem “ao vivo” grande efeito de verossimilhança, uma credibilidade maior do que numa reportagem diferida em sua temporalidade. O protagonista, porém, é um ator acostumado à mise-en-scène televisivo. Seria aquela uma cena previamente ensaiada?

A notícia aparece, primeiramente, na *Folha Ilustrada*, em portais do Brasil. Chama a atenção, principalmente, pelo número de comentários dos leitores que se tornam indicadores importantes, para maior compreensão desse acontecimento midiático.

Pelo menos uns 500 leitores indicaram, através de *tweets* e comentários, esse vídeo em que o ator Zach Galifianakis, que atuou no filme ‘Se Beber não Case’, acende um cigarro de maconha durante o programa de TV do Bill Maher, outro defensor da legalização. O debate era a respeito da legalização na Califórnia (Proposição 19), que será votada na próxima terça. Zach além de acender o beco, satirizou o que os caretas pensam sobre o efeito da maconha.¹⁷¹

O texto e o vídeo circularam pela internet. Vários outros portais o reproduziram acompanhado do vídeo. Isso é comum nos hipertextos. Remetem-se uns a outros textos, fazendo o leitor circular pela circulação das informações:

Na ocasião, Galifianakis foi convidado por Bill Maher, apresentador do Real Time, para comentar sobre a polêmica lei que descriminaliza a maconha (‘as pessoas em geral vêem o assunto como um tabu’, diz o ator). Bill ganhou fama na TV estadunidense por ser um dos apoiadores da causa. Está aí algo complicado de se discutir não só naquelas bandas como aqui no Brasil¹⁷².

A questão da legalização da maconha voltou com tudo no Estado da Califórnia. Isso porque, na próxima terça-feira, além de votar para governador, senador e deputado, os moradores da Califórnia também opinarão a respeito de diversas propostas. O uso recreativo da maconha está entre estas questões. A Prop 19?, como ficou conhecida, legaliza a posse de até 28,5 gramas para maiores de 21

¹⁷¹ ZACH Galifianakis fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://jeniss.blogspot.com/2010/10/zack-galifianakis-fuma-maconha-ao-vivo.html>> (Acesso em: 10 set. 2011).

¹⁷² ZACH GALIFIANAKIS, protagonista de *Um parto de viagem*, fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <<http://blogs.jovempan.uol.com.br/planeta/novidades/legalizacao-da-maconha-zach-galifianakis-fuma-a-erva-ao-vivo/>>. (acessado em: 10 set. 2011).

anos. O uso da droga em local privado; em local público, desde que licenciado para isso. O cultivo residencial num espaço de até 2,3 metros quadrados também ficaria autorizado. Num caso de aprovação, o estado e as prefeituras assumiriam o papel de reguladores e controladores de cultivadores de grande porte, o que incluiria a fiscalização e a tributação no comércio¹⁷³

Legalização da maconha vira fumaça

A controvertida Proposition 19, medida para legalizar a marijuana na Califórnia, foi rejeitada pelos eleitores, com base na contagem inicial de votos. O CSM diz que a Prop 19 foi disputada entre gerações. Os mais velhos votaram contra, derrubando a medida que era apoiada pelos jovens com menos de 30 anos. Bem diz o ditado que juventude e sabedoria não andam juntas¹⁷⁴.

A Ressaca (The Hangover). Essa é a tradução do título do filme, que parece mais sugestiva que a singela adaptação *Se beber não case!* Depois dos acontecimentos que se seguiram, a tradução literal se mostrou mais adequada.

No título da matéria veiculada na *Folha Ilustrada*, “Ator de ‘Se Beber não Case’ fuma maconha ao vivo na TV.” O nome do ator Zach Galifianakis não aparece. Existirá aí uma operação de oferta de sentido? Certamente. Zach Galifianakis tornou-se conhecido pelo papel de Alan Garner, na comédia “*Se beber não case*”; um filme premiado, lançado em 2009, dirigido por Todd Phillips e escrito por Jon Lucas e Scott Moore. O filme custou 35 milhões de dólares e arrecadou 44 milhões em três dias, mantendo-se no posto por algumas semanas. *The Hangover* tornou-se a comédia para maiores de 18 anos mais lucrativa da história, com 275,9 milhões de dólares, na América do Norte, e 458 milhões de dólares no mundo. Aqui no Brasil também estreou no topo das bilheterias, com mais de 1,4 milhões de espectadores. O sucesso levou o filme a ter uma continuação em 2011.

Que mais poderíamos saber sobre esse espaço midiático onde se instaura a cena? O programa de TV do Bill Maher é conhecido por ser favorável à legalização da *Cannabis*. E estavam justamente discutindo sobre a realização do plebiscito na Califórnia (Estado onde o uso medicinal da *Cannabis* já é permitido) sobre o uso recreativo da *Cannabis sativa*. O ambiente era canábico e certamente contribuiu para que Zach Galifianakis transformasse em gesto o seu discurso antiproibicionista.

¹⁷³ LEGALIZAÇÃO da maconha: Zach Galifianakis fuma a erva ao vivo. Disponível em: blog.jovempan.uol.com.br/.../legalizacao-da-maconha-zach-galifiana... (acessado em: 10 set. 2011).

¹⁷⁴ LEGALIZAÇÃO da maconha vira fumaça. Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/conexaoorlando/noticias-eua/legalizacao-da-maconha-vira-fumaca/> (acessado em: 10 set. 2011).

Outras informações sobre esse contexto lançam dúvidas sobre a autenticidade da cena: "Real Time" é um *talk show* que vai ao ar semanalmente na HBO, organizado pelo comediante e humorista político Bill Maher. HBO, como é mais conhecido o Home Box Office Inc., é um canal de televisão premiado, subsidiário da rede Time Warner. A rede oferece dois serviços pagos de televisão que são transmitidos vinte e quatro horas por dia para mais de 38 milhões de assinantes nos Estados Unidos: HBO e Cinemax. A programação da HBO é transmitida em mais de 150 países, em todo o mundo. O filme *Se beber não case* também é de propriedade da Warner.

Se os acontecimentos relatados e comentados suscitam muitos problemas com relação à parte de subjetividade que interfere em seu tratamento, o acontecimento provocado, por sua vez, suscita a questão de saber onde estão os limites do campo de ação das mídias. Fazer da informação um objeto de espetáculo é arriscar-se a ultrapassar as instruções do contrato, a eliminar a finalidade informativa em prol da captação, e a cair num discurso de propaganda com fins de autopromoção (CHARAUDEAU, 2006, p. 191).

Não seria excesso de especulação imaginar que tudo poderia não passar de uma simulação, um golpe publicitário, que busca atrair espectadores para a futura continuação da tão rentável comédia.

3.10.2 A recepção interativa

A notícia circula. Boa parte dos portais reproduz, na íntegra ou em parte, o texto da *Folha Ilustrada*. E, naqueles em que o leitor pode opinar, aparecem os comentários: para além do objetivo deste texto, observem os comentários dos leitores. Parece haver uma espécie de "censura automatizada" que rastreia termos "vetados" sem apreciar os conteúdos dos comentários (deve ser um *ROBOT* ou *BOT*, programas de vigilância "automática"). Os leitores já desenvolveram estratégia para driblar tal censura. Disfarçam a grafia das palavras vetadas:

Em um país que ainda está engatinhando na discussão do aborto, que as eleições podem ser influenciadas pelo papa, discutir liberação da mac.onha ainda está muito longe... aliás, você não pode escrever 'mac.onha' aqui nos comentários da pholha... como se fosse palavrão... ainda temos muito que aprender...

Agora entendi por que as pessoas teclam algumas palavras com pontos no meio... Outro dia fui tentar postar se.xo e não aceitaram,

tive que mudar a palavra. Agora já sei como fazer... Nem pholha dá? Que loucura! Depois falam que o pt vai censurar a imprensa. Só o que estou vendo é a imprensa ME censurando! (Allan Grego [1] – apelido)

Não levará muito tempo e veremos pelas ruas, jogados nas sarjetas, como zumbis, maco.nheiros vomitando a fraqueza ou atacando nossos filhos. Inúteis vivendo uma fantasia numa solidão compartilhada por mais paradoxal que seja. Como temos o hábito de imitar estilos norte-americano certamente aqui não será diferente. Aliás, será muito pior, os trafi.cantes perdendo seu 'negócio' e colocando no mercado dro.gas ainda mais destruidoras, mesmo que seja por vingança. (Juliana Costa [33] – apelido)

Não adianta discutir a nocividade dessa abominável droga com viciados de plantão. Que se percam todos! Não tenho nada com isso! Desde que não promovam danos à saúde de minha família. Tenho mais de 65 anos, não fumo e não bebo. Droga, então, nem se fala! Resultado: tenho uma excelente qualidade de vida, phoddo com frequência, amo as pessoas, tanto no que se refere ao amor platônico quanto ao amor com vuco-vuco e tudo. Divirto-me à vontade. E esses viciados? Nem pensar! Tem a saúde comprometida! (Papai Sabetudo [37] – apelido).

A Mac.onha deve ser legalizada e descriminalizada. Sabe-se que a política de drogas está sendo mal gerida, e alguma mudança deve aparecer de imediato. É muito comum e corriqueiro pessoas que fumam banza e tem uma vida normal, com família estável e amigos, só que precisam se manter quietos devido ao preconceito da sociedade, ao julgar os fumantes da "erva maldita" como culpados de sabe-se lá o que. Digo aos reacionários de plantão para que cuidem de suas respectivas vidas, aos fumantes: fumem! (Antonio Carlos Aidar [25] – apelido).

Não gosto de nenhum tipo de droga...mas sei q existe mtos tratamentos de câncer feitos com ma conha...acho q se houvesse a legalização, terminaríamos com o narcotráfico, favelas e quebraríamos mtos negócios ilícitos,acredito q para a violência e outros problemas sociais no seu núcleo seria ótimo a legalização;Por outro lado,reina a hipocrisia, o cara não pode fumar um beque, porém ir até o supermercado e comprar bebida, cigarros e remédios pode? Meio contraditório, né?! (Antonio Neto [9] – apelido)¹⁷⁵.

3.10.3 O vídeo

Teria algo de comunicacional naquele gesto? O gesto pode ser compreendido como uma das estratégias do discurso antiproibicionista, para dar visibilidade a noções favoráveis ao uso da *Cannabis*, mostrando-a como natural, inócua e incapaz

¹⁷⁵ ATOR de *Se beber não case* fuma maconha ao vivo na TV. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/822942-ator-de-se-beber-nao-case-fuma-maconha-ao-vivo-na-tv.shtml> (acessado em: 10 set. 2011).

de produzir males aos usuários. A ideia era a de usar o espaço midiático para expor seus pontos de vista que ficavam sem visibilidade por causa da proibição. Entretanto, algumas dessas estratégias nem sempre atingem os objetivos esperados.

Na cena, o ator se cala de repente e o homem passa da palavra ao ato. Mas a mensagem continua fluindo. Os sentidos continuam sendo gerados e ofertados “ao vivo”. Conteria aquele gesto alguma fala? Heidegger responde:

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre, de um jeito ou de outro (HEIDEGGER, 2008, p. 7).

Como aquele gesto é transformado em enunciação? Para Benveniste (1989, p. 82) enunciação “é o ato de produzir o enunciado, e não o texto do enunciado” e “é a realização vocal da língua”. Além disso, “supõe a conversão individual da língua em discurso”. Para ele a manifestação do enunciado é a fala. O gesto do ator contém uma fala que manifesta o enunciado. O corpo fala. Seja de forma sutil, quando se percebe, pela postura física de alguém, se ele está atento, interessado ou indiferente. No seu semblante se pode notar a alegria ou melancolia, seja quando, por mímica, consegue expressar algo.

Expressar é falar. Além disso, existem muitas linguagens sofisticadas, complexas, baseadas em gestos, com uma comunicabilidade semelhante às demais linguagens. LIBRAS, por exemplo, é uma linguagem de sinais de grande expressividade, utilizada no Brasil por pessoas surdas e seus educadores.

Para Benveniste (1989, p. 83), a enunciação necessita de um “locutor”, aquele que fala, e um “alocutário”, aquele que escuta, e ao escutar se torna um “co-locutor”. O locutor e sua fala: sua fala é a oração da qual é sujeito. Um “eu” presente no *presente* diante de outros (tu, vós) presentes, o “tu” co-locutor. Nas processualidades dos dispositivos de captação, armazenamento e circulação essa “presença” é eternizada em um contínuo *presente*, sempre que é veiculado. O ator locutor, em pleno ato, está ali no palco, sob as luzes, com sua presença muda e loquaz, expressando seu discurso, como um mímico, locutor de si próprio. O “ato” é, então, transformado em “fala”.

O fato que poderia ser dito ou descrito em um texto está ali, bruto, como numa linguagem ancestral pré-escrita, deixando o gesto falar por si só. Não em inglês nem em espanhol ou português, mas em uma gramática universal, pretende comunicar ao mundo, para pessoas com qualquer idioma, sem fronteiras nem barreiras. A comunicação pura, mas, mesmo assim, ambígua e, justamente assim, paradoxal.

Como se os acontecimentos desfrutassem de uma irrealidade que se comunica ao saber e às pessoas através da linguagem. Pois a incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento, na medida em que sempre vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção. O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum com a designação de identidades fixas (DELEUZE, 1982, p. 03).

Inesperado, o ato é um acontecimento que inaugura dois movimentos em sentidos opostos. Cria um paradoxo no qual os sentidos não são alternativamente constituídos, mas simultaneamente lançados. É um sistema em que duas forças com a mesma direção e sentidos contrários, esgarçam sua fonte. É, ao mesmo tempo, lucidez e loucura, controle e descontrole, realidade e simulação, genialidade e asneira, o bem e o mal.

O acontecimento é da ordem do inesperado, do novo ou do inédito, introduzindo uma descontinuidade e comportando uma parte de indeterminação, sendo por isso mesmo muitas vezes incompreensível e não identificável num primeiro tempo (BABO-LANÇA, 2005, p. 02).

Trata-se de uma economia discursiva na qual os demasiados implícitos não emergem de sua implicitude. Um acontecer com uma enorme oferta de significantes flutuantes que são apropriados e ressemantizados pelo público, conforme suas convicções e histórico-pessoais.

Que efeito terá ele premeditado com a encenação? O ator poderia ter falado que fumava a *Cannabis* e que o fato de usá-la ocasionalmente não o tornaria uma pessoa louca ou perigosa e que continuaria no perfeito controle de seus atos. Preferiu demonstrar isso fumando um cigarro de maconha diante das câmeras, esperando que o público compreendesse sua mensagem. Certos improvisos em programas de televisão, ao vivo, têm desfechos imprevisíveis.

Um manifesto no qual o corpo é submetido à experiência da *Cannabis* no espaço midiático. Acender o “baseado” para ascender à discussão. É a ritualística de um campo social que se encena, demonstrando a apropriação e certa compreensão das práticas e da importância das processualidades operadas na midiatização, como observa Fausto Neto:

Operações de midiatização transformam-se em dispositivo estratégico para o funcionamento de determinados tipos de discursos, cujas condições de produção e, especialmente de circulação, ‘recebem’ dos dispositivos midiáticos possibilidades para sua existência (FAUSTO NETO, 2006, p. 44).

É ofertado ao espectador todo processo de alteração cognitiva que se processa em dois locais: na mente do corpo que realiza a experiência com a substância entorpecente e nas mentes da recepção. Um acontecimento em que o corpo do ator se oferece como *corpus* de um experimento midiático. É um acontecimento midiático (HENN, 2009), notável (SOUSA, 2002), inesperado, (REBELO, 2006) suscitado e revelador (QUÉRÉ, 2005), transgressor, que mostra como determinado discurso, que se encontra nos limites do proibido e do permitido, utiliza o corpo como estratégia de midiatização. Um micro acontecimento que ocorre dentro de um acontecimento maior e mais complexo, que é o discurso antiproibicionista.

O gesto radical contém, talvez, uma mensagem como: "Tomei o veneno e estou vivo". O ator provavelmente quis mostrar que sua mente continua trabalhando "normalmente" após fumar o cigarro de maconha. É como se dissesse: "Fumei e não matei nem roubei".

Como adverte Jenkins: “Quando as pessoas assumem o controle das mídias, os resultados podem ser maravilhosamente criativos; podem ser também uma má notícia para todos os envolvidos” (JENKINS, 2009, p. 45). Pela repercussão do caso, pelo resultado negativo do plebiscito sobre a legalização da maconha no Estado da Califórnia e pelos comentários dos leitores, algo parece não ter ocorrido como previsto pelo ator: muitos pais, mães e o restante da sociedade não usuária de maconha da Califórnia podem não ter gostado que seus filhos tenham assistido a ele fumando na TV, revertendo os seus objetivos iniciais. Além disso, após o resultado negativo do plebiscito, poderiam ser presos, obrigados a pagar multa e ter o resto da

vida afetada pelo gesto. A ligação do seu nome às drogas certamente lhe trará ressacas diversas, em várias penalizações sociais:

A mais importante é uma em sua identidade pública. Cometer um ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de 'bicha', 'viciado', 'maluco' ou 'doido' e tratado como tal (BECKER, 2008, p. 42).

O corpo da experiência canábica mediatizada tem sua essência dilacerada por essa dupla direção. O ator, como sujeito esquartejado por tensões opostas, parece encenar um *script*¹⁷⁶ de si mesmo, como em um roteiro previamente ensaiado, como evidenciaria o cigarro devidamente confeccionado e o isqueiro de prontidão, ali no bolso dele. Mas aquele cigarro e o isqueiro poderiam estar ali casualmente? Talvez sim. De qualquer modo, indicaria intencionalidade, dolo, planejamento e preferência.

Antes do ato em questão, não se sabia da existência do cigarro de *Cannabis* nem do isqueiro. Foram introduzidos na cena no momento do uso. Isso traz novos questionamentos, possibilitando novos sentidos para o momento interpretativo. Já que estavam ao alcance da mão, por que não usá-los na cena? Para surpresa geral do público e dos colegas de debate, ele os usa, por sua própria conta e risco.

Diferentes relatos sobre estratégias institucionais nos mostram, segundo diferentes angulações, como as suas práticas sociais têm se estruturado a partir, de sua 'relação direta com a existência dos mídias', conforme sugere Verón. Algo que entendemos como os próprios efeitos decorrentes da existência da mediação, dos seus processos e mecanismos de afetação das operações, que lhes são intrínsecas, e que servem como possibilidade de novas produções discursivas, e de inteligibilidade das outras práticas sociais (FAUSTO NETO, 2006, p. 42).

É uma atitude radical, semelhante a autoimolação que ocorre nos casos de monges que ateavam fogo ao próprio corpo, diante dos olhares e das câmeras, possibilitando que as mensagens contidas em seus gestos de protesto pudessem alcançar o maior número possível de pessoas. O corpo imolado na TV. A morte mediatizada. O pavor como comoção. O suicídio como espetáculo. Certamente o ator não morrerá com esse ato, mas sua reputação sairá bem chamuscada do episódio.

¹⁷⁶ Sequência de ações pré-construídas (MOUILAOU, 1997, p. 74).

O caso faz lembrar também o romance “*Dr. Jekyll e Hyde*”, de autoria do escritor escocês Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, que narra as histórias do advogado Gabriel John Utterson, personagem que investiga estranhas coincidências entre o Dr. Henry Jekyll e o misantropo Edward Hyde. A obra representa o fenômeno de múltiplas personalidades dentro da mesma pessoa (uma personalidade boa e uma má). O romance originou o jargão inglês, com a frase *Jekyll e Hyde* usada para se referir a uma pessoa que age de forma moralmente diferente, dependendo da situação.

Figura 190



Monge Budista ateia fogo ao próprio corpo¹⁷⁷ em protesto contra o domínio Chinês no Nepal.

O discurso proibicionista preconiza uma espécie de esquizofrenia, um transtorno bipolar que se apossa do usuário de modo a transformá-lo em um psicopata, um monstro diabólico capaz das maiores atrocidades. Com o gesto, o ator quis talvez demonstrar que não se transformaria em Hyde.

Mas, o gesto quebra a normalidade do ambiente calmo do estúdio da TV. O gesto ousado e inesperado pode indicar um aspecto da personalidade que não se mostra normalmente, que se encontrava oculto. E aí está o seu "Hyde". Paradoxalmente, ao tentar mostrar que Hyde não existe, este se dá a conhecer. E é esse "Hyde" que inviabiliza e subverte o sentido "planejado" pelo ator. Somente seu "Hyde" romperia o protocolo organizador do espaço televisivo. Em outras palavras, como diriam os leitores, “só um doido mesmo para fumar maconha ao vivo na TV”.

¹⁷⁷ Disponível em: <http://jesseantenado.blogspot.com> (acessado em: 05/06/2013).

A estratégia de midiaticização de suscitar um acontecimento espetacular e inusitado, utilizando ações do corpo, e não a própria fala para comunicar uma mensagem de alguma complexidade em um espaço midiático televisivo, onde o texto oral tem importância fundamental, mostrou-se problemática. O excesso de implícitos na mensagem permitiu outras interpretações.

O sentido proposto pelo ator subsiste ao ato, mas divide a cena com seu antagonico. Alguns leitores percebem esse sentido e saem em defesa do ator. Defesa de quê? Essa percepção capta, também, o sentido contrário, capta também o paradoxo, embora essa “loucura” lhes soe como “ousadia rebelde, bem-humorada e radical”. Uma dualidade platônica (Deleuze, 1982) – um antes e um depois que se tensionam e se remetem mútua e simultaneamente, levitam e orbitam eternamente um em torno do outro. No entanto, a ruptura da naturalidade instaurada no estúdio e a quebra do contrato de leitura no espaço televisivo, por estratégias “desviantes” de determinados campos sociais, obscurece o sentido proposto pelo ator, realçando o sentido antagonico gerado simultaneamente.

O sucesso do fracasso da estratégia fez o vídeo se tornar famoso. Este ganhou visibilidade justamente pela loucura/ousadia do ator, demonstrada ao público, e não pela “normalidade” que ele tenta aparentar após fumar o “baseado”.

E para não deixar nenhum sentido à deriva, observa-se a simbologia que se encerra no título e contamina toda a matéria. Ao ator de *Se beber, não case*, ainda resta questionar: e se fumar *Cannabis*, pode casar?

3.11 - A Marcha da Maconha como Acontecimento Midiático

Nesta parte, foram analisadas postagens sobre a “Marcha da Maconha”, manifestação em favor da liberação do uso medicinal, industrial e recreativo da *Cannabis sativa* que ocorre anualmente, em vários países, desde 1994.

Para o estudo desse acontecimento midiático, utilizou-se a noção de produção do acontecimento jornalístico, extraída do referencial teórico adotado.

A observação é voltada para a gênese desse acontecimento que foi planejado e organizado em um fórum brasileiro de debates, voltado para o cultivo da *Cannabis*: o portal Growroom.

3.11.1 - Portal Growroom - Fórum de Debates Canábicos

Figura 191



Print screen do Growroom¹⁷⁸.

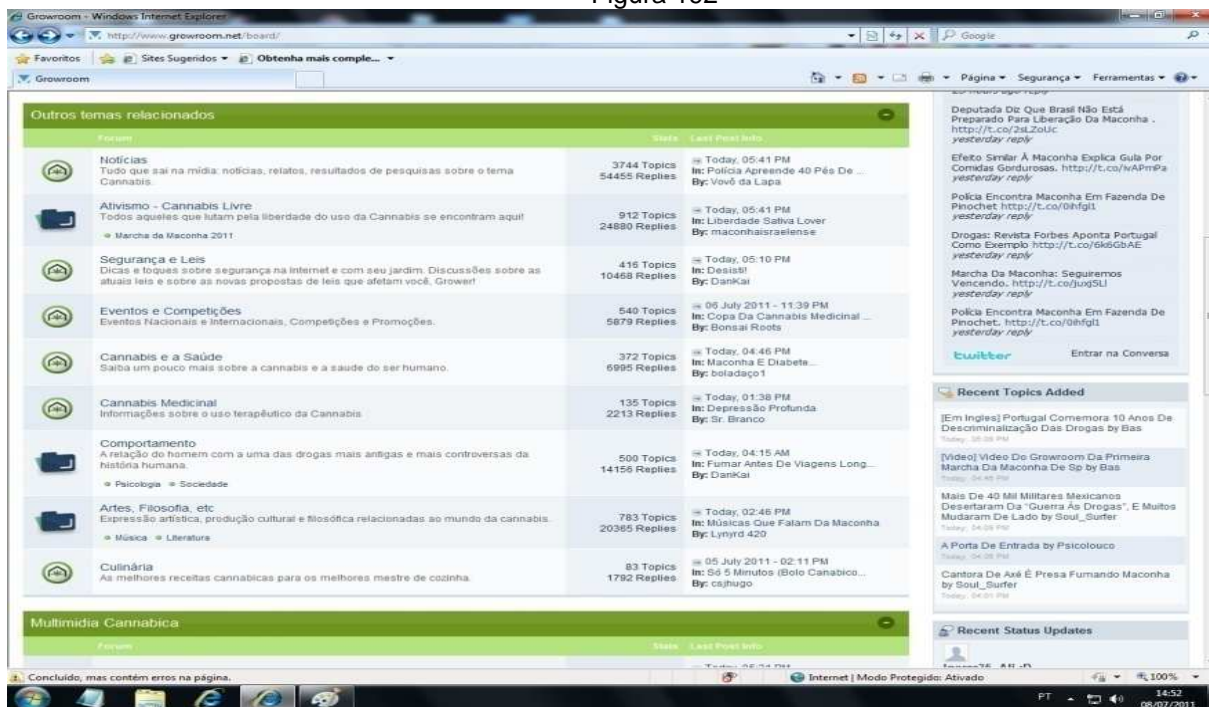
A internet tornou-se o principal teatro do discurso antiproibicionista. Deste universo rico em oferta de sentidos, um exemplo mostra como é promissor o tema para um estudo aprofundado: trata-se do fórum de debates canábicos mantido pelo portal brasileiro Growroom, destinado à discussão dos vários assuntos relacionados à *Cannabis sativa*, desde a escolha da semente para o cultivo até questionamentos sobre sua proibição.

Para ler as postagens não é preciso fazer inscrição, mas para participar da discussão é exigido um cadastramento. O portal conta atualmente com cerca de 50 mil usuários cadastrados. As discussões do fórum são um interessante material para se compreender como são travadas batalhas discursivas e postas em ação várias

¹⁷⁸ <http://www.growroom.net/> (acessado em: 12/06/2011).

estratégias comunicativas no ciberespaço, por meio do estudo dos processos midiáticos, em um espaço não regulamentado pelos canais tradicionais.

Figura 192



Print screen do Growroom¹⁷⁹.

O Growroom foi criado em 2002 pelo designer brasileiro, conhecido como “Bas”, aos 26 anos, como portal dedicado ao cultivo da *Cannabis*. Em uma entrevista¹⁸⁰ publicada no site “viceland.virgula.uol”, em 2010, “Bas” revela que:

O Growroom começou como uma válvula de escape; como um projeto pessoal totalmente sem ambições só para criar um lugar para se trocar ideias sobre o cultivo. Mas depois de uns meses já tinha umas mil pessoas cadastradas no site. Aí peguei uma revista, vi que ia ter uma feira na Holanda com tudo o que era tipo de material, fui lá e, de repente, acordei e vi que isso era um mercado. Mas, assim, eu não criei pensando nisso. Minha intenção não é ganhar dinheiro, mas discutir tudo isso (BAS, 2010).

O portal se funda como “espaço os usuários podem trocar informações, experiências, artigos e outros conteúdos, buscando a resolução de problemas individuais, através do acervo de dados coletivo”. Segundo afirma a equipe de redação do portal, “o Growroom atua dentro dos princípios da redução dos riscos e

¹⁷⁹ <http://www.growroom.net/board/> (acessado em: 12/06/2011).

¹⁸⁰ Entrevista postada no site: <http://viceland.virgula.uol.com.br/br/blog/?p=4477>, com o fundador do portal Growroom, usando o codinome “Bas” (acessado em: 25/07/2012).

danos, buscando o fortalecimento da autonomia e da responsabilidade dos usuários”. Define-se como sendo:

(...) um grupo que atua em defesa dos direitos dos usuários de maconha, tendo como uma de suas principais atividades a manutenção de um portal na internet sobre tudo que é relacionado à planta *Cannabis sativa*, seus usos e usuários, além de um Fórum que serve de espaço de convivência para pessoas adultas que consomem *Cannabis sativa*¹⁸¹ (Redação do Growroom, 2012).

3.11.2 - Material Analisado

A página inicial do fórum de discussões sobre *Cannabis sativa* do portal Growroom disponibiliza uma listagem que contém os links de acesso aos tópicos com as postagens:

- a) Avisos (avisos importantes sobre o que está acontecendo na comunidade Growroom) com 4968 postagens;
- b) Bem vindos ao Growroom (Visitante! Seja bem vindo à maior comunidade canábica de língua Portuguesa);
- c) Blog (link para o blog do Growroom);
- d) Informações Básicas (Novato em cultivo? Plantando pela primeira vez? Comece por aqui!), com 3971 postagens;
- e) Notícias (tudo que sai na mídia: notícias, relatos, resultados de pesquisas sobre o tema *Cannabis*), com 54549 postagens;
- f) Ativismo - *Cannabis* Livre (todos aqueles que lutam pela liberdade do uso da *Cannabis* se encontram aqui!), com 24954 postagens;
- g) Segurança e Leis (dicas e toques sobre segurança na Internet e com seu jardim. Discussões sobre as atuais leis e sobre as novas propostas de leis que afetam você, Grower!), com 10494 postagens;
- h) Eventos e Competições (eventos nacionais e internacionais, competições e promoções), com 5881 postagens;

¹⁸¹ <http://www.growroom.net/> (acessado em: 25/07/2012).

i) *Cannabis* e a Saúde (saiba um pouco mais sobre a *Cannabis* e a saúde do ser humano), com 7039 postagens;

j) *Cannabis* medicinal (informações sobre o uso terapêutico da *Cannabis*), com 2216 postagens;

k) Comportamento (a relação do homem com a uma das drogas mais antigas e mais controversas da história humana), com 142667 postagens;

l) Artes, Filosofia, etc. (expressão artística, produção cultural e filosófica relacionadas ao mundo da *Cannabis*), com 20423 postagens;

m) Culinária (as melhores receitas canábicas para os melhores mestres de cozinha), com 1793 postagens;

n) Galeria de Fotos, com 21500 postagens;

o) Galeria de Vídeos (galeria de vídeos sobre *Cannabis* e assuntos relacionados), com 3156 postagens.

Mesmo sendo tentadora uma análise sobre toda a “canabiosfera”, o material observado foi restrito a somente um tópico, para se tornar factível, devido à enorme quantidade de material. São dezenas de milhares de páginas de debates sobre o tema, armazenadas desde o início do fórum, em 2002.

Entre os vários subtemas do tópico “Ativismo - *Cannabis* Livre”, o “marcha da *maconha*”¹⁸² foi o escolhido por trazer exemplos interessantes de vários processos estudados no campo da comunicação, como a produção de um acontecimento, capturado ainda em seu nascimento, os agendamentos possibilitados, a criação e circulação de sentido, hibridações e ações colaborativas em rede, orquestradas por discursos antiproibicionistas, produzindo outros acontecimentos e acionando posicionamentos, diante da proibição e do preconceito. Questões de construção da cidadania, por meio da ação colaborativa e cooperativa em rede, tornam este um dos subtemas mais acessados, pelos leitores do portal estudado. O recorte observado é constituído por textos postados durante três meses, entre 04 de abril de 2011 até 05 de junho de 2011, data, a partir da qual não foram registradas novas postagens no tópico, sendo este, então encerrado. Os textos estudados estão anexados.

¹⁸² <http://www.growroom.net/board/forum/96-marcha-da-maconha-2011/> (acessado em: 28/08/2012).

3.11.3 - Análise do acontecimento jornalístico “marcha da maconha”

Foi feita uma análise descritiva e interpretativa dos dados empíricos, obtidos nas suas relações com o marco teórico escolhido.

A marcha da maconha (*marijuana march*) ocorre anualmente, desde 1994, em diversas cidades de vários países do mundo, no primeiro final de semana do mês de maio. São manifestações favoráveis a mudanças nas leis antidrogas desses países e a favor da legalização do uso terapêutico e recreativo da *Cannabis sativa*.

A marcha da maconha procura dar visibilidade aos estudos científicos que revelam os diversos usos terapêuticos da *Cannabis*. Divulga sua utilidade na indústria e defende seu uso recreativo. Procura também desfazer o estereótipo do usuário ligado à delinquência e marginalidade, enquanto tenta fortalecer uma nova imagem de um usuário responsável, economicamente e socialmente integrado, esclarecido e politicamente participativo. A revista *Cannabis Culture Magazine* é uma das principais organizadoras da “marcha da maconha”, desde 1999. Durante o evento, são promovidos debates, reuniões, caminhadas, encontros, concertos e festivais. No Brasil, ocorrem passeatas, desde 2002, no Rio de Janeiro. A partir de 2007, várias outras cidades realizaram ou tentaram realizar a marcha da maconha. Em 2008, somente Recife conseguiu permissão legal para o evento. Em várias cidades, como Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, João Pessoa, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, juízes entenderam a caminhada como formação de quadrilha e apologia ao uso de drogas e proibiram-na. As tentativas foram reprimidas com algumas prisões.

Os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualizá-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento (QUÉRÉ, 2010, p. 35).

A marcha da maconha é um acontecimento com forte “poder hermenêutico”, devido a “sua capacidade reveladora, de dar sentido, interpretar o mundo em sua aparente normalidade” (BERGER e TAVARES, 2009, p. 03). Acontecimento desses que, quando surgem, se desdobram para o passado e para o futuro (REBELO, 2005,

p. 56). Para o passado, ao remontar as origens da proibição e divulgar usos terapêuticos, revelados em antigos documentos e indícios, encontrados em escavações arqueológicas; e para o futuro, ao projetarem estatísticas e perspectivas, ao se referirem aos resultados de pesquisas que se mostram promissoras na fabricação de medicamentos e no tratamento de enfermidades como o glaucoma, câncer, depressão, ansiedade e também quando tratam das implicações legais, causadas pelas interpretações da lei, nem sempre favoráveis.

A marcha da maconha já nasce dentro da lógica das novas mídias eletrônicas, tendo surgido no início da era da internet e alcançado, por meio dela, praticamente o mundo todo. Parece tratar-se exatamente de um “ciberacontecimento” tal como é definido no artigo “Apontamentos Sobre o Ciberacontecimento” (HENN, 2013, p. 06), pois é um acontecimento jornalístico totalmente produzido nas redes sociais e que tem sua gênese ligada aos processos midiáticos, ativos na internet. Trata-se de um acontecimento com uma forte relação e interação com a mídia.

A marcha da maconha é um acontecimento que recupera antigas passeatas, feitas no final dos anos 1960 em cidades norte-americanas, quando jovens protestavam contra a guerra do Vietnam e também pela liberação da *Cannabis*. Retomado em 1994, esse acontecimento se beneficiou da expansão da internet e suas ferramentas de mensagens e conversação, de fóruns de debates e, principalmente pelo uso que os sujeitos canábicos fizeram desses programas de interação, multiplicando sua abrangência, ultrapassando fronteiras, alastrando-se pelo planeta. A marcha é um acontecimento notável, e assim, noticiável:

(...) dentro de um contexto um determinado facto emerge da superfície plana da realidade, sendo percebido como notável e, portanto, como um acontecimento digno de se tornar notícia (SOUSA¹⁸³, 2002, p. 04).

A marcha da maconha faz emergir a problemática de outros campos, orientando a ação e compreensão dos sujeitos canábicos (ativistas do antiproibicionismo) para a busca colaborativa da solução das questões afloradas.

¹⁸³ SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia, Universidade Fernando Pessoa 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. (acessado em: 28/08/2012).

Se a maior parte dos acontecimentos se inscreve em campos problemáticos já constituídos, que perduram enquanto os problemas e as respectivas causas se mantêm, também novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos... (QUÉRÉ, 2005, p.72).

Trata-se de um “acontecimento midiático”, de “caráter notável”, preparado para maximizar sua visibilidade na mídia. (REBELO, 2006, p. 17-27). É um assunto atual ou atualizado por trazer debates sobre um tema que afeta grande número de pessoas, produzindo reações favoráveis, desfavoráveis e também indiferença. Para o pesquisador Ronaldo Henn, esse tipo de acontecimento, mesmo sendo “programado” nos fóruns da internet “tem sua agenda em estado de suspensão pela reação que causa nas forças conservadoras e toda a questão legal/policial que se estabelece.” (HENN, 2012). Ainda que seja programado com antecedência, provoca uma ruptura perturbadora na superfície lisa da normalidade, como uma “ocorrência inesperada” (REBELO¹⁸⁴, 2006, p.17) para grande parte do público, gerando mobilizações em outras instâncias, como a jurídica e policial, ocasionando discursos de apoio e manifestações reprovativas, e artigos favoráveis e desfavoráveis ou com posicionamentos intermediários: favoráveis, mas com restrições.

(...) o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Apesar de sua “previsibilidade” (ALSINA¹⁸⁵, 1989), este acontecimento possui grande repercussão junto ao público, como se pode observar nos inúmeros comentários, nos artigos e vídeos sobre o assunto, veiculados na internet. É um acontecimento “esperado” pelos militantes e organizadores, mas inesperado e perturbador para grande parcela do público. É um acontecimento que busca ser “legitimado” e, apesar de programado, é tratado por parte da mídia como se fosse espontâneo e conforme os padrões jornalísticos de produção noticiosa.

¹⁸⁴ REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. In: *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 8-9, 2006, p. 17-27.

¹⁸⁵ ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de La noticia*. Barcelona: Paidós, 1989.

A marcha da maconha possui características ambíguas, pois possui semelhanças com um “pseudo-acontecimento” (BABO-LANÇA¹⁸⁶, 2008). Essa definição, que se aplicaria melhor a uma “manifestação ou comício”; poderia arrefecer seu caráter “hermenêutico” (QUÉRÉ, 2005) e embaçar seu poder revelador. Mas, a marcha possui outras características que reforçam sua capacidade de afetar as pessoas e os sistemas, provocar reações e reverberar além de suas bordas. Poderia ser erroneamente tipificada como uma “réplica” ou “acontecimento reproduzido”, por já acontecer em outras partes do mundo, mas o fato de que a marcha talvez siga, em parte, um *script* mundial, como uma partida de futebol, não a torna repetitiva, pois tal qual um acontecimento esportivo, uma marcha nunca é igual à outra. Cada uma traz suas particularidades que as tornam únicas. A marcha da maconha deve ser encarada como um “macro-acontecimento”, por provocar reação no meio ambiente dos sistemas, fugindo da normalidade e pela sua repercussão mundial, pois, conforme Santos (2005):

O sistema integra o macro-acontecimento através de uma miríade de micro-acontecimentos posteriores que lhe fazem eco, o reflectem a partir do futuro, o envolvem a posteriori numa teia de tecidos e significações (SANTOS, 2005, p. 81).

Antes de ser transformada pela mídia em um discurso, a marcha da maconha é um acontecimento “bruto”, possuidor de qualidades tais que, conforme Charaudeau¹⁸⁷ (2006), através de um “processo evenemencial”, determinante na amplificação de sua visibilidade, lhe são conferidas potencialidades de grande evento.

Em um fórum, como o estudado, o debate não se dá simultaneamente. A sala de debates não é um território geográfico delimitado. Os debatedores estão distribuídos em horários e locais diferentes. São heterogêneos, com idades, profissões, aspectos culturais, econômicos e sociais variados. A própria disponibilidade individual, de postar no fórum, faz com que as várias ações estejam diferidas no tempo e no espaço.

¹⁸⁶ BABO LANÇA, Isabel. A Constituição do Sentido do Acontecimento na Experiência Pública. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Nº. 06. Primavera. 2005.

¹⁸⁷ CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

Muitos usuários colaboram com sugestões, enriquecendo e aquecendo o debate. Vários encaminhamentos para viabilizar a ação coletiva são planejados: a desobediência civil se mistura a uma vontade de estar dentro da lei, de sair da clandestinidade, de deixar de ser “tratado como bandido”, de se mostrar como usuário e plantador.

Muitas postagens estão repletas de erros de português e de inglês, provavelmente ocasionados pela digitação relaxada, com muitas gírias, pelo ambiente de informalidade. São abreviações típicas da conversação pela internet (“vc” ou v6, em lugar de: você ou vocês, “qq6” em lugar de: o quê que vocês, por exemplo), criadas pela pressa ou pelas dificuldades das condições de produção, relacionadas ao momento da digitação e/ou à escolaridade do digitador.

Os debatedores são cadastrados, mas identificados apenas por apelidos e por suas funções no portal. Alguns são usuários, outros plantadores (*growers*), cultivadores, moderadores, e os assessores jurídicos do portal, que compareceram em massa, atraídos pelas questões levantadas, onde suas experiências e serviços profissionais seriam relevantes, contribuíram para esclarecer muitas dúvidas dos usuários.

Os plantadores para consumo pessoal se utilizam da tecnologia disponível, para dar visibilidade à questão e aos problemas resultantes da proibição. Organizam redes de troca de informações, planejamento e organização de atividades cooperativas, solidárias e colaborativas. Constroem-se como “vítimas” de uma lei “antidemocrática”, “cruel” e se colocam como “excluídos” de direitos garantidos a todos os cidadãos. Mesmo assim, parecem dispostos a lutar “pelo direito de plantar livremente” a *Cannabis sativa* em seus quintais. Os sujeitos sociais canábicos encaram suas estratégias de ação coletiva como um verdadeiro movimento social.

A participação dos consultores jurídicos (advogados que voluntariamente disponibilizam seus serviços em defesa do portal e alguns defendem também os usuários com problemas com a repressão) trouxe, além do apoio, alertas sobre as questões legais envolvidas, sugerindo ações mais efetivas, explorando melhor as indefinições da lei, e os vácuos jurídicos, pelos quais as ações estariam bem resguardadas.

As postagens analisadas referem-se à organização da marcha da maconha de 2011, em São Paulo. O recorte estudado captura o planejamento dos eventos que aconteceram nesse ano. Em 2001 aconteceram duas marchas. A primeira, acontecida dia 21/05/2011, foi proibida e duramente reprimida pela polícia. A ação policial repressiva repercutiu muito mal e iniciou uma série de acontecimentos da esfera política e jurídica, que culminaram com um parecer do Supremo Tribunal Federal, declarando que a manifestação era legítima e deveria acontecer livre de embargos.

Então, uma nova marcha foi organizada, em 02/07/2011, e desta vez ocorreu sem maiores problemas. Nesse intervalo recortado, acontecimentos midiáticos conseguem agendar ações em outras esferas. A marcha da maconha tornou-se um acontecimento, pelas páginas dos jornais, pelos noticiários do rádio e da TV e, principalmente, pelos vários suportes na internet. Portais e blogs estamparam o tema e vários vídeos, que documentam a ação da polícia, foram postados no YouTube e o assunto circulou pelas redes sociais. A repressão multiplicada na mídia, as cenas de guerra urbana, de jovens sendo espancados e arrastados chocaram a população. Mesmo aqueles que não concordam com o uso da maconha condenaram a ação. Grupos de defesa dos direitos civis se mobilizaram, autoridades políticas e eclesiásticas se solidarizaram com os jovens e exigiram a liberdade dos rapazes e moças presos.

3.11.4 - Análise das Postagens do Growroom.

O Growroom é o maior portal da América Latina sobre *Cannabis Sativa*. Seu fórum possui uma quantidade muito grande de postagens. O tópico “ativismo - *Cannabis* livre” registra 24954 postagens, o que equivale a aproximadamente a 3190 páginas. O fórum possui outros 14 tópicos, demonstrando o enorme interesse pelo tema. O subtópico analisado neste trabalho, “Marcha da Maconha 2011”, com 219 postagens, ocupa 28 páginas.

Os tópicos do Growroom precisam ser abertos ou iniciados por um membro cadastrado no Growroom. O subtópico “marcha da maconha” foi aberto por Percoff. O apelido lembra o nome de um xarope contra tosse, chamado Percof®, carregando-o de sentidos outros, ao referir-se à tosse, peculiar ao uso da *Cannabis*,

e o respectivo “remédio”. A tosse é algo que atrapalha a conversação. É um ruído na comunicação, mas também é um sintoma que pode indicar nervosismo, resfriado, gripe, alergia ou um incômodo gerado pela inalação da poluição ou fumaça. Ao assumir esse apelido, Percoff, talvez, queira personificar o “remédio” (droga) que elimina (cura) os ruídos que surgem junto com o debate sobre a legalização da *Cannabis sativa*.

Percoff usa como avatar o desenho de um personagem de uma série de TV: o “Gorpo”, uma espécie de duende mágico, amigo do príncipe Adam e do herói He-Man. Percoff possui também um perfil no *Facebook*. Foi tentador estender a análise a essa rede social, só que, a grande quantidade de material já em análise tornaria inexecutável essa tarefa. Mesmo assim, durante a pesquisa, buscou-se, pelo mecanismo de procura do portal, por “marcha da maconha” e este retornou com resultados que indicam a grande utilização dessa plataforma na organização do evento de 2012 e 2013 em várias cidades¹⁸⁸, como: Teresina (PI), Uberlândia, Lages (SC), Viçosa, Goiânia, Curitiba, ABC, São Paulo, Cuiabá, Fortaleza, Aracaju, Olinda, Pelotas, Maceió, Blumenau, Petrópolis, Brasília, Rio das Ostras, Divinópolis, Passo Fundo, Santa Cruz, Sergipe, Guarulhos, Presidente Prudente, Santa Maria, Rio de Janeiro, Campinas, Juiz de Fora, João Pessoa, Foz do Iguaçu, Belém, Magé, Bauru, Belo Horizonte, Manaus, Jundiaí, Recife, Rondônia, Maricá, Florianópolis, Lavras, Salvador, São Gonçalo, Atibaia, Porto Alegre, Cataguases, São Leopoldo, Ribeirão Preto, Balneário Camboriú, Mogi Guaçu, Araraquara, Vitória e Araçatuba. A maior parte dessas páginas se refere às marchas de 2013. Não foram encontradas, no *Facebook*, referências sobre as marchas do ano de 2011, realizadas em São Paulo.

Foi observada também uma nova forma de ativismo canábico que está se formando nas redes sociais e que deverá ser objeto de estudo de futuras pesquisas. Observou-se que “celebridades”, “cientistas de renome”, “artistas”, “atletas” e também algumas pessoas comuns possuem perfis que “curtem” e “compartilham” acontecimentos canábicos. Sobre esses perfis, não se sabe da autenticidade. Alguns deles se revelaram, depois, como não sendo verdadeiros.

A questão da privacidade no *Facebook* é bem diferente do Growroom, portal dedicado exclusivamente a discussão canábica, onde os participantes são maiores

¹⁸⁸ Não foi encontrada no *Facebook* nenhuma página sobre as marchas de 2011 em São Paulo. As cidades estão listadas na ordem de aparição na pesquisa. Acessado em 09/05/2013.

de idade, usuários de *Cannabis* ou simpatizantes, e as identidades são preservadas. Apesar da exigência de cadastro, a participação nos debates se dá sob a proteção de apelidos, o que deixa os debatedores à vontade para descreverem suas realidades, trocarem experiências, criticarem o proibicionismo, desenvolverem suas atividades (organizarem shows, debates, palestras) e eventos, como a marcha da maconha.

A situação de proibição da *Cannabis sativa* impede que muitos usuários se manifestem numa plataforma aberta, justificadamente, pois as redes sociais proporcionam uma exposição muito maior, incluindo pessoas não usuárias e até contrárias ao uso, como pessoas da família, da escola, do trabalho, da igreja e da polícia. Temerosos das prováveis críticas, do forte controle social, além de retaliações no trabalho e da ameaça de prisão, são poucos os usuários que se manifestam nas redes sociais, quando comparados ao Growroom. A análise de um fórum, onde os participantes usam apelidos, torna-se mais factível do que em uma rede com identidades, presumidamente, assumidas como verdadeiras, pelas implicações éticas e legais envolvidas. Sabe-se da existência dos *fakes*¹⁸⁹ em redes sociais, como no *Facebook*. Reconhecê-los é uma tarefa difícil de ser realizada. No Growroom não existe a necessidade de ocultação da identidade, por meio de *fakes*, já que os participantes utilizam apelidos, e assim podem falar sem serem reconhecidos. São personagens, usam codinomes e avatares, mas são mais ou tão reais quanto os participantes de redes sociais abertas, sobre os quais nada se pode afirmar com segurança absoluta, já que podem ser falsos. Outra diferença entre o *Facebook* e um fórum temático, como o Growroom, é que neste existem os “mediadores”, que são usuários colaboradores dos webmasters do portal, que possuem senhas especiais de operadores do sistema, podendo banir usuários que infringem as regras de convivência do fórum. Não se assemelham a censores, mas evitam os “*trolls*”¹⁹⁰ que possam tentar importunar os participantes dos debates. Lembram mais aqueles seguranças de boate, que permitem que as pessoas bebam, mas separam as brigas. Podem ser chamados de *gate keepers*, mas não preenchem todas as características, pois não se pode dizer que sejam eles que

¹⁸⁹ Perfis falsos.

¹⁹⁰ Os *trolls* são criaturas antropomórficas do folclore escandinavo. Popularmente na internet, chamam-se *trolls* pessoas que fazem uso de redes sociais para provocações, com postagens que promovem discórdias entre os membros.

definem o que será discutido, de acordo com seu o valor como notícia; mas mantêm certo zelo pela “linha editorial”.

Os tópicos e sub-tópicos do fórum são grupos de discussão abertos aos participantes cadastrados no Growroom, e fechados quanto ao tema. Alguém que queira saber sobre “seleção de sementes”, por exemplo, será convidado a ir para o respectivo tópico e, caso ele não exista, o participante poderá criá-lo.

Percoff inicia, cedinho da manhã, em 04 de abril de 2011, o tópico “marcha da maconha São Paulo 2011”, no espaço destinado ao ativismo, no Growroom. Passavam apenas três minutos das seis horas do início daquela Segunda-Feira. Para muitos paulistanos, hora de pegar o caminho para o trabalho. O horário da postagem talvez indique que Percoff seja mais um dos milhares de trabalhadores, prestes a iniciarem suas jornadas diárias. O participante define-se como: “*ativista forevis*”. O “*forevis*” era a maneira que o músico e humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes, o “Mussum”, do programa de humor “Os Trapalhões”, falava a palavra, do idioma inglês, *forever*, usada por ele, em anedotas, com vários significados. Desse modo, Percoff se assume como “eterno ativista”, mas com uma ligeira vertente de humor, além de homenagear, singelamente, o grande humorista.

Entre as anedotas mais frequentes do humorista, as relacionadas com bebidas alcoólicas eram suas preferidas. Talvez Percoff, em sua homenagem, tenha lembrado o problema do alcoolismo, da lei seca e do significado disso na conjuntura da guerra, desencadeada contra o uso e comércio de drogas tornadas ilícitas.

Percoff já possui *status* de “moderador” no portal, tendo acesso a funções não disponíveis aos usuários comuns, o lhe dá certa “autoridade”. Inicia suas postagens convocando os usuários paulistas para a organização e divulgação da “marcha da maconha 2011. A data do evento se aproximava, mas a mobilização ainda não iniciara. O atraso das atividades era devido a várias causas: a proibição, que ainda vigorava, e o perigo da repressão policial, geralmente muito truculenta. A assessoria jurídica do portal já entrara preventivamente com pedido de *Habeas Corpus*, para garantir a realização da marcha, mas ainda estavam sem resposta. Percoff recorre ao “simples direito de liberdade de expressão e democracia” para legitimar o evento. Com efeito, após os acontecimentos desastrosos, que seriam vivenciados durante a primeira marcha da maconha, daquele ano (2011), as palavras de Percoff seriam

confirmadas pela decisão unânime do Supremo Tribunal Federal de liberar a marcha.

Na primeira postagem (#1), Percoff começa a organizar a “grande marcha”, que deveria ser proporcional à grandiosidade da cidade. A marcha de São Paulo “deveria ser a maior do país”, refletindo o “tamanho de nossa cidade e nosso poder econômico”. Para isso, não podiam se esquecer da “captação de recursos”, que seriam a soma das doações de participantes, com os lucros advindos da venda de *bottons* e camisetas. Pretendiam distribuir 200 mil panfletos, cuja impressão custaria 7.000 reais.

Figura 193

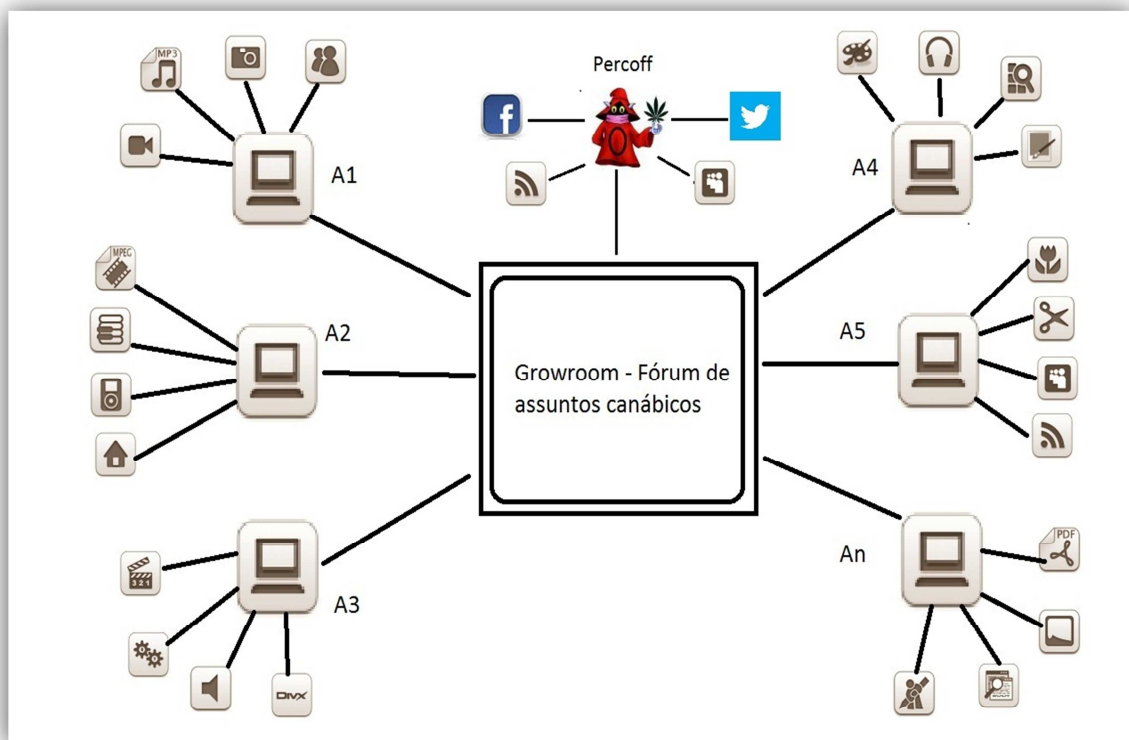


Diagrama das conexões com o Growroom. (Elaborado pelo autor).

Vinte e cinco minutos após a postagem de Percoff, já surgem as primeiras respostas dessa discussão. Mais de 80 participantes postaram nesse subtópico, entre 04 de Abril de 2011 e 05 de Julho de 2011. Uma das primeiras preocupações do grupo foi com uma provável proibição do evento. Desde o início, os participantes foram orientados, pelos consultores jurídicos do Growroom, a não portarem nem usarem drogas ilícitas. Com isso, pretendiam evitar fornecer os motivos para desencadear uma repressão policial.

Para chamar atenção da sociedade sobre a necessidade de se discutir a legalização da *Cannabis*, Percoff sugere que se fantasiem com roupas de presidiários, com retalhos pretos amarrados ao braço, simbolizando “luto pelas atuais leis que vigoram no país”. Para Percoff, uma das principais reivindicações da marcha deveria ser o “direito de plantar”. Tinta e cartolina e material artístico seriam utilizados na confecção dos cartazes e faixas. Eles tinham muito trabalho pela frente: panfletagem na “virada cultural” (a sétima edição do evento que ocorreu nos dias 16 e 17 de abril, em São Paulo), em shows de reggae e em outras atividades culturais da capital.

O fórum também registra o apoio e solidariedade recebidos pelo grupo paulista, vindos de outras cidades. Registra também a troca de experiências e informações entre coordenadores e participantes de marchas realizadas pelo país.

Aparecem também as referências ao *Twitter*, como uma ferramenta a mais na divulgação da marcha: “já começamos a *twittar* ha algum tempo”. Isso demonstra que as diversas plataformas disponíveis na internet são utilizadas pelos ativistas, de diferentes modos, conforme as características de cada portal e das ferramentas por estes disponibilizadas. Para que o convite à marcha chegasse ao maior número possível de pessoas, todos os recursos disponíveis deveriam ser usados.

As equipes de trabalho vão se formando: textos, panfletos, diagramação, camisetas, distribuição, vendas, contratação de bandas e produção de um vídeo de divulgação, para ser colocado no *You Tube*, que seria acessado a partir de *links* em diversos portais e *blogs*.

Estabelecem-se circuitos onde os vários suportes midiáticos são utilizados na propagação do discurso antiproibicionista, organizado na internet. Camisetas, *bottons*, faixas e cartazes que, quando fotografados e digitalizados, migrarão para o ciberespaço, para compor, junto com textos, música e vídeos, um conjunto de discursos, pelos quais os novos ativistas sociais distribuem suas ideias.

Pode ser observada, nas postagens, toda a movimentação, a articulação e desenvolvimento de estratégias na produção do acontecimento “marcha da maconha”. Grandes acontecimentos tiveram seus períodos de gestação e planejamento. A revolução russa, de 1917, teve traçados seus detalhes e suas minúcias. A revolução cubana, de 1959 foi também planejada e nem por isso

esmaeceu seu caráter de “grande acontecimento”. Os atentados de 2001, como se soube posteriormente, foram minuciosamente planejados. O nascimento de uma pessoa é um acontecimento, mesmo que tenham se passado meses, desde sua concepção. Mesmo em um acontecimento detalhadamente planejado como a marcha da maconha, a imprevisibilidade pode se instaurar como uma das consequências eventuais. Em um acontecimento, eclodido em um contexto de uma intolerância histórica, que esgarça as fronteiras do proibido e do permitido, e flerta com a legalidade e a ilegalidade, o potencial para algo dar errado é enorme.

Figura 194

The screenshot shows the homepage of the Folha de S. Paulo newspaper. At the top, there is a navigation menu with categories like Opinião, Política, Mundo, Economia, Cotidiano, Esporte, Cultura, F5, Tec, Ciência, Saúde, Blogs, and +SEÇÕES. The main header features the newspaper's name 'FOLHA DE S. PAULO' and the slogan 'UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL'. Below this, there is a date and time: 'QUINTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2013 12H25'. A secondary navigation bar includes 'TEMAS DO DIA' (REFORMA MINISTERIAL, VISITA DO PAPA, PROTESTOS), 'CLASSIFICADOS', 'TV FOLHA', 'HORÓSCOPO', and 'ACERVO FOLHA'. The main content area is titled 'cotidiano' and features a news article with the headline 'Três são presos ao organizar Marcha da Maconha em SP, diz PM'. The article text states that three young people were arrested for organizing a marijuana march in São Paulo. On the right side, there are social media links for Twitter and Facebook, and a section for 'envie sua notícia' (send your news).

Print screen Folha de São Paulo¹⁹¹.

O sucesso das estratégias de divulgação começava a dar sinal, na efervescência dos comentários, na repercussão e expectativas geradas e até na reação das autoridades. O fórum registra a euforia e contentamento dos participantes, na véspera do evento. O clima solicitava cautela. No dia 7 de maio de 2011 três rapazes da equipe de divulgação foram presos, sob acusação de “apologia

¹⁹¹ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/912799-tres-sao-presos-ao-organizar-marcha-da-maconha-em-sp-diz-pm.shtml> (acessado em: 25/06/2013).

às drogas”. Era um indício do que viria depois, no dia da marcha. Mas o episódio foi superado e o movimento revigorou. Os rapazes foram liberados, com a intervenção dos consultores jurídicos do Growroom, mas o material foi apreendido. Entre satisfeitos e indignados, os ativistas canábicos estavam confiantes no sucesso da marcha. Alguns participantes, mais cautelosos, tomaram medidas legais. Dezesete pessoas conseguiram preventivamente *habeas corpus*, garantindo o direito de comparecer ao evento.

Figura 195

The image is a screenshot of the website [ESTADAO.COM.BR/São Paulo](http://www.estadao.com.br/São Paulo). The page features a blue header with navigation menus for various news categories like 'NOTÍCIAS', 'POLÍTICA', 'ECONOMIA', etc. Below the header, there are several promotional banners, including one for 'vivo' and 'Sony Xperia™ ZQ'. The main content area displays a news article with the headline 'Justiça de SP proíbe a Marcha da Maconha'. The article text states that the São Paulo State Court (TJ-SP) has prohibited the 'March of the Weed' on Saturday, May 21st, at 14h on Avenida Paulista. To the right of the article, there is a video player for 'GALO FRITO' and a 'Digital' subscription offer for R\$ 60,90 per month. The article is attributed to Fabio Mazzbelli.

Print screen Estadão¹⁹².

Apesar dos apelos, a marcha da maconha 2011 em São Paulo foi proibida, e o juiz Teodomiro Mendez concedeu um mandado de segurança, anulando o *habeas corpus* preventivo. A decisão do Tribunal de Justiça (TJ-SP) foi divulgada dia 20 de maio, um dia antes da data prevista para o evento. Isso provocou grande desolação nos participantes, que tanto se esforçaram na organização do evento. Mesmo assim resolveram realizar a marcha. Afinal, estava mesmo tudo pronto: “Quero ver prender

¹⁹² <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,justica-de-sp-proibe-a-marcha-da-maconha,721996,0.htm> (acessado em: 25/06/2013).

a galera toda. Sou chefe de família, tenho ensino superior, pós-graduação *strictu sensu*, sem nenhuma ficha, e vou lá por a cara a tapa!”, postou o participante “Guayamoo”, após saber da proibição. Os perfis dos participantes são bem semelhantes ao de Guayamoo. São jovens, estudantes ou trabalhadores, alguns já casados e a maioria com “ficha limpa”, sem passagem pela polícia. Os poucos, com a “ficha manchada”, tinham sido presos justamente por envolvimento com maconha.

Figura 196



Print screen Estadão¹⁹³.

A marcha foi duramente reprimida. Já que estava proibida, a polícia foi lá e dispersou os cerca de 700 manifestantes, usando os recursos já conhecidos: balas de borracha, gás lacrimogêneo e spray de pimenta, além de prender alguns deles.

Nas postagens do dia 21 de maio de 2011 percebe-se a tristeza geral com o acontecimento, mas eles não pareciam querer desistir. Como todos esperavam, a mídia estava lá. A cobertura completa do episódio foi levada ao ar pela internet, televisão e rádio. A notícia amanheceu estampada nos jornais e, naquela semana,

¹⁹³ <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,marcha-da-maconha-acaba-em-tumulto-na-paulista,722459,0.htm> (acessado em: 25/06/2013).

foi tema das principais revistas de circulação nacional. Vídeos amadores também foram postados no *You Tube* e fotos foram divulgadas nas redes sociais.

As postagens do dia 21 de maio de 2011 chegaram a 40, número bem superior à média diária, de 2,4 postagens. As postagens feitas entre os dias 21 de maio e seis de junho são, na maior parte, sobre o ocorrido, com narrativas sobre as experiências vividas por cada um, com avaliações, lamentações e desabafos.

Figura 197

The image is a screenshot of a news article on the UOL website. The page header includes 'UOL NOTÍCIAS COTIDIANO' and a search bar. The main headline reads 'STF decide que ato por legalização de drogas é liberdade de expressão e libera Marcha da Maconha'. The author is Fábio Brandt, and the article is dated 15/06/2011. A video player is embedded in the article, showing a judge in a courtroom. To the right, there is a 'Veja mais' section with a list of related news items from June 19th, 2011, including 'Mega-Sena pode pagar R\$ 10 milhões hoje' and 'Jovens, adultos e idosos protestam pelas ruas de Barretos (SP)'. A Samsung advertisement is visible at the bottom right of the page.

Print screen UOL¹⁹⁴.

A truculência da polícia com os manifestantes, documentada em todos os seus ângulos, parecia se estender ao próprio público (leitores, telespectadores e internautas), quando atingiam os repórteres e atropelavam cinegrafistas. Respingavam pimenta nos olhos da audiência quando as dirigiam para as lentes das câmeras. O ritmo agitado das filmagens, o corre-corre, os tiros, gritos, explosões e a fumaça compunham um cenário de guerra no centro de São Paulo. Uma guerra desigual, onde jovens desarmados, em uma manifestação pacífica, eram

¹⁹⁴ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/06/15/stf-decide-que-ato-por-legalizacao-de-drogas-e-liberdade-de-expressao-e-libera-marcha-da-maconha.htm> (acessado em: 28/08/2012).

espancados pela tropa de choque da polícia militar, sob as lentes das câmeras. Isso causou uma enorme comoção nacional. Muitos artistas e intelectuais saíram em defesa dos direitos de livre expressão dos manifestantes e, dias depois, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, iria liberar a marcha da maconha definitivamente.

No artigo “STF Libera ‘Marcha da Maconha’”, publicado¹⁹⁵ em 15 de junho de 2011, o ministro Celso de Mello disse que: a “marcha da maconha” seria um movimento espontâneo na sociedade que reivindica, por meio da livre manifestação do pensamento, “a possibilidade da discussão democrática do modelo proibicionista (do consumo de drogas) e dos efeitos que (esse modelo) produziu em termos de incremento da violência” (MELLO¹⁹⁶, 2011). Outros ministros concordaram com o relator, enfatizando a questão da liberdade de expressão. O ministro Ayres Britto, no mesmo artigo, afirmou que “a liberdade de expressão é a maior expressão da liberdade, que é tonificada quando exercitada gregariamente, conjuntamente, porque a dignidade da pessoa humana não se exaure no gozo de direitos rigorosamente individuais, mas de direitos que são direitos coletivamente experimentados” (BRITTO, 2011). A ministra Ellen Gracie, que integra uma comissão internacional que estuda a descriminalização das drogas, confessou que: “sinto-me inclusive aliviada de que minha liberdade de pensamento e de expressão de pensamento esteja garantida” (GRACIE¹⁹⁷, 2011).

Após um período de avaliação e agora com o aval do Supremo, os ativistas canábicos voltam às postagens. A partir de 15 de junho de 2011, o movimento ganha novo fôlego. Todos estão muito animados e o assunto principal, como seria previsível, era a realização da segunda marcha da maconha. Aqueles jovens reunidos ali, virtualmente, continuando suas tarefas, dividindo-se em equipes de trabalho, no corre-corre dos preparativos do próximo evento, talvez nem se tenham dado conta da dimensão daquele acontecimento, deflagrado a partir de ações sócio-políticas colaborativas, acionadas em interações possibilitadas pelas novas tecnologias e ferramentas interativas no ciberespaço. Além da coragem de ir à rua

¹⁹⁵ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,justica-de-sp-proibe-a-marcha-da-maconha,721996,0.htm> (acessado em: 19/08/2012).

¹⁹⁶ STF libera “marcha da maconha”. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=182124> (acessado em: 19/08/2012).

¹⁹⁷ Idem.

“dar a cara a tapa”, conseguiram que fossem mudadas posições repressoras, historicamente estabelecidas na sociedade.

Os manifestantes conseguiram que lhes fosse garantido o direito de livre expressão do pensamento. A partir desse acontecimento, infinitas possibilidades se abrem, não apenas para o movimento antiproibicionista, mas para toda a sociedade. Vários outros assuntos importantes, considerados assuntos tabus, ganham mais visibilidade. Perdeu-se o medo secular de se discutir o aborto, casamento homoafetivo, casamento de padres, entre outras reivindicações. Os direitos das minorias, historicamente negligenciados, são cada vez mais discutidos e debatidos.

Figura 198



Print screen UOL¹⁹⁸.

As postagens seguem normalmente, até dias após a realização da segunda marcha daquele ano. A segunda marcha ocorreu sem problemas. Segundo reportagem no portal da UOL, cerca de 1500 pessoas participaram do evento. A Polícia Militar estava presente, com um efetivo de 280 policiais, “que acompanharam a trajetória da manifestação”. Desta vez, os comentários das postagens no

¹⁹⁸ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/02/marcha-da-maconha-reune-cerca-de-1500-nas-ruas-de-sao-paulo-sem-tumultos.htm> (acessado em: 25/06/2013).

Growroom demonstravam tranquilidade e um notável amadurecimento do grupo. Satisfeitos por tudo ter transcorrido dentro de um clima pacífico, já pensavam em preparar a realização da marcha da maconha 2012.

Considerações Finais

Nem sempre é possível mapear detalhadamente um acontecimento, devido a sua imprevisibilidade. Até em acontecimentos planejados, paira sempre o espectro do imprevisível. Como no caso de uma partida de futebol: mesmo agendada dentro dos calendários esportivos, pouco se pode afirmar seguramente sobre ela, até que aconteça. Mais trabalhoso ainda quando se lida com um discurso que se comporta como um organismo vivo, modificando-se, adaptando-se e se reproduzindo.

O discurso antiproibicionista, como qualquer outro, necessita dos locutores emissores e alocutários destinatários para se reproduzir e sobreviver, em um determinado contexto. Surgiu como uma mobilização das pessoas afetadas pela proibição do uso de drogas e pela “guerra contra as drogas”, que é, na realidade, uma guerra contra pessoas, contra etnias, contra povos.

A finalidade do discurso antiproibicionista é demonstrar a contribuição do proibicionismo na produção do problema mundial das drogas. Conforme esse discurso, os problemas gerados pelo proibicionismo são bem mais devastadores que as próprias drogas, como ocorreu no período da lei seca, nos EUA, e afetam não apenas usuários, mas a toda a sociedade. Com isso, cada vez mais pessoas se opõem a essa ideia. Esta oposição tem se materializado na produção cultural e em acontecimentos tradicionalmente mantidos nas bordas do sistema midiático.

O antiproibicionismo, iniciado com a proibição, sempre precisou de muita criatividade para sua divulgação, caracterizada pela repressão como apologia. As artes e o meio jornalístico driblavam a censura, utilizando-se de construções linguísticas para camuflar mensagens (camuflavam tão bem que não ficavam evidentes, nem mesmo para alguns analistas e críticos de arte).

Na da internet, os *sujeitos canábicos* – produtores do discurso antiproibicionista – encontraram a possibilidade de divulgarem suas ideias nos ambientes fluídos das redes sociais digitais. Elas foram percebidas, nesse estudo, como resultantes de mobilizações de pessoas, para a resolução das questões expostas pelos campos problemáticos que os acontecimentos fizeram emergir. Essas redes, por sua vez, viabilizaram a produção de novos acontecimentos, ao desenvolverem suas estratégias de ação.

Um novo tipo de acontecimento, possibilitado pelo uso das novas tecnologias de comunicação, atrai a atenção de pesquisadores. Designado como ciberacontecimento, sua proliferação traz novas questões não apenas no campo da comunicação, como em abordagens etnográficas, na sociologia e antropologia.

A marcha da maconha é esse tipo de acontecimento. Planejado minuciosamente, se inicia com uma postagem em uma página de um fórum de discussão canábica e se alastra por grafites e pichações, *bottons* e camisetas, jornais e revistas, rádio e televisão. Todo esse material é digitalizado e circula mundialmente, pelas postagens na internet. A pesquisa pode perceber que a marcha da maconha é somente mais uma das várias estratégias de midiatização do discurso antiproibicionista. Nos quatro anos de duração deste estudo, pode ser observado um aumento exponencial de aparições na mídia desse discurso, de modo direto ou entranhado na produção jornalística e cultural. Publicação de livros e revistas, reportagens, documentários e entrevistas de tom antiproibicionista foram ofertados pela mídia.

Como o acontecimento é algo que irrompe à superfície lisa da normalidade, talvez a “superfície lisa da normalidade” seja seu primeiro indício. “*There’s a calm before the storm, I know*”, cantarolam os Ramones. Quando tudo está calmo, parece que logo vai acontecer algo. Mas, a aparente calma rapidamente se dissipa, quando olhada mais de perto. Há um burburinho. O silêncio total se quebra pelo ruído dos pensamentos que soam mais alto que o barulho do teclado, na digitação de e-mails e postagens. Desde a madrugada e logo ao amanhecer, em meio aos ruídos urbanos, acontecimentos estão sendo planejados e logo estarão eclodindo. Redes estão se formando, estão em um corre-corre que se confunde com o movimento da cidade. Lá vão eles, misturando-se aos transeuntes paulistanos, divulgar o discurso antiproibicionista e engendrar mais uma marcha da maconha. Lá vão eles, como diria Torquato Neto, “desafinar o coro dos contentes”.

Os ativistas canábicos aprenderam a utilizar os meios tecnológicos, atualmente disponíveis, para organizar, marcar e divulgar ações sociopolíticas colaborativas que, naquele ano (2011), resultaram em forte repressão policial. O aparato da lei também estava acompanhando *online*. Não apenas a instância de repressão, mas as instâncias do Poder Judiciário também estavam atentas. Após os atos de violência que comoveram a sociedade paulistana e a todo o país, o Supremo

Tribunal Federal resolve liberar a marcha da maconha. Os materiais analisados, as postagens no Growroom, resultaram em ações e práticas coletivas. Serviram para dar mais visibilidade às questões que interessam a uma parcela significativa da comunidade. A rede social, formada em torno do antiproibicionismo e da marcha da maconha, produziu, certamente, um significativo capital social, que é importante, não apenas para os debatedores, mas para o grande número de leitores que acessaram o debate somente para lerem, mesmo sem participarem com postagens.

As afetações, as proposições, as ponderações, a solidariedade demonstrada, a busca de soluções, o bom humor, as ironias, as provocações, as horas de leitura e de respostas, a ambiência: tudo isso demonstra que os sujeitos sociais estão se utilizando, cada vez mais, de ferramentas e lógicas comunicacionais; e protagonizando a busca de solução, de modo coletivo e participativo, das questões que, por lhes afetarem, revelam a possibilidade de criarem laços e relações além dos territórios e fronteiras geográficas, econômicas e sociais. Revelam como novos acontecimentos, antes ignorados e silenciados pela mídia, eclodem, pelas práticas, usos e apropriações, que os novos sujeitos sociais fazem da linguagem e da tecnologia disponível. Mostram que existe a possibilidade de serem produzidos acontecimentos com enorme poder revolucionário, dentro das próprias lógicas da mídia, como empresa, de modo a corroer suas estruturas, como o compartilhamento de arquivos musicais via internet, que implodiu a indústria fonográfica e a obrigou a se reestruturar.

O discurso antiproibicionista possibilita o surgimento de muitos desses novos acontecimentos, que procuram minar a ordem estabelecida, em nome de uma nova ordem. E devem talvez resultar em reflexões sobre a criação de políticas públicas, discutidas pelo conjunto de especialistas em cada área, junto com a sociedade e suas instituições, para repensar os rumos que têm sido adotados e possibilitar as reengenharias necessárias na cidade e na sociedade.

Nesta pesquisa, há o esforço de rastrear, desde os primeiros momentos da construção deste acontecimento no ciberespaço, até momentos após o instante em que seus efeitos começassem a afetar as pessoas a ele expostas. Procurou-se compreender o fenômeno, desde sua origem até sua assimilação parcial. Na verdade, isso somente foi possível porque o material ficou disponível, na internet, por tempo suficiente para ser copiado e armazenado. A liberação da marcha da

maconha, pelo STF, após os incidentes ocorridos no primeiro evento, em São Paulo (2011), foi o acontecimento que despertou a pesquisa para a investigação do passado e do futuro da marcha, acompanhada, a partir de então, pela internet. Os discursos analisados por esta pesquisa estão distribuídos em dezenas de páginas na internet, organizados em um acervo, com vasta informação sobre a *Cannabis sativa*, em livros, vídeos, filmes, jornais, revistas, fóruns de debates, músicas, documentos históricos, pareceres jurídicos, resultados de testes, pesquisas e experiências científicas.

Pode-se observar toda a gênese de um ciberacontecimento: a “marcha da maconha”, que é um acontecimento totalmente concebido, planejado, organizado e divulgado através da internet. Foi observada a ação dos sujeitos “canábicos”, os atores sociais, empenhados na divulgação do discurso antiproibicionista. Puderam-se sentir as emanações de uma ambiência semiótica, nomeada “Canabiosfera”, onde são produzidos e postos em ação os discursos contra a proibição do uso da maconha. Percebeu-se a utilização de uma linguagem própria, ligada à ritualística associada ao consumo de *Cannabis*, que se entranha na produção cultural e jornalística, traficando sentidos que serão dichavados, mais apropriadamente, pelos conhecedores dos seus signos e códigos. Esse compartilhamento de códigos leva a um rápido reconhecimento mútuo, entre os sujeitos canábicos. Um usuário quase sempre reconhece um colega. Esta linguagem se expressa também, por vezes, no estilo, nas roupas e acessórios. A moda disponibiliza inúmeros acessórios e roupas, apreciados pela comunidade canábica. Outras vezes, como no trabalho e no contato público, é preciso ser discreto. O uso de roupas formais, colírio e perfume são maneiras de não ser reconhecido como usuário; mas pequeninos “vacilos” ou “bandeiras” são atos falhos, que podem revelar a preferência secreta.

Pelos aspectos históricos, culturais, intersubjetivos, comunicativos, políticos e econômicos envolvidos, este estudo permitiu algumas observações de importantes fenômenos, que estão situados além das fronteiras do campo da comunicação, sobre os quais se inferiu algo, mas sem a profundidade que teria um trabalho mais específico, nos respectivos campos. Estas são clareiras, abertas em regiões de contato do campo da comunicação com outras ciências, que talvez possam ser aprofundadas por outras pesquisas.

Sobre a questão das drogas, as pesquisas, em todo o planeta, estão avançando, e a cada dia sabe-se mais sobre elas. Esse conjunto de conhecimentos vem, aos poucos, subsidiando as instituições com informações úteis na busca das soluções, como as políticas de redução de danos, como as campanhas contra o tabagismo e as leis de trânsito, que proíbem a condução de veículos, após a ingestão de álcool. Uma das atuais dificuldades está em os governantes admitirem que o uso de drogas seja uma questão que não pode ser resolvida militarmente. É preciso um esforço colaborativo multidisciplinar, para se pensar a sociedade que se quer.

Embora o objeto de estudo desta pesquisa sejam os discursos antiproibicionistas na internet, a pesquisa revelou um rico e diversificado contexto, contendo realidades que, somente após os recentes avanços tecnológicos, puderam ser mais facilmente acessadas. Pela política de enfrentamento dessa problemática, pelos caminhos governamentais trilhados até agora, pela escolha da “guerra contra as drogas” como sua principal prática, percebe-se que todas as grandes pesquisas científicas sobre *Cannabis sativa*, financiadas pelos próprios governos de países como: Estados Unidos, Inglaterra, Espanha e França, foram ignoradas no momento de se traçarem as políticas públicas em relação às drogas. Desde as primeiras pesquisas sobre a *Cannabis*, realizadas na década de 1940, os governos desses países já sabiam que as propriedades da mesma não justificariam sua proibição.

Com a pesquisa, foi possível estabelecer nexos entre ações colonialistas do século XVI com a atualidade, e reconhecer os fatores históricos e econômicos, como principais responsáveis pela criação e agravamento do problema das drogas, cristalizado nas ações exploratórias, realizadas por vários países, como Portugal, Espanha e Inglaterra, em suas colônias.

A Grã-Bretanha invade a Índia e, com isso, consegue controlar as plantações de papoula e a produção de ópio. Após a invasão, passou a estimular a produção e a exportar o produto para os consumidores chineses. Na China, por meio de imposição militar, após a guerra do ópio, mantinha o monopólio da lucrativa venda da droga aos chineses; e na Jamaica, para onde levou milhares de africanos escravizados para plantarem a *Cannabis sativa*, que iria suprir o mercado têxtil europeu, produzindo velas e cordas para navios. As grandes indústrias farmacêuticas, que a partir do século XIX passaram a extrair os princípios ativos de

algumas plantas, utilizadas em rituais culturais de várias etnias, e vendê-los concentrados, sem se preocuparem com as propriedades causadoras de forte dependência de algumas delas. A ação da Coroa portuguesa, que mantinha, no Brasil, plantações em larga escala, utilizando o trabalho de colonos escravizados. Estes, submetidos ao trabalho exaustivo, obtinham, no uso da própria planta, a *Cannabis*, que eram obrigados a cultivar, tratamento de saúde, com os chás medicinais para algumas enfermidades, e recreação, com os cigarros da maconha, fumados em grupos, nas “rodas de fumo”, após o trabalho.

Percebem-se as várias e reais causas históricas da proibição do uso da *Cannabis* e sua ligação com a política de imigração norte-americana, como a perseguição a negros, mexicanos, indianos e outras etnias, e também os interesses econômicos da indústria têxtil algodoeira e do nylon, acirrados com o crescimento da indústria petroquímica. Constata-se que a proibição foi uma construção midiática, baseada em preconceitos e interesses econômicos de conglomerados industriais e de laboratórios farmacêuticos multinacionais. Fica claro, ao analisar as proporções étnicas das comunidades carcerárias no Brasil e nos Estados Unidos, com cerca de 90% de negros e hispânicos, que a guerra contra as drogas está intimamente ligada ao controle, discriminação e repressão dessas etnias. A *Cannabis* foi usada como álibi para a repressão de imigrantes e controle étnico, em vários países, principalmente nos EUA. Ação creditada, pelos autores estudados, à burocracia governamental norte-americana e aos interesses de grupos econômicos, ligados à indústria petroquímica.

Na história da proibição da *Cannabis sativa*, um nome aparece recorrentemente: o de Henry Anslinger, chefe do departamento americano de combate às drogas. O início da demonização da maconha coincide com o fim da lei seca. Durante o curto período (1920 a 1933), em que esteve combatendo a venda de bebidas alcoólicas, o Estado norte-americano montou uma gigantesca máquina repressora, para prender traficantes e comerciantes ilegais, como Al Capone, em Chicago, que montaram grandes e lucrativos esquemas com o consumo ilegal. Sem o controle dos órgãos sanitários fiscalizadores, a qualidade das bebidas caiu, o preço disparou, os bares se tornaram ilegais, porém funcionavam em lugares escondidos e guardados por capangas fortemente armados. Os alambiques

clandestinos transformavam qualquer cereal ou fruta fermentável em álcool, que era vendido a preço de ouro, ou melhor, a preço de cocaína, nos dias atuais.

Após 1933, os “intocáveis” perderam o emprego. Do outro lado, as “sucursais” de Al Capone também perdiam um lucrativo mercado. Porém, aquelas gigantescas máquinas, montadas no período da lei seca, resistiriam à obsolescência. Com a proibição da maconha, Anslinger garantiria seu emprego e daria andamento a seus objetivos de prestígio e poder. A máquina do tráfico, conseqüentemente, teria seu lucrativo mercado garantido. O preço da maconha disparou.

O proibicionismo no Brasil também está fortemente ligado ao controle étnico. A população carcerária brasileira é composta, principalmente, de descendentes de etnias africanas: os negros e os pobres abarrotam o sistema carcerário. O motivo para trancafiá-los é tão descabido como foi a escravidão. Com o fim do trabalho escravo, muitos ficaram desempregados e formaram as populações periféricas das grandes cidades. Como a cor da pele não era mais motivo para prendê-los, uma atividade típica da sua cultura, como o candomblé, a capoeira ou a maconha, poderia ser o motivo da prisão. A própria presença da *Cannabis* em terras brasileiras foi, por anos, atribuída aos colonos, sequestrados na África e trazidos ao Brasil, aprisionados e acorrentados, em “navios negreiros”. Muitos morriam no trajeto. É muito improvável que, mesmo sendo perseguidos na selva por cães e mateiros, eles tenham tido tempo de pegar algumas sementes, para plantarem nas novas terras. A quase esquecida história das feitorias de cânhamo, da Coroa portuguesa, teve que ser lembrada, para atribuir a responsabilidade aos seus reais culpados. Desconstruiu-se, até neste pesquisador, a crença, compartilhada por muitos autores, de que os colonos africanos escravizados tenham sido os introdutores da *Cannabis sativa* no Brasil. Pesquisando fatos históricos recentemente estudados e aprofundados, viu-se que a região que hoje abriga a cidade de São Leopoldo, considerada como “o berço da imigração alemã” (pois é onde realmente se inicia), foi, durante quase meio século, uma grande plantação de cânhamo, para a produção têxtil, com a mão de obra de trabalhadores negros, em regime de escravidão.

Os africanos e seus descendentes, em território brasileiro, foram obrigados, por décadas, a plantar a *Cannabis sativa*. Nesse período, podiam fumar tranquilamente, desde que o trabalho fosse feito a contento. Com a proibição, os principais afetados foram justamente eles, que, pouco antes, estavam submetidos

ao contato obrigatório com a substância proibida. O evento do plantio de cânhamo foi meio “esquecido” na história do país. Somente após a frequente aparição do tema na mídia, a história das antigas feitorias volta a ser conhecida e estudada.

Pode-se ver que o proibicionismo desencadeou uma sangrenta luta contra as drogas, que ceifou mais vidas que em muitas outras guerras, sem ter diminuído nem o uso nem o tráfico e sim, pelo contrário, aumentado o poder dos traficantes e a corrupção das instituições públicas. Boa parte dos países da América Latina, como México, Bolívia, Colômbia e Paraguai, enfrentaram grandes problemas com o combate às drogas. Por serem signatários de tratados proibicionistas internacionais, tiveram suas economias devastadas pela guerra contra as drogas, aumentando os índices de violência e criminalidade, associados ao tráfico.

O discurso antiproibicionista surge como reação ao proibicionismo instituído, pelo livre direito do cidadão de fazer escolhas que não prejudiquem outras pessoas. Os questionamentos sobre a proibição são fartamente encontrados em toda a produção cultural, desde 1961, quando a droga foi proibida mundialmente. Nas letras de músicas, em filmes, poesias, pichações, grafites, tatuagens, documentários e pesquisas, reportagens e artigos jornalísticos a *Cannabis sativa* é mostrada como uma planta com muitas utilidades medicinais, industriais e recreativas que, embora não seja de todo inofensiva, a relação custo/benefício lhe seria favorável, e que a quantidade de aplicações de suas propriedades justificariam sua legalização.

O discurso antiproibicionista tenta mostrar que o proibicionismo e todo o aparato repressor do Estado não conseguem evitar o uso de drogas. A punição é mais evidente que a prevenção. O antiproibicionismo apropria-se de argumentos favoráveis em outras instâncias do conhecimento, como as pesquisas médicas e o uso farmacológico da *Cannabis*. A redução de danos é outro forte argumento para o plantio em casa. O antiproibicionismo procura mostrar que, no caso da *Cannabis*, é melhor plantar em casa do que se submeter ao contato com o traficante, à ida a locais perigosos, para adquirir o produto, e à possibilidade de encontrar a polícia na volta para casa.

O uso industrial é mais um argumento utilizado para a legalização. Surge exibindo roupas, sapatos e vários produtos feitos da *Cannabis*, compondo um

discurso que procura se apoiar nas lógicas econômicas, médicas, históricas, sociais e jurídicas, como sustentáculo de seus propósitos.

Ao contrário do que possa parecer, o antiproibicionismo não é apenas resultado da insatisfação de usuários de drogas, com a proibição. Centenas de entidades respeitáveis, ao redor do mundo, pedem o fim da proibição. A comunidade científica tem, cada vez mais, entre seus membros, defensores da legalização da *Cannabis sativa*, pelas múltiplas potencialidades terapêuticas que esta apresenta. Artistas, antropólogos, advogados, estudantes, juízes, ex-presidentes, professores, estilistas, industriais, médicos, neurocientistas, historiadores, jornalistas e pesquisadores de diversas áreas compartilham o pensamento antiproibicionista, como forma de combate ao tráfico. Os próprios membros do Poder Judiciário, como: juízes, promotores, delegados e policiais, já têm uma associação internacional (ALCP), preocupada com os danos gerados “por esta devastadora e sangrenta guerra” que, segundo eles, superam, em muito, os danos causados pelas próprias drogas.

Sobre os processos midiáticos, considera-se que os estudos sobre o acontecimento jornalístico, nesse novo contexto, permeado pela comunicação mediada por computador, tenham sido os que apresentaram resultados mais promissores, surpreendentes e instigantes. Tudo no universo midiático começa com um acontecimento bruto em busca de um canal de expressão. É a partir dele que se lubrificam e movimentam as engrenagens midiáticas, que o utilizam como propulsor. Repórteres (e suas fontes), fotógrafos, redatores e editores se mobilizam. Investigadores e analistas são acionados e permanecem “de plantão”, atentos a qualquer novidade e aos eventuais desdobramentos. As pessoas, que de algum modo são afetadas pelo acontecimento e suas consequências, formarão redes colaborativas e cooperativas, na busca de soluções para as situações que se estabeleceram.

Pesquisar e compreender os acontecimentos jornalísticos e midiáticos e toda a trama que os envolvem, são exercícios analíticos, que revolvem todo o aprendizado, teórico e prático, da comunicação social. Exige uma constante atualização e renovação. Isso determinou ao pesquisador uma forte imersão epistemológica e metodológica, além de aprofundamento dos conhecimentos sobre as práticas jornalísticas, sobre semiótica, sobre métodos de análise de discursos e

as clássicas teorias da comunicação. Em uma conjuntura marcada pelas novas lógicas comunicacionais e pelo contexto de forte avanço tecnológico, os estudos dos processos que ocorrem na mídia e na sociedade tornam-se tarefas bastante árduas e complexas.

Para tarefas com esse peso e complexidade, a Perspectiva Transmetodológica oferece robustas ferramentas de estudo, ao permitir que a criatividade se exprima de maneira produtiva, na interpretação dos fenômenos da comunicação. Este trabalho traz aos pesquisadores, algumas estratégias alternativas para a análise de acontecimentos jornalísticos que são produzidos em diferentes mídias e suportes, como textos, atitudes, fotos, sons, vídeos, passeatas, moda e tatuagens. A Análise Flutuante Transmetodológica se mostrou eficiente na exploração e investigação do discurso antiproibicionista, e pode ser útil para trabalhar com os vários discursos polêmicos que povoam a internet, como a questão do aborto, do celibato na Igreja Católica e o casamento homo afetivo; e para a percepção da existência de subculturas e ambiências semióticas, no interior da semiosfera.

Sobre a evolução tecnológica nota-se que aparentemente está bem mais acelerada que a evolução da própria humanidade e suas instituições: tem-se, por um lado, abundante tecnologia de produção de alimentos e, pelo outro, populações inteiras submetidas à fome; a arquitetura moderna desafia a gravidade em belíssimos monumentos e muitos não têm onde morar; pesquisas com células tronco avançam, modernos equipamentos de ressonância magnética são criados e muitos ainda morrem de doenças como tuberculose; têm-se estudos super avançados em alguns centros e populações inteiras ainda sem alfabetização, em outros. Muitos equipamentos e medicamentos, tecnologias e softwares, amplamente utilizados, são “caixas pretas” para a maioria da população. Infere-se daí grande responsabilidade de se educar as futuras gerações para que as defasagens (*hard & soft*) em todas as áreas sejam minimizadas; para que os benefícios do conhecimento sejam compartilhados pelo maior número possível de pessoas, no mesmo ritmo em que este evolui, e que essas “caixas” repletas de tecnologias sejam mais transparentes.

A alucinante evolução tecnológica experimentada pela humanidade, em todas as áreas, parece ser resultante da necessidade humana de comunicação, que tem sido propulsora da criação de equipamentos e produção de novos conhecimentos.

Boa parte da tecnologia atualmente disponível veio da busca do homem de desenvolver mecanismos que possibilitassem a comunicação à distância. A produção dos aparatos comunicativos, desde tambores, sinais de fumaça, linguagem, escrita, papel, lápis, canetas, correio, jornais, telégrafo, telefone, rádio e televisão mobilizaram, ao longo de séculos, milhares de cientistas, técnicos e engenheiros que os desenvolveram. Durante décadas, os cursos, como o de engenharia eletrônica, foram voltados para a produção e manutenção de equipamentos de comunicação (os componentes internos de um televisor: bobinas, resistores, capacitores, válvulas, diodos, transistores, alto-falantes, tubo ou tela de cristal, circuitos integrados, são básicos em qualquer apetrecho eletrônico). Toda a eletrônica moderna, inclusive a utilizada em celulares, computadores e naves espaciais é tecnologia herdada das pesquisas científicas para produção de equipamentos de comunicação. Nesse exato momento a ciência está produzindo equipamentos e softwares que tornarão os atuais obsoletos.

Os equipamentos de comunicação e processamento de informação estão sendo miniaturizados e tornam-se parte de outros equipamentos. Milhares de câmeras e microfones parecem filmar e gravar tudo que acontece na sociedade; as conexões em redes estão mais disponíveis, compatíveis e velozes. A produção cultural está quase toda digitalizada e pode circular velozmente pela internet. E, em breve, teremos mais uma extraordinária ferramenta de interação global, muito mais veloz e potente do que possam imaginar os internautas hoje.

Esses novos equipamentos estão cada vez mais sofisticados e, ao mesmo tempo, mais amigáveis e ergonometricamente integrados ao corpo humano, ampliando a visão, a audição e a memória, multiplicando o alcance dos membros e sentidos e, até mesmo, penetrando e substituindo partes do próprio corpo. Seja qual for a ferramenta interativa disponível, a raça humana vai sempre interagir, produzir linguagens e disputar sentidos nos ambientes semióticos criados. Pelo menos, é isso que tem feito, desde os primórdios.

Constata-se a grande utilidade da internet como ferramenta, como campo e como objeto de pesquisa. Graças à grande rede o acesso à informação se dá em uma escala jamais vista. A internet se tornou aquilo em que os usuários a transformaram. Foram os usos que se fizeram das potencialidades da internet que a

tornaram o que é hoje. Assim como o uso dos recursos que já existiam, antes dela, resultaram também nas ações colaborativas que possibilitaram tantos avanços.

A internet se consolidou como o palco central das ações antiproibicionistas. Puderam ser observadas várias atividades cooperativas em rede, onde esses novos sujeitos sociais, e suas novas demandas, estão interligados por redes cooperativas, trocando informações, relatando suas experiências, ilustradas com fotos, vídeos, e embasadas em estudos de múltiplos campos científicos. Usuários trabalhadores de diversas profissões, não identificados com a imagem estereotipada do maconheiro (vagabundo, desocupado, alienado, esquizofrênico, ladrão, traficante, perigoso), construída historicamente pelo proibicionismo; organizam-se em redes cooperativas, trocando informações sobre plantio em casa e de estratégias de apoio jurídico que lhes garanta um uso, longe dos traficantes e da polícia. A internet tornou-se um local onde todos os grupos ficam a vontade para se reunirem, para conversar, namorar, planejar, aprender, ensinar, atualizar conhecimentos. Falar de seus sonhos e convicções, suas verdades e suas dúvidas. Esse espaço, quase sem censura, é o ideal para o discurso antiproibicionista expor seus argumentos contra o discurso proibicionista institucionalizado.

Como tem mostrado a história, ao longo dos anos, muitas pesquisas importantes, em vários campos, estão, por uma série de motivos, fadadas ao esquecimento institucional. Com a presente pesquisa, não se tem a ilusão de mudar os rumos da história, mas procurou-se contribuir, de alguma forma, para ampliar os conhecimentos de pesquisadores interessados no assunto.

Esta pesquisa, como um acontecimento, acende uma luz sobre alguns trechos obscuros do passado, lança olhares para o futuro, expõe um campo problemático e as ações em busca de soluções. Desenvolver um estudo como este afeta profundamente o ser humano que nele se empenha. Algumas crenças arraigadas foram demolidas pelas revelações alcançadas; ligeiras suposições e especulações se tornaram novas e contundentes verdades; os caminhos nebulosos e amedrontadores, dos primeiros passos, vão, aos poucos, se tornando vias de fácil acesso; espectros tênues e distorcidos se tornam imagens claras e inteligíveis; os incompreensíveis emaranhados teóricos se mostram ferramentas de prático manuseio, e as tímidas metodologias se transformam em poderosos paradigmas. Ao

finalizar a pesquisa já não se é mais a mesma pessoa que a iniciou: cada descoberta traz novo fôlego para a empreitada seguinte.

Referências bibliográficas

- ACSELRAD, Gilberta. A Construção Social do "Problema" das Drogas. *Democracia Viva*, n.15, p.12-19, São Paulo, mar./abr. 2003.
- ADIALA, Júlio César. O Problema da Maconha no Brasil: Ensaio Sobre Racismo e Drogas. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1986.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. *La Construcción de la Notícia*. Barcelona: Paidós, 1989.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. *Los Modelos dela Comunicación*. Tecnos, Madrid, 1995.
- AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. *Alguns Aspectos da Semiótica da Cultura de Iúri Lótman*, São Paulo, 2012.
- ANDRADE, Arthur Guerra de. O Uso de Drogas nas Universidades. *Revista de Cultura: IMAE*, v. 4, n. 9, p. 30-42, jan./jun. São Paulo, 2003.
- ANTUNES, Elton. Acontecimento, Temporalidade e a Construção do Sentido de Atualidade no Discurso Jornalístico. *Revista Contemporânea*, vol. 6, nº. 01. 2008.
- ARATANGY, Lidia Rosenberg. *Doces Venenos - Conversas e Desconversas Sobre Drogas*. Olho D'água, São Paulo, 1991.
- ARDÉVOL E. et al. Etnografia Virtualizada: La Observación Participante y la Entrevista Semiestructurada en Línea. *Athenea Digital*, 3, 2003, p. 72-92. Disponível em: www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewFile/34111/33950 (acessado em: 17 jan. 2011).
- ARIAS, Rafael Diaz. *Ciberacontecimientos y Conocimiento Compartido*, 2008. <http://periodismoglobal.com/?s=ciberacontecimiento> (acessado em: 18/08/2013).
- BABO-LANÇA, Isabel. A Constituição do Sentido do Acontecimento na Experiência Pública. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Nº. 06. Primavera. 2005.
- BACHELARD, Gastón. *A Epistemologia*. Ed. 70, Lisboa, 1981.
- BARROSO, Kall Lyws Sales e PROCÓPIO, Eliabe. Adaptação Fílmica Como Tradução: Transmutação de Signos Entre Sistemas Semióticos. *Revista Philologus*, Ano 18, Nº 54. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2012.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ª Ed. Bertrand Brasil. 1987.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, Charles. *Paraísos Artificiais*. Porto Alegre: LP&M, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. in: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BECKER, Howard S. *Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERGER, Christa e CARVALHO, Frederico M. B. Tipologias do Acontecimento Jornalístico. In: SBPCJOR - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. USP (Universidade de São Paulo), 2009.

BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. A Era Glacial do Jornalismo, vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BERTAUX, Daniel. Los Relatos de Vida. Perspectiva Etnosociológica. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

BERTRAND, Claude Jean. O Arsenal da Democracia: Sistemas de Responsabilização da Mídia. São Paulo: Edusc, 2002.

BOON, Marcus. The Road of Excess: A History of Writers on Drugs. Cambridge: Harvard UP, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos Meios e Mensagens Introdução à Comunicação Como Processo, Tecnologia, Sistemas e Ciência. Petrópolis. Ed. Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. Contrafogos. Rio de Janeiro: Zahar: 1998.

BOURDIEU, Pierre (coord.). A Miséria do Mundo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: Crítica Social do Julgamento - Tradução: Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

BRAGA, José Luiz, Comunicação, Disciplina Indiciária. Matrizes, v. 1, p. 73-88, 2008.

BURGIERMAN, Denis Russo. A Verdade Sobre a Maconha. In: revista Super Interessante, número 179, agosto de 2002.

BURKE, Peter. A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa. In: A Escrita da História. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992.

BRAGANÇA DE MIRANDA, José A. O Acontecimento Como Invenção Necessária da História. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Nº. 06. Primavera. 2005.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e Ensino. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.

CARDOSO, Ruth C. L. Subcultura: uma Terminologia adequada? Cadernos de pesquisa, São Paulo, nº 14, 1975.

CARLINI, Elisaldo. A História da Maconha no Brasil. São Paulo: CEBRID, 2006.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CEBRIÁN, Juan Luiz. O Pianista de Bordel. Jornalismo, Democracia e as Novas Tecnologias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

- CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia - O Discurso Competente e Outras Falas. 4ª ed. S. Paulo. Ed. Cortez. 1989.
- CORTINA, Adela. Cidadãos do Mundo: Para Uma Teoria da Cidadania. Trad. de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.
- DELEUZE, Gilles – Lógica do Sentido, tr. br. de Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1982.
- ECO, Humberto & SEBEOK, Thomas. O signo de três. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FAUSTO NETO, Antônio. Morte em Derrapagem; Os Casos Corona e Cazuzo no Discurso da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo ed., 1991.
- FAUSTO NETO, Antônio. O Impeachment da Televisão; Como se Cassa um Presidente. Rio de Janeiro, ed. Diadorim, 1995.
- FAUSTO NETO, Antônio. Comunicação de Massa e Produção de Sentido – Campo dos Mídias e Discursos Sociais: Aspectos Teóricos e Metodológicos. Rio de Janeiro, 1997.
- FAUSTO NETO, Antônio – Mediatização – Prática Social, Prática de Sentido – Texto Rascunho Circulação Interna – PPG-CPM. 2005.
- FERNANDES, Rubens César. *Privado, Porém Público*. Rio de Janeiro. Relume Duramá, 1994.
- FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. Coca-Light? – Usos do Corpo, Rituais de Consumo e Carreiras de “Cheiradores” de Cocaína em São Paulo. Salvador, 2007.
- FERRARETO, Luiz Artur. No Ar Rádio – O Veículo, a História e a Técnica. Porto Alegre. Sagra. 2001.
- FERRARI, Eduardo Reale. Nova Lei de Tóxicos: Ausência de Política Preventiva e suas Aberrações Jurídicas. Revista Brasileira de Ciências Criminais, São Paulo, v.11, n.42, p.281-294, jan./mar. 2003.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. Periódicos: Sistemas Complejos, Narradores en Interacción. Buenos Aires: La Crujía, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo. Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão; Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, Uma Entrevista: Sexo, Poder e Política. Tradução de W. F. do Nascimento. In: Verve, São Paulo, Nu-Sol, v. 5, 2004.
- FOUCAULT, Michel. As “Reportagens de Ideias”. In: C. BERGER e B. MAROCCO (Orgs.). Ilha do Presídio, Uma Reportagem de Ideias, 2008.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de Pesquisa para Internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRAGOSO, Suely; HENN, Ronaldo; REBS, Rebeca. Proposta de uma taxonomia de lugares online. 2009. Disponível em:

http://www.academia.edu/2981698/Proposta_de_uma_Taxonomia_dos_Lugares_Online (acessado em: 18/09/2013).

GALINDO CÁCERES, Jesús (Coord.) Técnicas de Investigación en Sociedad, Cultura y Comunicación. México: Pearson/Addison Wesley Longman, 1998.

GARCIA CANCLINI, Nestor. Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 2005.

GARCIA CANCLINI, Néstor. Consumidores e Cidadãos, Rio de Janeiro. UFRJ, 1996.

GELLNER, Ernest. Condições da Liberdade - A Sociedade Civil e Seus Rivais. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 1994.

GINZBURG, "Carlo. Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário", in: Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História [1986]. São Paulo, Companhia da Letras, 1989.

GOMIS, Lorenzo. Teoria Del Periodismo. Cómo se Forma el Presente. Barcelona: Paidós, 1991.

GORTARI, Eli de. "Dominio de La lógica" e "Estructura Del Conocimiento", In: Introducción a La Lógica Dialéctica. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

GUBER, Rosana. El Salvaje Metropolitano – Reconstrucción del Conocimiento Social. Buenos Aires: Paidós, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Corpo e Forma. Ensaio Para Uma Crítica Não-Hermenêutica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

HARTMANN, Arlete. Uso de Drogas: Crime ou Exercício de um Direito? Porto Alegre: Síntese, 1999.

HENN, Ronaldo César. Pauta e Notícia: Uma Abordagem Semiótica. Canoas, Ulbra, 1996.

HENN, Ronaldo César. A Dimensão Semiótica da Violência. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004.

HENN, Ronaldo César. Direito à Memória na Semiosfera Mediatizada. Revista Fronteiras – Estudos midiáticos, n. 3, v.8, São Leopoldo, 2006, p.177-184.

HENN, Ronaldo César. Sorry Periferia: as Tensões Midiáticas Nas Fronteiras Culturais. In: XXX Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. XXX Intercom 2007 - Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2007.

HENN, Ronaldo César. Do Documentário ao Jornalismo: Acontecimento, Tempo e Memória em Cabra Marcado Para Morrer. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. UEMESP. São Paulo, 2008.

HENN, Ronaldo César. O Acontecimento em Sua Dimensão Semiótica. In: SBPCJOR - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. USP (Universidade de São Paulo), novembro de 2009.

HENN, Ronaldo César e SALLET, Beatriz. Novas Narrativas Fotográficas no Ciberjornalismo: O Acontecimento no Campo do Sensível. Mundo Imagem: fotografia e experiência. Volume 15, número 01. Rio de Janeiro, UFRJ, 2011.

HENN, Ronaldo César. Apontamentos Sobre O Ciberacontecimento: O Caso Amanda Tood. XXII Encontro Anual da Compós, Salvador, UFBA, 2013.

HINE, Cristine. Etnografia Virtual. Barcelona: UOC, 2004.

HERER, Jack. The Emperor Wears No Clothes. Ah Ha Publishing, Van Nuys, CA. 1985.

JAPIASSU, Hilton. Questões Epistemológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JENSEN, Klaus Bruhn; JANKOWSKI, N. W. (eds.). Metodologias Cualitativas de Investigación en Comunicacion de Masas. Barcelona: Bosch, 1993.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Editora Aleph, 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Ciberacontecimentos - Reflexões Etnográficas Sobre o Extraordinário no Mundo On-Line, Civitas, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 361-372, maio-ago. 2011.

KALANT, Harold; CORRIGALL, William, A.; HALL, Wayne; SMART, Reginald G. (eds.). The Health Effects of Cannabis. Toronto: Centre for Addiction and Mental Health, 1999.

KARAM, Maria Lucia. Drogas a Irrracionalidade da Criminalização. Notícia do Direito Brasileiro: Nova Série, Brasília, n. 2, p. 49- 63 jul/dez 1996.

KUHN, Thomas, Estruturas das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva. 1987.

LARANJEIRA, Ronaldo (Coord.). Usuários de Substâncias Psicoativas, Abordagem, Diagnóstico e Tratamento, Publicação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. "Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss". In: Mauss, Sociologie et Anthropologie. Paris: 1950.

LOPES, Maria Immacolata (org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LÓPEZ-ESCOBAR, Esteban. Edward Ross: um Diagnóstico Precoce da Imprensa Capitalista. In: Christa BERGER e Beatriz MAROCCO (Orgs.). A era glacial do jornalismo, vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 83-86.

LÓTMAN, Iúri. La Semiosfera I. Tradução de Desidério Navarro, Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LUCENA, J. Os Fumadores de Maconha em Pernambuco. Arq. Assist. Psicopatas, 4: 55-96, 1934.

MACHADO, Irene. Um Novo Domínio de Ideias Científicas Para o Estudo da Cultura, 2006. Disponível em: <http://www.pluricom.com.br/forum/semiosfera-br-um-novo-dominio-de-ideias> (acessado em: 10/08/2013).

MACHADO, Márcia Benetti; JACKS, Nilda. O Discurso Jornalístico. Brasília: Compós, 2001.

MacRAE, E. e SIMÕES, J. A Subcultura da Maconha, Seus Valores e Rituais Entre Setores Socialmente Integrados, In: Drogas e Pós-modernidade - Faces de um Tema Proscrito. Batista, M., Cruz, M.S. e Matias, R.(orgs.). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003.

MALDONADO, A. Efendy. Produtos Midiáticos, Estratégias, Recepção. A Perspectiva Transmetodológica, In: Revista Ciberlegenda, nº 9, ano IV, 2002 (www.uff.br/ciberlegenda).

MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia (org.), Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Desafios na Prática Investigativa. João Pessoa, Editora UFPB, 2008.

MARCONDES FILHO. Ciro. Ser jornalista. A Língua Como Barbárie e a Notícia Como Mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

MARSHALL, Leandro. O Jornalismo na Era da Publicidade. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de Cartógrafo - Travessias Latino-Americanas da Comunicação e da Cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MATURANA R., Humberto; J. VARELA, Francisco. Autopoiesi e Cognizione: la Realizzazione del Vivente. 3ª ed. Venezia: Marsilio Editori, 1992.

McCORMICK, Todd. How to Grow Medical Marijuana. Medical Marijuana Press, Los Angeles, 1998. <http://www.amazon.com/Grow-Medical-Marijuana-Todd-McCormick/dp/0967659205> (acessado em: 14/06/20013).

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos Sociais Como Acontecimentos: Linguagem e Espaço Público. Lua Nova. São Paulo. 2007.

MENZ, Maximiliano M. Os Escravos Da Feitoria Do Linho Cânhamo: Trabalho, Conflito E Negociação, Afro-Ásia, número 32, p. 139 a 158. 2003.

MOILLAUD. Maurice. Crítica do Acontecimento ou Fato em Questão. In: Jornal da Forma Ao Sentido. Brasília. Paralelo 15, 1987.

NORA, Pierre. O Regresso do Acontecimento. In: História – Novos Problemas. NORA, Pierre e LE GOFF, Jacques – Bertrand Editora. 1979.

NORRIS, Christopher. Epistemologia, Conceitos-chave em Filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Felipe e HENN, Ronaldo. Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: SBPJor, 2013.

OLIVEIRA, Sandra da Rocha Marmo de. Ideologia no Discurso Sobre Drogas. Brasília: UnB, 1992.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. La Investigación en Comunicación Desde la Perspectiva Cualitativa. La Plata, Universidad Nacional de la Plata, 1996.

ORTIZ, Renato, Cultura Brasileira e Identidade Nacional. Brasiliense, 3º. edição. São Paulo. 1985.

PAIS, José Machado. Sociologia da Vida Quotidiana. 3ª ed. Lisboa: ICS, 2007.

PEIRCE, C. S. A Fixação da Crença. *Popular Science Monthly* 12 (November 1877), pp. 1-15. (Tradução de Anabela Gradim Alves, disponível em: <http://www.lusofia.net> – acessado em: 17 /01/2011).

PEIRCE, C. S. *Semiótica - The Collected Papers 01 Charles Sanders Peirce*. (Tradução: José Teixeira Coelho Neto). Coleção Estudos. Editora Perspectiva, São Paulo, Brasil 2003.

PINTO, Milton. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.

PINTO, Milton José. *As Marcas Linguísticas da Enunciação. Esboço de Uma Gramática Enunciativa em Português*. Numem. Rio de Janeiro, 1994.

PONTE, Cristina. *Media e Acontecimentos (Com) Sentidos*. *Trajectos, Revista de comunicação, cultura, educação*. N°. 06. Primavera, 2005.

POPPER, Karl Raimund. *Conhecimento objetivo. Uma Abordagem Evolucionária*. São Paulo: EDUSP, 1975.

PRADO, José Luiz Aidar (Org). *Crítica das Práticas Midiáticas (da sociedade de massa às ciberculturas)*. São Paulo. Hacker, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*, in: *Por uma Análise Automática de Discursos*. F. Gadet e T.Hak (orgs.), Unicamp, São Paulo. 1987.

PINTO, Milton José. *As Marcas Linguísticas da Enunciação. Esboço de uma Gramática Enunciativa em Português*. Numem. Rio de Janeiro, 1994.

POTEBNIÁ, A. A. *Palavra e Mito*. Moscou, Pravda, 1989.

QUÉRÉ, Louis. *Entre Facto e Sentido: a Dualidade do Acontecimento*. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n. 6, 2005.

RAMIREZ MONAGAS, Bayardo et al. *La Cuestion de las Drogas en America Latina*. Caracas: Monte Avila, 1991.

REBELO, José. *Prolegómenos à Narrativa Mediática do Acontecimento*. In: *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 8-9, 2006.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais Na Internet*, 2ª Ed. Porto Alegre. Sulina. 2011.

RIBEIRO, Marcelo e MARQUES, Ana C. P. R. *Maconha: Abuso e dependência*. In: LARANJEIRA, Ronaldo (Coord.). *Usuários De Substâncias Psicoativas, Abordagem, diagnóstico e tratamento*, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Experiência, Modernidade e Campo dos Media*. In: *Reflexões Sobre o Mundo Contemporâneo*. UFPI/Editora Revan. Rio de Janeiro, 2000.

ROSS, Edward Alsworth. *A Supressão das Notícias Importantes*. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. *A Era Glacial do Jornalismo*, vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RUBIN, Vera D. *Introduction*. In: *Cannabis and Culture*, Rubin, V. (org.) Haia, Paris. Mouton Publishers, 1975, p.1-10.

SANTAELLA, Lúcia. *O Que É Semiótica - Col. Primeiros Passos*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e Artes do Pós-humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *Da Cultura das Mídias à Cibercultura: O Advento do Pós-humano*. Revista FAMECOS, nº 22, dezembro de 2003, quadrimestral, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Um Discurso Sobre a Ciência*. 7ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a Uma Ciência Pós-moderna*. 6ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, José Manuel. *Da Perca do Mundo à Sociedade dos (mega) Acontecimentos*. In: *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa Nº. 06, 2005.

SANTOS, Rafael Guimarães. *Falta Ciência na Discussão Sobre a Maconha*. Folha de S. Paulo, 2010. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2209201007.htm> (acessado em: 25/09/2013).

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 2º ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. (1998), *Cidadania Sem Fronteiras: Ações Coletivas na Era da Globalização*. Hucitec, Rio de Janeiro, 1999.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da; SILVEIRA, Evelyn Doering Xavier da. *Um Guia Para a Família*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 1999.

SILVEIRA, D. Xavier. *Cannabis Pode Realmente Causar Esquizofrenia?* In: Dartiu Xavier da Silveira; Fernanda G Moreira. (Org.). *Panorama atual de drogas e dependências*. 1º. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

SILVEIRA, Fabrício. *Remediação e Extensões Tecnológicas do Grafite*. *Galáxia*. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC – SP, n.14 (dezembro 2007). São Paulo: PUC – SP, EDUC, 2007.

SILVERSTONE, Roger. *Por Que Estudar a Mídia?* Tradução de Milton Camargo Mota. Editora Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. *A Sedução dos Acontecimentos Violentos*. Rio de Janeiro, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. *Por Que as Notícias São Como São? Construindo Uma Teoria da Notícia*, Universidade Fernando Pessoa, 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>.

SORIANO, Jaume. *Las Nuevas Reglas de la Etnografía de La Comunicación*. Portal de la Comunicación. Instituto de La Comunicación (InCOM) de la UAB (Universidade Autônoma de Barcelona), Barcelona, 2007. Disponível em: http://www.portalcomunicacion.com/por/pdf/aab_lec/48.pdf (acessado em: 17 jan. 2011).

STRINATI, Dominic. Cultura Popular: Uma Introdução. São Paulo. Hedra. 1999.

VAN DJIK, Teun A. Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.

VELOSO, Roberto. A Descriminalização da Maconha. Fonte: http://www.portalaz.com.br/coluna/roberto_veloso/224425_a_descriminalizacao_da_maconha.html (acessado em: 01/08/2011).

VERÓN, E. Construir el Acontecimiento, Barcelona: Gedisa, 1995.

WINKIN, Yves. A nova Comunicação: da Teoria ao Trabalho de Campo. Campinas: Papyrus, 1998.

ZINBERG, N. "The Social Setting as a Control Mechanism in Intoxicant Use", In: Lettieri, D.J., Mayers, M., Pearson, H.W. (eds.) Theories on Drug Abuse, NIDA Research. Monograph 30. NIDA, Rockville, 1980.

Anexos

Postagens sobre a marcha da maconha

Justiça de SP proíbe a Marcha da Maconha

Manifestação está marcada para este sábado, 21, às 14h na Avenida Paulista
20 de maio de 2011 | 20h 13. O Estado de S. Paulo

SÃO PAULO - O Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) proibiu na noite desta sexta-feira, 20, a realização da Marcha da Maconha, marcada para este sábado à tarde na capital paulista.

A decisão do desembargador Teodomiro Mendez, da 2ª Câmara de Direito Criminal do TJ, foi motivada por uma ação movida pelo Ministério Público Estadual, que enxerga no movimento o crime de indução ou instigação ao uso de drogas.

Os organizadores afirmam que adaptarão a manifestação por um ato em prol da liberdade de expressão, que sairá às 14h deste sábado da Avenida Paulista e seguirá pela Rua da Consolação até os limites da Praça Roosevelt, na região central. O itinerário foi definido ontem à tarde em reunião com o comando da Polícia Militar, antes da decisão judicial que impede a maconha como tema central da marcha.

"Como ocorreu no ano passado, vamos negociar com a polícia para sair em marcha pela liberdade de expressão, já que em todos os anos que organizamos o movimento as proibições ocorrem de última hora em São Paulo", diz o estudante Júlio Delmanto, um dos integrantes do movimento.

Para proibir a Marcha da Maconha, o argumento usado pelo desembargador Mendez é que o evento "não trata de um debate de ideias, apenas, mas de uma manifestação de uso público coletivo de maconha, presentes indícios de práticas delitivas no ato questionado, especialmente porque, por fim, favorecem a fomentação do tráfico ilícito de drogas (crime equiparado aos hediondos)".

Mendez leva em consideração também o local e o horário escolhidos para a marcha: "logradouro público e turístico, para onde podem convergir indistintamente crianças e adolescentes, o que denota imperativa a concessão da medida cautelar, para que, de pronto, sejam despendidos esforços por partes das autoridades constituídas no sentido de impedir a realização do evento e evitar possíveis danos à coletividade".

No processo, o desembargador Teodomiro Mendez concedeu um mandado de segurança que anula o habeas corpus preventivo que dava a 17 pessoas o direito de integrar a marcha. Essa primeira decisão judicial fora tomada no final de abril por um juiz do Departamento de Inquéritos Policiais e Corregedoria da Polícia Judiciária da capital, motivada por uma ação dos manifestantes.

<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,justica-de-sp-proibe-a-marcha-da-maconha,721996,0.htm> (acessado em: 19/08/20012).

Marcha da Maconha acaba em tumulto na Paulista

22 de maio de 2011 | 0h 00

Guilherme Waltenberg e Mariana Lenharo - O Estado de S.Paulo

A Polícia Militar e cerca de mil manifestantes entraram em confronto ontem à tarde durante a Marcha da Maconha, na Avenida Paulista. Ao menos dois manifestantes foram detidos e levados ao 78.º DP. Eles foram soltos no fim da tarde. Cerca de 10 participantes tiveram ferimentos leves. Depois de proibida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo na sexta-feira, a marcha fez seu trajeto entre o vão livre do Masp, na Paulista, e a Praça Dom José Gaspar, no centro, como "marcha pela liberdade de expressão".

A Tropa de Choque foi acionada para impedir que os participantes bloqueassem o trânsito e usou bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha. Os conflitos começaram quando o estudante Alex Soares, de 21 anos, foi preso ao pichar o Masp.

Segundo um dos organizadores do ato, o jornalista Pedro Nogueira, a organização pediu aos participantes para cumprir a ordem de não fazer apologia à droga e nem cometer atos de vandalismo. "Mas não temos como controlar todos", disse ele, ressaltando que a ação da polícia foi abusiva. "Em todas as manifestações, a polícia faz uma raia para isolar o trânsito e ajuda a organizar o ato. Tentei dialogar com eles, mas começaram a jogar bomba."

O mestrando em História Júlio Delmanto afirmou que foi detido quando questionou o capitão Del Vecchio - responsável pela operação - sobre o motivo de a Tropa de Choque ter entrado em ação. "Eles tinham prometido cobertura motorizada da manifestação para zelar pelos manifestantes, mas chegaram lá dispostos a dispersar", disse Júlio.

A Tropa de Choque seguiu o grupo durante todo o protesto, disparando bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. O capitão Del Vecchio afirmou que os policiais responderam a agressões dos manifestantes. "Eles desobedeceram a uma decisão judicial, trazendo material que faz apologia ao uso de drogas."

Durante a concentração para a Marcha da Maconha, grupos contrários à legalização das drogas fizeram um protesto contra a marcha. Segundo um de seus líderes, o professor de jiu-jítsu Eduardo Thomaz, a legalização das drogas é um retrocesso na sociedade.

Apesar das trocas de ofensas entre os dois lados, não houve conflitos.

Segundo os integrantes da Marcha da Maconha, no próximo sábado haverá nova passeata pela liberdade de expressão.

<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,marcha-da-maconha-acaba-em-tumulto-na-paulista,722459,0.htm> (acessado em: 19/08/20012).

STF libera "marcha da maconha"

Notícias STF - Quarta-feira, 15 de junho de 2011

Em decisão unânime (8 votos), o Supremo Tribunal Federal (STF) liberou a realização dos eventos chamados "marcha da maconha", que reúnem manifestantes favoráveis à descriminalização da droga. Para os ministros, os direitos constitucionais de reunião e de livre expressão do pensamento garantem a realização dessas marchas. Muitos ressaltaram que a liberdade de expressão e de manifestação somente pode ser proibida quando for dirigida a incitar ou provocar ações ilegais e iminentes.

Pela decisão, tomada no julgamento de ação (ADPF 187) ajuizada pela Procuradoria-Geral da República (PGR), o artigo 287 do Código Penal deve ser interpretado conforme a Constituição de forma a não impedir manifestações públicas em defesa da legalização de drogas. O dispositivo tipifica como crime fazer apologia de "fato criminoso" ou de "autor do crime".

O voto do decano da Corte, ministro Celso de Mello, foi seguido integralmente pelos colegas. Segundo ele, a "marcha da maconha" é um movimento social espontâneo que reivindica, por meio da livre manifestação do pensamento, "a possibilidade da discussão democrática do modelo proibicionista (do consumo de drogas) e dos efeitos que (esse modelo) produziu em termos de incremento da violência".

Além disso, o ministro considerou que o evento possui caráter nitidamente cultural, já que nele são realizadas atividades musicais, teatrais e performáticas, e cria espaço para o debate do tema por meio de palestras, seminários e exibições de documentários relacionados às políticas públicas ligadas às drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Celso de Mello explicou que a mera proposta de descriminalização de determinado ilícito penal não se confunde com o ato de incitação à prática do delito nem com o de apologia de fato criminoso. "O debate sobre abolição penal de determinadas condutas puníveis pode ser realizado de forma racional, com respeito entre interlocutores, ainda que a ideia, para a maioria, possa ser eventualmente considerada estranha, extravagante, inaceitável ou perigosa", ponderou.

Mesmo acompanhando o relator, o ministro Luiz Fux achou necessário estabelecer parâmetros para a realização das manifestações. Fux ressaltou que elas devem ser

pacíficas, sem uso de armas e incitação à violência. Também devem ser previamente noticiadas às autoridades públicas, inclusive com informações como data, horário, local e objetivo do evento.

Ele acrescentou ser “imperioso que não haja incitação, incentivo ou estímulo ao consumo de entorpecentes” durante a marcha e deixou expresso que não pode haver consumo de entorpecentes no evento.

Por fim, ressaltou que crianças e adolescentes não podem ser engajados nessas marchas. “Se a Constituição cuidou de prever a proteção dos menores dependentes químicos, é corolário dessa previsão que se vislumbre um propósito constitucional de evitar tanto quanto possível o contato das crianças e dos adolescentes com a droga e com o risco eventual de uma dependência”, afirmou.

Nesse ponto, o ministro Celso de Mello observou que o dispositivo legal que estabelece o dever dos pais em relação a seus filhos menores é uma regra que se impõe por si mesma, por sua própria autoridade. Ele acrescentou que demais restrições impostas a eventos como a “marcha da maconha” estão determinados na própria Constituição.

A ministra Cármen Lúcia Antunes Rocha acompanhou o voto do relator citando a seguinte afirmação de um jurista americano: “Se, em nome da segurança, abrimos mão da liberdade, amanhã não teremos nem liberdade nem segurança”. Ela manifestou simpatia por manifestações de rua e lembrou que, há 30 anos, sua geração era impedida de se expressar pela mudança de governo na Praça Afonso Arinos, contígua à Faculdade de Direito, em Belo Horizonte (MG), onde a ministra se formou.

Segundo Cármen Lúcia, é necessário assegurar o direito de manifestação sobre a criminalização ou não do uso da maconha, pois manifestações como essas podem conduzir a modificações de leis.

Liberdade de reunião

O ministro Ricardo Lewandowski fez questão de chamar atenção para o ponto do voto do ministro Celso de Mello que tratou do regime jurídico da liberdade de reunião. Para Lewandowski, esse trecho do voto é uma notável contribuição do decano da Corte para a doutrina das liberdades públicas. Após fazer uma análise sobre o que seria droga, tanto hoje quanto no futuro, o ministro disse entender não ser lícito coibir qualquer discussão sobre drogas, desde que respeitados os ditames constitucionais.

Já o ministro Ayres Britto afirmou que “a liberdade de expressão é a maior expressão da liberdade, que é tonificada quando exercitada gregariamente, conjuntamente, porque a dignidade da pessoa humana não se exaure no gozo de direitos rigorosamente individuais, mas de direitos que são direitos coletivamente experimentados”.

A ministra Ellen Gracie, por sua vez, lembrou aos colegas que integra comissão internacional que estuda a descriminalização das drogas. “Sinto-me inclusive aliviada de que minha liberdade de pensamento e de expressão de pensamento esteja garantida”, disse.

Para o ministro Marco Aurélio, as decisões do Poder Judiciário coibindo a realização de atos públicos favoráveis à legalização das drogas simplesmente porque o uso da maconha é ilegal são incompatíveis com a garantia constitucional da liberdade de expressão. “Mesmo quando a adesão coletiva se revela improvável, a simples possibilidade de proclamar publicamente certas ideias corresponde ao ideal de realização pessoal e de demarcação do campo da individualidade”, disse.

Último a votar, o presidente do Supremo, ministro Cezar Peluso, salientou que a liberdade de expressão é uma emanção direta do valor supremo da dignidade da pessoa humana e um fator de formação e aprimoramento da democracia.

“Desse ponto de vista, (a liberdade de expressão) é um fator relevante da construção e do resguardo da democracia, cujo pressuposto indispensável é o pluralismo ideológico”, disse. Ele acrescentou que liberdade de expressão “só pode ser proibida quando for dirigida a incitar ou provocar ações ilegais iminentes”.

Por fim, o ministro advertiu que “o Estado tem que, em respeito à Constituição Federal e ao direito infraconstitucional, tomar, como em todas as reuniões, as cautelas necessárias para

prevenir os eventuais abusos". Mas ressaltou: "Isso não significa que liberdade em si não mereça a proteção constitucional e o reconhecimento desta Corte".

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=182124>
(acessado em: 19/08/20012).

STF decide que ato por legalização de drogas é liberdade de expressão e libera Marcha da Maconha

15/06/2011 20h33 - Fábio Brandt

Ministros brincam com termo "baseado"

Polícia deve proteger manifestantes, diz relator

Procuradora cita FHC para defender marcha

Os oito ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que participaram do julgamento desta quarta-feira (15) foram unânimes em liberar as manifestações pela legalização das drogas, como a Marcha da Maconha, no Brasil. Eles consideraram que as manifestações são um exercício da liberdade de expressão e não apologia ao crime, como argumentavam juízes que já proibiram a marcha anteriormente.

O relator do caso, ministro Celso de Mello, afirmou que a manifestação pública não pode ser confundida com crime previsto no Código Penal. "Marcha da Maconha é expressão concreta do exercício legítimo da liberdade de reunião", afirmou.

Estava em debate uma ação em que a Procuradoria-Geral da República (PGR) pedia a liberação das manifestações. Votaram junto com o relator os ministros Luiz Fux, Carmen Lúcia, Ricardo Lewandowski, Ayres Britto, Ellen Gracie, Marco Aurélio e o presidente do tribunal, Cezar Peluso. Joaquim Barbosa e Gilmar Mendes faltaram à sessão. Dias Toffoli se declarou impedido de votar.

Para se definir a favor da Marcha da Maconha, o ministro Celso de Mello considerou que a Constituição "assegura a todos o direito de livremente externar suas posições, ainda que em franca oposição à vontade de grupos majoritários". Mello também classificou como "insuprimível" o direito dos cidadãos de protestarem, de se reunirem e de emitirem opinião em público, desde que pacificamente.

Ele culpou decisões desencontradas adotadas pela Justiça em diferentes cidades do país pela violência usada pela polícia contra manifestantes. "O Estado deve proteger os participantes [de reuniões garantidas pela Constituição] de tentativas de agressão por parte oficial ou não."

Segundo o relator, é livre a toda a associação e a manifestação de pensamento sem uso de armas, seja qual for o assunto. Ele citou o caso do grupo musical Planet Hemp, que chegou a ser preso por causa de letras de músicas que citavam a maconha. "[A atuação policial neste caso] é uma intromissão brutal na produção intelectual e artística", declarou o ministro.

Em seu voto, Luiz Fux observou que a organização deve avisar as autoridades públicas da data e hora de realização da marcha com antecedência. Além disso, Fux disse que, para estar dentro da lei, o ato deve ser pacífico e sem armas, não pode incentivar o uso de entorpecentes e, de modo algum, deve ter participantes consumindo drogas durante sua realização.

Ao defender seu voto, Cármen Lúcia se disse integralmente de acordo com o voto do relator. Ela lembrou do período da ditadura militar (1964-1985) em que reuniões públicas eram proibidas e reprimidas e afirmou que a democracia "é generosa exatamente porque [nela] há liberdade de pensamentos".

O ministro Ricardo Lewandowski, que também seguiu o relator, afirmou: "Entendo que não é lícito coibir qualquer manifestação a respeito de uma droga lícita ou ilícita".

Para o ministro Ayres Britto, nenhuma lei, nem penal, "pode se blindar quanto à discussão de seu conteúdo. Não está livre da discussão sobre seus defeitos e suas virtudes". O

ministro ainda brincou, dirigindo-se ao relator: “Se me permite o trocadilho, a liberdade de expressão é a maior expressão da liberdade”.

O ministro Marco Aurélio subscreveu o voto do relator, ressaltando que o fez “sem manifestação jocosa alguma”. Para ele, a opinião só é relacionada a crime em situações como incitação do ódio racial ou da guerra. “Os brasileiros não suportam mais falsos protecionismos, cujo único resultado é o atraso”, afirmou.

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/06/15/stf-decide-que-ato-por-legalizacao-de-drogas-e-liberdade-de-expressao-e-libera-marcha-da-maconha.htm>
(acessado em: 19/08/20012).

Marcha da Maconha reúne cerca de 1.500 nas ruas de São Paulo sem tumultos

Ana Paula Rocha, Do UOL Notícias Em São Paulo

Usuários de maconha pedem legalização e cultivo doméstico

A Marcha da Maconha realizada neste sábado (02) em São Paulo terminou por volta das 18h sem registro de ocorrências graves. As cerca de 1.500 pessoas que participaram da manifestação, de acordo com estimativas da Polícia Militar, terminaram o protesto na Praça Dom Gaspar, no centro da cidade. De acordo com o major da PM, Fernando Antonio de Mello, a única ocorrência foi de um tumulto provocado por um grupo de dez skinheads, que seriam contra a Marcha, mas que rapidamente foi controlado.

A concentração para a Marcha da Maconha começou às 14h no vão livre do Masp, na avenida Paulista. Às 16h, os participantes iniciaram a caminhada, que passou pelas ruas Augusta e Consolação até chegar à praça Dom Gaspar. Nos cartazes e nas músicas que cantavam ao longo da Marcha, os manifestantes pediam a legalização do cultivo caseiro, comparavam o preço da passagem de ônibus municipal de São Paulo ao preço da maconha e pediam à presidente Dilma Rousseff a legalização da droga. O efetivo da Polícia Militar foi de 280 policiais, que acompanharam toda a trajetória da manifestação.

Com público inferior ao da Marcha da Maconha, outras manifestações foram realizadas antes desta Marcha, também com início na região da avenida Paulista. Uma delas pedia o fim da corrupção e mais verbas para a educação, outra reivindicava ética, outra protestava a favor do planeta. Outras duas pediam o direito de anonimato na internet.

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/02/marcha-da-maconha-reune-cerca-de-1500-nas-ruas-de-sao-paulo-sem-tumultos.htm> (acessado em: 19/08/20012).

Postagens do Growroom

Disponível em:

http://www.growroom.net/board/topic/40179-marcha-da-maconha-sao-paulo-2011/page_st_200 (acessado em: 21/05/2012).

Growroom - Ativismo - Cannabis Livre - Marcha da Maconha 2011 - São Paulo

Started by Percoff, Apr 04 2011 06:03 PM

#1 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 04 April 2011 - 06:03 PM

Bom a data esta chegando e até agora o ativismo cannabico paulista esta mais pra nada que pra tudo. Espero que neste tópico poderemos ja nos adiantar em relação a nossa marcha, o que sera feito, quando começaremos captação de recursos e quando começaremos divulgar em massa a data e local da mesma. Sou de Sampa e até então estou abestalhado como estamos atrasados no sentido de nos organizar, para começar a nos preparar para a grande marcha. Mês que vem ta ai e tem gente que não sabe nem onde vai ser a marcha de São Paulo. Eu acho que com ou sem Habeas Corpus devemos marchar pelo simples direito de liberdade de expressão e democracia. Vamos a luta que se ninguém

der o Start parece que num vai sair do ativismo virtual, uma das marchas que deveria ser a maior do país em relação ao tamanho de nossa cidade e nosso poder econômico.

 #2 tremendomatagal - Usuário Growroom - Posted 04 April 2011 - 06:28 PM

Caro irmão, Percoff.

Concordo contigo que estamos atrasados em relação às 'movimentações' de organização da Marcha.

Acho que ainda há tempo válido para a gente começar a arquitetar e botar os preparativos em prática. Pensamos em contribuir com a Marcha sob o 'guarda-chuva' do GR? (com os materiais, panfletos, e tudo que nos ajude a divulgar a nossa casa). Ou vamos deixar o foco do GR de lado e atuar de maneira mais ampla e apenas com a bandeira da Marcha?

Coloco essas questões mais para começarmos a pensar no modo de ação. Em tempo, a galera do DAR (coletivo Desentorpecendo a Razão) postou a seguinte nota hoje no Facebook: Coletivo Desentorpecendo A Razão

OFICINA da Marcha da Maconha São Paulo

dia 09/04 - sábado

No MASP

Horário: 14h20 !

VAMOS PINTAR FAIXA, CARTAZES, MATERIAL ARTÍSTICO. LEVE CARTOLINA, CARTAZES, TINTA, PINCEL, E O QUE FOR AJUDAR. NÃO PORTE DROGAS ILICITAS!

Abraços e vamo que vamo!

 #3 brucejapa25 – Moderador - Posted 04 April 2011 - 06:39 PM

to ae aguardando informações, ta foda msm , sou do interior paulista, vou viajar 300km pra sao paulo na marcha, mas sera q ela vai acontecer msm?

 #4 tremendomatagal - Usuário Growroom - Posted 04 April 2011 - 06:48 PM

Acontecer, acontecerá! é o que esperamos. Ano passado, com toda a dificuldade, rolou. (com certas 'mordaças', mas rolou). Se puder fazer esse esforço de viajar 300KM, seria mto gratificante em nome da causa e em nome dos maconheiros. "se a montanha não vai ao maconheiro, o maconheiro vai à montanha". Vale lembrar que rola a Marcha da Maconha em 3 cidades do interior Paulista esse ano:

Atibaia - Campinas - Jundiá

 #5 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 04 April 2011 - 07:46 PM

Tava pensando em pegar uns retalhos pretos pra amarrar nos braços da galera para simbolizar o luto pelas atuais leis que vigoram no país, também poderíamos marchar com roupas que simbolizem presidiários com uma planta na mão reivindicando nosso direito de plantar. Acho que deveríamos nos focar mesmo em uma ala da marcha que pede a liberação para o auto cultivo, simbolizando o movimento grower no brasil. Todas ideias serão bem vindas.

 #6 Picax - Usuário Growroom - Posted 04 April 2011 - 09:09 PM

Muito legal ver os growers se mobilizarem para ajudar a tocar a Marcha SP. Como foi dito o Coletivo DAR tem estado sempre presente nas reuniões de organização. Assim como outras pessoas, organizações, representações. A próxima reunião é essa ae, junto com uma oficina, para começar a agitar a Marcha, as paradas que precisamos fazer etc. Está programada uma MEGA panfletagem na Virada Cultura, respeitando os horários e shows de reggae. Para isso estamos contribuindo para o Panfleto Nacional. Ainda haverá despesas com outros panfletos que gostaríamos de distribuir durante a Marcha por exemplo. A data da Marcha será no dia 21/5 - Sábado. O HC está sendo feito e será apresentado para a Justiça em breve. Mas a perspectiva é que ocorra o mesmo do ano passado. Marcha proibida em cima da hora. Mesmo assim iremos para a rua, conforme disse o Percoff, pela liberdade de

expressão entao! Muitas outras info estao disponiveis no forum da Marcha da Maconha SP. a gente continua! Abs.

ps: temos umas camisetas para vender (ja vendemos 40 camisetas ao todo), qm quiser manda MP ou email pro saopaulo@marchadamaconha.org

 #7 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 04 April 2011 - 09:23 PM

Pode reservar uma extra G pra mim Picax que te pago la na reunião. Aproveita e poe o preço ai pra galera ja levar a grana.

 #8 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 04 April 2011 - 09:41 PM

Picax, tem foto da camisa? Eu coleciono camisa da Marcha, fiquei interessado!

 #9 LuanCMA - Usuário Growroom - Posted 04 April 2011 - 09:42 PM

Pessoal, estou muito Feliz tomara que vc's vao entregar panfletos da marcha na Virada Cultural no Domingo A tarde dia 17 no show de Reggae. Vou ir lá com o meu pai ele é Policia e jah foi da GCM de São Paulo qual quer coisa so chamar q eu ajudo 8079-0319. COnto com vc's essa força tem q ir pra frente Paz !

 #10 BraveHeart - Consultores Jurídicos GR - Posted 04 April 2011 - 10:13 PM

Aí Membros do GR SP ... Estamos confeccionando panfletos divulgado a marcha da maconha. Quem precisar entrem em contato que ajudaremos todos os membros regionais que se organizarem. Boicote não existe!!! Growroom ajudou a criar, sempre apoiou e apóiará!!!! Mas nunca, jamais se subjulgará a interesses pessoais. Organizem-se e mandaremos material de panfletagem da marcha!!!

 #11 Prash - Usuário Growroom - Posted 04 April 2011 - 11:33 PM

Qualidade da malha é ótima. tbc liguem no forum da Marcha, lá é onde "tudo" acontece absMarcha da Maconha.



 #12 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 05 April 2011 - 01:24 AM

Valeu, Prash!!!

Muito boa a arte! Qual o preço?

 #13 Picax - Usuário Growroom - Posted 05 April 2011 - 02:11 PM

issa!

olha, temos 5 camisetas, acho que 2 G e as outras M. como já foram pagas/rembolsadas, a grana toda vai para a Marcha, direto pro panfleto nacional. não consigo prometer outras

camisetas pq o mano q tava nesse corre não vai mais faze-lo. se alguem topar pegar essa função alias, tá valendo!

de qualquer maneira vamos levar na reunião as camisetas!

 #14 Fotossíntese - Usuário Growroom - Posted 06 April 2011 - 07:56 AM

Falae Picax, tranquilo? Quanto é a camiseta? Pretendo colar na reunião, ai já trazia uma M pra mim.

Abraço!

 #15 Picax - Usuário Growroom - Posted 08 April 2011 - 09:57 PM

segue algumas informações da ultima reuniao:

dia 3/9, no centro cultural sao paulo

informes:

- campanha para arrecadação está devagar e precisa decolar. sao necessários 7 mil reais, para os 200 mil panfletos nacionais. hj postamos no site e ja começamos a twittar ha algum tempo. vejam la.

- virada cultural será nos dias 16 e 17, e precisamos nos organizar nao so para panfletar como para ter os panfletos. renato cinco vira a sampa um dia antes e pode trazer nossa cota nacional. alem disso thiago esta vendo contatos de impressao por aqui, e ira avisar.

- os q imprimissemos por aqui seriam do q foi escrito pelo vinagre e diagramado pelo brother dele. em breve ele envia para aprovação.

- os HCs estão quase prontos. Fernando ficou de coletar nomes de quem pode assina-los, ou mesmo poderiamos ampliar e divulgar, algo na linha de "envie seu nome ate tal dia e consiga seu HC" - nao ha limite de pessoas e aparentemente nao ha risco judicial de ter seu nome la.

- a venda de camisetas gerou 244 reais de lucro por enqto, e sobraram umas 5 só. logan ja retirou seu investimento, e algumas pessoas ainda estao devendo grana, sayao tem os nomes.

sobre ato do dia 20:

- decidimos adiar para o dia 29, por conta da semana do dia 20 ser feriado na sanfran, onde seria a festa. a aula pública ainda está no plano a ser na rua, mas para isso precisaríamos agilizar um som. o plano b é q seja na sanfran, e isso sera fechado na proxima reuniao.

- julio fiquei de fazer o texto dos panfletos e do cartaz, e leandro (é isso mesmo?) diagrama. sayao tem o contato dele. caso n tenhamos um panfleto so pra isso, faremos cartazes divulgando, bombaremos na net e colocaremos um aviso no panfleto geral avisando do ato e da festa.

- festa segue no porão, so precisamos conversar com a gestao do CA e ver detalhes do bar e tal. bandas devem ser confirmadas ate a proxima reuniao.

videos para campanha de divulgação : marcha, eu vou

- decidimos começar a agilizar a campanha de videos no youtube, com pessoas enviando videos dizendo q vao na marcha e pq. para impulsionar, vamos nos mesmos gravar uns e começar a divulgar. paralelamente, devemos falar com outros coletivos de outros estados para encorparmos a campanha.

- nomes, sugestoes de famosos e principalmente contatos sao mto bem vindos. responsaveis pelo role sao julio e vinagre, q vao garantir gravação e upload no youtube.

oficina de cartazes e ensaio da fanfarra:

- marcamos um proximo encontro para SÁBADO, dia 9, ÀS 14:20., NO MASP. divulguem. a ideia é tanto fazer uma reuniao, quanto se apropriar do espaço onde sera nossa concentração no dia 21 como tbm fazermos uma oficina de cartazes e faixas.- além disso, pensamos em convidar todos q querem tocar algum instrumento para realizarem sua primeira conversa e ensaio

- nesse dia fecharemos as questoes pendentes do ato e da festa do dia 29 conversamos outras questoes de comunicação e outras ideias mas sem encaminhamentos. quem foi favor acrescenter o q mais rolou.

 #16 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 10 April 2011 - 08:12 PM

Muito legal a oficina de ontem no Masp. Pena que a camiseta só tinha 5 e era tudo P nem em criança servia. Quero saber como faço pra arrumar uma GG ? Tem como postar a arte em Photoshop e eu mando stampar ela ?

 #17 Ras Congo - Usuário Growroom - Posted 13 April 2011 - 03:55 AM

Me interessei pela camiseta, ainda tem?

 #18 Picax - Usuário Growroom - Posted 13 April 2011 - 07:09 PM

Ras Congo, on 13 April 2011 - 03:55 AM

Me interessei pela camiseta, ainda tem? http://coletivodar.o...dar/cam_marcha/

 #19 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 13 April 2011 - 07:21 PM

Tentei te mandar mp Picax mas sua caixa de mensagem ta cheia segue por aqui: Ai Picax vai rolar esse show de reggae aqui em guarulhos: <http://www.growroom...quilibrio-em-sp>. É pertinho da minha casa se alguém topa e tiver os panfletos da marcha posso ir panfletar lá na entrada do show. Me responde ai e ja ve com o renato5 se ja tem como adiantar os panfletos e ve ai quem pode colar lá comigo.

 #20 HighFlyer - Usuário Growroom - Posted 14 April 2011 - 01:24 AM

Eu ja garanto minha presença na marcha e já fechei um carro pra ir pra SP!!!! Isso porque o unico maconheiro sou eu!!!

 #21 Chileno - Usuário Growroom - Posted 14 April 2011 - 02:19 PM

Como vai ser na Virada??

 #22 Picax - Usuário Growroom - Posted 14 April 2011 - 06:50 PM

vamos receber os panfletos no sabado mesmo. Skatalites, B Negro, StillPulse, e outros roles. vamos levar uma faixa e alguns cartazes. abs!

 #23 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 14 April 2011 - 06:59 PM

Novamente:

Tentei te mandar mp Picax mas sua caixa de mensagem ta cheia segue por aqui: Ai Picax vai rolar esse show de reggae aqui em guarulhos: <http://www.growroom...quilibrio-em-sp> É pertinho da minha casa se alguém topa e tiver os panfletos da marcha posso ir panfletar lá na entrada do show. Me responde ai e ja ve com o renato5 se ja tem como adiantar os panfletos e ve ai quem pode colar lá comigo.

 #24 Picax - Usuário Growroom - Posted 15 April 2011 - 06:18 PM

os panfletos chegam sabado a tarde...e rolou as fotos da oficina da Marcha em SP! bora animar aeeee <http://coletivodar.o...conha-em-obras/>

 #25 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 18 April 2011 - 03:02 AM

E ai picax me passa mp com seu telefone pra a gente marcar de se encontrar pra eu égar os panfletos da marcha e fazer a divulgação aqui no show de reggae que vai rolar em guarulhos

 #26 Picax - Usuário Growroom - Posted 18 April 2011 - 02:19 PM

Aee 20 mil panfletos distribuidos na Virada Cultural. Homem placa com a data e local da Marcha funcionou pra caralho. Virou celebridade, rolou pedido de foto, ahahaha
 Fica a dica!

#27 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 18 April 2011 - 03:42 PM

Homem placa é ótima ideia mesmo!

#28 GrowerX1999 - Moderador - Posted 18 April 2011 - 11:02 PM

Boa, bacana as fotos da oficina! Esse ano não pude ajudar na panfletagem durante a virada, mas vamo que vamo! É nois que planta! Abs, X99

#29 Chileno - Usuário Growroom - Posted 19 April 2011 - 06:12 PM

Tava bom, tava bom!!! Preciso de uns panfletos tbm, pra distribuir em alguns pontos estratégicos, mais pra zona sul. Se possível agente ve isso em!!!? Abço..

#30 bobdick - Usuário Growroom - Posted 20 April 2011 - 09:07 PM

DIA 21/05 ESTAREI LÁ COM MINHA MULHER QUE NEM FUMA. O LEMA É MARCHA DA CANNABIS E SIMPATIZANTES. TEM LOCAL DEFINIDO QUE HORAS? COMO COMPRAR A CAMISETA? DEVEIA ESTAR VENDENDO NA NET, PAGAMENTO COM CARTAO. VARIAS PESSOAS QUERENDO COMPRAR A VENDA VAI TRAZER VERBAS PARA A MARCHA. FORÇA BRASIL - RUMO NOVO VIDA NOVA

#31 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 20 April 2011 - 11:30 PM

To indo pro show do GroundNation e Ponto de Equilibrio distribuir uns panfletos pra galera la na porta!!

#32 RAS Astawala - Usuário Growroom - Posted 22 April 2011 - 03:56 AM

111111

E ai percoff representando em irmão. Parabéns.

#33 Miktal Alak - Usuário Growroom - Posted 22 April 2011 - 05:05 PM

Que horas será o encontro no vão do MASP? Tem algum assessor de imprensa preparando a mídia?? Como funciona isso??

#34 Paulinhuuu E U - Usuário Growroom - Posted 22 April 2011 - 05:35 PM

Miktal Alak, <http://blog.marchadamaconha.org/>

#35 Picax - Usuário Growroom - Posted 25 April 2011 - 04:06 PM

Enquanto isso panfletagem rolando solta em sp. Grande Percoff mandou o informe junto com o Prash que rolou panfletagem no show do Groundation em Guarulhos, a famosa GRU! E hoje mais panfletos foram deixados com militantes e ativistas dispostos a fazer o corre onde mora, já que SP é grande PRA PORRA! É isso ae, quem quiser pegar panfleto manda um toque, ou entao encontra nozes nas atividades de final de semana que estao rolando! abs!

#36 Paulinhuuu E U - Usuário Growroom - Posted 25 April 2011 - 05:45 PM

Picax como faço para descolar uns panfletos? Distribuo aqui no abc paulista, maua e extremo leste.

#37 Chileno - Usuário Growroom - Posted 25 April 2011 - 10:38 PM

Sexta feira não rola colar na Augusta? Abs.

#38 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 26 April 2011 - 12:54 AM

Picax, A galera pirou quando eu e o prash entregavamos, e explicavamos um pouco sobre a marcha. Pra falar a verdade tinha gente que num acreditava que era de verdade a marcha. Com certeza conseguimos muitos novos adeptos para marchar com a gente.

#39 PLANET-HEMP - Usuário Growroom - Posted 27 April 2011 - 01:35 PM
e ai dia 21 estarei no MASP. gostaria de saber mais sobre essas reuniões de fim de semana q foi citada fzer cartazes e etc. picax ainda consigo uma camisa GG? Flws.

#40 Picax - Usuário Growroom - Posted 27 April 2011 - 03:02 PM
UP data da PANFLETAGEM/OFICINA/REUNIÃO dia 30/04 – sábado No MASP - Horário: 14h !
ATENÇÃO! OFICINA PARA PINTAR FAIXA, CARTAZES, MATERIAL ARTÍSTICO. LEVE CARTOLINA, CARTAZES, TINTA, PINCEL, E O QUE FOR AJUDAR. Haverá panfletos para quem quiser pegar! NÃO PORTE DROGAS ILCITAS! info: saopaulo@marchadamaconha.org

#41 sapo.Ro - Usuário Growroom - Posted 29 April 2011 - 09:40 PM
Picax, sabe se teve a intervenção da Marcha no TJ-SP pela liberdade de expressão, hoje,29/04 as 14h??

#42 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 29 April 2011 - 09:45 PM
Também quero saber como foi na porta do TJ!

#43 Picax - Usuário Growroom - Posted 30 April 2011 - 10:18 PM
O CMI filmou e logo deve subir um editorial! jaja mais notícias! mas rolou tudo bem sim! tivemos a presença de um grande "medico" da causa e um nobre executivo! ps: AGORA É TODO SÁBADO OFICINA E PANFLETAGEM DA MARCHA NO MASP AS 14H! ps2: a de hoje foi animal.. muitos cartazes divertidos e animação! veeeeeeeeeeeem pra Marcha vem/ é da maconha!

#44 RAS Astawala - Usuário Growroom - Posted 01 May 2011 - 02:07 PM
Não estou podendo colar nas oficinas em sampa...que seria uma satisfação enorme ...mais estou na atividade por aqui. Estamos juntos... EM PENSAMENTO... EM VIBRAÇÃO POSITIVA E NA LUTA.



JAH É AMOR.

#45 sapo.Ro - Usuário Growroom - Posted 01 May 2011 - 02:40 PM
que cartaz lindo, RAS!! curti. Sábado que vem to de folga, o que mais está precisando pra levar aí na oficina? dá uma dica aí Picax.

#46 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 01 May 2011 - 03:13 PM
Ras, tu vem pro Rio??

#47 RAS Astawala - Usuário Growroom - Posted 03 May 2011 - 12:01 PM
Vou sim irmão... quinta espero já esta chegando por ai
Edit. irei na sexta

#48 Chileno - Usuário Growroom - Posted 04 May 2011 - 04:09 PM

No dia 29/04 fui no TJ-SP também. Cheguei por volta das 15h, e estivemos na Praça da Sé, pois na frente do tribunal os vermes alegaram ser uma área de segurança. Na Praça o movimento era grande, e chamamos bastante a atenção de todos que passavam, com panfletagem, e nossos cartazes no chão. Bastante policia por lá, mas nenhuma repressão.

 #49 Fotossíntese - Usuário Growroom - Posted 04 May 2011 - 06:51 PM

JAH É AMOR.

Caraaaaaaaaaaaaaaca, que letra muito loka, chama atenção só pela caligrafia!

Eu gostaria de poder colar e lançar a ideia dos mapas mentais, pro povo ter uma visão holística do assunto. Se interessar a alguém, ta na minha assinatura... Tem até um teste que começou, mas parou...

<http://www.growroom....m/growroom.html>. Se clicar no ícone colorido, aponta pra outro mapa mental, um do cultivo e outro do ativismo. Vou ver se consigo comparecer esse fds, que já ta chegando muito perto da marcha. Abraços a todos e sucesso!!!

 #50 paulista verde - Usuário Growroom - Posted 05 May 2011 - 01:56 AM

PANFLETAGEM/OFÍCINA/REUNIÃO

sábado, 7 de maio - 14:00H -Vão livre do MASP

Até o dia da Marcha da Maconha em São Paulo, que rola em 21/05, às 14h, no vão livre do MASP, todo sábado, sempre na mesma hora e local, vai rolar oficina/panfletagem/reunião da Marcha da Maconha.

VAMOS PINTAR FAIXAS, CARTAZES e MATERIAL ARTÍSTICO EM GERAL. LEVE CARTOLINA, CARTAZES, TINTA, PINCEL E TUDO QUE FOR AJUDAR. Haverá panfletos para quem quiser pegar! NÃO PORTE DROGAS ILÍCITAS! info: saopaulo@marchadamaconha.org

 #51 Luks2280 - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 01:31 AM

Pretendo comparecer amanhã e ajudar no que for possível com cartazes... abrcs!

 #52 Jahbaa the Hut - Marcha soldado... - Moderador - Posted 07 May 2011 - 05:48 PM

Rapa, desculpe o sumico e falta de participacao no processo mas a vida anda loca por aqui. Agora colar la pra fotografar eh certeza, contem com o Jahbaalino....

 #53 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 08:29 PM

Salve Rapaziada. Bom mais uma dos proibicionistas. Estão na delegacia Picax, Fernando e mais uma pessoa que foram levadas por apologia agora poko aqui em São Paulo. O caso aconteceu durante a oficina da marcha de SP agora as 17:00hs eles estão na delecacia do 78° na rua Estados unidos quase com esquina da rua Augusta. Esperamos mais notícias e algumas foto que foram tiradas...Lamentavel a ação da policia pois um gcm tinha acabado de agredir um menor com spray de pimenta da cara! logo mais posto video sobre e mais notícias

 #54 DanKai - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 08:42 PM

Liberdade aos ativistas da marcha! Abaixo a repressão!

 #55 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 09:02 PM

Video de abuso da GCM

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=a9gXSZhtLIY

Ate quando? Absurdo Onde esta o respeito. Semana passada na Paulista outra cena de falta de respeito das autoridades contra protestos pacificos!

http://www.youtube.com/watch?v=_4saTr-xbts&feature=player_embedded

Ate Quando?

#56 Jahbaa the Hut - Marcha soldado... – Moderador - Posted 07 May 2011 - 10:12 PM
Caralho que foda!

#57 diegrow - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 10:28 PM

tinha q colocr a camera na cara dele
mandaram mmmmmmmmtttt bem gritando com ele..lixo d pessoa isso ai..guardinha
despreparado, nao devia ta entendendo nada q o mlk tava falando....achou q tava xingando
ele e tacou spray..so pode ser.

#58 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 07 May 2011 - 11:34 PM

Salve Galera eles ja sairam, nao assinaram TCO pelo que entendi so assinaram um BO, e
sairam com todo material apreendido na hora! Uma vitoria quem sabe...pelo menos um
passo!

#59 mogli1 - Usuário Growroom - 822 posts - Posted 07 May 2011 - 11:57 PM

Só tenho um comentario a fazer: POLICIAL = ESCÓRIA DA HUMANIDADE!!

#60 brucejapa25 – Moderador - Posted 08 May 2011 - 12:03 AM

tem q bota na bunda desse barriga azul de merda !

#61 blackweed - Agricultor nos tempos livres! - Usuário Growroom - Posted 09 May 2011 -

12:23 PM

chega de violência.... vamos marchar!!!!

#62 Teixas - Usuário Growroom - Posted 10 May 2011 - 01:06 PM

E nois na marcha de SP!

#63 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 10 May 2011 - 11:52 PM

E ai São Paulo vamos dar uma revisada na situação, daqui 2 semanas é nossa marcha e o
que temos acertado ate agora? Temos Carro de som? Permissão para marcha? Bandeirolas
GR

Pelo que tenho visto nas oficinas da marcha que tem havido no MASP pouca gente ta se
interessando realmente pela causa, sempre uma galera pequena e na maioria das vezes os
mesmos de todo sabado. E ai galera vamos nos mobilizar nossa marcha ta meio sem
açucar. Ps não estou falando isso pra criticar pois tenho ajudado no que é possivel, mas
para termos uma melhor organização do que ja temos e o que vamos precisar para fazer
uma marcha bonita como a do RIO. Vamos se Mobilizar Galera São Paulo Tem que Bombar
também

#64 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 11 May 2011 - 05:22 PM

É bem isso mesmo percoff. Sábado deve rolar a última reunião antes da marcha, é hora de
mostra que a repressão da semana passada só serviu para fortalecer o movimento.
Apareçam lá peguem panfletos para distribuir essa semana que antecede a marcha.
Divulguem a marcha na sua faculdade com seus amigos, vizinhos...

#65 Boris Casoy - Usuário Growroom - Posted 11 May 2011 - 05:23 PM

Expectativa máxima pra marcha de São Paulo, no dia que Sampa marchar com força o
Brasil legaliza.

#66 Old Moses - Usuário Growroom - Posted 11 May 2011 - 05:57 PM

a mais pura verdade o que vc disse !

#67 Picax - Usuário Growroom - Posted 11 May 2011 - 09:09 PM

OOOOO e esse material do GR vai cair pra ca? bora agitar isso ae... Entramos com HC no TJ, para garantir todos, e nao somente aqueles que ja tinham HC, participar da Marcha. Se negarem vamos pro STJ. Sabadão estamos lá... abs.

#68 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 11 May 2011 - 09:32 PM

Vai sim, Picax!

Faixa, bandeiras, cartolinas, pilots... Domingo estará em Niterói, e depois irão pra SP!

#69 Funk Buda - Usuário Growroom - Posted 12 May 2011 - 04:59 AM

Sao Paulo esta fora da Copa das Confederacoes. Sao Paulo em breve fora da legalizacao

#70 Picax - Usuário Growroom - Posted 12 May 2011 - 05:00 PM

?

#71 Chileno - Usuário Growroom - Posted 12 May 2011 - 09:07 PM

São Paulo fora da legalização? Bobagem.

#72 Picax - Usuário Growroom - Posted 12 May 2011 - 09:42 PM

Pra quem quer ajudar, amanha vai rolar a exibição do "Esperando para fumar" na Matilha Cultural. Depois tem debate/conversa com o Renato Filev, e com o Henrique Carneiro! Quem sabe sabe que eles mandam mto bem! e ainda PANFLETAGEM no mackenzie!!! <http://coletivodar.o...ndo-para-fumar/> Sabado confirmadissima a oficina da Marcha da Maconha no MASP! abs

#73 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 13 May 2011 - 01:43 AM

PANFLETAGEM/OFFICINA/REUNIÃO

sábado, 14 de maio - 14:00H - Vão livre do MASP

Até o dia da Marcha da Maconha em São Paulo, que rola em 21/05, às 14h, no vão livre do MASP, todo sábado, sempre na mesma hora e local, vai rolar oficina/panfletagem/reunião da Marcha da Maconha.

VAMOS PINTAR FAIXAS, CARTAZES e MATERIAL ARTÍSTICO EM GERAL LEVE CARTOLINA, CARTAZES, TINTA, PINCEL E TUDO QUE FOR AJUDAR. Haverá panfletos para quem quiser pegar! NÃO PORTE DROGAS ILÍCITAS! info: saopaulo@marchadamaconha.org

#74 Teixas - Usuário Growroom - Posted 13 May 2011 - 01:51 AM

ctz... São Paulo é uma megalópole... se todos maconheiros se juntassem pela msma causa teria um impacto imenso... Vou colar p/ oficina no MASP esse fds... vou ir la fazer minha parte..

#75 sapo.Ro - Usuário Growroom - Posted 15 May 2011 - 07:48 PM

Cheguei tarde para oficina, até levei canetas Pilot pra ajudar, mas o material tinha sido recolhido. Cheguei a conversar com algumas pessoas e peguei vários panfletos para distribuir por aqui na minha área. Segundo o pessoal que está indo desde as primeiras oficinas, esse sábado teve mais participação, as pessoas estão perdendo medo aos poucos. A expectativa para o sábado que vem é grande, será de fato a primeira marcha liberada em sampa, e tem muita gente querendo marchar. Já divulguei entre amigos, maconheiros e não maconheiros, e muitos querem participar da marcha, será uma festa! eu vou!! vamos todos!

#76 Picax - Usuário Growroom - Posted 16 May 2011 - 05:58 PM

Calendario de Panfletagens Marcha da Maconha Sao Paulo

16/5 – beco da Vila Madalena – 20h

16/5 – PUC/SP – campus Monte Alegre – 20h

17/5 – 17h atividade na FESP – sta cecilia -
 17/5 – Casper Libero – av. Paulista – 20h30
 18/5 – USP – FFLCH – 18h30
 19/5 – CCPC – r. general jardim 269 – 19h
 19/5 – Geosamba – PUC/SP – 19h
 20/5 – Rua Augusta e RinhaMC's – 21h
 veeeeeeeeeeeeeeeeem p marcha vem!

 #77 fabio p . castro - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 05:00 PM
 iaaaae galera, qual sera o publico esperado em sampa pra marcha ? 5000 + ou - ?? tooooo
 mais que junto amanha no MASP , abraço a galera de sampa que vai !

 #78 Bonsai Roots - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 05:28 PM
 Eu tô na esperança e expectativa de reunir bastante gente, não sei se chega a 5000 mas
 com fé em Jah tomara que dê 10.000, afinal de contas não custa nada ser positivo...
 Contagem Regressiva, menos de 24 horas...

 #79 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 20 May 2011 - 05:48
 PM
 Força galera de SP! Quero ler só boas notícias amanhã!

 #80 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 06:31 PM
 Minhas contribuicoes artisticas para marcha. É isso ai vamos marchar Sampa?

 #81 Ras Congo - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 06:49 PM
 Presença garantida amanhã! Estarei lá em torno das 13hrs

 #82 mary.wanna – Cannabicultor - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 07:05 PM
 esse é artista! tamoo juntoo smokee! marchaaa GERALLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLLL!

 #83 dragão_chines - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 11:27 PM
 Tópico de Sampa parágrafo ... Vamo marchar amanhã galera, com o Estado tentando impedir
 ou não!!!

 #84 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 20 May 2011 - 11:30
 PM
 Paulistas, dêem um sonoro FODA-SE pros Promotores e Magistrados! Não abaixem a
 cabeça! Fumar maconha ou defender uma nova lei não é motivo de vergonha!

 #85 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 20 May 2011 - 11:47 PM
 (in)Justiça Proibe a Marcha da Maconha em Sao Paulo – Estadão. Vamos Marchar amanha
 pela liberdade de expressão.

 #86 chiderox - Usuário Growroom - Posted 20 May 2011 - 11:51 PM
 Na última hora...
 Vamos marchar pela liberdade de expressão... Igual tah tendo nesses países tipo
 Espanha... vamo poh a cara na rua e protesta contra esses políticos safados... e juizes
 desinformados... Essa marcha vai rende hein... Sempre em sampa os kra da um jeito de
 proibir... Tinha que aparecer umas 20.000 pessoas ae eu queria ver oq a PM ia fazer

 #87 Ativista_grower - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:00 AM
 Os Senhores da Justiça sempre agem covardemente e proíbem um ato legitimo nos ultimos
 instantes!
 PRA CIMA DESSES ESCROTOS!!! PRA TRÁS NUNCA.

#88 ganjakaya420 - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:13 AM

Aos 45 do segundo tempo Lamentavel ...Estarei lá amanhã de canarinho no peito ... Se eles proibiram é porque tão incomodados... Se tão incomodados é porque o nosso barulho ta dando certo!

#89 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:22 AM

Discutir mudanças no Código florestal não é crime ambiental. Discutir liberação do aborto não é assassinato. Lutar por oficialização de união homoafetiva não é apologia ao homossexualismo (existe isso?). Porque marchar é apologia PQP???? Amigos de Babylon Town, agora mesmo é que temos que ir. Se tiver pouca gente os porcos vão vencer com suas artimanhas nojentas do sistema. Eu vou nessa porra com uma faixa: "DISCUTIR LEIS NÃO É CRIME" VTM MP do caralho!!!! Vamos lá!!

#90 Prash - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:23 AM

galera, marcharemos pela liberdade de expressão!!! quem puder, favor levar material pra produção de novos cartazes e chegar um pouco mais cedo pra agilizarmos algo. devo levar algum material tb creio que a maioria do q foi produzido ate então não podera ser exibido, igual o ano passado.vamos lá galera, essa censura só serviu pra motivar mais ainda vamos marchar!!!!

#91 Bonsai Roots - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 01:33 AM

Eae galera.... acabei de chegar da aula, não tava nem querendo ligar o computador com medo de ler o que aconteceu, já imaginava esta manobra de ultima hora. Por que eles agem dessa maneira desonesta com agente? São meses que o pessoal se esforça fazendo reuniões e promovendo a marcha pra toda vez na vespera acontecer esta palhaçada. Eu cheguei ao meu limite, respeito a posição de todo mundo em fazer a marcha pela liberdade de expressão e estou longe de querer arrumar confusão por lá amanhã mas NINGUÉM VAI ME PROIBIR DE MANIFESTAR A MINHA POSIÇÃO SOBRE A MACONHA, vou levar os cartaze que fiz e VOU COM CAMISETA COM A FOLHA DA ERVA... Se eles agem de maneira desonesta chegou a hora de agirmos de maneira radical, NÃO INCENTIVO NINGUÉM A FAZER O MESMO, mas os que tiverem esgotados como eu estou que façam o que suas consciências mandarem.

Se forem mil pessoas e as mil marcharem pela maconha eles vão prender todas? acho difícil.... vão partir pra violência? talvez, mas nós não estamos cometendo crime algum e por isto não tô com o menor medo de colocar a cara tapa amanhã. FODA-SE ESSA JUSTIÇA DESONESTA, FODA-SE ESSA POLÍCIA DESPREPARADA, FODA-SE ESTES POLÍTICOS CORRUPTOS, FODA-SE A BANCADA EVANGÉLICA, FODA-SE O TRÁFICO, FODA-SE A GUERRA AS DROGAS.... VIVA A LIBERDADE E A DIVERSIDADE e NINGUÉM ME CENSURA!!!! É isto... opinião de um ativista cansado de lidar com bandidos e ser tratado por eles como igual.

#92 Foxfenrir - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 01:46 AM

amanha vo tá la. marchemos do mesmo jeito!

#93 Bonsai Roots - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 02:36 AM

Tô um pouco mais calmo aqui. Tava refletindo um pouco aqui, Jundiaí fica bem próxima a São Paulo e a justiça por lá é menos cega do que a da capital e a marcha está OK para acontecer no domingo. Eu sei que é role e muitos não tem tempo ou como ir mas de SP o trem demora 1 hora e meia mais ou menos da estação da Luz até lá e custa menos de 3 conto. Para todos que comparecerem na marcha de amanhã e se sentirem com um nó na garganta e quiserem se manifestar sem problemas guardem os cartazes e material a favor da maconha e dão um pulinho até Jundiaí. De carro nem se fala menos de 50 minutos tá em Jundiaí. E outra, por mais que vc não possa ir domingo até Jundiaí ajude a divulgar este fato

amanhã. Toh pensando em algum cartaz para chamar a atenção para isto, tava pensando "Jundiaí vai marchar sem proibição amanhã, compareçam ESTAÇÃO DE TREM 14:00". O pessoal do GR que veio com o material do Rio podia colar por lá também.

Juíza nega pedido de barrar marcha da maconha.

A juíza Jane Rute Nalini Anderson, da 3ª Vara Criminal de Jundiaí, indeferiu a ação cautelar que tentava impedir a realização da Marcha da Maconha, que ocorre no próximo domingo, na avenida União dos Ferroviários. Ela alega que não há provas de que o evento se destine a fazer apologia ao uso de drogas. Os promotores criminais, que entraram com o recurso no início da semana, vão recorrer hoje ao Tribunal de Justiça de São Paulo em um mandado de segurança, com pedido de liminar.

De acordo com o promotor Francisco Bastos, o novo recurso terá caráter de urgência e espera-se que seja julgado a tempo, já que a marcha ocorre dentro de dois dias. "Acreditamos que a marcha pode causar um dano irreversível à sociedade, pois estamos convictos de que o propósito da passeata não é inocente. Nossa intenção é servir à comunidade", declara. A Marcha da Maconha, na Capital, ocorre amanhã, às 14h, em frente ao Masp.

Nos anos anteriores, conforme explica Júlio Delmanto, um dos articuladores do movimento, a passeata foi proibida. "Este ano conseguimos um habeas corpus preventivo, garantindo que alguns participantes não sejam enquadrados nos delitos de apologia ao crime e indução ao uso de drogas. Nosso movimento existe para debater o tema e não fazer apologia". diz.

O publicitário Mauro Orsi, membro do coletivo da marcha e um dos organizadores do movimento em Jundiaí, afirma que não pretende entrar com pedido de habeas corpus porque a Justiça já indeferiu o pedido da promotoria. "A gente não promove apologia. Essa é a opinião dos promotores. O objetivo é discutir a atual política de drogas. Pedimos aos participantes que não portem nada ilícito e não façam apologia em cartazes ou faixas. Sempre tivemos essa preocupação".

http://www.portaljj....1&int_id=148603

 #94 Fotossintese - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 04:43 AM
 Marchar pela maconha é apologia à democracia... Amanhã estarei lá.

 #95 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 04:52 AM
 Vamos marchar de qualquer jeito galera...uns 3000 panfletos distribuidos agora na paulista e no centro e vamo que vamo! daqui umas horas é noix!

 #96 Prash - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 11:15 AM
 IMO, essa censura nao muda nada, vo ta la marchando do mesmo jeito com camiseta, cartaz, fazendo barulho e tirando onda com os cana fdp. não tem jeito, esse é nosso dia e ninguém vai estragar to saindo pra comprar material e nos encontramos lá. Abs.

 #97 Bonsai Roots - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 11:33 AM
 VAMO QUE VAMO!!!! NÃO DEIXEM NOS CALAR!!!!

 #98 Ras Congo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:13 PM
 Agora mais ainda confirmo minha presença para demonstrar minha insatisfação com o "governo" e a "justiça" de SP! QUEREM DEIXAR O POVO ETERNAMENTE NO MUTE! meu cartaz já ta na mão, vamo marchar galera!!
 Paz!

 #99 Aromabuds - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 12:13 PM
 Eles tem medo porque estão incomodados, se estão incomodados é pq o movimento ta aparecendo, tomando força. MARCHA SÃO PAULO!!!!!!! NA PAZ!!!!!!! PELA LIBERDADE DE

EXPRESSÃO!!!!!! PELO DIREITO DE SER MACONHEIRO!!!!!! Sorte pra vcs e que tudo dê certo

 #100 JetPot - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 01:07 PM
 eu vou!

 #101 Ativista_grower - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 01:43 PM
 O ai.. o camarada postou o link no outro topico a respeito da proibicao da marcha cam ao vivo da Paulista... perto do masp. A marcha vai passar ali?
<http://www.vahali.co...pper&Itemid=192>

 #102 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 02:00 PM
 Isso aí galera, vamo lá. apologia de c* é rola! Quero ver prender a galera toda. Sou chefe de família, tenho ensino superior, pós-graduação strictu sensu, sem nenhuma ficha, e vou lá por a cara a tapa!
 CHEGA DE HIPOCRISIA inJUSTIÇA PAULISTANA DO CARALHO!!

 #103 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 02:03 PM
 Se discutir leis é apologia por que não prendem o Aldo Rebelo por apologia ao crime ambiental? Enquanto somos proibidos de expressar nossa opinião contrária a essa guerra ridícula as drogas que enriquece meia dúzia as custas da violência, o governo entrega as APPs pra blindar o Palocci. Isso não está certo, vamos marchar!

 #104 Ativista_grower - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 02:09 PM
 vou levar uma dessa aqui se rolar o mesmo por aqui... CRIME É DEIXAR COMO ESTA TRAFICANTE MATANDO,ENRIQUECENDO USUÁRIO SENDO PRESO E SE FUDENDO! PRA FRENTE SAMPA!!!

 #105 g13 – Banidos - Posted 21 May 2011 - 02:13 PM
 Já que não pode se expressar, fechamos a boca com silvertape e carregamos faixas e cartazes em branco, ativismo:rsrs

 #106 chiderox - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 03:38 PM
 Interessante essa cam ao vivo ae se for passar por ali mesmo...vou ficar acompanhando... Alguem sabe se faz parte do trajeto aquele ponto???

 #107 verdegulho – Moderador - Posted 21 May 2011 - 06:21 PM
 PM usa bombas de gás para dispersar manifestação na Paulista
 Publicidade DE SÃO PAULO
 A Polícia Militar usou bombas de gás lacrimogêneo para tentar dispersar cerca de 700 manifestantes que bloquearam a avenida Paulista, no sentido da Consolação, região central de SP, em protesto contra a proibição da Marcha da Maconha. Cerca de 100 PMs, a maioria da Tropa de Choque, estão no local. Fonte <http://www1.folha.ue...-paulista.shtml>

 #108 bio_cañamo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 06:25 PM
 lamentavel isso! Q País é esse?

 #109 Canabiando - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 06:27 PM
 Absurdo!!!!!! Dilma sua (&* &* &* &# \$%# !!!)! cade a oposição para mudar a liberdades de expressão"!!!!!! Homens e Mulheres de bem estão apanhando!!!! Essa porra não mudar para onde vou!!!!!! Dilma (&* &* &* &# \$%#!!!!!!)

 #110 chiderox - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 06:33 PM

A marcha de SP foi oprimida...e o direito de expressão foi censurado...viva ao nosso país viva aos nossos políticos...vcs são os melhores que existem...não poderiam existir melhores pessoas para nos representar...Tenho vergonha de vcs seus SAFADOS... Vcs são baum pra roubar e dar canetadas neh... Mais ae se eu trombo um de vcs na reta sem seguranças ae eu quero ver... Vai fazer oq Sr político...vai falar que está sofrendo bullying da sociedade??? peo amor hein...O ódio toma conta de mim...

 #111 BC_Bud – Moderador - Posted 21 May 2011 - 07:57 PM

Liberdade de expressão não existe no Brasil. As autoridades responderam com balas de borracha e gás lacrimogêneo nos manifestantes... bando de covardes! coisas como essa me dão vergonha de ser brasileiro! De qq forma, foi muito bom ver a galera representando!

 #112 Carlindo Perleira – Moderador - Posted 21 May 2011 - 08:51 PM

Canabiando,

A Marcha foi proibida pelo Judiciário estadual de São Paulo, não pelo executivo federal. Suas palavras dirigidas à nossa presidenta da república caracterizam desrespeito, desarrazoada ofensa, algo proibido pelas regras do Fórum Growroom. Essa porra não vai mudar enquanto a população exibir o nível de despolitização que sua fala exibe. A crítica deve ser feita de forma qualificada.

 #113 HighT - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 09:52 PM

Porra foi foda mesmo! Bombas, gas lacrimogenio, to com o nariz ardendo ate agora! REPRESSIONO PROVINCIANA MALDITA!!! Mas fizemos nosso protesto, vamos torcer pra midia dar atencao!!

 #114 didobrother - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 09:56 PM

a mídia já começou a dizer que as partes entraram em confronto enquanto na verdade foi uma repressão! VERGONHA!

 #115 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 21 May 2011 - 10:04 PM

Pior de tudo no desespero a galera começava a correr do nada fui empurrado, cai no chão fui pisoteado estou agora em casa com o corpo todo fudido de dor por causa so despreparo da policia militar soltando bombas em geral que nem se estivessemos na guerra, pior!!!! Valeu muito a pena ter ajudado em todo processo desde as oficinas da marcha ate a grande marcha revi muitos irmão de luta e isso sim que valeu a pena. POLICIA PARA QUEM PRECISA DE POLICIA!!!!

 #116 vedo - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:20 PM

Velho foi foda! so vi nego perdendo tenis e caindo no chao.... quando estavamos descendo sentido certo. Mesmo assim esses fdp nao conseguiram acabar com a nossa vontade de mudar a lei!!

Amanha sera maior!! E eu fiz 3 videos de momentos distintos da manifestação.... se alguem quiser usa-los e de celular mas da pra ver... Parabens a todos que foram e lutaram por seus direitos!

 #117 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:20 PM

Porra Percoff o ninja falo q vc tinha caido. Satisfação ter conhecido a rapa do gr correndo lado a lado na marcha!

 #118 PLANET-HEMP - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:20 PM

palhaçada da policia. po não encontrei ninguem daqui. vamos correr atras dos nossos direitos

 #119 HINDUKUSH - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:31 PM

Malditos proibicionistas, estão desesperados em manter seus lucros e privilégios que conseguem com essas “guerras as drogas”, tentam vender a ideia de defensores da família, da moral, mais a verdade são os patrocinadores de todas as mazelas desta nefasta política genocida.

 #120 Prash - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:31 PM
 confesso q to zuado Tb. vlw galera

 #121 chiderox - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:36 PM
 Amanhã é em Jundiaí...
 vamo cola rapazeada... pertim e lah ta liberado... jah vi passando sobre a marcha de SP em uns 3 telejornais diferentes...
 vamo ver c vai passar no JN...

 #122 Ativista_grower - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 10:45 PM
 Parabens, hoje aqueles que participaram provaram ser homens de coragem e atitude fazendo sua parte sem baixar a cabeça.
 Vergonha para aqueles que se acovardaram e ficaram em casa escondidos dentro dos armarios, se nao fosse por esses bundoes fumadores de merda prensada teriam 20.000 manifestantes ou mais, porem creio que a mensagem foi dada e amanha sera maior!

 #123 Teixas - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 11:02 PM
 Eu coleí hoje!
 Pena que eu e meu primo chegamos atrasados.. não deu p/ eu tentar trombar o pessoal do GR e tentar arrumar uma camisa p/ mim... Teve uma hora que chegou um monte de policia do nada p/ levar um mlk q tava com uma placa da maconha... começaram a atira e taca bomba p/ todo lado. Foi tenso! tivemos q correr p/ ã leva bala de borracha... tirando o olho ardendo por causa do gás de pimenta...
 Depois ainda pegaram um cara que tava todo de verde cantando também... =s
 Ei Percoff, vc caiu bem numa esquina ? quando eu tava correndo das balas caiu um cara bem do meu lado... Tinha bastante gente com a camisa do GR na marcha ? eu só vi um mlk usando =s
 fizemos nossa parte e fizemos barulho... agora a tendencia é crescer a marcha de SP...

 #124 fabio p . castro - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 11:25 PM

colei hoje galera , cheguei umas 15 mais so tinha pouca gente em frente ao masp , muito carro de policia para uma coisa taum simples, pra q tanta viatura , q ignorancia , ao inves de cuidar de crimes de verdade taum querendo acaba com nosso direito de expressão , ditadura está mais viva do q nunca em são paulo, mesmo assim conheçi uma galera lah pela ordem, queria ter visto alguem aqui do growroom mais nem consegui achar , mesmo assim causamos repercussão , isso que importa !! abraço a quem foi !

 #125 ggrowered - Grower - Usuário Growroom - Posted 21 May 2011 - 11:57 PM
 Na real meu olho ta ardendo ate agora , foi tipo uma guerra civil....,muita sacanagem oque fizeram , mas isso so fortalece agente.

 #126 Bonsai Roots - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 12:10 AM
 É cara... meu olho e minha garganta tbm tão zoados mas de alma totalmente lavada... Mas é assim funciona a PM do Estado e de boa já vi uma cena quase igual (para mim parecia replay em lugar diferente) um tempinho atrás dentro da USP qdo reprimiram e saíram perseguindo os estudantes no mesmo nivel de violencia. Eles reprimiram com violencia até protesto de professores. E quem manda a PM agir assim é o Governador, primeiro o Serra agora o Alkimin, malditos fascistas reacionários...

PARABÉNS AOS PRESENTES!!!

 #127 Beavis...- Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 12:32 AM

mais uma vez a policia de são paulo mostrou que não tem respeito nenhum a população, muito menos a Constituição federal do nosso país... e por mais que tenha colado o CHOQUE a marcha foi perfeita, não tem nem comparação com a de outros anos, marchamos do MASP até a Roosevelt, valeu todo mundo que compareceu. a policia falou que não podia falar MACONHA, e nem fumar, e tudo isso aconteceu, mais vamos ser sinceros, coitadas das mãos desses PM'S foram xingadas até a marcha estava totalmente pacifica, quem trouxe a baderna e a violencia foi a tropa do CHOQUE tacando bomba e ursupando a Constituição do país. vai rola aquele encontro na Quarta a noite , e Sabado que vem no MASP?? abraçoss a todos os manifestantes, a marcha foi fodaaa

 #128 Fotossintese - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 12:34 AM

Na subida da Augusta os FDP tacaram pimenta em quem estava andando pela rua, e um cara e a mina levaram cacetada de um gambé que queria levar o cara "do nada". Ae Percoff, foda que aconteceu isso com voce hein. Não vi ninguém caindo, eu geralmente ajudo nessas situações, reflexo de show, hehehe... Vi muito cara que xingava e mostrava o dedo pros gambé e saia correndo causando... Lamentável que eu vi alguém jogando uma garrafa de cerveja em direção às viaturas... É isso que eles querem, conflito... Melhoras pra vc brother. Sucesso pra nós e amanhã estarei em jundiaí!!! Quem daqui vai de trem? Que horas sairão da LUZ? Abraços e sucesso pra nós

 #129 Beavis...- Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 12:47 AM

eu acho o seguinte, na hora em que todo mundo estava no MASP não houve desrespeito nenhum, tava todo mundo na paz, e acatando as ordens, quando a gnt tomou as ruas, veio a tropa do CHOQUE já tacando bomba, e dando tiro de borracha, é obvio que as pessoas vão xingar, xingar é o unico meio de atacar , os caras tavam tacando bomba e e gás na covardia, o unico meio de defesa que a gnt tinha era xingar e obvio teve uns cara a mais, que tacaram pedra, garrafa etc..

QUEM TROUXE A VIOLENCIA PRA MARCHA FOI A POLICIA, O CHOQUE

 #130 Gauss - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 01:53 AM

A Marcha foi proibida pelo Judiciário estadual de São Paulo, não pelo executivo federal. Suas palavras dirigidas à nossa presidenta da república caracterizam desrespeito, desarrazoada ofensa, algo proibido pelas regras do Fórum Growroom. Essa porra não vai mudar enquanto a população exibir o nível de despolitização que sua fala exhibe. A crítica deve ser feita de forma qualificada. Exatamente! Até a polícia como instituição nem tem culpa, tão cumprindo ordem judicial.. Tenso..

 #131 parima - Usuário Growroom - 79 posts - Posted 22 May 2011 - 02:04 AM

Parabéns galera, resistiram bravamente !!! Quem luta contra a opressão nunca deve abaixar a cabeça enquanto tiver forças pra ficar de pé!!!
 Meus mais profundos elogios a todos que participaram.

 #132 dragão_chines - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 02:42 AM

A marcha de São Paulo aconteceu, foi linda e exemplar pela postura de todos os participantes. No MASP resistimos a provocação do grupo de Nazis, que foi com faixas e seguranças protestar contra a gente, houve euforia mas logo contida por pessoas que na hora se organizaram pra conter a galera e concentrar na marcha.

Todas as instruções eram faladas no megafone e todos repetiam (jogral). A polícia militar foi diversas vezes solicitar representantes do movimento e inicialmente (quando ainda tinha pouca gente) veio dizendo que a gente poderia ficar no máximo ali no MASP e que não poderia fazer nem marcha pela liberdade de expressão, se tivesse teria que agendar antes ... Algum tempo e muitos participantes concentrados depois, a PM disse que poderiam fazer a manifestação desde que não houvessem cartazes com a folha, nem com a palavra Maconha e nem drogas ... Novamente todos acataram e começaram a censurar seus próprios materiais e confeccionar novos ... A PM sabia que todo mundo tinha se preparado, eles acompanharam a definição do trajeto e as instruções ... ao notar a movimentação do nosso pessoal eles fecharam a paulista e foram acompanhando apenas de longe por cerca de 2 ou 3 quadras, quando de repente e com todos o pessoal marchando de costas pra eles, começaram a marchar com o Choque pressionando a marcha a andar mais rápido, e isso foi evoluindo pra bombas de efeito moral, lacrimogênio e balas de borracha ... O tempo todo pessoas continham os mais exaltados e não houve confronto com a polícia, muito menos reação ... A marcha seguiu sob bombas e tiros por toda a Paulista e Consolação até dispersar prox. a Pç Roosevelt que foi onde não aguentamos a carga de violência imposta pela PM gratuitamente. Temos centenas de vídeos, tinha muita gente da imprensa, a muita gente na marcha com câmeras, celulares e tudo q se possa imaginar, a galera precisa compartilhar tudo isso Civis foram feridos, senhoras de idade em pontos de ônibus passavam mal devido ao gás lacrimogênio e tudo pela ignorância da PM!!!

Marchamos e depois fomos até a delegacia para onde levaram os detidos. Eram umas 10 ou 13 pessoas apenas na porta, nenhum PM, apenas os policiais civis ... quando começaram a chegar boa parte do pessoal que tava na marcha e junto com eles boa parte do efetivo da PM, TV's e etc ... em poucos minutos as ruas no entorno da delega estavam fechadas e umas 150 pessoas lá na frente aguardando a liberação! Todos pacificamente aguardaram até a soltura, comemoramos e nos retiramos sem nenhum problema. Ainda ta caindo a ficha de tudo que aconteceu ... fomos massacrados ... mas oq fica é a imagem linda... Toda aquela galera marchando, dando as costas pra PM e mesmo sob balas de borracha e gás lacrimogênio nós fizemos valer o nosso direito e o estado falhou em sua tentativa de nos tirar isso. A matéria do Jornal Nacional foi mentirosa e tendenciosa, mas mostrou pra todo Brasil que São Paulo marchou de forma honrosa!!!

Valeu galera!!!!

AMANHÃ SERÁ MAIOR!!!

#133 dragão_chines - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 02:48 AM

A VERDADE SEMPRE PREVALECE!!! <http://ultimosegundo...6970226728.html> MARCHA BRASIL, NINGUÉM SEGURA MAIS!!! SOMOS CIVILIZADOS, EDUCADOS ... O ESTADO PERDEU O CONTROLE!!!

#134 Fotossintese - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 05:44 AM

Amanhã será maior! Jundiaí lá vamos nós. Como disseram num vídeo, concentração na LUZ meio-dia.

#135 bukergooney - Consultores Jurídicos GR - Posted 22 May 2011 - 05:51 AM

Tá na hora da galera que participou juntar essas reportagens , principalmente a do IG que mostra bem os abusos, juntar os vídeos no youtube e abrir denúncia no ministério público por abuso de autoridade e uso desproporcional da força contra a PM e o que mais conseguir caracterizar . Não esquecendo de constar na denúncia que quer que os fatos sejam apurados que se foi privado dos seus direitos previstos no art 5º etc etc se não fica muito fácil pro MP engavetar .

EDIT: Seria bom que se machucou além de fazer a denúncia pedir perca no IML para caracterizar melhor o uso desproporcional da força.

#136 BraveHeart - Consultores Jurídicos GR - Posted 22 May 2011 - 09:28 AM

Apoiadaço!!!

E devemos fazer estes videos chegarem ao STF, mostrar que a demora pelo julgamento da ADI e da ADPF, pois a demora em julgar está levando toda esta insegurança jurídica, bem como ferindo direitos constitucionais com estupidez e com moralismo babaca. JUSTIÇA LENTA É INJUSTIÇA. O bicho pegou literalmente!!! Covardia da PM... PM CUZAÃO LARGA A ARMA E VEM NA MÃO. Valeu a galera pela postura, VQV... Devemos puxar o bondão para a capital. Vamos fretar um BUZÃO e protestar lá em BRASÍLIA

#137 Chaplin de Judah – Bighead - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:08 AM

Então é o seguinte...

BRAVE, preciso de uma compilação desse material em vídeo que tem aí. Segunda vou para Porto Alegre e vou ver se faço isso chegra nas mãos do ministério da justiça, por intermédio. O Luiz eduardo cardozo, do MJ vai adorar fuder o Alkimin! Ai galera, agilizem ai, please! E assim, chorrei de raiva, chamei de tudo, não deu pra colar esse ano, mas vocês foram muito FODAS!!! Foi uma festa aqui no RJ, e aí... essa guerra sem sentido! MUITA PAZ e bença!

#138 Canabiando - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:55 AM

LIBERDADE DE EXPRESSÃO DEIXA EU FALAR FILHA DA PUTA EXPRESSÃO -MÚSICA Raimundos. vC ESTÁ DE QUE LADO DA ASSASSINA

#139 Karl Pilaun - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 02:09 PM

Com todo o respeito e admiração que tenho pelos organizadores das marchas no Brasil (em cada estado do país), eu acho que chegou a hora de dar o passo seguinte: quero votar nas próximas eleições nos nossos ativistas!!! Só vão abrir mais perspectivas quando vcs se aproximarem do poder na política.

Nos EUA e canadá vários ativistas começaram a fazer diferença quando envolveram-se em cargos públicos, representando a classe. Hoje há maior flexibilidade por lá graças aos representantes certos.

No Brasil conta-se a dedo (quando há) políticos que defendem as mesmas causas que as marchas buscam. Sem contar os "vira-casacas" tipo a soninha e o gabeira: depois de eleitos, pulam de lado.

Outras classes são representadas hoje por políticos e vem conseguindo muitas considerações dos governantes ou, no mínimo, fazendo muito barulho - vejam os evangélicos e seus vários deputados/vereadores. Eu proponho que os cabeças do ativismo filiem-se a partidos (seja qual partido for) e candidatem-se para as eleições municipais. Mesmo que a verba seja pouca ou nenhuma, usem a internet como plataforma (Obama ganhou eleição usando a internet, sabiam?). Abram tópicos neste forum para apresentar suas candidaturas, debater propostas e angariar votos. Façamos a nossa parte de recomendar e espalhar os nomes dos candidatos. Espero não está ferindo as regras do growroom pedindo que eles (os admins) permitam apresentação de nomes e plataformas pré-eleição, assim como candidaturas. Mas apelo para o bom senso deles: será impossível um candidato apresentar a plataforma na TV sem parecer apologista (e acabar impugnado). Na grande rede é bem mais fácil. Eu realmente quero diálogo, manifestação (sem violência) e corrigir essa injustiça histórica que persegue a canabis... mas é preciso haver representação política já!!! só quero saber o nome do próximo vereador da minha cidade que irá levar e defender a nossa causa, é nele que vou votar.

#140 Shortlived - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 02:51 PM

Edited.

#141 fabio p . castro - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 04:19 PM

eu estive lah , cheguei 16:00 a galera ja tinha saido , fui atrás na avenida no sentido roosevelt más encontrei a galera dispersando soh , =s , mesmo assim tentei ir atras pra

marchar , mais eu FUI e trouxe amigos , e parabens, tava muito legal, essa guerra com a policia vai dar MUITA repercussão , parabens quem enfrentou os nazis lah , a xoque , e todos esses ditadores, o pessoal mostro que ta aqui pra dar a cara a tapa mesmo , e levar se precisar, porque hoje em dia so assim pra causar alguma mudança, a galera totalmente da paz , querendo so marchar , com cartazes , ngm com pedaço de pau , ngm armado, pra que chamar o xoque ? ignorancia total , lamentavel mais uma veiz, mais pensem pelo lado bom , MUITA gente vai saber da marcha da maconha , e saber que tem gente q luta e ta viva pra essa causa, parabens pra quem foi lah e debateu de frente com os ditadores, por causa de um atraso besta cheguei a galera tinha saído jah , =s mesmo assim estive lah , queria ter ido bater de frente com esse bando de safados , abraço pra galera ae , sucesso!

#142 fabio p . castro - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 04:21 PM

ps: pelas minhas contas acho que tiveram umas 1000 pessoas ao geral , alguem tem numero certo de qntos foram ?

#143 Ras Congo - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 06:51 PM

vejam isso galera



http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=IN5mE_9TWkk

#144 verdegulho – Moderador - 948 posts - Posted 22 May 2011 - 06:57 PM

Credo!

#145 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 08:58 PM

meu esses skin nazi são deploraveis, os caras ajudam a sujar mais ainda a imagem da policia... Oi nem nacionalista é, os caras se dizem cristão e tem suastica, mais eles fizeram o papel deles bem ficaram do lado da PM, pra mostrar bem de que lado que a policia está do lado facista/neonazi

#146 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 09:07 PM

quando os skinz apareceram no MASP deviam te puxado:

EII CARECAA NUNCA VIU UMA PERERECA!!!! kkkkkkk

#147 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 10:51 PM

os tais nacionalistas(nazi/faci) que aparecem nesse video só falavam, maconheiro, fdp , eles não tem argumento algum são umas bostas ambulantes. teve um video que eu vi os caras falando VAI PRA CUBA.. mais pera aii em cuba é legalizado?? esses caras são escrotos demais não sabem nem oq falar

#148 antimaconha – Banidos - 5 posts - Posted 22 May 2011 - 11:14 PM

 #149 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:20 PM
 NAZISTAS??? DIGA PAU NO CU

#150 Beavis... Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:21 PM
 ban nesse bosta logoo

#151 antimaconha - Banidos - 5 posts - Posted 22 May 2011 - 11:21 PM
 OPA! NAZISTA AONDE? Vai estudar um pouco!

#152 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:52 PM
 uahuahauhauhauh são lobos vestidos de cordeiros. nazistas que se dizem integralistas e cristão uahauhauhauh(não tem nem senso do ridículo). quem tem que estudar é vcs que falam pra maconheiro ir pra Cuba.. maconheiro tem que ir pra Amsterdam ou Espanha ou até USA , em Cuba tem mais repressão que aqui

#153 Beavis... - Usuário Growroom - Posted 22 May 2011 - 11:54 PM
 apesar de sermos taxados de esquerda, a marcha da maconha apoia acima de tudo a DEMOCRACIA e os direitos garantidos na Constituição desta democracia

#154 BraveHeart - Consultores Jurídicos GR - Posted 23 May 2011 - 12:02 AM
 Cara esses são os bundas raspadas. Mexe com eles, não, pois eles são bravos e violentos

#155 Pintolico - Usuário Growroom - Posted 23 May 2011 - 12:18 AM
 Proibição é sempre violência ou como vencemos perdendo
 Marchamos. Marchamos e marchamos. Os porcos soltaram bombas, gases e balas que multiplicaram nossa marcha, transformaram ela em muitas, por diversos lugares. Do alto dos prédios da Paulista, moradores alvejavam a repressão policial com objetos. Isso é solidariedade. É por isso que vencemos.
 A marcha foi proibida. A maconha é proibida. A proibição é a concretização de muitas violências, contra corpos, mentes e gentes. A paz, pelo prisma da lei, conjura-se em agressão.
 Uma marcha histórica. Milhares de pessoas saíram numa tarde de sol, caminhando pela Paulista. Antes disso, como parte da sessão “Só me faltava era essa”, alguns nazistas safados quiseram tumultuar. Trouxeram panfletos, cantaram o hino e foram dispersados como fumaça, pelos gritos de “Plínio Salgado, também fumava baseado”. A estupidez vence, mas não por muito tempo.
 Saímos, acordados com a PM de que seria uma marcha pela liberdade de expressão. Censuramos nossos corpos, nossas camisas, nossos cartazes. Impossível censurar a massa. A PM preparou o bote: ao invés de ajudar a organizar o ato, perfilou a Tropa de Choque atrás da manifestação. Ameaçava. Rogamos pelo diálogo. Por uma saída negociada.
 O filho da puta, gatinha, verme safado de um capitão negava-se. Dizia: “agora vocês querem conversar? Tira toda mundo da rua! Agora!”. Verme asqueroso, nojento. O choque babava por sangue, por vingança contra crimes nunca cometidos. Vale dizer que muitos já estavam presos. Assim, por serem.
 Ver o choque em ação, por sinal, é um espetáculo dantesco. Correm, gritam. Fecham os olhos, batem. Contra nós. Que só queríamos andar e mostrar que pensamos. Disparam a esmo, filhos da puta comedores de carniça. Jornalistas atropeladas, gente machucada. É isso? É assim?
 Mas não. Continuamos. A marcha continuou. Muitos se encontravam por outras partes, desciam outras ruas, seguiam o caminho. Faziam seus pequenos ajuntamentos e pensavam sobre a triste sina de viver no Brasil, em São Paulo, com a PM. O sangue da ditadura ainda pulsa forte nas veias dos coxinhas, gambés, gansos, puta fardas. Irrita, cansa.

Ainda não. A marcha continuou. Seguida de perto pelo choque, se transfigurou na corrida da Maconha, na corrida da Liberdade. Era isso, pelo menos, que se ouvia aos berros. Conseguiram nos dividir, mas mantivemos o trajeto, às centenas, fugindo das bombas, desviando de balas e respirando gás de pimenta, só pra dar um animada. A PM as vezes parava de soltar seus impropérios gasosos, seus instrumentos de tortura coletiva e nós descansávamos antes da próxima corrida.

É isso: instrumentos de tortura coletiva. Mas chegamos, entre batucadas e estouros, aos muitos na praça Dom José Gaspar, no Anhangabaú. Reunidos, enfim, nós conosco.

Após falas e jograus, decidimos ir até o 78o DP onde muitos seguiam presos. Animamos todos e nos conscientizamos de quão importante é nossa luta. Os poderosos podem proibir a flor, mas não conseguirão, nunca, ouviu, NUNCA, proibir a primavera. E ela chega. Nossa luta desafia o sistema estabelecido e esse statu quo corrupto e falido. Questiona a criminalização da pobreza, dos movimentos sociais e levanta mais alto que nunca a bandeira da liberdade. Por isso venceremos.

Estamos maiores, seremos maiores. Enfim, saímos, às 16h20 (YEAH!) da Praça Dom José rumo à delegacia. Em marcha, novamente. Reprimidos, novamente. Um troglodita seguia nosso pessoal com bombas de gás e violência, spray de pimenta. Retirava pessoas que caminhavam pra prender. Outros, solidários, não deixaram. E assim seguimos em marcha pela augusta, depois de todo o dia de cansaço, de porrada e de luta, para lutar pela liberdade dos nossos amigos. Depois descobrimos que outros tantos estavam presos no 4o DP. À eles, nosso canto de luta, de guerreiros.

Reunidos na frente da delegacia, esperamos a libertação que veio, sob Termo Circunstanciado. Desobediência Civil, com orgulho. Enquanto a lei for signo do ódio, da morte e da violência, desobedeceremos com prazer. Marcamos para quarta-feira, 19h, no MASP, uma reunião para discutir a Marcha e o ato que faremos no próximo sábado, contra a violência e pela liberdade de expressão, no MASP, às 14h. Quem não cala, comparece. Paz, Justiça e Liberdade, Coletivo DAR - Desentorpecendo a Razão!

#156 cuba_libre - Usuário Growroom - Posted 23 May 2011 - 03:20 AM

Sp tensa demais. Agora Imagina esse PSDB facista na Presidencia? Vamos ver o que o boca de suvaco do FHC vai dizer. Pelo que ele vem defendendo, tem que falar alguma coisa. Deu uma vontade de estar no meio dessa treta. Rachar a cabeça de uma nazi ou um gambé. Apanhar calado nem....

#157 Smoke A lot - Maconheiro nato - Usuário Growroom - Posted 23 May 2011 - 07:30 PM

Aqui vai umas fotos! Amanha sera maior galera! Lembrando que quarta feira dia 25/5 as 20:00 tem reuniao para a marcha contra a violencia marcada para sabado dia 28/5 as 14:00 com a concentraçao no masp tbm...vamo fazer barulho galera, nao pode ficar assim! Soninha que so foi arrecadar votos depois da marcha na delegacia...nao marchou ouviu na tv! Pior que dao atençao pra ela. Fechamos a delega ou nao...paramos o centro de SP ou nao? Olha a cara de contentes a Civil e a PM...ate posaram para foto! É isso galera tem uns videos que to upando...a luta começou!

#158 phd_thc - Usuário Growroom - Posted 23 May 2011 - 08:15 PM
olha eu ali com a camisa preta do grow, making-of do nosso vídeo???

#159 borntoburn - Usuário Growroom - Posted 23 May 2011 - 09:20 PM
Ta ali com vcs ! Fotos <https://picasaweb.go...ulistaSaoPaulo#>
Videos http://www.youtube.com/watch?v=5VTcGzWKgbk&feature=player_embedded

#160 urubuz - Usuário Growroom - 621 posts - Posted 23 May 2011 - 10:20 PM
Lindo.. A história está sendo feita e começou em SP.

#161 Sem Crime! - Usuário Growroom - Posted 25 May 2011 - 01:56 PM

Pintolico, Brilhante resposta. Parabéns!!! A caravana não pode parar!!!

 #162 Funk Buda - Usuário Growroom - Posted 25 May 2011 - 11:23 PM

Funk Buda, on 12 May 2011 - 04:59 AM, said: Sao Paulo esta fora da Copa das Confederacoes Sao Paulo em breve fora da legalização. Aê!!! não fui eu quem escreveu esta merda não!!!! Deve ter sido o lesado do Israel Weed usando minha máquina!!!

 #163 BraveHeart - Consultores Jurídicos GR - Posted 25 May 2011 - 11:37 PM

Funk Buda Fake.....KKKKKKKKKKKKKKKKKKK O cara pirou.....

 #164 lfv_roots - Usuário Growroom - Posted 26 May 2011 - 12:34 AM

O Estado brasileiro me faz sentir VERGONHA DE SER BRASILEIRO. Essa é uma sensação foda de conviver. E pensar que desde o dia em que eu nasci, sou feito de idiota por quem deveria me fazer sentir orgulho de ser o que sou. QUE MERDA! Pra mim, o Brasil anda para TRÁS!

 #165 Chileno - Usuário Growroom - Posted 28 May 2011 - 03:31 AM

Amanhã coisas irão acontecer!

 #166 Gen. Clausewitz - Usuário Growroom - Posted 30 May 2011 - 11:04 PM

video que fiz da segunda marcha

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=BGzfrQ53ADw

 #167 vedo - Usuário Growroom - Posted 06 June 2011 - 02:31 AM

Muito bom o video!!

Queria ter ido no dia 28! So fui na primeira....

 #168 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 15 June 2011 - 11:54 PM

E ai Galera vamos remarcar a marcha de São paulo? com um mes e boa divulgação a gente enche o masp de novo, agora que o STF deu causa ganha lets go

 #169 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 16 June 2011 - 12:01 AM

ja ta marcada dia 02/07!!!

 #170 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 16 June 2011 - 02:28 AM

é agora que vi, achei muito em cima a data mas tamo lá 50 ou 5000. é nois Marcha no Estádio

 #171 PLANET-HEMP - Usuário Growroom - Posted 16 June 2011 - 12:02 PM

e la vamos nós. agora ninguem nos segura. vai rola alguma oficina pra cartazes? igual estava acontecendo quando foi a de maio

 #172 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 16 June 2011 - 01:25 PM

segura noiss. http://www.youtube.com/watch?v=yH3aexC28CE&feature=player_embedded

 #173 Doriva - Usuário Growroom - Posted 16 June 2011 - 02:49 PM

Quando vai rolar uma em BH? Alguém sabe? mto legal os videos

 #174 Mauro Orsi - Usuário Growroom - Posted 16 June 2011 - 05:57 PM

Próxima reunião dia 19/06 – domingo - No Centro Cultural São Paulo Ponto de encontro: Cafeteria/Lancheonete - Horário: 14:20h !

 #175 smeagol - Usuário Growroom - Posted 18 June 2011 - 10:01 PM

Galera, Agora que temos essa decisão a nosso favor e uma nova marcha já marcada podemos laçar um slogan para atrair o maior número de pessoas possíveis. Um problema que verifico com alguns amigos e comigo é aparecer em fotos e tal, pensei em disponibilizarmos no site uma máscara (aquela clássica da folha da maconha) para o molde ser impresso no site e passado para um cartolina ou "color set" verde e podemos agragar algo "Exponha suas ideias mas preserve sua identidade", ou algo similar! No próximo encontro (19/06) não poderei participar mas no próximo eu pretendo ir. A organização e divulgação são a alma da marcha! Vamos nos mover e aproveitar a grande atenção da mídia que temos agora. abraços

 #176 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 19 June 2011 - 01:35 PM

Vamos levar cartazes,faixas,máscaras,cartolinas em branco...(agora podemos ser criativos sem censura).As faixas que foram produzidas para o dia 21/mai,muitas sumiram ou foram destruídas na confusão com a policia. E divulguem a marcha dia 02/julho é nois

 #177 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 25 June 2011 - 10:27 PM

ta meio devagar essa marcha heim? Agora que a gente pode fazer barulhos mesmo ta td mundo calado??!!Dia 2 ta ai? tem banda ? carro de som? algo do tipo?alguem sabe dizer? Nem o baseadão vai rolar? Alguem ta sabendo de algo?

 #178 umdoistresquatro - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 12:21 PM

to dentro... agora que ta liberada tem que ser responsa total!!! LOTADA... grande abraço.

 #179 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 02:58 PM



 #180 KGB - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 03:18 PM

ontem teve oficina pra marcha de sp no masp

 #181 Usuário big - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 04:52 PM

Po, legal a campanha,mas poderia colocar uma pomba da paz uma foto do BOB, mas esta ficou meio estranha...

 #182 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 04:56 PM



#183 Usuário big - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 04:59 PM

Paulinhuuu, on 26 June 2011 - 02:58 PM, said: legal a campanha mas poderia ter uma outra ilustração não acha?

#184 Mandacaru - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 05:35 PM

Usuário big, on 26 June 2011 - 04:52 PM, said: Po,legal a campanha,mas poderia colocar uma pomba da paz uma foto do BOB, mas esta ficou meio estranha..., não que o amigo Usuário não conheça, só lembrar uma que eu acho muito linda!



#185 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 26 June 2011 - 05:56 PM

Bora lá galera, dessa vez não haverá gás lacrimogênio!! Estarei no MASP dia 02, pelo direito de plantar minha *Cannabis* meu remédio e não ir preso por isso. FORÇA GALERA

#186 PLANET-HEMP - Usuário Growroom - Posted 27 June 2011 - 01:04 PM

caracas represento nesses folder em dia 2 estarei La. tomara q não esteja essa garoa chata

#187 CasaVerde - Usuário Growroom - Posted 27 June 2011 - 01:22 PM

Galera, não deixem de marcar uma para setembro, estarei em são paulo e quero muito participar... Abraços..

#188 Usuário big - Usuário Growroom - Posted 27 June 2011 - 01:48 PM

Mandacaru, on 26 June 2011 - 05:35 PM, said: não que o amigo Usuário não conheça, só lembrar uma que eu acho muito linda! LINDA MESMO EU ACHO QUE É POR AI.....

#189 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 28 June 2011 - 04:10 PM

Alguém sabe se a galera do GR vai vender camisetas lá? Po, queria muito uma canarinho. ABS e vejo vcs por lá!

#190 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 28 June 2011 - 04:15 PM

Guayamoo, on 28 June 2011 - 04:10 PM, said: Alguém sabe se a galera do GR vai vender camisetas lá? Po, queria muito uma canarinho. ABS e vejo vcs por lá! Acho que não! Estamos dando prioridade a resolver as pendencias da loja antes!

#191 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 30 June 2011 - 04:12 AM

Guayamoo, on 26 June 2011 - 05:56 PM, said: Bora lá galera, dessa vez não haverá gás lacrimogênio!! Estarei no MASP dia 02, pelo direito de plantar minha *Cannabis* meu remédio e não ir preso por isso. FORÇA GALERA. x2

#192 Jahbaa the Hut - Marcha soldado... – Moderador - Posted 30 June 2011 - 03:20 PM

Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaay ay ay ay...Chega inté me dá um arrupeiio....
http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=AU_iN6nZcFU

#193 ggrowered – Grower - Usuário Growroom - Posted 30 June 2011 - 05:50 PM

Estarei la!@

#194 Paulinhuuu - E U - Usuário Growroom - Posted 30 June 2011 - 05:54 PM

#195 OveRal - Usuário Growroom - Posted 30 June 2011 - 06:14 PM

Vou estar lá no início com a minha mulher (e talvez até com meu filho, já que não vai ser mais aquela palhaçada) Mas como da outra vez, só poderei estar no início, pois no final da tarde já tenho outro compromisso inadiável e "inatrasável". E claro, qdo chegar lá já estarei com a cabeça feita para não ter problemas pessoais e nem denegrir a marcha....

#196 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 30 June 2011 - 10:18 PM

OveRal, on 30 June 2011 - 06:14 PM, said: Vou estar lá no início com a minha mulher (e talvez até com meu filho, já que não vai ser mais aquela palhaçada). Overall, sem querer sem mala e intrometido, deixa o muleke com algum parente, lembre-se q o STF liberou só para maiores.... só pra lembrar !

#197 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 30 June 2011 - 10:42 PM

Não vi nenhuma restrição a menores na decisão do STF!

#198 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 03:48 AM

É msm Sano !? Viajei entaum ? Poderia Jurar ... Mas vc falou.... é decreto !!!! Meu afilhado tava loko pra ir e eu impatei ele !, que faia !!!!! Ponto Negativo

#199 Teixas - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 11:49 AM

Mas eu também li em algum lugar que não seria permitido crianças na marcha... só não sei onde... mas eu também li sim... Mas estamos quebrando tantas regras.. não é essa que vamos seguir ne HAUHAUHU

 #200 Green Flavor - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 12:12 PM
 quebrando que regras ?

 #201 Teixas - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 01:02 PM
 regras/leis escrevi errado ^^ Nem preciso falar quais leis agente passa por cima ne heuiahiuehaue

 #202 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 02:13 PM
 Teixas, on 01 July 2011 - 11:49 AM, said:

Mas eu também li em algum lugar que não seria permitido crianças na marcha... só não sei onde... mas eu também li sim... Mas estamos quebrando tantas regras.. não é essa que vamos seguir ne HAUHAUHU Ufa !!!, não to tão nóia assim !!!! Acho q foi no meio do debate Teixas, algum ministro ou relator ou sei lá quem (sou um zé na política), pediu a proibição mas o ministro celso de mello acabou não acatando na descisão, certo sano? Ainda bem q eu toquei no assunto, pois pelo visto não era só eu q estava achando isso....

 #203 ba12 - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 02:30 PM

Ai galera quero ver sampa em peso na marcha para aqueles que quiserem estarei no MASP logo cedo com um molde de acrilico em formato de folha pra pintar a galera vai ser facil me achar pois minha esposa esta gravida estara com a folha estampada na barriga. Ai que endurecer- se sem perder la ternura jamais

 #204 sano - Cannabem Liberemus - Consultores Jurídicos GR - Posted 01 July 2011 - 02:52 PM

The Guy on the Couch, Isso aí, o Fux tentou limitar a participação de menores, mas isso não vingou, acabou q ele seguiu na íntegra o voto do relator q liberou a Marcha sem qualquer tipo de restrição!

 #205 Jahbaa the Hut - Marcha soldado... – Moderador - Posted 01 July 2011 - 02:56 PM

Apesar de um ministro (como chama mesmo aquele Zé?) manifestar sua preocupação com as criancinhas, o STF entendeu que expor ou não menores de idade ao debate sobre *Cannabis*, ou seja, levar ou não os pimpolhos na Marcha, é uma decisão dos pais ou responsáveis! No meu entender qt mais pessoas que fujam do esterotipo do maconheiro mais mió....crianças, velinhos, engravatados, são todos muito bienvenidos! Aaaaaaay ay ay... No mames! Escuchen que cabrón el punteador... A la calle pachecos!!!

http://www.youtube.com/watch?v=QVQGxFDINng&feature=player_embedded

 #206 CanabinolAction - Just a noob - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 03:52 PM

Pelo que eu fiquei sabendo, não teria restrição quanto a crianças porém, caso a criança sofra algum tipo de "sei la o que" os pais responderiam legalmente. *"sei la o que q esses putos podem querer embaçar". no mais, parabens para os nossos marchadores e organizadores desse evento pois é por essas e outras que a legalização está caminhando. gostaria eu de marchar tb, mais na atual conjuntura do campeonato nas condições financeiras que me encontro é impossivel ir pra sampa ou para o rio. Então, boa marcha e good vibe,

 #207 OveRal - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 07:07 PM

The Guy on the Couch, on 30 June 2011 - 10:18 PM, said:

Overall, sem querer sem mala e intrometido, deixa o muleke com algum parente, lembre-se q o STF liberou só para maiores.... só pra lembrar !

Tranquilo brother.... Então, só vou estar no início da marcha, provavelmente sairei de lá antes da marcha sair do MASP....(como dito, tenho outros compromissos). Mas quero comparecer. Na outra que teve (que fiquei só no início tbm) cheguei a ver gente com filho tbm. Lógico que não vou ficar no meio da concentração....vou ficar observando mais a distância mesmo....outra que não tenho com quem deixar nesse horário (e não posso deixar ninguém sozinho em casa com o moleque por causa das plantas)...não estando lá no meio, acho que não pega nada..mesmo pq vou ficar a distância pois sei que sempre haverá um ou outro fumando (*Cannabis* ou tabaco).

#208 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 01 July 2011 - 08:58 PM

OveRal,

Suave, leva o muleke, vou levar o meu tb !

o sano já esclareceu tudo !

#209 dexis - Usuário Growroom - Posted 02 July 2011 - 04:17 PM

boa marcha pessoal!!!

#210 loqcash - Usuário Growroom - 65 posts - Posted 02 July 2011 - 05:36 PM

Quero ver boa fotos hein!!!

xD desejo toda sorte a vocÊs de SP!

#211 Kanna - Usuário Growroom - 201 posts - Posted 02 July 2011 - 06:38 PM

Vibrações positivas paulistada.

Mandem ver!

#212 dexis - Usuário Growroom - Posted 02 July 2011 - 08:13 PM

<http://g1.globo.com/...a-paulista.html>

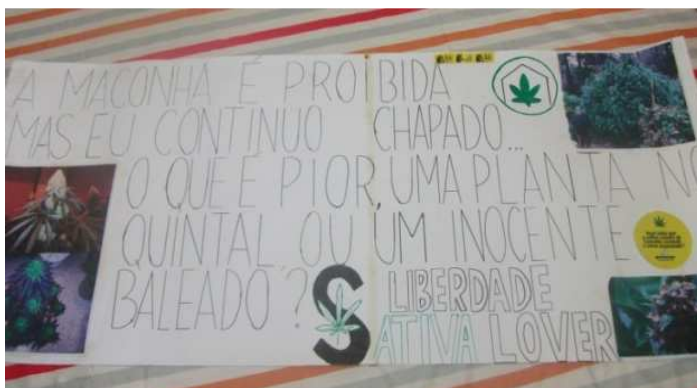
mais um grande contingente de policiais movimentados pra nada.

#213 dexis - Usuário Growroom - Posted 02 July 2011 - 08:19 PM

no globo eles falam centenas, no uol diz 1,5mil

#214 Teixas - Usuário Growroom - Posted 03 July 2011 - 02:23 AM

Meu cartaz... legaliza!



#215 The Guy on the Couch - Usuário Growroom - Posted 03 July 2011 - 02:58 AM

Boa noite, quero parabenizar a todos q participaram da marcha, foi linda !!!!

A PM fez o trabalho deles direitinho, escoltou todo mundo bunitinho como manda o figurino !!! E nem reclamaram do cheiro da Santa !!!... kkkkk. Só um c... de um soldadinho de

chumbo picou um rodo num moleque... mas foi o máximo de violência q eu vi. Suave, poderia ter todo sábado !!!!... Sano e galera do RIO, façam uma ótima marcha amanhã e por favor, bem maior q a nossa, foi só 1500 cabeças, quando tava proibida, foi o dobro, pqp !!! Percoff, sano.... qq6 acham de já abrir um subforum para A marcha 2012 !!!???

#216 Percoff - Ativista forevis – Moderador - Posted 03 July 2011 - 03:18 AM
Salves da Marcha

#217 umdoistresquatro - Usuário Growroom - Posted 03 July 2011 - 10:21 AM
<http://www1.folha.uo...a-maconha.shtml>

#218 ggrowered – Grower - Usuário Growroom - Posted 04 July 2011 - 11:56 PM
foi muito boa..., e ano que vem sera grandiosa!!
http://www.youtube.com/watch?v=nYm70e6Nm40&feature=player_embedded

#219 Guayamoo - Usuário Growroom - Posted 05 July 2011 - 02:24 PM
Belo vídeo, emocionante!
